



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

MARIA ALICE ZACHARIAS

MOVA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE SEUS 30 ANOS DE (RE)EXISTÊNCIA

São Carlos, São Paulo

2022

**MOVA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE SEUS 30 ANOS DE
(RE)EXISTÊNCIA**

MARIA ALICE ZACHARIAS

Texto para a defesa como
requisito parcial apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade
Federal de São Carlos do curso
de doutorado em Educação.
Área de concentração: Educação
Escolar – Teorias e Práticas.
Orientadora: Prof.^a Dra. Fabiana
Marini Braga.

São Carlos, São Paulo

2022

MARIA ALICE, ZACHARIAS

MOVA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE SEUS 30 ANOS DE
(RE)EXISTÊNCIA / ZACHARIAS MARIA ALICE -- 2022.
237f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos,
São Carlos

Orientador (a): Fabiana Marini Braga

Banca Examinadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, Liana da Silva
Borges, Osmair Benedito da Silva, Roseli Rodrigues de Mello, Anselmo João Calzolari Neto
Bibliografia

1. MOVA, Paulo Freire, EJA. Pesquisa Bibliográfica I. MARIA ALICE, ZACHARIAS.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Maria Alice Zacharias, realizada em 21/02/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Fabiana Marini Braga (UFSCar)

Prof. Dr. Anselmo João Calzolari Neto (UFSCar)

Prof. Dr. Osmair Benedito da Silva (SEESP)

Profa. Dra. Roseli Rodrigues de Mello (UFSCar)

Profa. Dra. Liana da Silva Borges (-)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a pesquisa bibliográfica do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) nos anos de 1989 à 2019, com intuito de compreender o que apontam as publicações acadêmicas das bases nacionais sobre o MOVA, quais suas limitações e os elementos que fazem o programa seguir ativo há três décadas. Além disso, buscou-se saber se há anúncio de práticas e ou políticas emancipatórias que possam contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação popular e da educação de pessoas jovens e adultas e idosas. Parte-se da hipótese de que o MOVA tem uma grande flexibilidade de adaptação aos diversos contextos e, por ter características humanistas e com base popular, os sujeitos se vinculam com maior facilidade em relação à educação formal, fazendo o programa seguir ativo. Para isso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica de acordo com a concepção de Salvador (1978) e a metodologia comunicativa (GÓMEZ et al, 2006) para análise de dados, embasada na teoria da dialogicidade de Paulo Freire (1999) e na teoria da ação comunicativa de Jurgen Habermas (1989). Os resultados referem-se à coleta feita nas bases nacionais, especificamente a BDTD e a CAPES, e indicam uma grande concentração nas pesquisas de mestrado realizadas no Estado de RS e SP a partir de diferentes temáticas como currículo, formação de professores, práticas pedagógicas e políticas públicas, mas que em sua maioria indicam a falta de respaldo legal na alfabetização de jovens e adultos, demonstrando a necessidade de estratégias eficazes para realmente incluir jovens e adultos em processos educativos e formativos.

Palavras-chave: MOVA, Paulo Freire, EJA, Pesquisa Bibliográfica

ABSTRACT

The present research has as its object of study the bibliographical research of the Youth and Adult Literacy Movement (MOVA) in the years 1989 to 2019, in order to understand what the academic publications of the national databases about MOVA point out, what its limitations and the elements that have kept the program active for three decades. In addition, we sought to find out if there is an announcement of emancipatory practices and/or policies that can contribute to the development and improvement of popular education and the education of young, adult and elderly people. adapting to different contexts and, as it has humanistic and popularly based characteristics, subjects bond more easily in relation to formal education, keeping the program active. For this, bibliographical research was used according to the conception of Salvador (1978) and the communicative methodology (GÓMEZ et al, 2006) for data analysis, based on Paulo Freire's theory of dialogicity (1999) and on the theory of action communicative approach by Jurgen Habermas (1989). The results refer to the collection made in the national bases, specifically the BDTD and CAPES, and indicate a great concentration in the master's research carried out in the State of RS and SP based on different themes such as curriculum, teacher training, pedagogical practices and public policies, but which mostly indicate the lack of legal support in youth and adult literacy, demonstrating the need for effective strategies to really include youth and adults in educational and training processes.

Keywords: MOVA, Paulo Freire, EJA; bibliographic research

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Super

CEAA – Campanha de Educação de Adolescente

CNBB – Confederação Nacional dos Bispos

CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENCEJA – Exame Nacional de Certificação de Competência de Jovens e Adultos

ENEJA – Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos

ERIC – Centro de informações de Recursos Educacionais

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e valorização do magistério

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e de Estatística

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

MEB – Movimento de Educação de Base

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

MOVA/SP – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo

PAS – Programa de Alfabetização Solidária

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PNADs – Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios

PNE – Plano Nacional de Educação

PT – Partido dos trabalhadores

PROALFA – Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SECAD – Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

V CONFINTEA – V Conferência Internacional de Educação de Adultos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desdobramentos de crescimento do MOVA	34
Quadro 2 - Trabalhos encontrados nas bases de dados e selecionados a partir da leitura dos resumos.	76
Quadro 3 - os 20 resultados encontrados na base BDTD	83
Quadro 4 - Os 8 resultados da base CAPES	95
Quadro 5 - Resultados CAPES categorizados	112
Quadro 6 - trabalhos identificados com categoria "aprendizagem educandos e educandas"	119
Quadro 7 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Aprendizagem educandos e educandas	120
Quadro 8 - trabalhos identificados com categoria "Formação de educadores"	123
Quadro 9 - Elementos excludores e transformadores - Categoria Formação de educadores e educadoras	124
Quadro 10 - trabalhos identificados com categoria "Alfabetização emancipatória" ..	127
Quadro 11 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Alfabetização emancipatória.....	129
Quadro 12 - Trabalhos identificados com categoria “Práticas Pedagógicas”	131
Quadro 13 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Práticas Pedagógicas	133
Quadro 14 - trabalhos identificados com categoria “Políticas Públicas”	135
Quadro 15 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Política Pública	137
Quadro 16 - trabalhos identificados com categoria “Participação da sociedade civil”	139
Quadro 17 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Participação da sociedade civil	141
Quadro 18 - trabalhos identificados com categoria “Parecerias”	143
Quadro 19 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Parceira.....	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentuais de trabalhos com a categoria “aprendizagem dos educandos e educandas” observáveis.....	118
Gráfico 2 - Percentuais de trabalhos com a categoria “formação de educadores” observáveis	122
Gráfico 3 - Percentuais de trabalhos com a categoria “alfabetização emancipatória” observáveis	127
Gráfico 4 - Percentuais de trabalhos com a categoria práticas pedagógicas observáveis	131
Gráfico 5 - Percentuais de trabalhos com políticas públicas educacionais	135
Gráfico 6 - Percentuais de trabalhos com participação da sociedade civil	139
Gráfico 7 - Percentuais de trabalhos com parcerias apresentadas	143

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Imagem gráfica 1 - Percentual dos anos de publicações dos trabalhos da base BDTD	88
Imagem gráfica 2 - Ano de publicação dos trabalhos analisados CAPES	98
Imagem gráfica 3 - Resultados BDTD categorizados	101
 Figura 1 - Instrução de pessoas com 25 anos ou mais no Brasil (2012-2019).....	33

Sumário

RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	7
LISTA DE QUADROS	45
LISTA DE GRÁFICOS	46
LISTA DE FIGURAS E IMAGENS	47
Preâmbulo – Do Facão a Caneta	14
Quem sou eu?	14
Pré-escola na roça	14
Travessias da casa à escola	15
Em busca de um sonho: o Ensino Médio	19
A possibilidade do magistério	19
Caminhando para o ensino superior	21
Um pouco mais: caminhos e caminhadas	22
Dos caminhos da roça ao curso de doutorado!	24
Minha relação com o MOVA São Carlos – vivências e palavras.	25
INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	32
MOVA	33
MOVA – Nosso Tema	42
Objetivos da pesquisa	42
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL.	45
CAPÍTULO II - ALFABETIZAÇÃO COM MARCO TEÓRICO EM PAULO FREIRE	55
2.1 Alfabetização na perspectiva Dialógica em Paulo Freire	56
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE PESQUISA	69
3.1 Análise qualitativa	69
3.2 Análise com base na metodologia comunicativa	71
CAPÍTULO IV - RESULTADOS DE PESQUISA	76
4.1 a) Resultados da base BDTD	83
4.1 b) Sínteses das leituras das dissertações e teses da base BDTD	88
4.1 c) Resultados da base CAPES	95
4.1 d) Sínteses das leituras das dissertações da base CAPES	98
4.2 a) Categorização dos resultados base BDTD	101
4.2 b) Categorização dos resultados base CAPES	112
CAPÍTULO V - Análise e discussão dos dados – Metodologia comunicativa	117

5. 1 Categorias de análises – Metodologia Comunicativa	117
5. 1 a) Aprendizagem Educandos e Educandas	118
5. 1 b) Formação de educadores	122
5. 1 c) Alfabetização emancipatória	127
5. 1 d) Práticas pedagógicas	131
5. 1 e) Políticas Públicas Educacionais	134
5. 1 f) Participação da sociedade civil	139
5. 1 g) Parceria	143
5. 3. Considerações Finais	147
Posfácio	151
Minhas reflexões durante a elaboração da tese	151
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES:	163
1. Exemplos das anotações das leituras guiadas dos trabalhos selecionados para a análise qualitativa, com base em nossa codificação.	163
(DC8) - PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O que dizem os egressos do MOVA Belém?	163
(D7) - A formação de educadores do MOVA-SP no contexto de educação popular	166
DC7: "Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares".	168
(T5) - A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA	171
(T1) - Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.	174
2. Quadro organizacional de conferência e seleção dos artigos encontrados nas bases de pesquisa	183
3. Tabela de dados – categorias da metodologia comunicativa analisadas para confecção de gráficos percentuais	188
4. Trechos descritivos dos trabalhos, que compuseram as observações e dados para as sínteses descritivas dos resultados	193
(D1) - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), 1989-1992.	193
(D2) - Ler o mundo, compreender a palavra : ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.	194
(D3) - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.	195
(D4) - Mulheres das classes populares : histórias e saberes	195
(D5) - Entre saberes e práticas: a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.	196

(D6) – O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.	197
(D7) – A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	198
(D8) – Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP.	199
(D9) - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.	200
(D10) - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no mova-brasil: a experiência do Rio Grande do Norte.	201
(D11) - Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo.	202
(D12) – O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.	203
(D13) - Estudantes egressos do programa MOVA/ALFA 100 de Cruzeiro do Sul/Acre: relações de aprendizagem e de inserção social.	203
(D14) – Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes.	204
(T1) – Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal.	205
(T2) - Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.	206
(T3) - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.	207
(T4) - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.	208
(T5) – A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA.	208
(T6) – Políticas públicas de educação de jovens e adultos no ABC Paulista: conquista de direitos e ampliação da esfera pública.	209
(DC1) - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004).	210
(DC2) - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.	211
(DC3) - Todo ser humano tem condição de construir conhecimento: uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e Governo Municipal da Cidade de São Paulo: MOVA-SP, 1989-1992.	213
(DC4) – MOVA-RS no governo democrático e popular: práxis e protagonistas.	213
(DC5) - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS (1999/2006)	214

(DC6) - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul.	215
(DC7) Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares'.	216
(DC8) - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?	217
5. Anotações e recortes das leituras aprofundadas para composição das Análises de resultados	217
a. Categoria Aprendizagem dos educandos e educandas	217
b. Categoria Formação de educadores e educadoras	219
C. Categoria Alfabetização Emancipatória	224
d. Categoria Práticas Pedagógicas	227
E. Categoria Políticas Públicas Educacionais	230
f. Categoria Participação da sociedade civil	233
e. Categoria Parceria	234

Preâmbulo – Do Facão a Caneta

“Ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987 p. 29).

Segue abaixo um pouco da minha história de vida, articulada com meu percurso escolar. Narro resumidamente aqui os motivos que me movem para me tornar professora e pesquisadora, somados às emoções que tomam conta de mim. Essas lembranças me fazem sentir cheiros e retomar ao passado algumas boas e não tão boas, mas importantes e que me fazem seguir em busca do que acredito ser o certo. Nas contribuições de Freire (1987), este é um pensar que não se dicotomiza a si mesmo na ação, mas visa sempre a transformação da realidade.

Quem sou eu?

Meu nome é Maria Alice Zacharias, nasci na década de 70, no mês de novembro. Sou filha de pais analfabetos. Tenho uma irmã mais velha e outros três irmãos que, infelizmente, não concluíram o ensino fundamental. Faço aqui um relato de algumas lembranças que ainda se fazem presentes em minha memória escolar.

Parafraseando-se este pensamento em Freire (1987), temos nas palavras do autor a convicção de que “nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” (ibid. p. 29). Acredito e valorizo a importância da interação dialógica em todos os âmbitos da vida e principalmente no processo de ensino e aprendizagem para que conquistemos a liberdade de expressão.

Pré-escola na roça

Fechando os olhos, ainda posso me ver criança brincando na Fazenda São Manoel no município de São Carlos, São Paulo. Levantava-me bem cedo, observava minha mãe arrumar a mochila e ir para a “lida” apanhar laranjas, cortar capim para o gado, fazer a roçada na beira da estrada, entre outras atividades do campo.

Sinceramente, posso dizer que ficava ansiosa aguardando o apontar das espigas de milho para fazer minhas bonecas com elas. Já com os chuchus das parreiras, eu fazia os animais da minha fazendinha e construía longas estradas no pomar

Meu irmão fazia carrinhos de latas de óleos e, assim, ficávamos o dia inteiro subindo nas árvores, pescando no riacho, brincando de escorregar nos barrancos...

À tarde, meus pais e irmãos mais velhos chegavam das jornadas de trabalho

bem cansados, mas, ainda assim, iam tratar das galinhas, porcos, patos e outros animais.

Minha mãe fazia o pão caseiro no forno à lenha e, para ajudá-la, eu ia correndo pegar as folhas de bananeira para que ela pudesse pôr o pão para assar. Nesse momento, consigo me ver passando a manteiga no pão quentinho saído do forno. Que saudades!

Outro momento marcante era a hora de ouvir as histórias contadas pelas pessoas mais velhas em volta da fogueira, eu adorava, mas também ficava com medo e dava certo trabalho para minha mãe e irmã na hora de dormir. Nesse sentido, digo que minha pré-escola foi no pomar de casa, que se caracterizou por ser meu primeiro mundo.

Deste modo, coaduno novamente ao pensamento de Freire (2010, p. 28) essa narrativa que demarcou o início de minha trajetória como pesquisadora que sempre buscou se alicerçar nos princípios de uma educação emancipatória: “Por tudo isso, minha terra envolve meu sonho de liberdade. Que não posso impor a ninguém, mas porque sempre lutei. Pensar nela é assumir esse sonho que me alenta. É lutar por ele”.

Travessias da casa à escola

Aos oito anos de idade fui matriculada na escola que funcionava em uma capelinha da Fazenda Santa Cândida Cast, no município de São Carlos, São Paulo. Para ir à escola era necessário fazer um percurso a pé de quase uma hora cortando a relva molhada por entre os animais da fazenda (bois e cabras). Quase sempre chegava com a conga molhada, ou suja, por ter pisado em um estrume do gado e, quando isso ocorria, entrava descalça na escola/capela.

Isso ocorreu em 1978. Estudei três anos nessa fazenda. Tenho lembranças muito boas desse período, entre elas, o formato e a disposição das carteiras. Recordo da *Cartilha Caminho Suave* de alfabetização e do momento em que a professora nos pedia para fazer a leitura da cartilha. Nesse instante, ficávamos bem próximos a ela e podíamos sentir o perfume de suas roupas que era bem agradável e suave.

Lembro-me da memorização da tabuada porque todos os dias, aleatoriamente, ela chamava alguma criança para recitar a tabuada e, como ninguém queria errar, passávamos horas memorizando. Também não faltavam as infinitas operações de “arme e efetue” que fazíamos em sala de aula e como tarefas para casa. Meu irmão

do meio me ajudava sempre com as “continhas”, porque eu chorava muito quando não conseguia resolver questões de matemática.

Na hora do recreio, normalmente depois de comer a merenda, brincávamos no pomar e colhíamos frutas, como mangas e goiabas, e quando saíamos mais cedo das aulas íamos pescar. A jornada de volta para casa era longa. Íamos brincando, no entanto, e contando a quantidade de vacas que estavam pastando. Isso quando meu irmão não resolvia brigar e jogar algum moleque no rio por nos xingar de macacos.

Não lembro muito bem os nomes de todos os meus colegas da sala de aula e, por isso, não mencionarei nenhum aqui, mas lembro que brincávamos de roda e eu não gostava de algumas músicas que cantavam, entre elas: *“Plantei uma cebolinha no meu quintal, nasceu uma negra de avental, dança negrinha, não sei dançar, se eu pegar o chicote você dança já”*.

Nesse momento, eu me entristecia e fui me percebendo “diferente”, as crianças riam e eu não gostava disso. Então, aos poucos eu não mais queria brincar com alguns colegas da sala. Fui refletindo, contudo, na adolescência e na fase adulta que essa tipologia musical não podia me representar, uma vez que consigo perceber que a letra aparece impregnada de preconceitos, quando mencionado, *“nasceu uma negra de avental”*, notadamente por referir-se ao fato de que a mulher negra já tem um lugar pré-determinado em nosso contexto social, corroborado pelo excerto *“se pegar o chicote você dança já”*.

Essa reflexão, enquanto mulher negra, me fez perceber o quão importante é a necessidade de superação para transpor os desafios que a nós são colocados como limitadores. Além disso, ela nos remete a todo o processo de escravização do povo negro no Brasil que o colocou como sujeito inferior ao sugerir ações de violência de pegar o chicote, a mesma empregada com os antigos escravos. Este pensamento é referendado, pois, nas palavras de Oliveira e Souza (2012, p. 30):

as crianças negras, indígenas, quilombolas e do campo precisam exercitar o poder de “serem mais”, ouvindo histórias positivas a respeito de seu povo, vendo rostos parecidos com os seus estampados nas revistas, nos livros didáticos e nos cartazes da escola. É necessário ensinar-lhes os segredos de mitologias indígenas e africanas, assim como lhes ensinam sobre a mitologia grega.

Retomando, assim, a cronologia histórica de minha carreira escolar, tive a conclusão da terceira série do ensino fundamental na fazenda e, depois, fiquei cinco anos sem estudar porque na época só eram oferecidas as séries seguintes do ensino

fundamental para as crianças que moravam na fazenda, o que já não era o meu caso.

Desta forma, meu irmão e eu ficávamos em casa aguardando meu pai que sempre saía às três horas da manhã para recolher o gado no barracão para ordenhar as vacas, tirar o leite, pois às seis horas da manhã o caminhão passaria para levar o leite ao laticínio.

Durante esse período que fiquei ausente da sala de aula, fui trabalhar na casa da dona da fazenda, limpava a casa toda e cuidava de um bebê. Lembro-me que não alcançava a pia, então um banquinho era colocado para que eu a alcançasse e guardasse toda a louça no armário.

Em 1984, mudamos para a Usina Açucareira da Serra, município de Ibaté, interior do Estado de São Paulo. Fiquei um tanto assustada logo quando chegamos porque observei aquela vasta quantidade de plantação de cana-de-açúcar, mas que não tinha animal, somente cana-de-açúcar!

Demorou certo tempo para me adaptar ao local principalmente por conta das queimadas dos canaviais e a fuligem que era prejudicial à saúde. A casa onde mudamos era isolada da colônia. Não tínhamos contato com praticamente ninguém que lá residia. Meu pai e meus irmãos iam para o corte da cana-de-açúcar, eu e minha mãe ficávamos sozinhas em casa no meio do canavial.

Depois de um ano isolados, fomos morar na colônia Rancho Alegre da Usina da Serra, onde viviam dezoito famílias em casas geminadas na cor amarela e piso de cimento na cor vermelha. Como minha mãe não ia ficar mais sozinha, eu fui trabalhar no corte da cana-de-açúcar. Acordava às três horas da manhã porque às cinco horas a carreta passava pegando os trabalhadores para levar para o eito que era o nosso local de trabalho. Trabalhávamos dez horas no corte e na capina da cana para depois retornar para casa.

Fui percebendo assim que esse tipo de trabalho era muito sofrido e causava uma exaustão profunda. As pessoas iam trabalhar armadas, com facões, enxadas, entre tantas outras ferramentas. O dia parecia não ter fim. Cortar a cana, amarrar em pequenos feixes, fazer os montes para os caminhões levarem para o processo de fabricação do açúcar e do álcool demandava muitas horas de um ofício sacrificante.

No período da entre safra, tínhamos que capinar e fazer o replantio das mudas de cana. As moças se casavam muito jovens, sendo essa uma forma também de não trabalhar o tempo todo no canavial, salvo o período da grande safra em que iam para ajudar com os gastos da casa.

Diante deste cenário, resolvi então me matricular no curso noturno oferecido pela escola da usina para concluir a oitava série. Foi um período muito sofrido, pois cortava doze toneladas de cana diariamente, parando apenas no momento do almoço de quarenta e cinco minutos, que era o único tempo disponível para estudar em meio ao carvão dos canaviais. Não foi nada fácil estudar sem sujar os cadernos, ir para a aula com cheiro do melaço da cana que ficava impregnado em todos os poros do meu corpo. Eu não conseguia ficar à vontade na sala de aula. O cheiro da queimada parecia penetrar minha alma.

Este foi, portanto, um período muito marcante e, nessa mesma época, uma colega da sala faleceu atropelada por um caminhão carregado de cana- de- açúcar. Por conta da vasta camada de poeira vermelha levantada nos carregadores dos canaviais, o motorista do caminhão não a viu à beira da estrada.

Naquela noite, a ida à escola foi tomada por um sentido diferente, pois eu não estava indo pegar os livros com mãos recobertas pelos vestígios de cana- de -açúcar, eu estava indo velar uma companheira de sala de aula, tão jovem e com tantos sonhos interrompidos em meio aos canaviais.

Não somente ela, mas quantos amigos eu assisti abandonarem seus sonhos à beira do caminho: um morreu eletrocutado, outro atropelado, outro afogado, quantas lágrimas eu vi rolar de famílias desesperadas ao se despedirem dos filhos na sepultura. Quantos momentos tristes durante a capina da cana-de-açúcar quando nos deparávamos com os cadáveres: corpos violentados de mulheres, vidas tiradas com brutalidade que eram escondidos e ocultados nos canaviais. Tristes lembranças!

Momentos como esses foram me fazendo refletir acerca de como a vida é difícil para uma ampla camada da população. Aos poucos, fui adquirindo a certeza de que precisava estudar de qualquer forma se desejasse intervir nesse ciclo vicioso, não só para mim, mas para meus pares também.

Num final de tarde, pedi ao meu chefe para sair mais cedo do corte da cana-de-açúcar para dar tempo de ir à escola, pois estávamos trabalhando longe de casa. Quando ele autorizou, peguei minha mochila, coloquei o facão de cortar cana na cintura, joguei a enxada nas costas e fui saindo; ao caminhar vinte passos, pude ouvir o murmúrio de uma voz grossa de um italiano:

- *“Quem ela pensa que é? Estudar pra quê? Será que quer ser médica dos canaviais?”. E, em seguida, muitas gargalhadas.*

Naquele momento de inocência de uma jovem, não tive a resposta adequada para dizer. Meus olhos, contudo, marejaram e queimaram como fogo porque as lágrimas se misturaram com o carvão da cana queimada. Aumentei os passos firmes. Uma dor invadiu minha alma, mas eu sabia que não podia passar o resto dos meus dias nos canaviais.

Em busca de um sonho: o Ensino Médio

Em março de 1991, iniciei o curso supletivo de ensino médio na Escola Estadual Sebastião de Oliveira Rocha. Cursava o período noturno e, durante o dia, trabalhava como diarista no município de São Carlos. Lembro-me que tinha muita dificuldade nas disciplinas de Física, Química e Matemática. Era difícil conciliar trabalho e estudos e às vezes, devido ao horário, eu saía do trabalho e ia direto para a sala de aula, agora não mais acompanhada pelos vestígios da cana, mas sim pelo cheiro de água sanitária.

Eu tinha poucos amigos e amigas e carregava comigo os traços da moça da roça na expressão verbal e corporal. Não foi nada fácil concluir essa etapa.

A possibilidade do magistério

Em 1997, iniciei o curso de magistério no colégio Diocesano La Salle para ter uma formação complementar ao ensino médio e pudesse mudar minha atividade profissional. Minha tia, que passou a vida toda trabalhando em casa de família, viúva, mãe de gêmeos e com quatro filhos pequenos para criar, dizia juntamente com minha mãe para eu estudar, “*houvesse o que houvesse*”. Assim, continuei firme nas faxinas e nos estudos. A sala de aula era composta por mulheres mais velhas e outras mais jovens. As aulas eram ministradas no período noturno com início às 19 horas e término às 22 horas.

Durante o curso de magistério, fiz amizade com uma jovem senhora que trabalhava em um sindicato da cidade de São Carlos e, na maioria das vezes, fazíamos os trabalhos escolares juntas. Certo dia, o esposo dela, que atuava como presidente do sindicato, disse-me que precisava de uma pessoa para trabalhar na parte da limpeza do prédio.

Então, comecei a trabalhar de faxineira e, aos poucos, fui perdendo a timidez, já que no início não conversava muito. Essa timidez foi sendo superada, assim, porque no sindicato circulavam muitas pessoas, algumas faziam cursos e outras iam tirar

dúvidas com advogados. Nesse sentido, eu precisava interagir com essas pessoas, mesmo que fosse para pedir licença para limpar algo e então fui percebendo que as interações que eu realizava com as pessoas contribuíam para o meu aprendizado.

Mesmo trabalhando no sindicato e fazendo faxinas extras, afinal, a situação financeira estava difícil, chegou um dado momento que eu não tinha condição de pagar a mensalidade e precisei solicitar uma bolsa de estudos no colégio. Consegui, mas não foi tão fácil, precisei implorar muito, muito... e ouvir muitos não.

Quanto às disciplinas, considero que todas foram muito importantes para minha formação, embora eu tenha uma vaga lembrança de um fato que ocorreu e me entristeceu muito quando uma professora pediu para que cada pessoa se apresentasse. As estudantes rapidamente falaram os seus nomes e o que faziam da vida. Quando chegou a minha vez, com a voz trêmula por conta da timidez e, por ser a única pessoa negra naquele ambiente, demorei um pouco para responder, mas antes que terminasse de me apresentar, ela foi logo dizendo que não precisávamos nos envergonhar por conta disso ou daquilo etc. As estudantes da sala olharam para mim, afinal todas já haviam se apresentado. Então, aquelas palavras ficaram martelando na minha cabeça o resto do curso. Nunca mais falei mais nada.

No ano seguinte, era a etapa de fazer o estágio e fui para uma escola municipal observar as atividades educativas com crianças de cinco anos de idade. Não foi uma experiência muito boa porque para fazer certa atividade a professora da sala resolveu dividir a turma em dois grupos e, então, logo as crianças levantaram a voz, dizendo: *“não queremos ficar com a professora preta”*. Naquele momento, fiquei em estado de choque, não esperava ouvir aquilo e não sabia o que dizer e a professora menos ainda.

Portanto, ser professora negra iria me possibilitar atuar na construção da identidade de várias crianças negras dentro do universo escolar. Calcando-nos em Papi e Martins (2010, p. 43), temos uma contundente reflexão acerca da inserção profissional docente que me remete claramente a cada experiência vivida no início de meu processo formativo: “[...] Os primeiros anos de exercício profissional são basilares para a configuração das ações profissionais futuras e para a própria permanência na profissão”.

Nesse sentido, podemos dizer que as vivências iniciais na carreira acabam integrando-se entre as mais relevantes e, por isso, precisam ser acompanhadas de perto. As mesmas autoras acima destacam ainda, a esse respeito, que: “É no período

de iniciação profissional que o professor se defrontará com a realidade que está posta e com contradições que nem sempre estará apto a superar” (PAPI; MARTINS 2010, p.44).

Fui percebendo, deste modo, que fazer o magistério e atuar na profissão iria exigir muitos esforços para enfrentar várias demandas, tanto internas como externas à vida pessoal. Precisaria me fortalecer para lidar com situações referentes ao preconceito, às desigualdades sociais e à desvalorização do outro diferente. Ancorando-se novamente em Papi e Martins (2010, p. 44), entende-se por fim que “Quando se fala sobre o período de iniciação profissional há, portanto, uma aproximação tanto de fatores pessoais quanto de fatores e aspectos profissionais, estruturais e organizacionais com os quais se defronta o professor”.

Ainda sobre o estágio, não voltei mais para a escolinha de crianças por conta daquela situação constrangedora. Pensei que não conseguiria terminar o curso porque o estágio era requisito para formação docente.

Contudo, logo depois uma professora de didática ofereceu para turma a oportunidade de estagiar na educação de pessoas jovens e adultas (EJA). O curso era para atender a comunidade gratuitamente. Iniciei minhas atividades com a professora estagiária e voluntária na EJA. O curso de alfabetização era aos sábados à tarde e, ao conhecer a turma, fui percebendo que a trajetória de vida das pessoas da EJA era muito similar a minha, uma vida de muito esforço e trabalho duro em luta por um sonho.

Em 1999, me formei professora e ainda atuava na limpeza. Fiquei um tempo sem estudar até que conversei com uma pessoa que me disse para continuar estudando e, aos poucos, fui refletindo sobre isso, porque acreditava e esperançava freireanamente as realizações de tudo que sonhava, não cultivando apenas a esperança de somente esperar.

Caminhando para o ensino superior

Em 2004, participei do processo seletivo no Centro Universitário Paulista (UNICEP) na cidade de São Carlos, SP. Consegui me classificar e entrar para o Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura e Bacharelado. Também tive muitas dificuldades para concluir o curso, por conta da minha situação financeira, visto que nessa época precisei deixar o emprego. Nesse mesmo período minha mãe ficou enferma com neoplasia maligna (Câncer), e, portanto, vivemos momentos de muito sofrimento.

A situação ficou muito crítica, mesmo com ajuda de amigos, parentes e apoio do sistema de serviços públicos de saúde. Chegamos ao ponto em que única prioridade eram os remédios para minha mãe. Desse modo, dependíamos de doação de cestas básicas de produtos alimentícios de Igrejas e da Rede Feminina de Combate ao câncer de São Carlos. Também ajudavam com fraldas geriátricas e alguns alimentos específicos da dieta alimentar dela.

Portanto, pagar a mensalidade da universidade ficou impossível. Fiquei devendo várias mensalidades e meu coração batia mais forte cada vez que alguém da secretaria entrava na sala de aula para dar um recado, pensava que iam me pôr para fora. Então, um dia me chamaram para conversar e me disseram que eu poderia trabalhar na biblioteca da universidade por certo período, e que eu teria uma bolsa de estudos. Assim fiz por um ano, depois fui contemplada pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) e consegui concluir o curso de graduação em Licenciatura e Bacharelado em 2008 e, um mês depois, minha mãe faleceu. Durante o curso de Biologia tive a oportunidade de desenvolver atividades articuladas com a educação ambiental e foi muito importante para minha atuação nessa área ainda hoje.

Um pouco mais: caminhos e caminhadas

Ainda durante a graduação, em 2006, participei de um processo seletivo para atuar como voluntária no programa do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA). O Movimento de Alfabetização foi criado por Paulo Freire e Pedro Pontual no final da década de 80, cujos objetivos gerais eram possibilitar aos educandos a leitura crítica da realidade; desenvolver a consciência política; reforçar e incentivar a participação e a luta pelos direitos sociais; ampliar o trabalho dos grupos populares na alfabetização de pessoas que vivem na periferia das zonas urbanas (BRASIL, 2006).

O MOVA teve início em outubro de 1989 quando Paulo Freire foi Secretário Municipal da Educação em São Paulo e, em São Carlos, teve início em 2002/2003 e ainda se faz presente com 24 núcleos de alfabetização que atendem pessoas da zona rural e urbana em que permaneço atuando como coordenadora voluntária no MOVA - São Carlos (SÃO CARLOS, 2002).

Em 2007, por incentivo de uma professora, prestei o processo seletivo para atuar como professora na rede municipal de educação infantil de São Carlos, no qual ainda estou em exercício. Ao iniciar a docência com crianças pequenas fui presenciando

situações no contexto escolar que me entristeciam, mas que me faziam continuar pela alegria de poder contribuir no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças alcançavam.

Era interessante, nesse período de inserção profissional, a forma como eu sentia que me formava junto com elas e para elas, à medida que precisava dominar bem o conteúdo que ministrava, além de construirmos todos juntos uma forma de interação reflexiva e respeitosa. Paralelamente a isso, em virtude de atuar no MOVA, participei em 2009 do Curso de Especialização em Educação de Pessoas Jovens e Adultas oferecido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Participar dessa formação foi relevante para o meu aprendizado porque nesse momento fui me conscientizando sobre a relevância da educação ao longo da vida.

O curso proporcionou um aprendizado relevante para minha atuação enquanto professora da educação de pessoas jovens e adultas, principalmente pelas contribuições científicas que nos levaram a perceber o descompasso da EJA, no sentido de investimentos públicos, além de poder compreender melhor a situação da marginalidade da educação de adultos no Brasil.

Ter acesso a essas informações teóricas e, ao mesmo tempo, poder dialogar com demais profissionais da EJA que faziam o curso foi muito significativo. Além de traçar elementos que contribuiriam para o avanço da aprendizagem dos estudantes da EJA, ao longo do curso, identificamos os elementos para enriquecer a aprendizagem e valorizar os estudantes. Além disso, foi possível verificar os avanços e retrocessos da EJA também no campo político. Consoante à conclusão do curso de Especialização em EJA, realizei uma pesquisa intitulada: “A educação ambiental no contexto das pessoas jovens e adultas”.

Logo depois, no ano de 2012, entrei para a Universidade de São Paulo (USP) para iniciar o curso de Especialização em Educação Ambiental, sendo meu trabalho de conclusão de curso voltado aos estudantes da educação de pessoas jovens e adultas. A pesquisa teve o seguinte título: “Movimento de alfabetização de adultos – um olhar para as questões ambientais: Microbacia Hidrográfica do Córrego Mineirinho em São Carlos/SP”.

Esse período também marcou muito minha vida, pois tive uma paralisia que comprometeu parte dos meus movimentos corporais, precisei me afastar do trabalho por um longo período e atualmente estou trabalhando na condição de readaptada no Museu de Ciências Professor Mário Tolentino de São Carlos. Nesse espaço, atuo

como educadora monitora, presto atendimento para pessoas de todas as faixas etárias que visitam as exposições permanentes de paleontologia, física e exposições itinerantes do museu.

Já no ano de 2014, iniciei o curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara. O desejo de estar em permanente formação foi me movendo para a concretização de mais uma etapa. Assim que fiquei sabendo do processo seletivo para vagas de mestrado na UNESP- Araraquara, compartilhei com amigas e amigos mais próximos que me incentivaram me e deram apoio na busca por esse desejo. Eu estava um pouco insegura em relação à prova escrita, mas no momento da elaboração da prova eu me lembrava fortemente das leituras que havia feito dos textos de Paulo Freire e um texto de Antônio Calado, cujas obras me marcaram conforme citei anteriormente.

Durante todos esses processos formativos sempre articulei minhas pesquisas com a educação de pessoas jovens e adultas, uma vez que penso ser importante contribuir para que o maior número de pessoas que estão às margens do sistema possa ter acesso ao conhecimento de forma crítica e emancipadora. Dessa forma, elas realmente poderão transformar os espaços que ocupam.

Minha pesquisa de mestrado também está vinculada à formação dos estudantes da EJA e, por conta disso, a pesquisa intitulou-se: *Os desafios e as potencialidades da mitologia africana na formação escolar dos sujeitos da EJA*.

A escrita dessa dissertação me aproximou ainda mais do contexto da EJA e me pôs em contato com o conhecimento cultural dos meus antepassados, fazendo com que eu fosse percebendo a grande relevância da articulação entre o conhecimento cultural e o sentido que conhecimento científico pudesse fazer na vida das educandas e educandos e, dessa forma, provocasse o um salto em suas aprendizagens.

Percebo ainda, por fim, que existem inúmeras dificuldade de articulação da teoria com a prática no ambiente escolar, mas esta é de suma relevância para os principais grupos envolvidos, de docentes e estudantes, e até mesmo para toda a comunidade escolar.

Dos caminhos da roça ao curso de doutorado!

Finalizando o mestrado em 2017, prestei o processo seletivo para o curso de doutorado na Universidade Federal de São Carlos. Foi um processo muito rápido e

era uma conexão que já almejava porque sempre acreditei e acredito que as mudanças, as lutas pela equidade e pela igualdade se dão por meio da educação, principalmente para aquelas pessoas que estão às margens dos sistemas de moradia, saúde, alimentação, educação, entre outros setores.

Partindo-se dessa perspectiva, enquadro-me nesta luta com o objetivo de buscar instrumentos para qualificar-me e contribuir com os meus pares, tendo no compartilhamento do conhecimento científico uma grande potencialidade para a educação emancipatória. Embora tenhamos várias intercorrências nesta trajetória, é sabido que os vínculos que estabelecemos pelo caminho com aqueles com quem se identifica a esse mesmo ideal fortalecem a nossa busca profissional.

Acredito ainda que aprendizagem é um processo contínuo e que se dá longo de toda a vida. Desta forma, é possível afirmar que, durante todo o meu processo formativo, deparei-me com teorias e conceitos que me fizeram avançar para além das experiências vivenciadas em contextos educativos de maneira prática e ao mesmo tempo coletiva, as quais foram ricamente me proporcionando segurança para atuar na carreira docente. Destaco aqui, por fim, o potencial que essas interações dialógicas podem ter para o ganho de autonomia e de confiança da/do docente que se encontra em início de carreira, embora saibamos que isso não ocorre em todos os contextos escolares.

Minha relação com o MOVA São Carlos – vivências e palavras.

Ainda quando cursava Ciências Biológicas, fiquei sabendo que estava ocorrendo um processo seletivo para educadoras e educadores para atuarem na alfabetização de pessoas jovens e adultas e, como já tinha tido uma experiência nesta área como voluntária, vi naquele momento a oportunidade de me aproximar novamente da EJA por meio do MOVA, que já era um movimento que me encantava por ter suas raízes no contexto da educação popular.

Fiz a inscrição para atuar como educadora voluntária do programa e me dediquei a fazer o trabalho de campo, durante quinze dias, nos bairros Arnon de Mello e Santa Angelina, regiões periféricas da cidade de São Carlos – SP.

O trabalho de campo consistia em ir de porta em porta e fazer uma breve entrevista com as pessoas para ouvir delas como tinha sido sua relação com a educação formal, se tinham terminado os estudos e, caso não, descobrir o porquê, reconhecendo o contexto dos sujeitos e para poder lhes oferecer uma nova

oportunidade de voltar a estudar. O fato desse contato ser feito de modo mais humanizado é um diferencial do programa que mobiliza educandas e educandos a tentar estar presente em uma unidade de ensino outra vez.

Estar ali, do lado de fora de suas casas, com lápis e agenda na mão, colocava-nos numa relação horizontal com essas pessoas e, durante a entrevista, colhíamos os dados das pessoas interessadas e orientávamos como seria a natureza do trabalho realizado pelo MOVA. Na sequência, entrávamos em contato e informávamos o local e a data do início das aulas.

Logo que constituída a turma, iniciei as atividades do MOVA no Centro Comunitário do Bairro Arnon de Mello, na cidade São Carlos - SP. Esse momento foi muito significativo para minha vida pois podia ver o brilho nos olhos de quem nunca tinha sequer pego um lápis e um papel para escrever seu próprio nome.

É realmente gratificante e humanizador fazer parte desse processo e, estar ali, disposta e pronta para conhecê-los deixando que me conhecessem também, era já o primeiro passo para o desenvolvimento de uma aprendizagem pautada no diálogo, em que saberes se misturam e se multiplicam a partir dos diferentes contextos reconhecidos pela troca dialógica.

As aulas, naquela ocasião, duravam cerca de duas horas durante quatro dias da semana e ocorriam no período noturno. Então, fui me dedicando e buscando formas de atuação para proporcionar um ensino que fosse mais além da leitura das letras. Esse processo se iniciou com as reuniões de formações coletivas proporcionadas pela Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, que nos davam um embasamento sobre os conteúdos que deveriam ser abordados durante as atividades educativas. Contudo, foi durante o curso de Especialização em Educação de Pessoas Jovens e Adultas, oferecido pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, que pude compreender todo o histórico da EJA.

Essa aproximação me possibilitou ter contato com os teóricos que tratavam especificamente da educação de pessoas jovens e adultas e abordavam conceitos que até então eu não havia tido contato, tais como: *Educação ao longo da vida*, *Aprendizagem dialógica*, *Inteligência Adulta*, *Sujeitos da EJA*, entre outros.

Ao final do curso pude elaborar um trabalho de conclusão articulando a educação ambiental no contexto da EJA e isso me fez perceber que os impactos ambientais atingem diretamente as pessoas que mais necessitam de recursos, sendo esse público mais afetado aquele que pertence ao mesmo grupo que passa por diversos

sistemas de exclusão e não deixa de englobar os sujeitos que compõem a EJA e que sofrem pelas desigualdades sociais presente no Brasil.

Diante de todas as vivências e o conhecimento teórico adquirido no curso de especialização em EJA, procurei planejar as aulas, orientada por essa perspectiva dialógica de tal modo que pudesse realmente proporcionar uma educação que fosse ao encontro do que as pessoas tinham interesse, e fosse também uma educação transformadora.

No ano de 2013, fiz uma nova especialização pela Universidade de São Paulo-USP e o trabalho de final de curso foi intitulado como: *“Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA) – Um novo olhar para as questões ambientais: microbacia hidrográfica do córrego mineirinho”*.

A produção foi elaborada com as educandas e educandos do MOVA São Carlos para que pudessem ser levantadas as demandas do bairro e os possíveis caminhos para busca das soluções de problemas que foram pautados, tais como enchentes, falta de água, dúvidas em relação à qualidade da água etc. Essa atividade foi muito relevante, pois todos estiveram o tempo todo envolvidos. Ao mesmo passo em que aprendiam a ler e escrever as palavras, participavam efetivamente de seu papel cidadão, conhecendo seus direitos e atuando socialmente de forma transformadora.

Dessa maneira, fui me envolvendo cada vez mais com o MOVA de São Carlos e, em 2013, tive a oportunidade de participar de um processo seletivo no qual fui selecionada para atuar como coordenadora do movimento e, diante disso, precisava saber como era o funcionamento da equipe gestora, pois até então minhas vivências eram apenas como educadora.

Meu primeiro passo, então, nessa nova etapa foi conhecer um pouco mais sobre as questões que envolviam o plano de trabalho do movimento, valores das bolsas, documentação exigida para regulamentação do exercício de voluntariado etc.

Nessa época, a equipe MOVA era constituída por nove (9) educadoras e onze (11) núcleos de atuação. Cada educadora voluntária recebia uma bolsa auxílio em torno de quinhentos e cinquenta reais (R\$ 550,00) e a coordenação seiscentos reais (R\$ 600,00). Uma parte desse valor era pago com recursos municipais provenientes de convênios com outras entidades privadas ou filantrópicas, e outra parte pelo Programa Brasil Alfabetizado (PBA)¹. Essa parceria com o PBA foi muito importante,

¹ O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) trata-se de um movimento voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse

pois além dos valores para pagamentos das educadoras e educadores que era em torno de quinze reais por estudantes inscritos, eram repassados valores para compra de materiais e alimentação para as educandas e os educandos.

Outra informação sobre o MOVA São Carlos em parceria com o Programa Brasil Alfabetizado era a de que as educandas e os educandos eram avaliados no início da vigência da parceria e ao final de oito meses, sendo que os estudantes que obtivessem resultados positivos não poderiam ser recadastrados no programa. Desta forma, tanto as avaliações iniciais como as finais já vinham elaboradas pelo MEC em formato de apostilas.

Aproveito para destacar ainda que quando o PBA, em 2003, esteve vinculado com a Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, foi também estabelecida uma parceria com a Universidade Federal de São Carlos para a elaboração do projeto intitulado “Educação de Pessoas Jovens e Adultas: Aprendizagem Dialógica de Leitura e Escrita, Matemática e Inclusão Digital”, sendo financiado pelo MEC/SISU por meio do programa PROEXT/2004, além de contar com a parceria da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Carlos. Esta parceria foi estabelecida por meio do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa), cujo objetivo foi atender as demandas tanto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como as do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) (BENTO *et al.*, 2004).

Todavia, em meados de 2014-2015, como não houve a renovação da parceria com o Programa Brasil Alfabetizado, o MOVA perdeu os benefícios do convênio e os valores passaram a ser pagos integralmente pelo município em forma de bolsa auxílio para ajuda de custo com materiais pedagógicos, locomoção e alimentação. Este modelo se estendeu até meados dos anos de 2017, pois após esse período o programa começou a ter problemas para sua renovação com a Secretaria Municipal de Educação, sendo que, no decorrer do ano de 2017, algumas educadoras mantiveram seu vínculo com o movimento mesmo sem o pagamento das bolsas.

pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Desse total, 90% localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa, por meio das resoluções específicas publicadas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/programas-e-aco-es?id=13690>>. Acesso em 24 de mar de 2021.

Neste sentido, cabe ainda esclarecer que, nesse período, as educadoras participavam de reuniões de formação pedagógica que tratavam dos seguintes temas: os sujeitos da EJA, leitura e escrita na EJA, práticas pedagógicas, relações étnicas e raciais, educação no campo e do campo, entre outros temas. Estas reuniões e encontros aconteciam no espaço cedido pelo Museu da Ciência Professor Mário Tolentino de São Carlos e, nos diálogos durante a formação, a equipe MOVA São Carlos considerou ser importante abrir a formação para quem tivesse interesse pela temática e aproximação com o movimento, assim esse período formativo tornar-se-ia mais rico em termos de compartilhamento de informações. Deste modo, uma ampliação da equipe efetiva MOVA São Carlos foi possibilitada com a adesão de pessoas que queriam colaborar de maneira voluntária nas atividades de trabalho de campo, nas atividades educativas, nas formações de educadoras e educadores sobre temáticas específicas.

Já em 2018, o MOVA retoma suas atividades num momento em que tivemos o apoio da comunidade, incluindo educandas e educandos e, pontualmente, do Vereador Roselei Françoso, que intermediou em vários momentos nos espaços públicos da cidade falando da relevância das atividades dos MOVA São Carlos para os trezentos estudantes inscritos na época, alocados em 24 núcleos de alfabetização que contavam com o apoio de 17 educadoras e educadores. Tais núcleos puderam atender, desta forma, diversas regiões do município, inclusive nas áreas rurais e periféricas da cidade.

Atualmente, o MOVA São Carlos é desenvolvido em parceria com a Associação de Capacitação, Orientação e Desenvolvimento do Excepcional (ACORDE)² e tem cerca de 262 estudantes inscritos, possui 21 núcleos de alfabetização de pessoas, jovens, adultas e idosas, além de pessoas com deficiência, e a equipe é constituída por 15 educadoras/res líderes de núcleos e 2 educadoras para mediação educacional e social, 1 educador monitor para o ensino de tecnologias e mídias digitais e uma coordenadora pedagógica geral.

Destacam-se, nesse processo, três novas ações: as *Caravanas das Tertúlias Literárias Dialógicas* (TLD)³, uma educadora perpassa todos os núcleos de

² ACORDE é uma organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, fundada em 1988. Atendem pessoas com deficiências.

³Tertúlia Literária Dialógica é considerada uma atividade educativa de êxito, comprovada cientificamente. Surgiu em 1978 na Espanha, especificamente na escola de educação de pessoas jovens e adultas “La Verneda de Saint Martí” (Barcelona) (SANCHES-ARCA, 1999).

alfabetização para vivenciar os momentos de TLD; o *Projeto de mídias digitais*, cujo educador social fica responsável junto com a educadora ou educador para elaborar atividades de alfabetização ao mesmo tempo em que ensina como usar as ferramentas digitais, e o projeto *Cadernos Temáticos do MOVA São Carlos*, que se caracteriza por ser uma construção coletiva (o projeto tem como objetivo central fazer o levantamento de temas indicados pelos próprios estudantes para elaborar as atividades de leitura, escrita e gramática, ou seja, produção de materiais advindos do *saber de experiência* (BRASIL, 2006) articulado com o conhecimento científico, como já nos anunciava Freire (1987) em seu método de alfabetização.

Importante, destacar com o surgimento da Pandemia SARs-COV2 a covid 19, em 2020 o MOVA São Carlos, precisou se adequar para o atendimento remoto, foi criado grupos de aula pelo aplicativo WhatsApp, entrega de material impresso tanto para os educandos e educandas dos núcleos urbanos como para os núcleos rurais, tivemos a criação da rede de solidariedade do MOVA (arrecadação de gêneros alimentícios para atender as pessoas em alta vulnerabilidade social, foi organizada a confecção de máscaras envolvendo educadoras e educandas em todo o processo de costura. E os projetos em andamento temos o prato solidário, cursos de capacitação, culinária e artesanal, e em 2021 fizemos parceria com o Professor Valderlei Salvador Bagnato para poder usar o espaço da televisivo para aulas do MOVA São Carlos SP e veicular nos canais do YouTube. Sabemos que nada substitui as aulas presenciais, mas foi a forma que encontramos para manter o contato com as educandas e educandos nesse período tão complexo. Também criamos um espaço para a atividades de tertúlia dialógica literárias remotas, pois percebemos o quanto é importante as vivências de leituras dialógicas no processo de alfabetização.

Acredito ser relevante que cada vez mais possamos estar envolvidas/os e pensando juntas/os em formas efetivas que realmente possam transformar o contexto e a vida das pessoas que tiveram tantos direitos negados ou velados ao longo de sua vida. No caso específico da alfabetização, os dados do IBGE (2017) apontam que cerca de 11,3 milhões de pessoas ainda estão na condição de “não alfabetizadas” no Brasil.

Conforme já anunciado nesse texto, sabemos que a falta de acesso à leitura e à escrita restringe uma vida demarcada por sonhos e, portanto, sabemos que precisamos ir mais além das letras para a promoção de uma igualdade educativa que ofereça melhores condições de vida para todas as pessoas. Para tanto, partimos em

defesa de uma educação libertadora freireana que preza pela humanização dos sujeitos, considerando ainda que não há neutralidade no ato de ensinar:

Nossa tarefa, a tarefa libertadora, no nível institucional das escolas, é de iluminar a realidade. Claro que essa não é uma tarefa neutra, como aquela outra também não é neutra. Obscurecer a realidade não é ser neutro. Tornar a realidade brilhante, iluminada, também não é ser neutro. Para poder fazer isso, temos que ocupar o espaço das escolas com políticas libertadoras. (FREIRE, 2013, p.29.)

Deste modo, antes de adentrarmos ao texto aqui proposto, acho importante destacar que a elaboração desse texto foi gerada após muito diálogo com pessoas que vivenciam e tem afinidades pela temática que envolve a educação de pessoas jovens e adultas por acreditarmos que estamos conectados nas relações quando buscamos a superação de contextos desfavorecidos. Reitero aqui assim, meus agradecimentos às educadoras e aos educadores do MOVA São Carlos, e de outras partes do Brasil, que juntos refletem e dialogam sobre diversas inquietações que ajudaram na elaboração desse material escrito.

A seguir, passamos para a introdução, na qual iremos contextualizar a origem do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) e explicitar as primeiras inquietações encontradas.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser agente dessa aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que um simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler.
(FREIRE, 2018, p.98).

Um dos motivos que levou a fazer essa pesquisa, além do meu envolvimento com o tema já mencionado no preâmbulo, foi o fato de que essa temática, ou melhor, o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) surgiu há 30 anos no Brasil, com uma proposta de atuação que envolvia grupos populares e a Secretaria Municipal de Educação.

Logo, fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o MOVA poderia nos ajudar a evidenciar quais são os elementos que o mantém ativo, ou seja, quais fatores são transformadores e excludentes, tendo em vista que a educação de pessoas jovens e adultas sempre esteve às margens dos investimentos públicos em educação.

Na época da implantação do MOVA na capital metropolitana São Paulo, segundo Nespoli, (2011), o analfabetismo absoluto atingia cerca de um milhão de pessoas. A problemática da alfabetização de pessoas jovens e adultas inicia-se, desta forma, desde que o Brasil era colônia de Portugal. Atualmente perduram, contudo, os elevados índices de pessoas não alfabetizadas durante a infância no país.

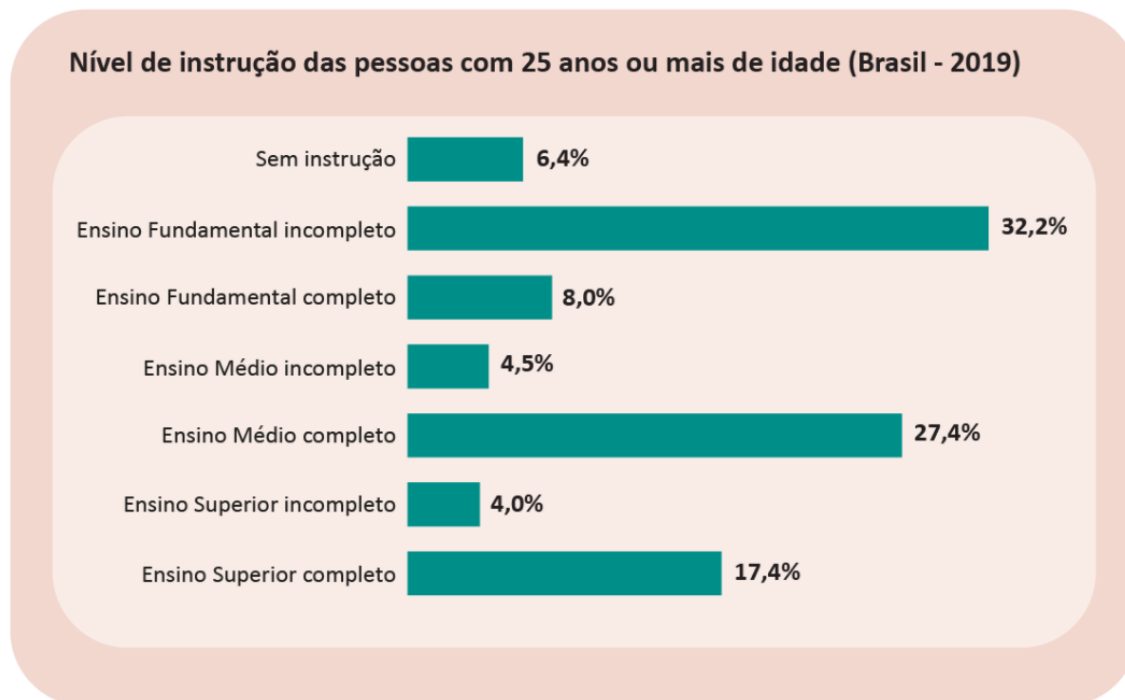
É importante ainda destacar a esse respeito, que a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, traz a informação de que 11,3 milhões de pessoas no Brasil ainda não estão alfabetizadas e a porcentagem maior está nos grupos de pessoas com idade acima dos 60 anos (BRASIL, 2017).

Essa informação indica que são necessárias propostas efetivas para que as pessoas tenham acesso à formação instrumental, que é um direito humano. Outro dado importante, de acordo com o Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), é de que 38% dos analfabetos da América Latina estão no Brasil (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2014). Portanto, é possível afirmar que são cerca de 14 milhões de pessoas analfabetas num país que abriga 34,2% da população latino-americana.

Somado a esses dados, temos ainda os apontamentos do IBGE 2012-2019 (IBGE, 2020), mostrando que só no Brasil tínhamos 6,6% dos brasileiros de 15 anos

ou aproximadamente 11 milhões de pessoas analfabetas. Isso atrelado aos dados de pessoas com 25 anos ou mais que finalizaram a educação básica, temos percentuais significativamente grandes de pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental. Portanto, muitas pessoas não concluíram o processo de letramento alfabético, como podemos ver no gráfico do IBGE (2020) abaixo.

Figura 1 - Instrução de pessoas com 25 anos ou mais no Brasil (2012-2019).



Fonte: IBGE (2020).

Nesse sentido, o programa Movimento Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) possui um papel importante na sociedade, pois contribui há trinta anos para a alfabetização de jovens e adultos que ainda não sabem ler e escrever.

MOVA

O Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do Município de São Paulo (MOVA SP-1989-1992) foi inaugurado no governo popular durante a gestão da Prefeita Luíza Erundina. De acordo com a Carta de POA de novembro de 2014 (p.1), o MOVE teve sua origem nos movimentos populares dos anos 1960 quando “grupos e organizações desenvolviam práticas de educação popular com pessoas jovens e adultas, em particular junto àquelas não alfabetizadas, a partir da pedagogia de Paulo Freire”.

Na época, havia um movimento constituído por grupos populares que estavam sem recursos financeiros por conta da extinção da fundação Educar⁴ e buscavam parcerias para a manutenção das ações educativas na alfabetização de jovens e adultos que já ocorriam em diversos espaços de São Paulo. Assim que tomou posse, Erundina convida o educador Paulo Freire para assumir a Secretaria Municipal de Educação.

Paulo Freire, então, estrutura o MOVA SP com o apoio de Moacir Gadotti, Pedro Pontual e toda a equipe que ficaria responsável pelo programa. A partir disso é que foi denominado o nome do programa, intitulado por **Movimento de Alfabetização de jovens e adultos**⁵ (MOVA), em destaque a palavra movimento porque seus idealizadores não queriam que fosse vinculado às Campanhas de Alfabetização.

De acordo com Santos (2017, p.273) “decidiu-se pelo nome de “movimento”, pois daria o sentido de mobilização e engajamento dos setores organizados da sociedade, de apoio aos grupos que já desenvolviam trabalho de jovens e adultos” Nesse sentido, o Programa MOVA-SP, oficializou-se, por meio do Decreto nº 28.302, 21 de novembro de 1989. (GADOTTI, *et al.* 2013 p.26).

Conforme o Acervo do Centro de Referência Paulo Freire (2012, p. 2): “O MOVA SP nasce das experiências de alfabetização e pós-alfabetização desenvolvidas pelos movimentos populares”, resultado de uma ação conjunta com a Secretaria Municipal de Educação, Movimentos Populares e de convênios com entidades em que foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- Criar núcleos novos de alfabetização nas áreas onde os movimentos não assumiram esta tarefa;
- Garantir a orientação político-pedagógica e a formação permanente dos educadores populares;
- Apoiar, financeiramente e materialmente, os grupos populares. (CENTRO DE REFERÊNCIA PAULO FREIRE, 2012).

Quadro 1 - Desdobramentos de crescimento do MOVA

MOVA-SP	Origem governo - Luiza Erundina 1989. Movimento de Alfabetização - Paulo Freire; Pedro Pontual; Moacir Gadotti e equipe responsáveis.
---------	--

⁴ Fundação Educar: Fundo Nacional para Educação de Jovens e Adultos- extinta em 1990 (HADDAD,2000).

⁵ A denominação Movimento de Alfabetização (MOVA) foi uma sugestão de Moacir Gadotti que era chefe de gabinete de Paulo Freire (MOVA BRASIL, 2013).

MOVA Brasil	Vários estados e municípios se vincularam.
MOVAS	parceria com a Secretaria Municipal de educação MOVA e parcerias com outras propostas de alfabetização MOVA sem vínculo com MOVA- BR e com MOVA -SP

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Freire (2005, p. 69), o Movimento de alfabetização (MOVA) deveria ser iniciado em 1990, juntamente com os grupos populares que já desenvolviam trabalhos de alfabetização em conjunto com outros setores, na perspectiva de unir esforços para criação de 2.000 núcleos de alfabetização, cuja finalidade seria o atendimento de 60.000 pessoas ou mais (FREIRE, 1991 p. 68-69).

Nesse sentido, Paulo Freire (ibid.) tinha uma preocupação central em relação ao movimento, pois acreditava ser importante que as alfabetizandas e os alfabetizandos fizessem uso da palavra, já que, segundo ele, nos eventos relacionados à educação de jovens e adultos, a participação de alfabetizadoras e alfabetizadores era efetiva e as alfabetizandas e alfabetizandos não participavam efetivamente nas falas. Nesse ponto, apostava em mudança cuja palavra fosse de todos/as: *“Acredito que esteja na hora de os alfabetizandos tomarem a palavra”* (FREIRE, 1991 p. 69).

O objetivo fundamental do programa MOVA era atender a população que ainda não sabia ler e escrever. Sobre os objetivos, Gadotti, *et al.* (2013) destacam que era necessário:

- Desenvolver um processo de alfabetização que possibilitasse aos educandos uma leitura da realidade;
- Contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica das educandas(os) e dos educadores envolvidos;
- Reforçar o incentivo à participação popular e à luta pelos direitos sociais, ressaltando o direito básico à educação pública e popular;
- Reforçar e ampliar a atuação dos grupos populares que já trabalhava com alfabetização de adultos na periferia da cidade. (GADOTTI *et al.*, 2013).

De acordo com Pontual (1996), três fatores que estão expressos no histórico do MOVA-SP foram importantes para a criação do Movimento de Alfabetização no Governo de Luiza Erundina. São eles:

- (a) Expectativas nacionais e internacionais geradas com a indicação de Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação sobre qual diretriz seria adotada em relação à alfabetização de jovens e adultos;

(b) Decretação do Ano Internacional da Alfabetização, feita pela UNESCO, celebrado em 1990. Isto teve como consequência uma expectativa ainda maior sobre qual seria a resposta da gestão petista no município de São Paulo em relação à luta internacional contra o analfabetismo, sobretudo em função da presença de Paulo Freire frente à Secretaria Municipal de Educação;

(c) um terceiro fator (a meu ver decisivo) para a criação do projeto MOVA-SP foi o de que já existia na cidade movimentos populares organizados que já vinham desenvolvendo trabalho de alfabetização de jovens e adultos e que tomam a iniciativa de procurar a secretaria para buscar apoio à continuidade de seus projetos, e para propor uma relação de “parceira” na construção de um grande projeto na área de alfabetização. (PONTUAL, 1996, p.71-72).

Muito bem articulados e unidos em defesa de um objetivo comum – a superação do analfabetismo no município de São Paulo – as atividades de alfabetização foram pensadas da seguinte maneira:

- **CONSTITUIÇÃO DE NÚCLEOS:** um conceito diferenciado das salas de aulas convencionais

Os núcleos de alfabetização e pós-alfabetização do MOVA-SP foram sediados em equipamentos da própria comunidade e concebidos como focos aglutinadores e irradiadores da cultura local que incluíam a história do próprio movimento popular da região, procurando ler, dessa maneira, a sua realidade de forma crítica.

Por meio desse processo de tomada de consciência de sua realidade, de apropriação e criação de conhecimentos novos, os alfabetizandos tinham acesso, de forma sistemática e progressiva, a conhecimentos cada vez mais elaborados, buscando constituir-se como sujeitos da ação transformadora da sua própria realidade.

- **ORIGEM DAS EDUCADORAS (ES)**

A maioria dos professores do MOVA-SP pertencia à própria comunidade onde eles atuavam. Eles estavam comprometidos com as lutas que ali se desenvolviam e eram capacitados por meio de cursos de formação promovidos pela Secretaria.

- **ORIGEM DAS (OS) SUPERVISORAS (ES)**

Os supervisores do programa eram escolhidos dentre os professores que recebiam formação específica (GADOTTI et al., 2013) e cumpriam função essencial para que o programa tivesse o êxito esperado, era necessária a participação coletiva

de todos os envolvidos.

No intuito de assegurar o diálogo e aprofundar a parceria com os movimentos sociais e populares, a prefeitura de São Paulo criou o “Fórum dos Movimentos Populares de Educação de Adultos da Cidade de São Paulo” que tinha como foco propósitos bem abrangentes, conforme nos explica Gadotti (2013, p. 27):

A ideia surgiu no início de 1989, a partir de reuniões entre a Secretaria e os grupos compostos por membros dos movimentos e por educadores comprometidos com a alfabetização de jovens e adultos de São Paulo. Esses grupos já desenvolviam iniciativas isoladas para alcançar melhor desempenho na realização de seus trabalhos. Com a criação do Fórum, puderam unificar suas experiências e ampliá-las, tendo em vista o compromisso daquela administração com as causas populares. A partir de sua criação, o Fórum passou a acontecer mensalmente para debater o andamento do projeto. (GADOTTI, 2013 p. 27).

Pini (2019) reforça a importância que tiveram os fóruns do MOVA naquele contexto de alfabetização de jovens e adultos:

A partir desse programa de Educação de Jovens e Adultos, foram concebidos os Fóruns dos Movimentos Populares de Educação de Jovens e Adultos, os quais foram consolidados, ao longo de quase três décadas, como espaço de debate, reflexão e proposição de políticas sociais na área de educação de jovens e adultos, fortalecendo a participação popular no controle democrático na cidade de São Paulo (PINI, 2019, p. 2).

A autora esclarece, ainda, como se deu a multiplicação do MOVA São Paulo para outros territórios:

Depois da experiência da gestão na educação pública paulistana, liderada por Paulo Freire, no início dos anos de 1990, várias prefeituras brasileiras, inspiradas no MOVA-SP, criaram seus MOVAS – e muitos educadores e instituições se envolveram na continuidade do movimento. Diversos municípios brasileiros, como: Diadema, Osasco, Belém, além do estado do Rio Grande do Sul, adotaram a metodologia MOVA como referência para a educação de jovens e adultos, tornando-se este, em algumas questões públicas municipais e estaduais, em ação estratégica para enfrentar o analfabetismo (PINI, 2019, p. 2).

A partir da criação do fórum também foi criada a carta princípio do MOVA que apontava as diretrizes do programa. Conforme Pontual (1996, p. 79-80):

→ Parceria efetiva entre Secretaria Municipal de Educação e o Fórum dos Movimentos de Alfabetização na Composição do MOVA.

- A linha político-pedagógico do MOVA será objeto de elaboração conjunta pela Secretaria Municipal de Educação e pelos Movimentos, resguardada a estes últimos a liberdade de adequarem tais propostas em sua realidade específica. Ele se aplica à elaboração e utilização de material didático, pedagógico e metodológico.
- Liberdade para que os movimentos escolham seus monitores e supervisores, de tal modo que sejam preservados os princípios centrais do projeto político e pedagógico estabelecido em conjunto pelos Movimentos e pela Secretaria Municipal de Educação. Eventuais casos que se choquem frontalmente com tais princípios serão objeto de parecer por parte da Secretaria Municipal de Educação, quando dos cursos de capacitação, pareceres estes que serão encaminhados às entidades em questão para sua autoavaliação e decisão final.
- Dentro da linha político-pedagógica estabelecida em conjunto pela Secretaria Municipal de Educação e pelos Movimentos, assegura-se a autonomia aos movimentos quanto à realização de debates, programas de formação específicos e atividades paralelas.
- Parceria também na formação dos monitores: os movimentos desejam participar ativamente com o corpo e com a cabeça na formação de seus monitores e desejam, portanto, que seja criado mecanismo de parceria com a SME, para os trabalhos pedagógicos de formação de monitores.
- Os movimentos desejam independência da atual administração, tendo em vista sua compreensão de que o MOVA nasce na atual gestão, mas que deverá existir e crescer independentemente a ela.
- Há o desejo de ampliação e generalização do trabalho de educação, e para isto entende os movimentos serem fundamental o intercâmbio entre os movimentos de alfabetização e entre estes e os demais movimentos populares.

Em suma, Pontual (1996) destaca que os desdobramentos das diversas iniciativas - organizacionais, formativas e participativas do coletivo, ou seja, da equipe envolvida no movimento – geraram aprendizagem para todas e todos, além de evidenciar as questões sobre alfabetização de jovens e adultos “na luta pelo direito à educação na formação de uma cidadania ativa e na construção de uma democracia integral” (PONTUAL, 1996 p. 237).

O MOVA-SP passou por um período de interrupção por conta das mudanças de governo. Entre 1993 e 1999, a gestão ficou sob a responsabilidade de Paulo Salim Maluf e posteriormente de Celso Roberto Pitta do Nascimento. Já em 2000, Marta Suplicy é eleita e o MOVA é restabelecido (KUNRATH, 2006 p. 16).

Pontual (1996) comenta que o período em que a Secretaria Municipal de Educação rompeu a parceria com o MOVA isto se deu devido à nova gestão. Em 14 de abril de 1993, o movimento organizou uma reivindicação que foi aderida por cerca

de 2.000 pessoas que lutavam por:

Respeito pela lei orçamentária votada pelos vereadores que prevê a ampliação do número dos núcleos neste ano de 1993, pagamento sem atraso, garantia do princípio da forma pedagógica permanente, garantia de posturas mais democráticas e do diálogo por parte da secretaria Municipal de Educação, respeito por parte do governo ao processo de negociação, garantia a manutenção da supervisão popular (PONTUAL, 1996, p.104).

Em contrapartida, o governo lança um comunicado que afeta o MOVA diretamente, enfatizando que o caráter político e partidário do movimento teria beneficiado somente as entidades ligadas ao partido dos trabalhadores além de atribuir ao suposto viés ideológico dos conteúdos desenvolvidos no programa uma prática de desvios de recursos públicos por inúmeras entidades, posto que não havia um controle fiscal efetivo.

A equipe MOVA se organizou e levantou um dossiê completo sobre as prestações de contas do movimento, bem como uma nova manifestação foi organizada. Por fim, Paulo Maluf, em sua administração, esclareceu que um novo programa seria estabelecido: o PROALFA⁶. Para Pontual (1996, p. 104), contudo, “[...] *faltou estabelecer uma política pública obrigatória, para não ficar condicionado a vontades políticas*”.

De acordo com Kunrath, (2006 p. 34), o MOVA em 2001 é novamente instituído oficialmente no município de São Paulo (MOVA SP), no governo da prefeita Luiza Erundina, permanecendo até os dias atuais.

Ainda de acordo com a carta de POA da rede MOVA Brasil, em 2003 ocorre a plenária final do III Encontro Nacional dos MOVAS, onde foi constituída a REDE NACIONAL de MOVAS, chamada então de MOVA-BRASIL (p.2)

Em 2019, o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA SP) completou 30 anos de lutas e resistências no campo de atuação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil.

Contudo, embora tenha três décadas de atividades que o consolidam como um elemento permanente de luta pela transformação social, temos assistido a um desmantelamento das desigualdades sociais e ampliação da cidadania de educandas

⁶ O MOVA é desativado e substituído pelo PROALFA – Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos. Esse programa era financiado pela prefeitura, além de contar com subsídios de empresas e outras instituições.

e educandos via alfabetização política, crítica, reflexiva, atuante, transformadora, emancipatória.

Falar sobre o MOVA ainda é um desafio permanente para quem se auto desafia a contextualizá-lo, pois implica a imersão em diferentes territórios, contextos e frentes de sua atuação no país, que, mesmo para os sujeitos que o vivenciam na prática, ou nas pesquisas acadêmicas, por certo sempre irão se deparar com imbricamentos ao longo do processo de compreendê-lo como um todo. Logo, a opção por um recorte de sua linhagem sempre aponta para um caminho ideal na compreensão pontual do movimento em sua completude macrosocial.

Esse estranhamento em relação a um trabalho consolidado (sempre de resistência popular) de alfabetização se dá justamente pelos caminhos diversos que as frentes representativas do MOVA assumiram, ao longo das três décadas, e defendem serem ideais para a manutenção do programa em suas diferentes territorialidades.

Nesse sentido, o MOVA não é um movimento único, homogêneo, com particularidades plenamente comuns no território nacional. É, antes, um movimento social fragmentado⁷, tendo em comum a defesa da educação popular, a conscientização das opressões sociais e desigualdades e sua ação-reflexão-prática-reflexão na luta pela superação das opressões contextuais por meio da ampliação da cidadania, sempre respaldada pelo legado freiriano e em defesa dos oprimidos ao redor do mundo.

De acordo com Pontual (1995), em 1992 o MOVA-SP atendia cerca de vinte mil (20.000) jovens e adultos em processo de alfabetização e este dado comprova a relevância desse movimento de educação popular. A busca de informações acerca do conhecimento acadêmico produzido possibilita analisar pontos de convergências e divergências, aspectos sociais e políticos e suas contribuições para alfabetização de jovens e adultos.

É interessante salientar que o programa segue ativo há 30 anos, despontando-se como um indicador social da demanda não atendida pelo Estado e do protagonismo do povo nesse contexto.

De acordo com Sérgio Haddad (2000), ao realizar o levantamento do estado da arte desta área no período de 1986 a 1998, revela a carência de publicações que

⁷ Importante ponderar que há contraposições sobre o termo “fragmentado”, pois em interpretações como de Liana Borges (2009), na verdade o que houve foram “divergências no formato”.

tratam as questões de financiamento da educação de pessoas jovens e adultas.

O programa MOVA SP também foi aderido por diversos municípios e estados do Brasil. Segundo Borges (2009 p. 124), “no 3º Encontro Nacional de MOVAs, Goiânia/GO, 2003, foi deliberado a criação do MOVA- Brasil, para manter a (inter)relação entre os Movimentos a partir de uma rede de diálogo,[...] para firmar posição diante de outras ações de EJA.”⁸

O movimento MOVA-Brasil, que teve início em 2003 seguindo os mesmos princípios metodológicos advindos do MOVA SP, disseminou-se a partir de então em 11 estados brasileiros (AL, AM, BA, CE, MG, MA, SE, PE/PB, RJ e RN) (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2014). Nessa perspectiva, o MOVA Brasil e os MOVAs em geral são constituídos como marcas entre os organismos públicos e não governamentais que pensam a EJA.

Além disso, o MOVA-Brasil que, apesar de não ter se instituído como política federal no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é reconhecido pelo MEC (Ministério da Educação) e participa da Comissão Nacional de EJA (BORGES, 2009).

É necessário explicitar e resgatar a relevância do Programa Brasil Alfabetizado, como uma iniciativa importante que contribuiu para a universalização do ensino fundamental, promovendo apoio a ações de alfabetização de jovens com quinze anos ou mais, adultos e idosos realizadas pelos Estados, Distrito Federal e Municípios e no bojo de projetos que já estavam em curso como o MOVA, se fortaleceram.

Logo, quando pensamos no MOVA e nas pesquisas sobre o MOVA no Brasil, não devemos concebê-lo como um movimento único, mas plural. O “MOVAs” compõem o cenário nacional e se ajustam, cada um, de acordo com as necessidades de seus contextos específicos na militância pela alfabetização política e emancipatória de jovens, adultos e idosos oprimidos.

Esta ideologia comum aos “MOVAs” preserva, o legado freireano de alfabetização de jovens e adultos. Vale ressaltar que essas subcategorias que aparecem subdivididas no histórico da estruturação do MOVA no país apresentam-se diversificados nas pesquisas de mestrado e doutorado produzidas de 1989, ano de surgimento do MOVA SP até os dias atuais, o que requer novas investigações (como

⁸ Um aspecto relevante a ser considerado na genealogia do MOVA é que no ano de 2000 houve um Fórum Social para discutir o assunto e depois desse fato é que foi criada a REDE MOVA BRASIL, que distinguiu-se do MOVA P.F, o qual desenvolveu-se com a Petrobrás o MOVA BRASIL. Inclusive houve carta de Moacir Gadotti para que demarcassem essa diferenciação de terminologias e movimentos. (GADOTTI, 2008)

essa), além de leituras aprofundadas e criteriosas sobre o programa.

MOVA – Nosso Tema

Sistematizar e ter um panorama da produção acadêmica nacional em relação ao movimento de alfabetização de jovens e adultos permitirá auxiliar futuros pesquisadores sobre a relevância desta luta por direitos educacionais na formulação de novas hipóteses.

Também possibilita que outros pesquisadores se aprofundem em pesquisas já implantadas, de tal forma que avancem em relação ao tema. Logo, atualizar dados acadêmicos sobre um movimento de alfabetização em seus fundamentos na educação popular pode trazer uma importante contribuição para o campo da educação de pessoas jovens e adultas. Diante disso, surgem algumas inquietações, tais como:

O que está presente na produção brasileira a partir de teses e dissertações que apontam a vivacidade do MOVA nesses trinta anos, representando a sua resistência como movimento político e educacional ao longo da história?

Nessa perspectiva, reforçamos os questionamentos:

- O que a literatura acadêmica tem apontado como **elementos transformadores** que intervêm na realidade educacional de sujeitos, e o que tem como **elementos excludentes**, que afastam socialmente eles das oportunidades educacionais nessa atuação do MOVA?
- Nesses possíveis apontamentos há anúncios de **práticas pedagógicas**? Quais são elas? Há anúncios de **concepções emancipatórias na aprendizagem** de leitura e escrita no processo de alfabetização? Há anúncios **de políticas públicas emancipatórias**? Quais são elas?

Objetivos da pesquisa

Delineia-se os propósitos deste presente trabalho como uma pesquisa bibliográfica a ser realizada em bases de dados acadêmicos no âmbito nacional acerca do MOVA desde 1989 a 2019. A escolha por esse período justifica-se por conta do ano da implantação do MOVA na cidade de São Paulo e sua permanência em vários municípios ao longo desses 30 anos no Brasil.

Para tanto, o **objetivo geral foi produzir** conhecimento sobre o Movimento de

alfabetização de jovens e adultos (MOVA), a partir de teses e dissertações nas bases CAPES e BDTB, entre 1989 e 2020, analisando os elementos transformadores e excludentes que estão presentes durante seus trinta anos de permanência.

Por **objetivos específicos analisamos** as produções brasileiras a partir de teses e dissertações produzidas durante os anos de 1989 a 2020, nas bases Capes e BDTB, com intuito de:

- Analisar e depreender as ações e formas do MOVA se manter ativo, de acordo com as publicações acadêmicas acontecidas nos 30 anos desde a sua existência.
- Observar se os elementos transformadores e/ou excludentes têm relações com as práticas pedagógicas e/ou políticas públicas e/ou concepções de alfabetização emancipatórias etc.

A hipótese que sustenta esta pesquisa é a de que o MOVA tem uma grande flexibilidade de adaptação aos diversos contextos e, por ter características humanistas e de base popular, os sujeitos se vinculam com maior facilidade em relação à educação formal.

A fim de atender os objetivos propostos, essa pesquisa se divide em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, *Educação de Jovens e Adultos no Brasil*, abordamos um breve histórico da educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil.

No segundo capítulo, *Alfabetização, com marco teórico em Paulo Freire*, focalizamos em apresentar as concepções de alfabetização sob a perspectiva dialógica de Paulo Freire.

No terceiro capítulo, *Metodologia da Pesquisa*, compartilhamos das etapas que foram efetuadas para a construção desse texto, evidenciando sua natureza metodológica, procedimentos de produção coleta de dados, análise e categorização das informações colhidas durante a pesquisa.

No quarto, *Resultados de Pesquisa*, trouxemos à tona todos os detalhamentos das buscas, bem como categorizações, análises e sínteses de resultados prévios encontrados.

No quinto capítulo, e último capítulo, *Análise dos dados*, destacamos os resultados observados em suas formas qualitativas e com o viés da metodologia

comunicativa, usada com aporte dessa da pesquisa.

Seguidos, por fim das referências e apêndices, os quais em grande medida ilustram e esclarecem as análises depreendidas ao longo do processo de pesquisa.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL.

“[...] somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de contextos” (FREIRE, 1997, p.85).

Neste capítulo, apresentamos uma breve contextualização da educação de pessoas jovens e adultas no Brasil, iniciando no período colonial. É importante dialogar sobre a EJA e entender seus processos para pensar propostas educativas que visam à transformação social. Temos ainda milhões de pessoas no Brasil que ainda não concluíram a educação básica e/ou não sabem ler e escrever. Segundo Passos (2013):

[...] ao examinarmos a Educação de Jovens e Adultos identificamos um canal propício para o enfrentamento dos históricos índices de desigualdade, exclusão, discriminação racial e injustiça presentes nas trajetórias de escolarização e de vida de significativa parcela da população negra. Para isso, entendemos que há necessidade da EJA estar articulada com outras políticas públicas que tenham como objetivo reduzir as disparidades sócio raciais na sociedade brasileira [...] (PASSOS, 2010 p.31).

Braga e Fernandes (2015) abrem este debate histórico da EJA no Brasil por meio de uma pesquisa bibliográfica que analisou 79 artigos produzidos entre 2010 e 2014. Tendo como um dos principais resultados do levantamento investigativo das autoras a proposição da importância de uma política de Estado para a EJA, da Alfabetização ao Ensino Médio, considerando os diferentes contextos marcados pela diversidade, e de oferta/aprimoramento de formação docente.

Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) ampliam esta análise com uma revisão histórica das políticas de educação de adultos nas grandes reformas educacionais, apontando uma alternativa acerca das conquistas e retrocessos vividos pela EJA em direção à importância de se realizar uma educação forma renovada e que não caia na repetição dos erros passados nem escolarize demais este nível de ensino.

Podemos compreender a posição tomara por esses autores como crítica à forte tendência que existe entre os educadores tradicionais de infantilizar a escolarização de adultos pela simples transposição dos métodos e conteúdos que historicamente são trabalhados com as crianças para a EJA.

Di Pierro e Haddad (2000) dedicam também uma atenção especial para o fato

de que, desde a segunda metade do século XX, o pensamento pedagógico e as políticas públicas de educação escolar de jovens e adultos passaram a adquirir uma identidade e feição próprias, a partir das quais foi possível e necessário pensar o seu desenvolvimento futuro.

Estes apontamentos são cruciais para que possamos caminhar rumo à construção de uma nova cultura na educação de jovens e adultos como uma conquista da sociedade brasileira e como fruto do processo de democratização do poder público (HADDAD, 2007).

A adoção desta abordagem permite, segundo a visão dos especialistas, uma inovação das práticas educativas na área, desvelando uma necessária tendência de superação de paradigmas que marcaram a EJA nas últimas décadas a partir dos sinais que experiências concretas de programas públicos do poder local revelavam.

Timothy Ireland (2012) analisa criticamente a educação de jovens e adultos, que em muitas iniciativas resumia-se às práticas de alfabetização, como políticas nacionais de escolarização compensatória ou de equivalência do público atendido que não teve acesso às oportunidades educacionais na idade considerada socialmente como adequada.

Partindo-se desta perspectiva, o autor aponta que a intencionalidade dessas políticas pode até sido positiva, mas que não foi de fato levada a cabo em muitos contextos, havendo ainda a necessidade de políticas de intersetorialidade, investimento na qualidade da oferta e desenvolvimento de novas estratégias e formatos para mobilizar a oferta latente:

No Brasil, no período de 2004 – 2010, com a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), existe uma visível tentativa de desafiar as desigualdades enraizadas na estrutura socioeconômica brasileira e de dialogar com a diversidade intrínseca da composição étnico-racial nacional, na medida em que se busca consolidar e institucionalizar a educação de jovens e adultos como política pública. Apesar de estratégias que procuram (a) articular a fase inicial do processo de alfabetização com a sua continuidade em programas escolares de equivalência, (b) criar programas de educação e formação para o trabalho, e (c) levar em conta as demandas de um novo ciclo de desenvolvimento socioeconômico, o reflexo dessas estratégias nas estatísticas educacionais é limitado (IRELAND, 2012, p. 1).

Em consulta recente aos dados do IPEA acerca dos processos de alfabetização no país o analfabetismo é um fenômeno que ainda atinge cerca de 14,1 milhões de pessoas. Assumindo que dentre a faixa dos 6 aos 14 anos o Brasil tem 97, 6% das

crianças na escola, entende-se que a falta de escolaridade concentra-se massivamente entre a população adulta e até idosa.

Tais dados numéricos justificam os apontamentos estruturais contundentes dos autores da área em políticas efetivas e qualitativas de EJA como medidas emergenciais a um problema que perdura na realidade de muitas pessoas há tantos anos.

O Indicador de Analfabetismos Funcional (INAF), em parceria o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, produziu dados, informando que, até 2019 e portanto, antes da pandemia, após 18 anos de aplicação do indicador no Brasil, 29% dos brasileiros ainda eram considerados analfabetos funcionais e esse número havia sofrido já naquela época um leve aumento nos últimos anos⁹.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) confirma a manutenção destes dados, divulgados pelo IBGE também em 2019, indicando que naquele ano, a taxa de analfabetismo no Brasil passou de 6,8% no ano anterior para 6,6%, mas cuja realidade contrapõe-se com o fato de que apesar da leve queda registrada, os dados ainda mostram que dentre a população com 60 anos ou mais 18,6% eram analfabetos ainda em 2019, justificando o fato de que o fenômeno ainda concentra-se entre os mais vulneráveis que sofreram com a falta de acesso ou oportunidade educacional na infância.

Nesse sentido, destacamos que a expressão Educação de Jovens e Adultos (EJA), caracteriza-se como uma modalidade da educação básica brasileira regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB ou lei nº 9.394/96), porém é vista como modalidade de educação improdutiva e não se mantém efetivamente na agenda política nas transições de governo (CATELLI, HADDAD, RIBEIRO, 2014).

Ainda sobre a política na história da educação de jovens adultos, Maria Clara Di Pierro e Sérgio Haddad (2000); Maria Clara Di Pierro (2010), Maria Clara Di Pierro e Mariângela Graciano (2003) evidenciaram em suas pesquisas que EJA é vista como modalidade de ensino compensatório, pautado em questões relacionadas ao

⁹ Faz-se necessário explicitar ainda a validade dos dados do indicador que possui um intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total das amostras. Além disso, a amplitude da avaliação é garantida por abranger a análise tanto das habilidades de leitura e escrita, como de letramento e numeramento.

analfabetismo¹⁰ da população adulta e na alfabetização.

Tais questões são preocupantes se tomarmos por base as indicações de Paulo Freire (1987) que entende a educação como um ato político e assim deve se estabelecer de tal forma que venha a contribuir na formação das pessoas para que essas tenham autonomia.

A educação de jovens e adultos no Brasil colônia caracteriza-se por estar ausente de políticas, ou seja, a EJA não tinha respaldo político. Nesse contexto, predominava a cultura oral, as escolas priorizavam a réplica e a memorização.

Concernente à alfabetização, por exemplo, iniciou-se na época em que o país era colonizado pelos portugueses. Nesse sentido, os jesuítas eram os responsáveis pela formação das crianças e dos jovens, ensinavam-lhes suas crenças religiosas e tinham a função de aculturar e cristianizar essas pessoas.

Como menciona Haddad (2000), “além de difundir o evangelho, tais educadores ensinavam os ofícios relacionados ao bom desempenho e funcionalidade econômica da colônia. Essa formação era voltada para os indígenas e para os escravos que eram trazidos da África” (ibid., p. 109).

Posteriormente, em 1759, os Jesuítas foram expulsos do Brasil e, a partir desse momento, a educação de adultos foi perdendo espaço e importância. Isto porque a educação era voltada para o desenvolvimento de atividades agrícolas, sendo as competências de leitura e escrita trabalhadas num nível muito básico o que a tornou dispensável para além da proibição que muitos setores da sociedade já enfrentavam por não poder frequentar a escola na época (HADDAD; DI PIERRO, 2006).

Segundo Gentil (2005, p. 3), “no ano de 1854 surgiu a primeira escola noturna e em 1876 já existiam 117 escolas por todo o país”. Em 1930, entre os períodos marcados pela Revolução, o sistema de educação elementar no Brasil começava a se consolidar por conta do desenvolvimento urbano devido ao processo de industrialização.

Em 1934, surgiu o Plano Nacional de Educação que propunha uma educação gratuita e obrigatória para o ensino primário e se englobava pela primeira vez a educação de adultos. No entanto, foi a partir de 1940 que a educação de adultos se

¹⁰ É importante destacar que, para Paulo Freire (1987), as educandas e educandos não devem ser categorizados como analfabetos e sim alfabetizandas e alfabetizandos: “O conceito de analfabeto, nesse sentido, dá muitas vezes uma cobertura ideológica para que os grupos poderosos simplesmente silenciem os pobres, os grupos minoritários, as mulheres, ou as pessoas de cor”. Para sermos coerentes com a base que nos orienta, iremos adotar o mesmo termo ao longo da pesquisa.

insere no contexto histórico da educação brasileira (HADDAD, 2000).

Em 1942, é criado o Fundo Nacional do Ensino Primário como fruto de um esforço das pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, cuja proposta era criar uma ampliação da educação primária. Desta forma, inseriu-se a educação de adultos na modalidade de ensino supletivo (HADDAD, 2000).

No ano de 1945, a Organização das Nações Unidas para Educação das Ciências e Cultura já alertava, neste contexto, para as desigualdades entre todos os países e chamava atenção para questões referentes à alfabetização de adultos. Logo em seguida, a campanha de Educação de Adultos Analfabetos (CEM) originada, em 1947, pelo Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho foi muito relevante por dois motivos centrais: primeiramente, trouxe visibilidade à problemática do analfabetismo da população brasileira e, o segundo, por enfrentar a questão do analfabetismo com respaldo de políticas governamentais para elevação dos níveis educacionais para todas as pessoas.

Lourenço Filho liderou a Campanha entre 1947 e 1949 e, num segundo momento da campanha, de 1950 a 1949, houve incorporação das práticas do Governo Federal e dos Estados (FREITAS; BICAS, 2009).

Segundo Beisiegel (1974), o Serviço de Educação de Adultos, foi estabelecido como um serviço especial do Departamento Nacional de Educação do Ministério de Educação e Saúde com o objetivo de orientar e coordenar os planos anuais de ensino supletivo para EJA.

A partir disso, iniciou-se a Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos. De acordo com Paiva (1983), a Campanha favoreceu a alfabetização de um número elevado de pessoas. O autor destaca ainda que o foco era “[...] integrar o homem marginal nos problemas da vida cívica e unificar a cultura brasileira” (PAIVA, 1983 p. 184).

Em seguida, em 1952, o Ministério da Educação organizou a Campanha Nacional de Educação Rural para resolver problemas envolvendo a vida do trabalhador rural. Posteriormente, em 1958, inicia-se a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, cuja proposta estava atrelada à importância da formação educativa humana para o desenvolvimento da comunidade.

Cabe destacar, ainda, que neste período o Brasil passava por um processo de desenvolvimento e urbanização que acelerou-se de tal forma que a taxa anual de crescimento da população urbana era de 2,86%. Isto significou um maior número de

peessoas que acediam aos grandes centros tendo acesso às regiões onde ainda se concentravam as maiores e melhores oportunidades de escolarização (FARIA, 2008).

Em dezembro de 1961 é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, cuja proposta era a descentralização administrativa das atividades educacionais. Nesse sentido, ficaria sob a responsabilidade do governo federal elencar os objetivos, bem como o suporte técnico e financeiro aos programas promovidos.

Nesse período, houve manifestações populares em prol da alfabetização de adultos, tais como: Movimento de Educação de Base, Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Centros Populares de Cultura, União Nacional dos Estudantes, Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler e Programa Nacional de Alfabetização desenvolvido pelo Ministério da Educação.

Em 1962, Paulo Freire elabora um plano de atividades para alfabetizar pessoas adultas. Conforme cita o autor (FREIRE, 1980 p. 62): “foram alfabetizados cerca de 300 trabalhadores em 45 dias que impressionaram a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo território nacional com o apoio do governo federal”.

No método de alfabetização elaborado e coordenado por Paulo Freire, os registros da Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (FREIRE, 1997) davam-se desta maneira: articulação entre problema social e educacional, interferência na estrutura social produtora do analfabetismo, análise crítica da realidade dos educandos, comprometimentos dos educadores com os educandos, reconhecimento dos estudantes como seres possuidores e produtores de cultura, estudantes como sujeitos de sua aprendizagem, atividades embasadas no diálogo, consciência ingênua /consciência crítica, leitura da palavra/ leitura de mundo.

Tudo isto era para verificar que o analfabetismo é efeito e não causa da situação de pobreza, mas, com o golpe Militar ocorrido em 1964, as atividades educativas de Paulo Freire foram interrompidas, finalizando-se os programas e propostas de alfabetização popular (HADDAD, 2000).

Em 1968, surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa regido pela Lei nº 5379 de 15 de dezembro de 1967 para pôr fim ao analfabetismo, mas que teve suas atividades encerradas em 1985 sem resultados de grande impacto (PAIVA, 1983).

O MOBRAL estava estruturado da seguinte forma: MOBRAL Central em nível federal (organização, programação, execução, avaliação do processo educacional,

treinamento de pessoal e distribuição de material didático); nas esferas estaduais (coordenadores estaduais, convênios com municípios, assistência técnica e orientação e estratégica) e as Comissões Municipais para executar as campanhas nas comunidades, além de serem os responsáveis pelas organizações operacionais. O MOBRAL teve a duração de quinze anos e encerrou as atividades em 25 de novembro de 1985, atendendo cerca de 4.135 municípios (HADDAD, 2000).

O MOBRAL vislumbrava, ainda, uma atuação pedagógica com metas definidas. As pessoas participantes recebiam a informação de que a proposta focalizava-se na formação da mão de obra. Sendo assim, muitas vezes os momentos pedagógicos do MOBRAL eram mobilizados pelo viés do autoritarismo, sem comunhão com o povo, e a metodologia acontecia na verticalidade com conteúdo unificado para atender o Brasil todo sem valorizar as especificidades locais (JANNUZZI, 1987).

Com a destituição do MOBRAL em 1985 foi estabelecida a Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos (FUNDAÇÃO EDUCAR), que foi finalizada no ano de 1990 no governo do Presidente Fernando Collor de Mello. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 5692/71, implantou-se o Ensino Supletivo que já mencionava a educação de adultos, tendo o Parecer nº699/72 como complemento legislativo por prever 4 funções básicas desta modalidade: suplência, suprimento, aprendizagem e qualificação (BRASIL, 1988).

O Programa Nacional de Alfabetização e cidadania (PNAC) foi criado imediatamente após o fim do MOBRAL no início do governo Fernando Collor de Mello em 1990-1992. Esse programa durou apenas um ano por ter sido marcado por muitas tensões políticas, econômicas e educacionais, cujas pressões e o descontentamento da população brasileira acabaram por promover seu impeachment

Neste período, o neoliberalismo começou a ascender fortemente ao mesmo tempo em que se iniciam no país as grandes iniciativas de privatizações, o clientelismo, o que fez com que as questões ligadas à saúde, à cultura e à educação ficassem totalmente reguladas pelo mercado.

Consequentemente, foi possível notar na época a falta de políticas educacionais direcionadas para a EJA. O PNAC tinha como objetivo central, assim, a redução de 70% do analfabetismo entre crianças, jovens e adultos em cinco anos (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001; MACHADO, 2008).

No âmbito internacional da discussão, faz-se importante destacar que o ano de

1990 foi considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional da Alfabetização e, na Tailândia, ocorreu a Conferência que estabeleceu a Declaração Mundial sobre Educação para Todos e o Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem (Conferência Mundial de Educação para Todos).

Este cenário da reforma educacional foi importante para suscitar os desafios e impasses das políticas públicas para superar a posição marginal que a educação de jovens e adultos ainda possuía na época (DI PIERRO, 2005).

Consequentemente a essas iniciativas mundiais, durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), do partido dos trabalhadores – PT, que a EJA recebe uma atenção maior em termos de políticas públicas. Podemos citar, por exemplo, a criação do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), Programa Nacional de Inclusão dos Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM) e a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) vinculadas ao (MEC).

Foi nesse governo também que ocorreu a implantação do Fundeb¹¹ (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação que estendeu os recursos para a EJA).

Outros programas foram, da mesma forma, criados nesse período e distribuídos em diversos ministérios: Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA); Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); Plano Nacional de Qualificação (PNQ); Projeto Educando para a Liberdade; Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA); programa Saberes da Terra, Escola de Fábrica; Consórcio Social da Juventude; a gente Jovem, entre outros¹².

Nessa perspectiva, é importante destacar que no governo do Presidente Lula (2003-2010), o PBA se estendeu para 1.103 municípios. As ações eram descentralizadas e a União responsabilizava-se pelo subsídio financeiro. A carga horária de trabalho ficava em torno de 240 a 320 horas-aula pois, uma vez que a

¹¹ O Fundeb substituiu o Fundef (Fundo de manutenção e Desenvolvimento do ensino Fundamental e Valorização do Magistério) que foi criado em 1996.

¹² A política de educação no governo Lula: um percurso controverso (Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300017.

proposta criada era para o atendimento de jovens e adultos em processo de alfabetização, a duração do curso se constituía em oito meses. Após o processo burocrático cumprido, os estudantes interessados deveriam ser encaminhados para frequentar as primeiras séries de escolaridade na educação de jovens e adultos.

O PBA sofreu algumas críticas relacionadas ao baixo salário pago aos educadores, às atividades educativas restritas à alfabetização, duração, garantia de continuidade a escolarização, estrutura a desejar, falta de investimento na formação continuada dos profissionais atuantes na alfabetização, além de ter havido, ao longo do programa, uma grande baixa de investimento diminuído que inviabilizou em grande parte o combate ao analfabetismo no Brasil. Carvalho (2012 p. 7) nos esclarece, a esse respeito, que:

O governo Lula aumentou os investimentos federais na EJA. Procurou criar programas característicos para a área, com o objetivo de atender públicos específicos. Tais ações mostraram uma retomada (ou, pelo menos, uma tentativa de retomada) do papel da União na indução das políticas de EJA. Contudo, não conseguiu alcançar resultados satisfatórios quanto ao atendimento da demanda, tampouco desenvolveu cursos com qualidades desejáveis. No geral, os programas desenvolvidos não atacaram o cerne da questão: a construção de uma política pública para a EJA de qualidade social, com a infraestrutura adequada, com profissionais bem formados e remunerados¹³.

Outros momentos marcantes para EJA deram-se nos anos de 2009 pela VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA) e, em 2010, por meio da Conferência Nacional de Educação (CONAE), bem como a CONFINTEA que foi realizada no Brasil em Belém (PA) pela UNESCO para debater sobre as questões relacionadas à educação de pessoas jovens e adultas.

Já o CONAE foi realizado na cidade de Brasília para discutir sobre a educação em todos os níveis de ensino (DI PIERRO, 2010). Esses dois movimentos foram importantes para sistematizar a elaboração do novo e atual Plano Nacional de Educação (2011-2020), aprovado pelo Projeto de Lei nº 8035/2010 que enfoca a relevância de erradicar o analfabetismo para aumentar o nível de escolaridade das pessoas jovens e adultas, além de pontuar a necessidade da qualificação profissional para estudantes entre 18 a 24 anos de idade.

13

Dados

disponíveis

em:

<http://anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/MarceloPagliosaCarvalho_res_int_GT1.pdf>

Nesse sentido, o IBGE/PNAD 2012¹⁴, divulgados em 2013, revelou que o país apresentou um índice de analfabetismo de 8,7% entre as pessoas de 15 anos ou mais, o que corresponde a um número de 13,2 milhões de jovens e adultos analfabetos no Brasil. Esses resultados foram confirmados pelo Relatório 2013/2014¹⁵ de Monitoramento Global da Educação para Todos, divulgado pela UNESCO, em janeiro de 2014, que classificou o Brasil como o 8º país, dentre os 150 países pesquisados, com a maior taxa de analfabetismo adulto.

Apesar desses dados mostrarem-se em decréscimo ao longo dos anos, por exemplo os dados de 2017 do IBGE apontam que havia 11,3 milhões de pessoas analfabetas (ou seja, está decaindo), ainda há um expressivo e importante número, sobretudo considerando-se o número de pessoas que não completam os anos de Ensino, por exemplo de nível Fundamental, que seria a base da alfabetização e letramento (IBGE, 2020).

A educação de pessoas jovens e adultas não é, portanto, um tema simples, uma vez que é permeada de avanços e retrocessos ao longo de seu contexto histórico. Segundo Barcelos (2009), a educação de pessoas jovens e adultas é uma modalidade de ensino que precisa de um olhar que atente de fato para as características desse público, salientando o importante papel sociopolítico que lhe é atribuído.

Nesse sentido, passamos para o próximo capítulo com o objetivo de evidenciar as contribuições de Paulo Freire para a educação de pessoas jovens e adultas, tendo em vista seu conceito de alfabetização emancipatória.

¹⁴ Disponível para consulta em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintes .

¹⁵ Disponível para consulta em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/> . Acesso em 17 de julho de 2017.

CAPÍTULO II - ALFABETIZAÇÃO COM MARCO TEÓRICO EM PAULO FREIRE

Não é viável separar o processo de alfabetização dos processos educativos gerais. Não é viável separar a alfabetização do processo produtivo da sociedade (FREIRE; MACEDO, 2011).

Essa urgência extraída das palavras dos autores da epígrafe dá-se, sobretudo, devido ao fato de que “a cada momento em que, de um modo ou de outro, a questão da língua passa para o primeiro plano, isso significa que uma série de outros problemas está prestes a surgir” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 25). Significa então que eles nos alertam para a realidade de que todo contexto que envolve a problematização dos processos de alfabetização na realidade brasileira, deve estar associado à ideia de que os descompassos educacionais existentes entre a população do mesmo país sempre estiveram diretamente ligados às oportunidades sociais, econômicas e culturais de cada público.

No intuito de tornar mais explícito as contribuições de Paulo Freire para a temática da alfabetização de adultos aqui adotada o capítulo foi iniciado com uma breve apresentação de sua trajetória.

Paulo Freire, que atualmente é considerado o Patrono da Educação Brasileira, conforme estabelecido na Lei 12.612 assinada pela Presidente Dilma Rousseff e pelo Ministro da Educação Aloísio Mercadante, em 13 de abril de 2012, chegou a ser reconhecido internacionalmente, sendo eleito o terceiro autor mais citado mundialmente por meio de uma pesquisa realizada por Elliott Green¹⁶, com base na ferramenta de pesquisa Google Scholar. Freire aparece citado 72.359 vezes, perdendo apenas para o filósofo Thomas Kuhn (81.311) e para o sociólogo Everett Rogers (72.780).

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, no estado de Pernambuco. Filho de uma família de classe média, ele cursou Direito,

¹⁶ MONTESANTI, B. Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo.

Nexo Jornal, 04 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/04/Paulo-Freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020.

mas não seguiu essa carreira, caminhando-se para a educação como professor de português numa escola secundária.

Começou a estudar filosofia e psicologia da linguagem e trabalhou no Serviço Social da Indústria (SESI). Foi um educador demasiadamente preocupado com a educação popular, sendo suas convicções pedagógicas advindas a partir da observação da cultura dos estudantes e, em particular, do uso da linguagem e do papel elitista da escola.

No entanto, sua carreira foi interrompida em 31 de março de 1964 com o golpe militar, que o surpreendeu em Brasília onde coordenava o Plano Nacional de Alfabetização do presidente João Goulart. Como tantos outros intelectuais, Paulo Freire foi vítima da repressão militar e permaneceu preso durante 72 dias acusado de subversão. (NASCIMENTO, 2013).

Em seguida, partiu para o exílio no Chile em que trabalhou por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (INCRA), onde escreveu *Pedagogia do Oprimido* em 1968. Lecionou na Universidade de Harvard nos Estados Unidos nos anos de 1969 e 1970 e foi consultor do Conselho Mundial das Igrejas (CMI) em Genebra, Suíça. (NASCIMENTO, 2013).

Nesse período, deu consultoria educacional a governos de países pobres, sendo maior parte deles do continente africano. Em 1980, voltou do exílio e retornou ao Brasil onde escreveu dois livros de suma relevância: *Pedagogia da Esperança* (1992) e *À Sombra Desta Mangueira* (1995). Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e PUC de São Paulo. Além disso, tornou-se secretário de educação na prefeitura do município de São Paulo na gestão de Luiza Erundina (NASCIMENTO, 2013).

Recebeu ainda diversos prêmios, dentre os quais é interessante destacar: Educação para a Paz das Nações Unidas (1986) e Educador dos Continentes da Organização dos Estados Americanos (1992). Freire ganhou por fim, como consagração de todo o seu legado em prol da educação emancipatória, transformadora e democrática, cerca de 29 títulos de Doutor *Honoris Causa* de universidades da América e da Europa (NASCIMENTO, 2013).

2.1 Alfabetização na perspectiva Dialógica em Paulo Freire

Paulo Freire, ao longo de sua vida, debruçou um olhar sobre a alfabetização principalmente em prol das pessoas marginalizadas, oprimidas e que não puderam

frequentar a escola. O fato de que muitas pessoas ainda não sabem ler e escrever, cujo fenômeno é resultado dos estudos do autor que impactam até hoje as práticas em sala de aula, é um problema que afeta o Brasil desde sua povoação conforme já anunciado anteriormente.

Dessa forma, o autor propôs que as propostas educativas fossem desenvolvidas para que houvesse uma valorização das pessoas envolvidas levando em consideração que todas elas têm um conhecimento de mundo em que são capazes de criar e recriar a partir de sua cultura, pois a aprendizagem ocorre todos os dias enquanto estamos vivos. Freire, (1979) comenta que:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador (FREIRE, 1979, p. 72).

É válido destacar que Freire é considerado o precursor da educação de pessoas jovens e adultas em relação ao conhecimento, uma vez que foi ele que estudou e aplicou ações efetivas, com base em reflexões, teorias e práticas de ação alfabetizadora.

Sua concepção é de que a educação é um instrumento dos seres humanos sobre o mundo, no sentido de que toda essa ação produz uma mudança transformadora e planejadamente intencionada. Portanto, para o autor, educar é um ato político (NASCIMENTO, 2013).

A educação precisa ajudar os seres humanos a perceberem que a realidade é “algo que está sendo” e, dessa forma, os seres humanos fazem parte da história que pode ser modificada pela própria ação do sujeito. O processo educativo precisa ser elaborado por meio de vivências dialógicas com os sujeitos embasadas no respeito individual e coletivo que faz parte da humanização.

De acordo com as palavras de Freire (2011, p. 89), “[...] somente na comunicação tem sentido à vida humana”. Neste sentido, o educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade e, portanto, na intercomunicação (FREIRE, 2011 p.89).

Nessa perspectiva, o conceito de *Educação* em Freire tem uma “[...] situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza” (FREIRE, 1974 p. 98).

Assim, o pensador esclarece que as educadoras e educadores em relação às educandas e educandos devem estar em nível de igualdade, superando o formato da educação tradicional em que o sujeito estudante era visto como inferior em relação às educadoras e educadores¹⁷.

Para ele, ninguém pode atuar sobre o outro, pois somos seres inacabados, e em processos educativos diferentes, por isso a relevância do ato de buscar *SER MAIS*, ou seja, buscar aprender sempre esteve presente na ideologia do autor (FREIRE, 1976).

Desta forma, o autor chega ainda a pontuar que o processo de conscientização do sujeito por meio do conhecimento precisa não somente estar relacionado à realidade, mas também vinculado a sua transformação. Em outras palavras, a educação para Paulo Freire (1976) é um processo humano que não está desvinculado dos condicionamentos políticos:

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental para sua preservação (FREIRE, 1976 p. 146).

Dessa maneira, este teórico foi estabelecendo uma prática educativa na contramão de tudo que estava definido no campo educacional até então, pois visava uma educação recheada de valorização humana, de respeito ao outro independente de sua classe social, pensava uma educação de qualidade para todas as pessoas ao mesmo tempo em que propunha que as educandas e educandos tivessem lugar de fala nas salas de aula e em outros espaços.

Além de acreditar que, ao potencializar as ações educativas dos sujeitos oprimidos, fortalecia lhes para que pudessem ter autonomia e criticidade para transformar o contexto social da própria comunidade.

Para Freire (1998): “vida, pensamento e obra se juntam, formando um só tecido” (ibid., p.16). Nessa perspectiva, é válido destacar que ele usou fatos do cotidiano para construir seu pensamento, deixando explícito em seus estudos a relevância da

¹⁷ Importante lembrar que nesse cenário, houve também atuação respeitável e relevante de Elza Freire. “Elza tem papel fundamental enquanto ator social, inicialmente num contexto nacional e, em seguida Freireano no processo de formulação, desenvolvimento e implementação de questões educacionais” (Spigolon, 2009).

coerência das nossas ações enquanto educadora, educador ou sujeito dessa sociedade na relação daquilo que dizemos com aquilo que fazemos. Em outras palavras, temos que viver o que falamos, defendemos e ensinamos. Sendo assim, defendia o diálogo ressaltando a necessidade de *falar com* e não *para* os estudantes.

Em 1960, por meio do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco (MCP), Paulo Freire teve sua primeira experiência na educação de adultos, “que via como um processo mais amplo, chamado de conscientização” (FREIRE, 1998, p. 29). Contudo, a alfabetização de adultos com vista à conscientização da população não agradou a classe dominante. E, assim, denominaram Freire como um comunista, que declarou:

A fundamentação básica para que eu fosse chamado comunista eu dava. Eu pregava uma pedagogia desveladora das injustiças; desocultadora da mentira ideológica. Dizia que o trabalhador, enquanto educando, tinha o dever de brigar pelo direito de participar da escolha dos conteúdos ensinados a ele (FREIRE, 1998, p. 29).

Nessa perspectiva, após 16 anos de exílio, Freire e a família retornaram ao Brasil em 1979. Ao lado de Elza, sua esposa, criaram o “Instituto de ação cultural (IDAC) e VEREDA (centro de formação em educação). Essas instituições tinham objetivo de “assessorar práticas educativas relacionadas à educação popular” (FREIRE, 1998, p. 43).

Dessa maneira, enfatizamos que o método Paulo Freire de Alfabetização tem com fundamento a cultura popular que prega, então, que conscientizar é politizar, uma vez que a cultura popular e a política popular estão interligadas. A alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra. Assim, aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra, isto é, a palavra e a ação estão articuladas, não podem estar separadas nesse processo de educar.

Trata -se de uma educação de caráter político, ético, científico, que consiste na problematização, pelos homens e pelas mulheres, em todas as suas idades, das suas relações com o mundo, considerando, sobretudo, sua historicidade e sua inconclusão a partir de seu “saber de experiência feito”. Esse saber é a base efetiva da leitura de mundo de cada sujeito, representando o ponto de partida na relação educador (a)-educando (a)” (BRAGA, MELLO e BACHEGA, 2021, pg.04).

Nessa perspectiva, as etapas do método de alfabetização de Paulo Freire (2000)

que compunham desde a etapa de investigação, passando pela tematização para chegar na problematização tinham por fundamento superar uma visão acrítica do mundo por uma postura consciente, permitindo aos sujeitos ter uma participação efetiva na vida social. Sobre a conscientização ele diz:

A conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo feito, ver-se-ão submersos numa nova realidade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil (FREIRE, 2008, p. 31).

A conscientização requer um olhar crítico sobre o mundo abrindo possibilidades de discussões acerca da realidade e envolvendo diversas temáticas, entre elas as que se relacionam com as questões sociais, políticas e econômicas. Tal direcionamento deve ser pautado via *educação libertadora*.

Na perspectiva de Freire (1987), a *educação libertadora* busca promover o diálogo sobre a realidade à luz da transformação dos contextos nos quais os sujeitos vivem marginalizados e em situação de opressão. A *educação libertadora* proporciona ainda a emancipação humana, busca relações dialógicas entre as pessoas para que tenham um novo olhar acerca da realidade concreta através do conhecimento mais profundo dessa realidade.

Sendo assim, a *educação libertadora* busca a formação de sujeitos críticos e politizados que ao perceberem-se na realidade concreta possam ter conhecimento suficiente para modificá-la. Deste modo, Freire (1987, p. 8) pontua, “aprender a ler, a alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Nesse sentido, a alfabetização precisa estar ligada diretamente à realidade e deve ser elaborada junto com as educandas e educandos, valorizando seus saberes:

“(…) O ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão de forma de estar sendo dos seres humanos como seres sociais, históricos, ser fazedor, transformador, que não apenas sabem, mas sabem que sabem” (FREIRE, 2009, p.60).

Paulo Freire (ibid.), em suas obras, revela que os seres humanos se fazem e refazem o tempo todo. Dessa forma, todas as pessoas possuem conhecimento, pois seus saberes experienciais são o ponto inicial do processo educativo.

Nessa perspectiva, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, ou seja, cada pessoa tem seus saberes e compreensões de mundo que precisam ser potencializadas no ato inicial do ensino da leitura e da escrita. Conforme Freire e Macedo (2011, p. 15) nos explicam, “O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo com que os seres humanos fazem antes de ler a palavra”.

O que os autores querem dizer com isso é que a alfabetização precisa ir além do debate em torno da técnica das habilidades de leitura e escrita, tornando-se instrumento efetivo de espaço de luta e busca pela transformação de uma sociedade mais humana. Nesse ponto, destacam ainda a linguagem como um campo repleto de possibilidades.

Para Bakhtin (2009), a linguagem está sempre em movimento e, deste modo, as vozes estão sempre situadas em um determinado contexto e num determinado tempo. Pensar, então, e estruturar as ações pedagógicas na alfabetização de pessoas jovens e adultas de maneira que possibilite momentos reflexivos e dialógicos é relevante na completude do conhecimento e da aprendizagem dos sujeitos. Partindo-se dessa perspectiva, a leitura dialógica apresenta-se como uma possibilidade que avança na compreensão da alfabetização emancipatória defendida nesse texto.

Os sujeitos, ao entrarem em contato com diversas interpretações, as quais são inicialmente realizadas de forma individual entre autor e leitor para, em seguida, acontecer de forma coletiva, têm a oportunidade de refletirem criticamente sobre o lido, o contexto e sobre si mesmos, ampliando as possibilidades de ação enquanto leitores e pessoas no mundo. (VALLS, SOLER e FLECHA, 2008).

À medida que os seres humanos fazem uso dessa linguagem, vão exteriorizando seu pensamento e, a partir disso, criam sentido. A educação de pessoas jovens e adultas precisa fazer sentido para quem faz parte dela e para aqueles que são constantemente excluídos mesmo dentro do espaço escolar. Conforme Freire (2013 p. 81) explicita, este fenômeno social é “ um dos problemas cruciais da educação brasileira - a erroneamente chamada *evasão escolar*, pois que é, no fundo, *expulsão escolar* [...]”. Os alarmantes índices de reprovação nas classes de alfabetização estão relacionados, portanto, com o despreparo científico dos educadores e educadoras, e com a ideologia elitista que discrimina meninas e meninos populares.

A responsabilidade, portanto, da educação é de alta relevância, pois cabe a ela proporcionar de forma clara o conhecimento da própria realidade no que diz respeito

às questões materiais e humanas. Nessa perspectiva, o conceito de diálogo em Freire (1975) abarca uma proposta de educação humanista e, ao mesmo tempo, crítica e libertadora. No livro *Pedagogia do Oprimido*, em seu terceiro capítulo, pode-se observar a concepção do diálogo em processo dialético e problematizador. O diálogo nas palavras de Freire tem força, pois “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação e na reflexão” (FREIRE, 1975 p. 92).

Nesse sentido, o diálogo representa a forma como as pessoas vão se colocando no mundo, visa o respeito e a valorização do conhecimento do estudante no espaço educativo e, a partir daí, superar o conhecimento prévio para ir além daquilo os estudantes já sabem, certamente mantendo sempre a coerência. O diálogo é um direito de todos e não pode ser negado, tendo em vista que é uma via de comunicação que busca entender, conhecer e ouvir o outro. O diálogo se faz necessário no processo educativo porque é um elemento importante para a relação de amorosidade com outro. Assim, comenta Freire (1975) que:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1975 p. 92).

O diálogo possibilita, portanto, a transformação no âmbito da educação de um país. No caso específico do Brasil, foi se constituindo historicamente por relações de poder e opressão gerando pessoas marginalizadas, sem seus direitos básicos garantidos, a falta de ouvir e dialogar com as camadas populares possibilitou o prevailecimento somente do que era interessante para uma camada privilegiada da sociedade.

Consequentemente, as desigualdades sociais foram se tornando cada vez mais profundas e a maioria das pessoas que vivia em situação de pobreza sofreram (e ainda sofrem) as consequências disso até o momento atual, principalmente, pela falta de recursos para a saúde, educação, moradia e acesso à escolarização. Sobre esses aspectos comenta Freire que “O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa” (FREIRE, 1967, p. 66-67).

Nesse sentido, é importante destacar que o diálogo deve ocorrer até mesmo no processo da busca pelo desenvolvimento do conteúdo programático, não somente na relação entre educadoras-educadores, mas também entre educandas e educandos

(FREIRE, 2011, p.115).

O diálogo precisa ser percebido como um encontro para a transformação da própria dinâmica social da realidade em que acontecem mudanças constantes, sendo que os próprios seres humanos transformam essa realidade por meio das ações sobre ela.

Desse modo, é válido dizer que quanto mais a educação for problematizadora em relação às questões sociais, mais contribuirá para que as educandas e educandos expressem sua autonomia e sua liberdade de forma crítica. Diante disso, destaca-se a relevância das palavras geradoras¹⁸, ou seja, das palavras conhecidas pelos sujeitos na interação dialógica entre educadoras(res) e educandas(dos), feita a partir da investigação temática, ou seja, de registros das vivências em diário de campo, coleta e arquivo de dados relevantes, como fotos, mapas etc. A partir deste levantamento, o(a) educador(a) seleciona a palavra que contém potencial fonético, ou seja, que melhor conduzam gradativamente à compreensão técnica dos processos de leitura e escrita, bem como potencial social, àquelas que apresentam relevância para a reflexão dos processos sociais a partir do campo semântico.

Geralmente, estas palavras geradoras são constituídas num grupo de 16 a 23 palavras. De acordo com Brandão (2013, pg. 32), elas perpassam os seguintes critérios: riqueza fonética; dificuldades fonéticas que podem gerar e densidade pragmática do sentido.

E, são discutidas, por meio dos círculos de cultura, em que educadores/as e educandos/as se colocam para dialogar e aprender em torno de um objeto cognoscível, ou seja, trata-se da construção de um saber solidário e respeitoso em que cada um aprende e ensina. Após a vivência nestes círculos, aplicam as atividades próprias do método de silabação, ou seja, exercícios de compreensão das famílias silábicas presentes nas palavras estudadas e outras atividades correlacionadas .

O conjunto das palavras geradoras contém diferentes possibilidades silábicas que permitem a leitura e a escrita (FREIRE, 1984). Por isso, ele coloca o diálogo como um meio importante pelo qual se estabelece a conscientização das pessoas e, quando este movimento é dialógico, favorece positivamente as interações e as práticas pedagógicas.

Assim sendo, a conscientização estabelece-se em função de sua realização de

¹⁸ Palavras geradoras resultam do método de Paulo Freire que propõe a identificação e catalogação de palavras-chave do vocabulário dos alunos.

maneira horizontal. Partindo-se de uma linguagem comum, o pensar corresponde à realidade concreta, fundamenta-se no amor e respeito pelo outro e não na relação de dominação. Compreende-se, de igual modo, que cada pessoa sabe algo e não importa a classe econômica a que pertence; portanto, a relação exige a existência da humildade.

Nesse sentido, a humanidade constrói o mundo e o ato pedagógico educativo implica na esperança e na fé por um futuro melhor para a sociedade. Além disso, o ato reflexivo e a ação se compõem pelo próprio sujeito possibilitando o pensar verdadeiro e emancipatório (FREIRE, 2011).

Caminhando nesta lógica de pensamento, é possível afirmar que a escola que adota a proposta pedagógica e alfabetizadora de Paulo Freire (1999) deve ser concebida sob a configuração de um grande paradoxo teórico-prático que ainda representa um desafio constante aos seus profissionais na atualidade.

Esta visão está abarcada pela abordagem que Freire (1999) já havia construído a respeito sobre a teoria da conscientização de valores e de direitos que, em seus constructos sobre alfabetização, engloba o chamado conceito de leitura de mundo que precede, inclusive, a leitura da palavra, relacionando-se também à libertação de fatores que coíbem o homem e limitam a sua qualidade de vida, sendo isto também papel da educação pelo processo de escolarização demarcado por práticas sociais alfabetizadoras. Neste sentido, a teoria freireana defende, portanto, que os educandos possam atribuir valor e sentido às potencialidades da leitura, da escrita e da oralidade como forma de interpretar e agir no mundo que os cerceiam.

A concepção da alfabetização dialógica de Freire (1999) tem como pressupostos, o estabelecimento de uma relação dialética da educação com a cultura e a criticidade do sujeito educando por meio de situações desafiadoras, daí a importância em formar os professores para que os alunos da EJA possam relacionar o processo alfabetizador ao saber de experiência feito dos/as educandos/as, bem como ao entendimento da escrita que faz sentido à realidade de quem aprende a ler e a escrever tardiamente.

Tais preceitos da educação emancipatória são garantidos segundo o autor, justamente, pelo vínculo entre a ação docente e o processo formativo que nela se dá, tendo em vista o trabalho baseado em evidências científicas.

Outra releitura que interpreta o processo alfabetizador freireano como uma visão de mundo crítica e reflexiva por parte daquele que passa a fazer uso social da língua

escrita diz respeito à visão do autor Ernani Fiori (1974) que aduziu que:

Talvez este seja o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isso a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade” (FIORI, 1974, p. 5).

Este pensamento deriva, pois, da filosofia freireana mais geral segundo a qual o homem não deve estar no mundo apenas para se adaptar a ele, mas para transformá-lo. Não sendo possível mudá-lo sem um sonho ou sem um projeto de mundo, o homem deve então usar toda a possibilidade que tenha para não somente afirmar sua utopia, mas sobretudo participar de práticas que com ela sejam coerentes. Tendo em vista este raciocínio, adotar o legado do autor é essencial para os propósitos da EJA no combate ao analfabetismo, visto que historicamente se trata de uma modalidade sofre resistências e preconceitos, estando atrelada ao modelo econômico e político vigente em cada época por acompanhar o desenvolvimento da educação no país.

A alfabetização de adultos liderada por Paulo Freire tem como pressupostos, portanto, “o estabelecimento de uma relação dialética da educação com a cultura, a busca de um método capaz de criticar o homem através do debate de situações desafiadoras postas diante de um grupo que devem ser existenciais para o coletivo” (FREIRE, 1983, p. 113). Nesse contexto, desenvolve-se o movimento de construção de uma nova concepção de educação, com foco em método dialogal, participante, crítico e criticador, na percepção de sujeito ativo, tendo a cultura como resultado de seu trabalho (BRANDÃO; FAGUNDES, 2016).

Segundo Soares (2007, p. 119), Paulo Freire criou ainda uma “concepção de alfabetização como prática de liberdade e uma educação como conscientização”, ou seja, o autor trabalhou, ao longo de sua atuação profissional, o processo alfabetizador como meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo enquanto lugar do homem e de transformação.

Desta forma, no contexto da educação de adultos, Paulo Freire (1987b) a alfabetização como sendo literalmente um:

Ato político e ato de conhecimento, comprometido com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da reconstrução nacional

em marcha; de outro, práticas impulsionadoras da reconstrução (FREIRE, 1987b, s/p).

São por esses princípios educacionais libertários e emancipatórios que a teoria do autor sempre combateu uma noção bancária de educação que serve para domesticar e alienar e que se contrapõe com o conceito do autor de que “educação não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua reconstrução” (FREIRE, 2011, p. 24).

Conforme pudemos perceber nesse capítulo, Paulo Freire foi um teórico que ao longo de sua existência propôs práticas e atuações pedagógicas que efetivamente pudessem transformar os contextos sociais, tornando-os mais justos e igualitários.

Diante disso, é de fundamental relevância conhecer e aplicar as propostas defendidas em suas obras. Por meio de atuações dialógicas e potencializadoras em espaços educativos, é possível que a educação seja humanista e capaz de formar sujeitos críticos que transformem por meio da ação social os contextos em que vivem. Para tanto, esta mudança requer também um comprometimento científico e ético por parte dos profissionais da área:

Além disso, a falta de compromisso científico dos formadores e formadoras do professorado pode ter outra consequência negativa importante: a transmissão ao professorado de uma atitude que legitima o funcionamento supersticioso na educação. Pelo contrário, uma atitude responsável e comprometida com a verdade, a dos verdadeiros intelectuais, transmite ao professorado a necessidade de um funcionamento científico e crítico na educação (AUBERT et al., 2006, p. 26).

Dialogando com a prática de alfabetização dialógica de Paulo Freire, Soares (2010) elabora os processos de alfabetização e letramento não como um método perfeito que, uma vez aplicado em contextos diversos, espontaneamente gerará resultados, mas, ao contrário, concebe o letramento como prática intermitente da vida dos sujeitos, que começa desde os primeiros anos de vida e, quando articulado com os conhecimentos de mundo de educandos e educandas, educadores e demais sujeitos sociais, concretiza-se na prática da interpretação e da produção de texto, seja ele escrito ou oral.

Alfabetização e letramento são temas revisitados por Magda Soares (2010), no intuito de reler artigos produzidos entre os anos de 1985 a 1998, e atualizar as compreensões contemporâneas de ambos os conceitos.

A autora distingue alfabetização e letramento ao escrever que:

[...] no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2003, p. 14).

O legado de Paulo Freire, que busca a conscientização sobre o direito que cada cidadão carrega - de aprender a ler e escrever - (quando se está inserido em uma cultura letrada), mas, sobretudo, da valorização de sua produção oral e de mundo, ainda que esse sujeito não seja alfabetizado, ou esteja em processo da alfabetização, dialoga diretamente com o de Soares (2010), que, nas páginas finais da obra “Alfabetização e Letramento” defende uma concepção de alfabetização e letramento que transforma o objetivo com que se alfabetiza:

Alfabetização não apenas para aprender as técnicas do ler e escrever, mas alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica, com promoção da ingenuidade em criticidade (SOARES, 2010, p. 120).

Ainda nas palavras da autora:

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “compreensão/expressão de significados do código escrito” (SOARES, 2013, p. 16).

No intuito de distinguir os conceitos de alfabetização e letramento, temas que ainda na contemporaneidade geram confusões e debates entre os profissionais da educação, Soares (ibid.) interpreta o significado demasiado abrangente da alfabetização como um entrave a sua compreensão.

Para a autora, é preciso diferenciar o processo de aquisição da língua (oral e escrita) do processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita), sendo este último o que conhecemos atualmente como letramento, ou seja, quanto mais o sujeito articula seus conhecimentos de mundo com a palavra, mais letrados se tornam, sendo que esse processo “*nunca é interrompido*” (SOARES, 2013, p.15).

A partir da exposição feita até aqui em relação às concepções de alfabetização vigentes na literatura, na academia e nas práticas de ensino, reforçamos nosso desejo de que cada vez mais docentes se animem no comprometimento de exercerem uma posição crítica e reflexiva frente aos avanços que a leitura dialógica traz para os sujeitos.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE PESQUISA

Na escolha metodológica, procuramos manter a coerência com os referenciais escolhidos, portanto, neste capítulo, esclarecemos que o estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, conforme a concepção de Salvador (1978). Nessa perspectiva, o autor revela etapas relevantes para uma coleta de materiais bibliográficos, que são: *escolha de um assunto, formulação de problemas e a elaboração de um plano*. De acordo com esta abordagem, a pesquisa bibliográfica é relevante porque dá fundamentação para ter maior compreensão do objeto de estudo, pois não envolve somente uma análise de dados, mas também os critérios estabelecidos para a seleção e leitura da temática explorada. Isto possibilita, por sua vez, a compreensão e a análise crítica do material pesquisado durante o levantamento bibliográfico.

Concernente a este pensamento, o autor esclarece que as pesquisas bibliográficas são “um estudo recapitulativo de revisão da literatura existente em bibliotecas [...] nos cursos de pós-graduação (e) devem trazer contribuições originais, ao menos em termos de uma nova sistematização” (SALVADOR, 1978, p. 11). Fazer essas leituras é muito importante para obedecer a uma sequência ordenada de procedimentos que, além de auxiliarem a manter a perspectiva global do trabalho, são exigidos pela organização racional e eficiente do estudo (SALVADOR, 1978).

O autor destaca ainda que é importante seguir as etapas que constituem o processo contínuo de um estudo científico: *encaminhamento de um projeto de pesquisa, investigações das soluções, análise das soluções e síntese integradora* (SALVADOR, 1978, p.23).

Este encaminhamento metodológico sequenciado que o autor prescreve revela, assim, que esses passos formais sugeridos são uma “[...] sistematização do que, em essência, vem sendo praticado por pesquisadores experimentados [...] tais passos são indicados pela própria teoria de aprendizagem com base nos procedimentos espontaneamente adotados na resolução de problemas” (SALVADOR, 1978, p. 15).

3.1 Análise qualitativa

Creswell(2007) enriquece o debate acerca dos estudos qualitativos, acrescentando que se trata de processos indutivos em que o pesquisador inicia angariando dados detalhados e depois distribui essas informações em categorias ou temas. A esse respeito, o autor ainda explica que: “Esses temas ou categorias são

desenvolvidos em padrões amplos, teorias ou generalizações, que são, então, comparados com experiências pessoais ou com a literatura existente sobre o assunto” (CRESWELL, 2007, p. 142).

A sequenciação destes procedimentos devem seguir, no caso da pesquisa bibliográfica, a ordem: pesquisador reúne informações – pesquisador analisa os dados para formar temas e categorias – pesquisador procura padrões amplos, generalizações ou teorias a partir de temas e categorias – pesquisador chega a generalizações ou teorias comparadas com experiências passadas e literatura (CRESWELL, 2007).

Ao depurar estes direcionamentos, já na primeira etapa, é destacada a importância de definir os critérios para seleção das fontes de dados. Deste modo, logo na etapa inicial desta presente investigação, foram elencados três critérios, sendo eles:

- a. caracterizar a produção acadêmica em bases nacionais de maior acesso (representadas aqui por BDTD, CAPES,);
- b. acessar e comparar as bases de dados, como por exemplo, a BDTD e CAPES, pois percebemos que os trabalhos se apresentavam, em grande parte, de forma repetida nas duas bases;
- c. buscar estas produções nas três últimas décadas, partindo, como referência, dos trabalhos que já sistematizaram as contribuições da temática até o ano de 2019.

A estratégia de busca foi adotada de acordo com a especificidade de cada base de dados. Os descritores usados foram “*MOVA*” e “*MOVA e Alfabetização de jovens e adultos*” .

Na fase de investigação das soluções, os trabalhos foram selecionados a partir do refinamento da leitura dos títulos, palavras-chave e resumos dos trabalhos capturados, selecionando-se os trabalhos com as palavras-chaves e sendo excluídos aqueles trabalhos que não tinham relação direta com a temática ou que tratavam de outros programas de alfabetização.

Após isso, separamos todos os artigos selecionados para então fazer a leitura na íntegra e conferir se seriam usados ou não para análise profunda.

Depois, com base nos resultados filtrados para análise, organizamos em códigos de pesquisa para proceder com a análise qualitativa e baseada na metodologia comunicativa.

Foi então, que nas etapas de *análise explicativa das soluções* e de *síntese integradora* da busca dos elementos transformadores que sustentam o programa MOVA, pautamos nosso estudo na metodologia comunicativa que se fez necessária e cuja natureza epistemológica é propícia diante de tanta diversidade e resistência às mudanças de várias gestões governamentais.

Dessa forma, o que buscamos com o presente trabalho não é apenas descrever e explicar a realidade, mas compreendê-la e interpretá-la tanto com o objetivo de estudá-la, como para transformá-la (GÓMEZ *et al.*, 2006). Tais elementos serão organizados em tabelas a partir das categorias analíticas decorrentes dos dados. Explicados os caminhos seguidos na investigação, passamos para a fundamentação da metodologia comunicativa.

3.2 Análise com base na metodologia comunicativa

O que se busca com o presente trabalho não é apenas descrever e explicar a realidade, mas compreendê-la e interpretá-la tanto com o objetivo de estudá-la, como para transformá-la (GÓMEZ *et al.*, 2006).

A Metodologia Comunicativa é um conceito que se originou em 1990 por um grupo de pessoas que faziam parte do Centro de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) da Universidade de Barcelona, na Espanha.

Pautadas nas contribuições de da ação comunicativa de Habermas (2012) e no conceito de dialogicidade de Freire (2005). (GÓMEZ *et al.* 2006), ela ganha força no Brasil a partir de 2002, por meio do desenvolvimento de pesquisas promovidas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos/SP - Brasil

Nesta metodologia, é possível conhecer a realidade social de forma objetiva e tratá-la de maneira subjetiva e com cientificidade a partir do princípio da validade e poder da argumentação que é estabelecido no diálogo. Para maior compreensão da metodologia comunicativa é preciso levar em conta três dimensões: (a) Ontológica; (b) Epistemológica e (c) Metodológica.

De modo geral, essas dimensões se centram no conhecimento da realidade social e naquilo que é necessário fazer para transformá-la. Nesse sentido, a dimensão ontológica se caracteriza por elementos intersubjetivos que advêm das interações dialógicas.

Já, a dimensão epistemológica está relacionada à maneira como ocorre o processo investigativo que envolve a interpretação conjunta de uma realidade social com base em atitudes dialógicas de igualdade e de respeito mútuo.

E a dimensão metodológica destaca que os procedimentos têm um caráter investigativo e educativo à medida que se preocupa com a transformação da realidade social, não somente elencando os problemas, mas procura propor e ou indicar ações para superação de qualquer barreira repressora. (GÓMEZ, *et. al.* 2006 p.17)

De acordo com Gómez *et. al.* (2006), a metodologia comunicativa é assim denominada porque possibilita a superação da dicotomia referente ao objeto ou sujeito mediante a categoria da intersubjetividade e crítica, que inicia com a capacidade de reflexão e autorreflexão das pessoas e da sociedade. (tradução nossa)

Essa metodologia dá ênfase especial às interações que ocorrem na vida social, ao mesmo tempo em que enfoca as dimensões sociais que provocam a exclusão e as conduzem à inclusão, uma vez que tem como objetivo central a transformação da realidade social. (GOMEZ, *et.al*, 2006. p. 13).

Uma transformação entendida como forma de superação das teorias que imobilizam os sujeitos em seus contextos, ou seja, do fatalismo na sociedade. Nesse sentido, Flecha (1997, p. 41) defende que “As novas teorias da sociedade são concepções duais: sistema e mundo da vida (Habermas) ou estrutura e agência (Giddens)”.

De acordo com Habermas (1989), o conceito de agir comunicativo está relacionado com Mundo do Sistema e Mundo da Vida, sendo o Sistema relacionado à política, economia e a estrutura e o Mundo da vida definido pelo social, cultural e pelas interações cotidianas. (HABERMAS, 1989).

Assim, o Mundo do Sistema apontado por Habermas (*ibid.*) está relacionado com o fator externo, ou seja, dominado pelo Estado, pelas imposições de poder e pelo capitalismo, cujo propósito é o lucro cada vez maior e a acumulação de riquezas. Já no Mundo da Vida é possível vivenciar relações mais humanizadas permeadas por experiências e relações verdadeiras que envolvem componentes estruturais, a cultura, a personalidade e a sociedade.

Por meio da comunicação, é possível chegar a consensos coletivos e superar formas de dominação na busca pela valorização da igualdade da solidariedade presentes no mundo da vida. (HABERMAS, 1989). Trata-se, portanto, na metodologia

comunicativa de priorizar o diálogo intersubjetivo de modo a incorporar todas as vozes dos/as participantes na análise dos dados.

Vale esclarecer que em uma sociedade as pessoas circulam o tempo todo por esses dois mundos, sendo que ora estão no mundo do sistema, que é caracterizado pela racionalidade instrumental e, nesse sentido, há necessidade de uma preocupação muito maior, pois no mundo do sistema é necessário rever o tempo todo a questão ética, pois se trata de um campo de luta.

E ora estão no mundo da vida, que apesar de ser um local que é possível perceber a pureza e a integridade da humanidade, é, sobretudo, um campo em que as pessoas podem se sentir confortáveis, no entanto, não estão livres das influências do mundo do sistema. (HABERMAS, 1989)

Para aprofundar um pouco mais a metodologia comunicativa, seguem seus sete princípios (GÓMEZ *et al.*, 2006 p.41):

- 1) **Universalidade da linguagem e da ação:** todas as pessoas são capazes de linguagem e ação, com isso as pessoas podem se comunicarem e interagirem;
- 2) **Pessoas vistas como agentes sociais transformadores:** todas as pessoas têm capacidade de refletir e participar de processos dialógicos, o que permite a atuação na sociedade em busca de transformações;
- 3) **Racionalidade comunicativa:** tendo em vista que todas as pessoas são capazes de linguagem e ação, assume-se que a racionalidade comunicativa é a base universal de tais competências e do diálogo igualitário;
- 4) **Sentido comum:** vislumbrando que a experiência de vida se dá no próprio contexto cultural;
- 5) **Falta de hierarquia interpretativa:** entendendo que todas as pessoas são capazes de interpretação do mundo social, a participação dos (as) investigados (as) de pesquisas científicas na interpretação são tão conscientes quanto as do (a) investigador (a);
- 6) **Igual nível epistemológico:** pesquisado (a) e participante, no mesmo plano de igualdade, compartilhando dialogicamente as vivências e saberes com as teorias e investigações científicas;
- 7) **Conhecimento dialógico:** integrando a dualidade objeto/sujeito por meio da intersubjetividade e da capacidade de reflexão e autorreflexão.

A presente metodologia entende que a base do conhecimento está na interação

entre pessoas e grupos, na comunicação que se estabelece entre elas, a partir de pretensões de validade e não de poder. Gomez, *et.al.* 2006 sobre a metodologia comunicativa:

é uma metodologia que, ao analisar e interpretar a realidade, assume uma série de postulados que incluem, entre outros, as contribuições de Chomsky (1988) e Searle (2001/1998) para a análise das competências linguísticas; de Mead (1990/1934) ao interacionismo; e Habermas (1987/1999) e Beck (1998/1996) para a análise social e a criação do conhecimento dialógico. (GOMEZ, *et.al.*, 2006, p. 41, tradução nossa)

Na teoria da ação comunicativa explicitada por Habermas as pessoas têm a capacidade de linguagem e ação, assim todas podem agir de forma comunicativa e argumentar nas interações dialógicas, chegar a consensos, além de permitir ações emancipadoras.

Também possibilita verificar quais diálogos realmente são capazes de produzir práticas que possam ser consideradas transformadoras no contexto social e educativo considerando a diminuição das desigualdades nesses âmbitos. (Aubert *et.al.* 2016 p.83)

A ação comunicativa de Habermas (1989), é compreendida como um ambiente de interações, que possibilitam a convivência e o entendimento sem qualquer tipo de coação e vantagens pessoais. Assim, a ação comunicativa é baseada na justiça, veracidade, cooperação, diálogo, liberdade, dignidade humana, aspectos psicológicos e psicossociais entre outros elementos relacionados ao mundo da vida.

De acordo com Freire (2013, p.130): “No fundo, não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação se acha no centro mesmo do fenômeno vital.” Dessa forma, podemos considerar a relevância da comunicação para o autor na perspectiva da ação humanizadora, como vista para o diálogo reflexivo e ação no mundo.

Sendo assim, quem está no mundo vive em constante interação, então, podemos considerar que na concepção dialógica o processo de ensino e aprendizagem ocorre nessas interações e está relacionado com os contextos sociais, históricos culturais e que são essencialmente riquíssimos em relação ao conhecimento se levarmos em consideração a diversidade cultural existente no mundo.

Já no âmbito educacional, é primordial reconhecer magnitude da dialogicidade principalmente quando está na “busca do ser mais [...] não pode realizar-se no

isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (Freire,1993p.86).

É com base neste eixo central da metodologia comunicativa que pretendemos verificar os elementos transformadores e excludentes das pesquisas abordadas neste estudo de forma a contribuir com uma ação educativa comprometida com a melhoria dos resultados dos/as educandos/as.

Nesse sentido, utilizamos o nível básico de análise abordado na metodologia comunicativa, isto é, o estabelecimento de categorias/temas e as duas dimensões: transformadora e excludente.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS DE PESQUISA

Como previsto na metodologia, nossas buscas se deram com base em pesquisa feitas na plataforma BDTD e CAPES (período de pesquisa acontecido entre meados de 2019 a meados de 2021), ambas filtradas por palavras-chaves de interesse e cujos resultados foram selecionados por meio da leitura de todos os resumos encontrados como resultado possível, conferindo, assim, o enquadramento geral do tema apresentado com o objeto de pesquisa do nosso trabalho.

Sendo assim, selecionamos 78 trabalhos como pode ser observado no quadro a seguir, com detalhamento da correspondência de qual foi a base e qual foi o descritor utilizado.

Quadro 2 - Trabalhos encontrados nas bases de dados e selecionados a partir da leitura dos resumos.

Nº ordenado de artigos encontrados (base/descritor)	BASE	DESCRIPTOR	TITULOS
1	BDTD	MOVA	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES
2	BDTD	MOVA	EXPLORANDO NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA: OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO PÚBLICA E O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (MOVA-SP), 1989-1992
3	BDTD	MOVA	MULHERES DAS CLASSES POPULARES : HISTÓRIAS E SABERES
4	BDTD	MOVA	LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA : AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS
5	BDTD	MOVA	POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ABC PAULISTA: CONQUISTA DE DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA
6	BDTD	MOVA	ESTUDANTES EGRESSOS DO PROGRAMA MOVA/ALFA 100 DE CRUZEIRO DO SUL/ACRE: RELAÇÕES DE APRENDIZAGENS E DE INSERÇÃO SOCIAL.
7	BDTD	MOVA	AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO PERÍODO DE 1997 A 2004
8	BDTD	MOVA	CULTURA POLÍTICA PETISTA E PROGRAMA MOVA-SP (1989- 1992).
9	BDTD	MOVA	A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA.

10	BDTD	MOVA	TRAJETÓRIA SOCIAL, DE VIDA E ESCOLAR DE IDOSOS DO MOVA NO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES'
11	BDTD	MOVA	ABREM-SE AS CORTINAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM OSASCO
12	BDTD	MOVA	A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MOVA-SP NO CONTEXTO DE EDUCAÇÃO POPULAR.
13	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O ABC DE PAULO FREIRE - PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIRIANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS
14	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E SOCIEDADE CIVIL NA PROMOÇÃO DA PRÁXIS POPULAR: MOVA SÃO BERNARDO
15	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	ENTRE SABERES E PRÁTICAS :A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM
16	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA-BRASIL: A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
17	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES: A EXPERIÊNCIA DA CNA-NICARÁGUA (1980) E DO MOVA- SP (1989-1992).
18	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O USO DO COMPUTADOR, A ALFABETIZAÇÃO E A PÓS- ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM EDUCANDO/AS DO MOVA
19	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	É TUDO NO DEDÃO! "CONSTRANGIMENTOS VIVIDOS POR ADULTOS EM" PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
20	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	EXPLORANDO NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA : OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO PÚBLICA E O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (MOVA-SP), 1989-1992
21	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	MULHERES DAS CLASSES POPULARES : HISTÓRIAS E SABERES
22	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA : AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS

23	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ABC PAULISTA: CONQUISTA DE DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA
24	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O PT NA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (1989-1992): DA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO À FORMULAÇÃO DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL
25	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA-REGIONAL NO ABCD PAULISTA - DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL
26	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	TECENDO A REDE MOVA-BRASIL: SUA HISTÓRIA, SEUS SUJEITOS E SUAS AÇÕES
27	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: UM DIREITO HUMANO A SER GARANTIDO - AS DIRETRIZES DA UNESCO.
28	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE DA POLÍTICA E DA PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO
29	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	ORIENTAÇÕES DA PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NO MOVA-SP.
30	CAPES	MOVA	O ABC DE PAULO FREIRE PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIRIANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS
31	CAPES	MOVA	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES
32	CAPES	MOVA	ENTRE SABERES E PRÁTICAS: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM.
33	CAPES	MOVA	É TUDO NO DEDÃO! CONSTRANGIMENTOS VIVIDOS POR ADULTOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.
34	CAPES	MOVA	LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA : AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS
35	CAPES	MOVA	ANÁLISE DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO MOVA/AVIB: A VOZ DE EDUCADORES POPULARES
36	CAPES	MOVA	MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTA
37	CAPES	MOVA	PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O QUE DIZEM OS EGRESSOS DO MOVA BELÉM?
38	CAPES	MOVA	MOVA-PUCRS: ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CRÍTICO-POLÍTICA

39	CAPES	MOVA	TUDO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP, 1989-1992
40	CAPES	MOVA	SEM MEDO DE SER FALANTE: CONQUISTAS DA ORALIDADE POR EDUCANDAS IDOSAS NO MOVA-GUARULHOS
41	CAPES	MOVA	HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO.
42	CAPES	MOVA	A RELAÇÃO SOCIEDADE POLÍTICA E SOCIEDADE CIVIL NO MOVA DE ANGRA DOS REIS: FORTALECIMENTO O U COOPTAÇÃO?
43	CAPES	MOVA	A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL
44	CAPES	MOVA	POLÍTICA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE MATO GROSSO DO SUL: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO MOVA/MS (1999/2006)
45	CAPES	MOVA	ESCOLAS DO CAMPO NO PARANÁ: ENTRE A CONQUISTA E A IMPOSIÇÃO'
46	CAPES	MOVA	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA: DAS PROPOSIÇÕES OFICIAIS ÀS PROPOSTAS CURRICULARES
47	CAPES	MOVA	OS PROFESSORES TEMPORÁRIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO PARANÁ: A FLEXIBILIZAÇÃO DAS CONTRATAÇÕES E OS IMPACTOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE
48	CAPES	MOVA	A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES DE NÍVEL MÉDIO NA PERSPECTIVA DA POLITECNIA: A CONTRIBUIÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO INSTITUTO POLITÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
49	CAPES	MOVA	DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO DE PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E O GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO NA GESTÃO LUIZA ERUNDINA - A EXPERIÊNCIA DO MOVA - SP 1989-1992
50	CAPES	MOVA	SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS
51	CAPES	MOVA	AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO PERÍODO DE 1997 A 2004
52	CAPES	MOVA	A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO NA GESTÃO DA PREFEITA LUIZA ERUNDINA DE SOUSA (1989 - 1992)
53	CAPES	MOVA	HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO.
54	CAPES	MOVA	A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE, VIGOTSKY E BAKHTIN
55	CAPES	MOVA	OS CAMINHOS DO FAZER-ME PROFESSORA EMBASADOS NO AMOR E RESPEITO MÚTUOS
56	CAPES	MOVA	BIO-ANTI-LOGIAS, CORPOS IMPOSSÍVEIS
57	CAPES	MOVA	EDUCAÇÃO PARA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO POLITICAMENTE COMPROMETIDO: E O QUE AS TECNOLOGIAS DE INFORMATICAÇÃO E COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO

58	CAPEs	MOVA	AFRICANIDADES NO RITUAL DAS LADAINHAS DE CAPOEIRA ANGOLA: PRETAGOGIA E PRODUÇÃO DIDÁTICA NO QUILOMBO
59	CAPEs	MOVA	A POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO GOVERNO PETISTA DE SÃO CARLOS (2001-2004).
60	CAPEs	MOVA	PARCERIA É O CAMINHO? ALGUNS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROGRAMAS BRASILEIROS
61	CAPEs	MOVA	UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA-REGIONAL NO ABCD PAULISTA: DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL.
62	CAPEs	MOVA	A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA.
63	CAPEs	MOVA	CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO
64	CAPEs	MOVA	CONSCIÊNCIA POLÍTICA E CIDADANIA NA ALFABETIZAÇÃO E NA INCLUSÃO DIGITAL ? A EXPERIÊNCIA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NA CIDADE DE SÃO PAULO
65	CAPEs	MOVA	CORPO E DESEJO NO CINEMA: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS ESTESIOLOGICAS
66	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O ABC DE PAULO FREIRE - PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIRIANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS
67	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES
68	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E SOCIEDADE CIVIL NA PROMOÇÃO DA PRÁXIS POPULAR: MOVA SÃO BERNARDO
69	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	ENTRE SABERES E PRÁTICAS: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM.
70	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA-BRASIL: A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE.
71	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	TRAJETÓRIA SOCIAL, DE VIDA E ESCOLAR DE IDOSOS DO MOVA NO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES
72	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES: A EXPERIÊNCIA DA CNA-NICARÁGUA (1980) E DO MOVA- SP (1989-1992).

73	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	O USO DO COMPUTADOR, A ALFABETIZAÇÃO E A PÓS-ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM EDUCANDO/AS DO MOVA.
74	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO GOVERNO PETISTA DE SÃO CARLOS (2001-2004)
75	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA-REGIONAL NO ABCD PAULISTA - DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL
76	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	TECENDO A REDE MOVA-BRASIL: SUA HISTÓRIA, SEUS SUJEITOS E SUAS AÇÕES
77	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA
78	CAPEs	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: UM DIREITO HUMANO A SER GARANTIDO - AS DIRETRIZES DA UNESCO.

Assim, tivemos, então, resumidamente, os seguintes resultados:

- BASE BDTD: 28 resultados selecionados, sendo 12 obtidos com o descritor MOVA e 16 com MOVA Alfabetização de Jovens e Adultos;
- BASE CAPES: 49 trabalhos selecionados previamente, sendo que 36 correspondiam ao descritor MOVA e 13 a MOVA alfabetização de Jovens e Adultos.

A partir dos 78 trabalhos previamente selecionados, realizamos então a organização dos trabalhos que seriam de fato analisados. Identificamos trabalhos repetidos e outros cujos conteúdos não traziam luz às questões de pesquisa ou que destoavam do ponto focal, de modo que ponderamos esses resultados como descaracterizados. Com isso, 28 trabalhos foram analisados qualitativamente e com base na metodologia comunicativa.

De posse das codificações dos trabalhos a serem analisados, optamos por uma organização didática para as apresentações

desses resultados encontrados, a saber:

- o código de referência usados por nós;
- o título do trabalho;
- a referência bibliográfica correspondente;
- o ano de publicação;
- a área do conhecimento;
- a região geográfica do estudo;
- e a abordagem metodológica do estudo.

Cabe ponderar, ainda, a critério de explicação, que os códigos usados para cada trabalho (resultados) analisado foi pensado e planejado da seguinte maneira:

- **Base BDTD:** Usamos as siglas T para as teses analisadas e a sigla D para as dissertações, sempre seguidas do nº que apenas correspondia à ordem acontecida em nossa análise, sem nenhum outro critério hierárquico.
- **Base CAPES:** de modo semelhante, os resultados foram apresentados por siglas, ficando DC para as dissertações encontradas na Capes, organizadas apenas por ordem numérica de nossas leituras.

Importante apontar que na BDTD foi possível usarmos dois descritores de busca (MOVA Alfabetização de Jovens e Adultos; MOVA), sendo que na base da CAPES, selecionamos apenas os trabalhos com descritor MOVA, pois os trabalhos se repetiam com os resultados já encontrados na base BDTD. Além disso, a plataforma CAPES teve grandes oscilações de resultados em relação à quantidade de trabalhos, principalmente, pela falta de acesso aos trabalhos anteriores à plataforma Sucupira.

De forma resumida, :

- 11 dissertações (classificadas de D1 a D11) e 6 teses (de T1 a T6) na Base de dados BDTD com o descritivo MOVA Alfabetização de Jovens e Adultos:

- 3 dissertações (de D12 a D14) ainda na Base BDTD, mas com o descritivo MOVA.
- 8 dissertações (de DC1 a DC8) na base CAPES, totalizando 28 trabalhos para serem analisados.

4.1 a) Resultados da base BDTD

Na base de busca da BDTD, com uso do descritor *MOVA* tivemos um resultado geral de 11.618 trabalhos. Portanto, com a seleção de alguns filtros¹⁹ e com os resultados obtidos a partir da exclusão dos trabalhos que não tinham relação explícita com o tema da pesquisa, bem como aqueles que se repetiram ao descritor “*MOVA Alfabetização de Jovens e Adultos*”, chegamos ao total de 14 dissertações e 6 teses, conforme mostram as quadros abaixo que consta descrito com informações de identificação de cada trabalho: o código usado por nós, o título integral do trabalho²⁰; a referência bibliográfica do trabalho, o ano de publicação (para que pudéssemos conferir o recorte temporal previsto no objeto de pesquisa deste trabalho; a área do conhecimento para conferência com a adesão temática; a região geográfica do estudo (para compor também as análises territoriais de maiores publicações; e a abordagem metodológica utilizada (para compreender o escopo geral do conteúdo).

Quadro 3 - os 20 resultados encontrados na base BDTD

Código	Título	Referência	Ano de publicação	Área do conhecimento	Região do estudo	Abordagem
D1	<u>Explorando novos caminhos para a democracia : os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), 1989-1992</u>	SILVA, Carla Cecilia Rodrigues Almeida. Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), 1989-1992. 1998. 166f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.	1998	Ciência Política	MOVA-SP	Entrevistas, Depoimentos, Documental

¹⁹ Há 11 filtros possíveis na plataforma BDTD: instituição, repositório, programa, autor, orientador/a, tipo de documento, idioma, assunto, assunto em inglês, área do conhecimento, e ano de defesa. Então cabíveis para nossa seleção usamos x filtros: tipo de documento, idioma, assunto, assunto em inglês e ano de defesa. [<https://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=mova&type=AllFields>]

²⁰ Alguns desses títulos contam com os links de acesso direto na plataforma

D2	<u>Ler o mundo, compreender a palavra : ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas</u>	FERRONATTO, Sonia Inês. Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas. 2005.	2005	Educação	Caxias-RS	Qualitativa voltada para estudo de caso: MOVA-Caxias/NTE-Serra com entrevista semiestruturada
D3	<u>O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres</u>	BARRETO, Sabrina das Neves. O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.	2005	Educação Ambiental	Rio Grande (RS)	Qualitativa Estudo de caso Documental
D4	<u>Mulheres das classes populares : histórias e saberes</u>	MORAES, Marileia Gollo de. Mulheres das classes populares: histórias e saberes. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Porto Alegre: UFRGS, 2005.	2005	Educação	Getúlio Vargas (RS)	Qualitativa Etnográfica, observações e entrevistas
D5	<u>Entre saberes e práticas: a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém</u>	POJO, Oneide Campos. Entre saberes e práticas: a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.	2006	Educação	Belém (PA)	Qualitativa Etnográfica, Entrevista semiestruturada e documental
D6	<u>O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA</u>	GONÇALVES, Becky Henriette. O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA. 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.	2006	Ciências Humanas	São Carlos (SP)	Metodologia de investigação comunicativa
D7	<u>A formação de educadores do MOVA-SP no contexto de educação popular</u>	KUNRATH, Janis Leonicia. A formação de educadores do MOVA-SP no contexto da educação popular. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.	2006	Educação (Currículo)	São Paulo SP	Qualitativa, com realização de entrevistas semiestruturadas e análise documental
D8	<u>Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP.</u>	ABBONIZIO, Aline Cristina de Oliveira. Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.	2007	Educação	São Paulo SP	Qualitativa e entrevista

		doi:10.11606/D.48.2007.tde-09102007-093437. Acesso em: 2022-01-12.				
D9	<u>Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco</u>	SANTOS, Francisca Maria dos et al. Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco. 2014.	2014	Gestão e Práticas Educacionais	Osasco (SP)	Qualitativa de intervenções, relatos e observações
D10	<u>A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-brasil: a experiência do Rio Grande do Norte</u>	SILVA, Livia Sonalle do Nascimento. A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-brasil: a experiência do Rio Grande do Norte. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.	2016	Educação	Rio Grande do Norte (RN)	Qualitativa, teórica-bibliográfica e empírica
D11	<u>Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo</u>	RODRIGUES, Estela Fidelis. Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.	2016	Educação (Currículo)	São Bernardo (SP)	Qualitativa Documental
D12	<u>O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.</u>	SOLHA, Nelson José dos Santos. O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.	2012	Educação	MOVA ABC	Levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de documentos.
D13	<u>Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.</u>	SILVA, Pedro Lopes da. Estudantes Egressos do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social. 2015.	2015	Educação	Região Cruzeiro do Sul/Acre	Qualitativa, com característica exploratória e descritiva, mediante levantamento bibliográfico, análise de documentos e realização de entrevistas semiestruturadas.
D14	<u>Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes</u>	CARVALHO, Veneranda Rocha de. Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes. 2017. 97 f.	2017	Educação: História,	São Paulo	Quantitativa em 2 etapas, aplicação de questionários e entrevistas.

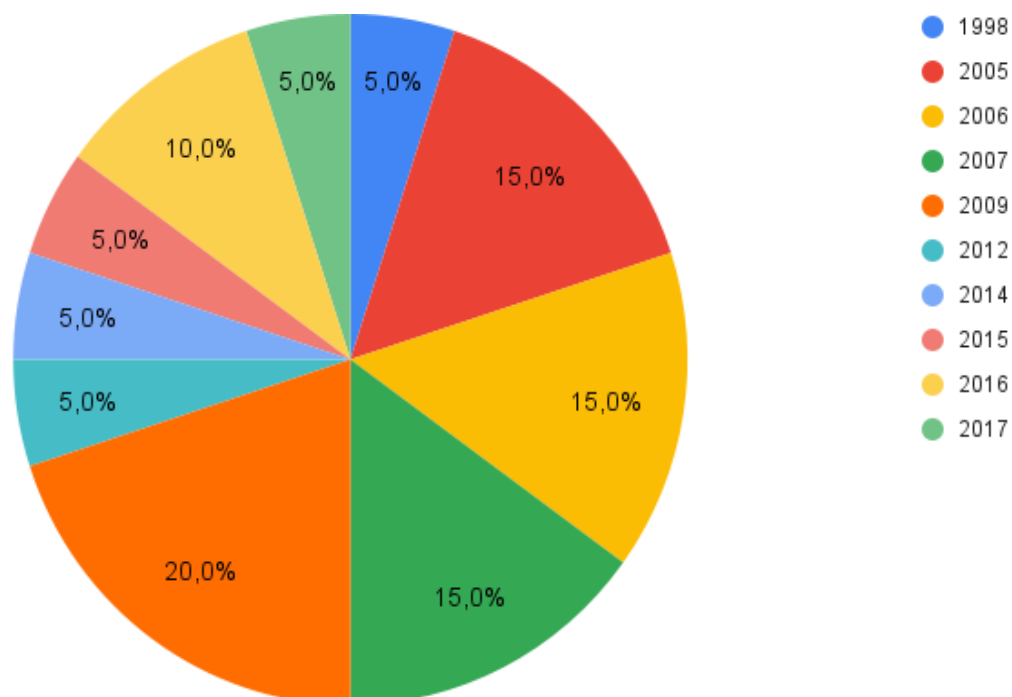
		Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.		Política, Sociedade		
T1	<u>Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal.</u>	PRADO, Edna Cristina do. Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal. 2007. 202 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.	2007	Educação	Grande ABCD paulista (MOVA Regional)	Quantitativa e Qualitativa, análise documental, entrevista e recorte temporal de 10 anos (1995-2005)
T2	<u>Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.</u>	SANTOS, Maria Alice de Paula. Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.48.2007.tde-08112007-103438. Acesso em: 2022-01-12.	2007	Educação	São Paulo (SP), Ceará e (MS)	Comparativa Epistemológica dialética
T3	<u>A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.</u>	FRANCO, Mônica Gardelli. A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.	2009	Educação	Nacional	Pesquisa quantitativa, descritiva, bibliográfica e documental
T4	<u>Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado</u>	SEPÚLVEDA, Francisca Gorete Bezerra. Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.	2009	Educação	MOVA Brasil Alfabetizado - Guarulhos	Pesquisa qualitativa, depoimentos, análise bibliográfica e entrevistas semiestruturadas.

T5	<u>A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA.</u>	BORGES, Liana da Silva. A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA. 2009. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.	2009	Educação	Rio Grande do Sul	Estudo Comparado MOBREAL e MOVA São Paulo e entrevistas, com análise documental
T6	<u>Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública.</u>	ANCASSUERD, Marli Pinto. Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública. 2009.	2009	Educação	Diadema, Santo André e Mauá	Qualitativa

Percebemos que a maioria dos estudos tinham vieses qualitativos e que a região de concentração acontecia predominantemente no sudeste e sul do Brasil.

Em relação aos anos de publicações dos trabalhos analisados na base BDTD, percebemos então que a maioria foi no ano de 2009 (20%), como pode ser observado na imagem gráfica (1) a seguir:

Imagem gráfica 1 - Percentual dos anos de publicações dos trabalhos da base BDTD



4.1 b) Sínteses das leituras das dissertações e teses da base BDTD²¹

REFERÊNCIA DO TRABALHO ANALISADO

CONTEXTO PARA ANÁLISE DE METODOLOGIA COMUNICATIVA

²¹ As análises correspondentes, que compuseram essas sínteses (necessária também para a observação dos resultados com base na metodologia comunicativa) estão descritas, em detalhes, no apêndice 4 desse trabalho.

D1 - EXPLORANDO NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA: OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO PÚBLICA E O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (MOVA-SP), 1989-1992. 1998. 166F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, CAMPINAS, SP.	De acordo com o SILVA (1998), a política pública de alfabetização de jovens e adultos foi implantada/implementada em 1989 no MOVA, por iniciativa do movimento popular, e as vivências nos Fóruns foram evidenciadas como positivas, pensando no diálogo e nas trocas de experiências pelos atores. Há indícios de práticas emancipatórias, porque o texto em si não aborda tais questões por ser uma revisão documental focada na participação da gestão de políticas públicas.
D2 - LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA: AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS. 2005.	“A tecnologia dá sentido à alfabetização, e a alfabetização promove a apropriação tecnológica. Nesse sentido, não é mais possível, uma leitura do mundo que ignore a presença da tecnologia em todos os campos. ” O Mova oportunizou à educanda ver-se como sujeita de sua própria transição, além de atestar que tem condições para tanto. Com isso, ela passou a aceitar novos desafios, habitar novos espaços, descentrar seu ponto de vista a partir de outros possíveis e estabelecer relação entre os fatos”. p.144
D3 - O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES. 2005. 123F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, RIO GRANDE, 2005.	Conforme BARRETO (2005), o MOVA-RS investiu fortemente na formação política e pedagógica de todos os envolvidos. Esse elemento foi um fator considerado muito importante na implementação do movimento e na execução das práticas executivas.
D4 - MULHERES DAS CLASSES POPULARES: HISTÓRIAS E SABERES. MESTRADO EM EDUCAÇÃO-UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL, 2005.	Moraes (2005) O texto trata mais especificamente dos desafios das mulheres que frequentaram o MOVA no RS. Há indícios de alfabetização emancipatória, pois as mulheres relatam situações vivenciadas a partir da aquisição da leitura e da escrita que anteriormente tinham limitações, ainda sobre as práticas pedagógicas as trocas de educadoras constantes e com uma formação fragilizada , impossibilita o diálogo com um viés mais científico , no sentido de explicar e desmistificar certas “ conceitos” das estudantes com base na ciência.
D5 - ENTRE SABERES E PRÁTICAS :A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM. 2006. 165 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL, 2006.	Conforme, Pojo (2006) no contexto do ensino e da aprendizagem percebe-se em alguns momentos de descontextualização, resultando na fragmentação e a prática ganha uma dimensão apenas cognitivista. A proposta da alfabetização libertadora presente no MOVA Belém, no entanto, sobre a formação e práticas pedagógicas, a autora argumenta a presença de (deus) conceituação, pois existia ali diversas formas de interpretação e conceituação, fato percebido na fragilidade da aplicação das atividades em sala de aula. “ Os MOVAs assumem, basicamente, seguintes referenciais teóricos : educação popular, o construtivismo sócio interacionista, a psicogênese da língua escrita e os estudos linguísticos e do letramento ” p.141. A autora também comenta que em Belém o

	material de referência e o do MOVA Brasil, e que a inexistência de dados consistências das ações desenvolvidas no âmbito do MOVA Belém ,a consolidação da alfabetização numa perspectiva do letramento, destaca o caráter voluntário, a não instalação do Fórum Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos[...] p.143
D6 - O USO DO COMPUTADOR, A ALFABETIZAÇÃO E A PÓS-ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM EDUCANDO/AS DO MOVA. 2006. 172 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS, 2006.	De acordo com Becky (2006),o uso do computador no ambiente de alfabetização de jovens e adultos colabora significativamente para a aprendizagem e pontua que a falta de política pública é um fator que contribui significativamente com as desigualdades educacionais sociais.
D7 - A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MOVA-SP NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO POPULAR. 2006. 127 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006.	De acordo com Kunrath,(2006) existem desafios para efetivação de prática da educação emancipatória, com vista à transformação do contexto social. Outra questão diz respeito ao sistema de avaliação , pois não existe um sistema que aponte o processo de aprendizagem dos educandos e educandas e relata que : “ No processo de formação de educadores muitos buscam ”receitas” para serem aplicadas em sala de aula (p.114), .A constante troca de educadores e a faixa etária dos educadores muito novos é uma problemática que precisa de atenção (p89), Não há um sistema para que os estudantes que foram alfabetizados no MOVA sejam encaminhados diretamente para rede de ensino regular ou para o supletivo (p.99). Kunrath (2006) aponta que a falta de vagas no sistema de ensino também é prejudicial aos estudantes jovens e adultos. “[...] Embora todos tenham direito à educação , não há vaga para todos” (P.100). “Outro ponto argumentado pela autora, falta de vagas próximo a residências dos estudantes “A falta de vagas para que os educandos de EJA possam dar continuidade ao estudo é uma constante na cidade, tanto na rede municipal, quanto estadual de ensino” (p.100)Importante destacar que a autora apresenta essas informações com base no ano de 2006 época em que elaborou a dissertação. Em 2005, as instituições da sociedade civil fizeram um encaminhamento ao ministério Público Estadual, no sentido de criar um senso educativo em São Paulo, para levantar dados acerca da EJA e pensar políticas públicas efetivas para a modalidade (KUNRATH, 2006 p.100)
D8 - ORIENTAÇÕES DA PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NO MOVA-SP. 2007. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2007. DOI:10.11606/D.48.2007.TDE-09102007-093437. ACESSO EM: 2022-01-12.	Conforme Abbonizio (2007), [...] o poder público deve criar e disponibilizar dados mais precisos sobre o processo de alfabetização dos programas, como o MOVA- SP e mapear o trânsito desses alunos para a rede pública. Deve criar vagas, sobretudo, mas saber dizer o que foi feito delas.p.99”. [...] “ a formação dos educadores, realizada pelas ONGs de consultoria e assessoria, fica focada nos aspectos pedagógicos da alfabetização, a ausência de articulação política entre as entidades e a

	heterogeneidade de das entidades conveniadas fazem com que o discurso da conscientização política se perca nos fóruns” .p.93
D9 - ABREM-SE AS CORTINAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM OSASCO. 2014. 116 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, SÃO PAULO, 2014.	Conforme Santos (2014), a inserção da arte no espaço educativo contribuiu para o desenvolvimento da leitura e da escrita, e da autoestima das mulheres. O foco do trabalho se concentrou na parte pedagógica.
D 10 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA-BRASIL: A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE. 2016. 159 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA, 2016	Silva (2016), comenta que às práticas pedagógicas apresentam elementos positivos, porém as monitoras relataram a questão da sistematização dos registros e questões burocráticas muitas vezes acabam por sobrecarregar nas ações práticas, nesse sentido, Silva (2016) expressa preocupação, pois os registros são instrumentos importantes para revisão e reflexão. Em relação a formação pedagógica Silva (2016) diz que a contratação de pessoas sem uma formação adequada, impacta e compromete diretamente nas práticas.
D 11- PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E SOCIEDADE CIVIL NA PROMOÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA POPULAR: MOVA SÃO BERNARDO. 2016. 151 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO) - PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2016.	De acordo com Rodrigues (2016), o texto não trata diretamente das práticas pedagógicas, mas faz referências da atuação educativa, na perspectiva da alfabetização dialógica. Além disso, traz indícios de sucesso do MOVA, pautados na relação do poder público com a sociedade civil.
D12 - O ABC DE PAULO FREIRE: PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIREANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS. 2012. 123 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, SÃO PAULO, 2012.	O MOVA ABC inclui as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema, Mauá. Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, e das suas respectivas Câmaras Municipais. A formação dos professores não é a pauta principal de políticas públicas educacionais efetivas, impactando na prática pedagógica, tornando-a frágil.
D 13 - ESTUDANTES EGRESSOS DO PROGRAMA MOVA/ALFA 100 DE CRUZEIRO DO SUL/ACRE: RELAÇÕES DE APRENDIZAGENS E DE INSERÇÃO SOCIAL. 2015.	“O Programa MOVA/ALFA 100 abrangeu todos os municípios do Estado do Acre. ” Sobre a Aprendizagem, a partir das entrevistas com os educandos, LOPES (2015) comenta: “Muito me chamou a atenção que, além do uso, embora pouco da leitura, demonstraram por meio das suas falas, a satisfação de saber ler alguma coisa, pois passa a pertencer a outra classe (alfabetizados).” Destaca a fragilidade da formação de professores “[...] falta de espaço para constituir uma escola de EJA, a qualidade de ensino, a falta de formação dos professores bolsistas e/ ou voluntários , o tempo de duração e a não articulação da rede pública para que os egressos possam dar continuidade aos estudos.”p.233

D 14 - TRAJETÓRIA SOCIAL, DE VIDA E ESCOLAR DE IDOSOS DO MOVA NO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES. 2017. 97 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE) - PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2017.	Carvalho (2017) focaliza em sua pesquisa a caracterização das pessoas idosas que frequentam o núcleo de alfabetização e considera a frequência das pessoas no núcleo de alfabetização como um resgate à cidadania.
T1 - UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA-REGIONAL NO ABCD PAULISTA: DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL. 2007. 202 F. TESE (DOUTORADO) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA, 2007.	De acordo com PRADO (2007), o MOVA Regional, apesar de ter nos seus princípios idealizadores em Paulo Freire, na questão dos movimentos populares de alfabetização, no âmbito da prática, ele se constitui como movimento político partidário, “por não respeitar as diferenças espaciais, históricas e ideológicas que norteiam a criação de seus precursores.” “[...] O MOVA Regional tem sua criação vinculada à iniciativa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; os conceitos freireanos de cidadania, participação popular e alfabetização são incorporados à luz das orientações neoliberais,[...] e passam a ser utilizadas a partir da lógica mercadológica. [...] À formação docente, os dados evidenciam fragilidade e superficialidade, na formação dos educadores, uma vez que esses têm suas práticas vinculadas mais ao espontaneísmo e ao pragmatismo do que uma teoria que lhes dê sustentabilidade.”
T2 - TECENDO A REDE MOVA –BRASIL: SUA HISTÓRIA, SEUS SUJEITOS E SUAS AÇÕES. SÃO PAULO, FEUSP, 2007 (TESE DE DOUTORADO).	De acordo com Santos (2007), a participação da sociedade civil é frequente, no entanto o Estado é insuficiente em relação ao analfabetismo no Brasil. “ O governo Lula ao não assumir o Programa MOVA –BRASIL como política pública perdeu uma oportunidade histórica de mobilizar a sociedade brasileira para tornar o Brasil um território livre de analfabetismo”p156 Os Fóruns de Alfabetização, encontros Municipais e Regionais entre outras atividades são fundamentais para o fortalecimento, trocas , diálogos , formação e mobilização das ações. Sobre as parcerias seriam bem eficientes, porém envolve “a partilha do poder” na relação entre Estado e Sociedade Civil, é necessário levar em consideração que os grupos sociais não podem interferir no Estado a certo limite (p.158) Santos, (2007) destaca que nos encontros de MOVA foi relatada a iniciativa do MOVA Porto Alegre, RS com a implantação do MOVA Braille. “ Esse programa é um convênio da Associação dos Cegos do Estado do Rio Grande do Sul (ACERGS) com o MOVA Porto Alegre, em parceria com o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET)”(p.89) o projeto atende pessoas com deficiência visual e pessoas com visual normal, visando a aprendizagem em Braille para interagir em diversos espaços e ou para atuar nas salas de MOVA para

	dar aulas para estudantes populares cegos. A proposta do MOVA Brasil seguiu os princípios freireanos e a Educação Popular. Destaca também que para articular EJA e MOVA “ foram realizados encontros regionalizados entre os educadores do programa e os professores da rede”. p.135
T3 - A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: UM DIREITO HUMANO A SER GARANTIDO - AS DIRETRIZES DA UNESCO. 2009. 208 F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2009	Para Franco (2009): “O desafio de usar as tecnologias a favor da população de jovens e adultos não alfabetizados é grande.”(p.157). Destaca também a relevância de uma política a favor da apropriação das tecnologias como desenvolvimento humano, mas que tenha continuidade, com vista à ampliação e que seja eficaz. Importante destacar a necessidade refletir sobre: “ o uso das tecnologias da informação e comunicação em proposta de alfabetização de jovens e adultos não pode estar deslocadas do conjunto de fatores que interferem diretamente na sua apropriação sob o risco dessa população se manter, mesmo alfabetizada apartada dos processos de construção do conhecimento e da produção da sociedade (p.200). Sobre as experiências do MOVA Digital na cidade de São Paulo, Franco (2009) apresenta “ próprios educadores não dominavam as tecnologias necessárias, e, portanto, também eram excluídos digitais , tampouco sabiam como utilizá-las junto aos alunos “p.(140) Nesse sentido, foi necessário pensar em formato de formação emancipatória para ensinar os educadores e os alunos.
T4 - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE DA POLÍTICA E DA PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO. 2009. 247 F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2009.	De acordo com Sepúlveda (2009) no MOVA Guarulhos em 2005 ocorreu a fusão com o Programa Brasil Alfabetizado, passando a ser denominado MOVA Brasil Alfabetizado, ocorrem avanços na formação de alfabetizadores, porém com certas fragilidades, a metodologia abordada é a freireana da educação, a prática pedagógica é orientada pela MEC/ SECAD. Uma observação por diversos fatores: 70% dos estudantes não conseguem dar continuidade aos estudos.
T5 - A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA, 2009.156F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO)- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE,2009.	Para Borges (2009) os aspectos relacionados à concepção de alfabetização, conceitos de parceria, material didático, formação de educadores e educadoras, é um potencial nas ações do MOVAs frente ao Movimento de Alfabetização As práticas pedagógicas, políticas públicas e às concepções de alfabetização tem o viés emancipatório, pois visa à transformação social com vistas a analisar criticamente a realidade em que os sujeitos nela vivem. A ausência de uma política de educação efetiva que permeou as décadas de 60, 70 e 80 no Brasil, contribuiu para que apenas algumas pessoas pudessem ter acesso à alfabetização. Em termos de Política Pública Federal para o MOVA BRASIL, no governo

	Lula a autora argumenta que faltou a elaboração de política efetiva para que o os MOVAS pudessem ter esse respaldo. No entanto, o MOVA Brasil foi concedido à participação nos encontros nacionais de educação de jovens e adultos (ENEJA).
T6 - POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ABC PAULISTA: CONQUISTA DE DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA. 2009.	De acordo com Ancassuerd com (2009) , as políticas públicas no âmbito educacional ainda são insuficientes principalmente no contexto da EJA é quase inexistente nas esferas estaduais e federais, na região do ABC Paulista os governos municipais atuaram como protagonistas em relação às políticas da EJA. O MOVA regional, desenvolveu uma política denominada de segunda geração no campo da EJA de forma pontual e com recursos insuficientes. “as políticas de primeira geração nascem de um movimento para fora, pela redemocratização do país, com fortes raízes locais; as políticas de segunda geração nascem de um movimento interno ,de auto –reconhecimento regional, pelas mãos dos setes municípios do ABC”(p.67) A segunda geração de políticas são marcadas pelas parcerias e as políticas de primeira geração recebem recursos bem maiores e mantidas pelo o executivo locais, apenas São Bernardo do Campo tem a parceria com a Universidade Metodista de São Paulo. Ainda segundo a autora os jovens não encontram lugar no MOVA e “ O MOVA não tem sido uma ação capaz de oferecer suportes que garantam a eles ter voz como cidadão. Eles desvalorizam o MOVA, apesar de produzirem laços afetivos neste espaço”(p.101) Em outro momento destaca, que o MOVA em Diadema atua na vertente Freireana com elementos construtivistas e Mauá se perdeu em meio à Região do ABC e os envolvidos têm uma concepção do que chama de mais psicologizante da ação, preocupados mais com autoestima dos estudantes. (p.100) Na implementação do MOVA Diadema ocorrem momentos de fortes discussões entre EJA e MOVA , em relação a certificação para os educandos, valorização profissional dos alfabetizadores, recebimento de salário igual aos professores de SEJA, as entidades queria mais suporte do executivo, Verifica –se também que em Mauá , falta de registro sistematização de dados e os laços do movimento social com a sociedade civil são muitos frágeis .

4.1 c) Resultados da base CAPES

Os resultados iniciais, gerais e amplos encontrados na base de buscas da plataforma CAPES, com o descritor MOVA Alfabetização de Jovens e Adultos, mostrou um total de 1.358.734 produções em relação à busca de 2019, um número imenso e gigantesco que necessariamente precisaria de filtros e recortes. Então, assim como realizado na base de busca da BDTD, usamos os filtros pertinentes e disponíveis, de modo a direcionar os resultados para o assunto que realmente tivesse relação com o programa MOVA, objeto de pesquisa dessa tese.

Quadro 4 - Os 8 resultados da base CAPES

Código	Título	Referência	Ano de publicação	Área do conhecimento	Região do estudo	Abordagem
DC1	A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	Silva, Ana Paula Rodrigues da. A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)' 01/03/2009 152 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BCo/UFSCar	2009	Educação	MOVA - São Carlos	Documental
DC2	Desafios Pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina – A experiência do MOVA-SP 1989-1992	PONTUAL, P. Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992. 1996. (Dissertação). São Paulo: PUC SP, 1996.	1996	Educação	MOVA-SP	Estudo descritivo, documental e entrevistas.

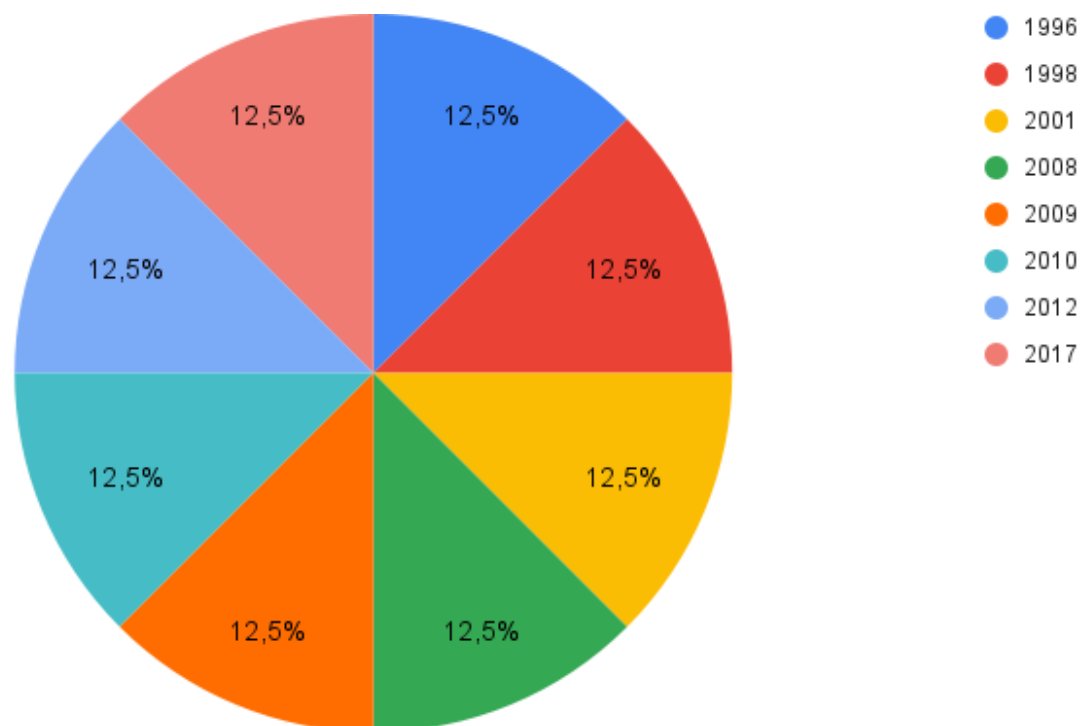
DC3	Todo ser humano tem condição de construir conhecimento; uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e governo municipal da cidade de São Paulo: MOVA-SP, 1989-1992	TELLES, SILVIA ANDRADE DA SILVA. Todo ser humano tem condição de construir conhecimento; uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e governo municipal da cidade de São Paulo: MOVA-SP, 1989-1992' 01/11/1998 235 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ.	1998	Educação	MOVA-SP	Qualitativa, Documental, Memória oral
DC4	MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS	BORGES, LIANA DA SILVA. MOVA-RS no governo democrático e popular: praxis e protagonistas' 01/12/2001 279 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA PUCRS	2001	Educação	MOVA-RS	Qualitativa, estudo de caso, Análise de conteúdo, materiais empíricos: entrevistas, desenhos, produções de sala de aula, registros fotográficos, vídeos, relatórios, documentos e observações, depoimentos.
DC5	A política de alfabetização de jovens e adultos de Mato Grosso do Sul: a experiência do movimento de alfabetização MOVA/MS (1999/2006)	SANTOS, FABIOLA SILVA DOS. Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS (1999/2006)' 01/03/2008 138 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande Biblioteca Depositária: Pe. Félix Zavattaro - UCDB	2008	Educação	MOVA/MS	Documental, entrevistas,
DC6	A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul	Santos, Anderson Roberto dos. A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul' 01/08/2010 180 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL, Santa Cruz do Sul Biblioteca Depositária: UNISC	2010	Educação	MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL	Qualitativa, estudo de caso, história de vida, entrevistas semiestruturadas, entrevistas coletivas e análise documental

DC7	Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares	Frederick, Luiz Carlos. Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares' 01/05/2012 138 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: Prof. Lúcio de Sousa	2012	Educação	MOVA BRASIL E MOVA-SP	Entrevista, Questionário (questões abertas), Documental
DC8	PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O que dizem nos egressos do MOVA Belém?	GOMES, JAQUELINE TEIXEIRA. Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?' 05/05/2017 106 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA PAULO FREIRE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ	2017	Educação	MOVA Belém	Qualitativa, história oral e história de vida, entrevistas semiestruturadas na perspectiva da história oral e aplicação de atividades.

Assim como os dados observados nos trabalhos levantados na base BDTD aqui, na base Capes, também observamos que a maioria dos estudos tinham vieses qualitativos e que a região de concentração acontecia predominantemente no sudeste e sul do Brasil.

Em relação ao ano de publicação não houve repetição, afinal também o escopo de observação era pequeno (8 textos) o que não trouxe grandes relevâncias percentuais a essa análise, fazendo com que os percentuais fossem os mesmos 12,5%.

Imagem gráfica 2 - Ano de publicação dos trabalhos analisados CAPES



4.1 d) Sínteses das leituras das dissertações da base CAPES²²

REFERÊNCIA DO TRABALHO ANALISADO	CONTEXTO PARA ANÁLISE DE METODOLOGIA COMUNICATIVA
----------------------------------	---

²² As análises correspondentes, que compuseram essas sínteses (necessária também para a observação dos resultados com base na metodologia comunicativa) estão descritas, em detalhes, no apêndice 4 desse trabalho.

DC1 - A POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO GOVERNO PETISTA DE SÃO CARLOS (2001-2004)' 01/03/2009 152 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BCO/UFSCAR	De acordo com Silva (2009), o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Carlos, “[...] a Lei nº 12.968, que instituiu o programa MOVA – São Carlos, foi aprovada pela Câmara Municipal, autorizando a SMEC, a celebrar convênios com entidades, sociedades, associações e instituições regularmente constituídas, e prevendo a concessão de auxílios e subvenções por sala de alfabetização criada”, [...] “com o decreto nº 057 de maio de 2002, que regulamentou a lei.[...]” “[...] O decreto criou, ainda, o <i>Fórum dos Movimentos Populares de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Carlos</i>, que deveria discutir e estabelecer as diretrizes do movimento. Em 2003, foi realizado o I Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas, fruto de uma parceria entre a UFSCar e a SMEC. Essa parceria também deu origem ao projeto “Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Digital”, que ao longo de 2004, ofereceu acesso à informática a cerca de 600 educandos das salas de alfabetização do município.” (SÃO CARLOS, 2004 e, p.29) . Outra informação a se considerar, as matrículas na educação de pessoas jovens e adultas na rede municipal de ensino de São Carlos, obteve uma evolução no governo do prefeito Newton Lima Neto e conforme Silva (2009): os números se referem apenas aos cursos oficiais, não estando incluídos os alunos dos programas MOVA e “Brasil Alfabetizado”.
DC2 - DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO DE PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E O GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO NA GESTÃO LUIZA ERUNDINA: A EXPERIÊNCIA DO MOVA/ SP 1989-1992. 1995. (DISSERTAÇÃO). SÃO PAULO: PUC SP, 1995.	O foco da dissertação é a questão da parceria. De acordo com Pontual (1995), ela é um elemento chave no MOVA. “[...] A proposta de parceria entre entidades populares e o governo municipal, na concepção e durante todo o desenvolvimento do projeto, parece ser a característica inovadora mais importante do projeto MOVA-SP.” Em relação à proposta metodológica do MOVA-SP no momento da sua criação, seguia a educação libertadora do modelo construtivista interacionista do conhecimento e dos modernos estudos sobre a linguagem. P. 77
DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP, 1989-1992' 01/11/1998 235 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ.	“Por meio de Decreto da Prefeita Luiza Erundina, o lançamento do MOVA (que se deu em 29 de outubro de 1989) foi oficializado em 21 de novembro de 1989”. A formação tinha a concepção freireana, no entanto, os monitores / educadores falavam da necessidade de se debruçar realmente ao estudo e à pesquisa. “Além disso, muitos monitores eram encaminhados para o curso, sem ter tido uma conversa maior com representantes de sua entidade, desconhecendo a proposta do MOVA. Portanto, esses educadores não tinham optado por uma proposta político-pedagógica, nem sabiam sequer de suas exigências: carga horária, disponibilidade para a formação permanente, participação junto aos trabalhos da entidade”.

DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS' 01/12/2001 279 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA PUCRS	De acordo com BORGES (2001), a concepção pedagógica no MOVA-RS é a freireana, e como Ação Cultural. E o processo de leitura e escrita ocorre por meio da teoria da educação popular, com vista a utilização da teoria do construtivismo sociointeracionista e estudos da linguística na construção do código alfabético. Sobre a formação político-pedagógica, ocorre por meio da criação de redes, envolvendo dirigentes e demais, possibilitando a esses atores o protagonismo no MOVA-RS. Além disso, “[...] o MOVA-RS deveria ter muito mais condições de ampliar e de multiplicar-se. Tivemos e temos limites de toda ordem, e o que mais me preocupa é por não termos, em alguma medida, agentes políticos do governo e das estruturas do Estado, compreensão suficiente do que o MOVA-RS representa. Poderíamos ter mais entidades envolvidas, um processo mais aberto para que as pessoas pudessem se aproximar do MOVA-RS com mais liberdade; deveríamos, ainda, ter mais recursos para investir.”(Lúcia)(BORGES, P.104)
DC5 - POLÍTICA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE MATO GROSSO DO SUL: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO – MOVA/MS (1999/2006)' 01/03/2008 138 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, CAMPO GRANDE BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: PE. FÉLIX ZAVATTARO - UCDB.	No MOVA –MS Santos, (2010) comenta que as diferentes parcerias, a pouca participação popular e a política desvinculada da educação básica afetou a qualidade do trabalho e apesar de a proposta ter a base freireana na prática “o alicerce foi fraco”
DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL' 01/08/2010 180 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL, SANTA CRUZ DO SUL BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNISC	Anderson (2010) traz o contexto histórico em relação ao MOVA SP, e trata mais especificamente do MOVA Porto Alegre e do MOVA Rio Grande do Sul. E destaque em termos de políticas públicas o MOVA / RS é pioneiro em nível Estadual, tem sua base teórica em Paulo Freire e ganhou uma característica estadual. No MOVA/RS e no MOVA- POA (Porto Alegre) o Estado se responsabiliza pela formação e pelos valores financeiros; o MOVA POA foi instituído a partir da demanda da Secretaria da Educação, não teve participação popular. Já o MOVA SP. Contou com a aclamação popular para sua instituição.
DC7 - ANÁLISE DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO MOVA/AVIB: A VOZ DE EDUCADORES POPULARES' 01/05/2012 138 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: PROF. LÚCIO DE SOUSA.	Frederick(2012), destaca como elementos potencializadores a Semanas de Alfabetização que ocorreram em Guaianases em 2010, tiveram a participação de 4 ONGS conveniadas com o MOVA/SP. Os encontros na semana da alfabetização proporcionaram as trocas de experiências entre os participantes e as participações de educandas e educandos foram bem expressivas no evento.
DC8 - PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS EGRESSOS DO MOVA BELÉM? MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, BELÉM, 2017. 106 FOLHAS.	Nos relatos das pessoas que participaram da pesquisa elaborada por Gomes (2017), é possível observar que o movimento de alfabetização de jovens e adultos proporcionou resultados que podem ser considerados elementos de impactos positivos. A autora destaca fragilidades no âmbito das políticas públicas educacionais no MOVA.

4.2 a) Categorização dos resultados base BDTD

Imagem gráfica 3 - Resultados BDTD categorizados

Código	Título	Tema / subtema	peças envolvidas	práticas pedagógicas	Políticas públicas	alfabetização emancipatória	sociedade civil	parcerias
D1	<u>Explorando novos caminhos para a democracia : os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), 1989-1992</u>	Participação popular na política	Pessoas envolvidas: 75 entidades que já estavam distribuídas em 6 regiões da cidade.	Práticas pedagógicas: Pautadas na Educação Popular e fundamentada nas obras de Paulo Freire. Elaboração de parâmetros para avaliação dos educandos com a vista a certificação para o ingresso na 5º.	Políticas públicas: A elaboração e implementação da política pública de alfabetização, construída pelos atores do projeto MOVA-SP . P.31	Alfabetização emancipatória: Educação popular e Libertadora em Paulo Freire.	Movimentos de moradia Sociedades de Amigos de Bairros, entidades ligadas à sindicatos, movimentos cujo eixo temático era a questão da mulher, entidades filantrópicas, Movimento de Educação Popular etc.	Envolvendo sociedade civil e Secretaria Municipal de Educação, e demais profissionais da Educação e quadros do Partido dos Trabalhadores.
D2	<u>Ler o mundo, compreender a palavra : ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas</u>	Tecnologia e Alfabetização	Pessoas envolvidas: 6 sujeitos educandos.	Práticas pedagógicas: Seguem caráter emancipatório haja visto a interação dos educandos com os equipamentos tecnológicos incentivando a leitura e a escrita.	Políticas públicas: Vinculação ao governo estadual	Alfabetização emancipatória: Conceito de Letramento, com proposta freireana.	Sociedade civil: Não foi participativa durante a troca de gestão na luta pela continuidade do movimento.	Parcerias: Com NTE-Região da Serra, porque compunham o setor pedagógico da mesma CRE.
D3	<u>O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres</u>	Alfabetização de mulheres na cidade de Rio Grande	Pessoas envolvidas: 3 mulheres da turma do MOVA-RS, do Bairro Bosque.	Práticas pedagógicas: Pautadas em Paulo Freire e educação popular. Além disso, o currículo inclui	Políticas públicas: Durante o governo de Olívio Dutra, esteve como parte da Política Pública de Educação de	Alfabetização emancipatória como elemento se sucesso: Sim, formação, troca de experiências entre	Participação da sociedade civil: Sim, por iniciativa da administração governamental	Parcerias como elemento de sucesso: Sim

				compromisso com a criticidade, que “parte da realidade dos educandos, do compromisso com a transformação da realidade, com a construção da identidade da EJA, com uma avaliação emancipatória e com a redemocratização dos tempos e espaços educativos, levando em conta o tempo da escola e o tempo do aluno.” P. 52	Jovens e Adultos do RS, abrangendo os Exames Supletivos, a EJA nas escolas, os Núcleos de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular – antigos Centros Estaduais de Ensino Supletivo e o MOVA-RS, constituindo com isso um elemento de sucesso do MOVA. OBS.: Descontínuas por trocas de administrações.	educadores, avaliação e reflexão.		
D4	<u>Mulheres das classes populares : histórias e saberes</u>	Alfabetização de mulheres da classe popular no contexto do MOVA-RS	Pessoas envolvidas: 4 mulheres educandas do MOVA da cidade de Getúlio Vargas (RS).	Práticas pedagógicas: Conforme relatos de educanda envolvida na pesquisa, as atividades desenvolvidas no MOVA, possibilitou que pudesse executar ou desenvolver ações relacionadas à leitura que antes não eram possíveis.	Políticas públicas: Descontínuas por trocas de administrações.	Alfabetização emancipatória: Apoiada na concepção freireana.	Participação da sociedade civil: Sim, por iniciativa da administração governamental	Parcerias como elemento de sucesso: Sim, parcerias entre organizações populares, universidades e instituições públicas.

D5	<u>Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém</u>	História da alfabetização e práticas pedagógicas	Pessoas envolvidas: 10 participantes nos quais compõem 7 alfabetizadoras, 1 alfabetizador, 1 assessora pedagógica e 1 coordenadora	Práticas pedagógicas: Pautado na trilha metodológica envolvendo tema gerador. Segue como referencial o material do MOVA Brasil.	Políticas públicas: Ações emergenciais e descontínuas.	Alfabetização emancipatória: Proposta de trabalho com base na Trilha Metodológica: Pesquisa socioantropológica, seleção e análise das falas significativa, eleição dos temas geradores, elaboração de contra tema, questões geradoras e problematizadoras, planejamento curricular e avaliação.	Participação da sociedade civil: Sim.	Parcerias como elemento de sucesso: Sim.
D6	<u>O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA</u>	A inclusão digital na Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas	Pessoas envolvidas: 14 estudantes do MOVA São Carlos (SP), sendo 11 mulheres e 2 homens com idade entre 41 anos até 78 anos.	Práticas pedagógicas: Estabelecida com o uso do computador na alfabetização e pós-alfabetização de pessoas jovens e adultas.	Políticas públicas: Há necessidade de implementação para superação das desigualdades educativas sociais. O MOVA São Carlos foi articulado à Prefeitura Municipal	Alfabetização emancipatória: São desenvolvidas no contexto da sociedade da informação, na perspectiva de Aprendizagem Dialógica.	Participação da sociedade civil: Composta por associações comunitárias, igrejas, creches, empresas, como também mobilizações de educandos em projetos.	Parcerias como elemento de sucesso: Parceria envolvendo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), e do Departamento de Metodologia de Ensino (DME) da UFSCar, como também do financiamento do Ministério da Educação com a Secretaria Municipal de Educação.

D7	<u>A formação de educadores do MOVA-SP no contexto de educação popular</u>	Formação de educadores em contexto de Educação Popular	Pessoas envolvidas: Carlos Brandão, Iraci Ferreira Leite, Maria Gabriela Barbosa, Maria Aparecida Horta, Vera Barreto	Práticas pedagógicas como elementos de sucesso: Contam com flexibilidade de horários das aulas, formação de educadores, por meio de textos temáticos da educação de jovens e adultos, na perspectiva da educação popular.	Políticas públicas: Implantação do MOVA-SP com Lei 14.058/2005 (p.117)	Alfabetização emancipatória: Há desafios para a educação emancipatória com vistas para a transformação do contexto social.	Participação da sociedade civil: Tida pelos educadores da educação informal, ou dos projetos de educação de jovens e adultos que acontecem nas ONGs, no interno dos movimentos populares, em igrejas, sindicatos, empresas e outros grupos da sociedade civil.	Parcerias: Vinculada com a gestão do governo municipal ou estadual.
D8	<u>Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP.</u>	Políticas públicas	Pessoas envolvidas: Ionilton Aragão, Janes Leonícia Cundra, Márcia Cristina de Oliveira, Maria Alice de Paula Santos e Maria Cristina Ferreira Darezzo e Vera Lucia Barreto.	Práticas pedagógicas: Não foram abordadas	Políticas públicas: Gestão de Luíza Erundina (1989-1992) – criação do MOVA-SP - e Marta Suplicy (2000-2004), continuidade do MOVA-SP, após extinção de 8 anos (mudança de governo). Além disso, há vínculo com a Secretaria Municipal de Educação.	Alfabetização emancipatória: Segue os princípios freireanos, porém o texto apresenta algumas limitações advindas das trocas de gestão durante o governo do PT. “[...] Outro aspecto importante é que em nenhum dos 2 momentos o analfabeto foi entendido para além de um ser que não sabe ler e escrever. No primeiro momento, há nos documentos, a compreensão de que, a partir da	Sociedade civil: Durante os 8 anos de extinção do programa pelo poder público, a retomada do MOVA-SP ocorreu sob o apoio e pressão de organizações da sociedade civil, que participaram da primeira experiência. “[...] conseguiram dar continuidade à alfabetização	Parcerias: Parcerias entre a Secretaria municipal de educação e entidades sociais por meio de convênio entre as partes

						conscientização política realizada na alfabetização, o analfabeto tornar-se-ia um sujeito histórico capaz de pressionar e reivindicar melhores condições de vida. Na segunda experiência, o enfoque está na inclusão do ser analfabeto no mundo letrado". P. 92	de adultos de forma independente, sem apoio do poder público.[...]” P.55	
D9	<u>Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco</u>	Alfabetização de jovens e adultos, por meio da Arte	Pessoas envolvidas: 7 educandas e uma educadora do MOVA-Osasco.	Práticas pedagógicas: Dinâmicas, com formação de grupos dialógicos embasados em Paulo Freire e na educação popular	Políticas públicas: Vinculação com Secretaria de Educação, em parceria com o Instituto Paulo Freire.	Alfabetização emancipatória: Articula com as vivências práticas dos sujeitos, possibilitando discussões e reflexões, que podem resultar na tomada da consciência crítica da realidade, com concepção em educação popular.	Sociedade civil: Composta por associações, Igrejas católicas e evangélicas,	Parcerias: Com a sociedade civil, e com também o Instituto Paulo Freire
D10	<u>A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-brasil: a experiência do Rio Grande do Norte</u>	Prática pedagógica e formação de monitores	Pessoas envolvidas: 6 monitoras egressas do Projeto MOVA-Brasil Rio Grande do Norte	Práticas pedagógicas: Na formação inicial e continuada, os educadores recebem orientações e materiais pautados nos princípios freireanos, como a leitura de mundo,	Políticas públicas: Projeto MOVA Brasil, vínculo com o governo municipal e com o Instituto Paulo Freire.	Alfabetização emancipatória: Nos princípios freireanos da educação, encontra-se permeado pelas bases teóricas da educação popular.	Sociedade civil: Foi atuante.	Parcerias: Parceria no Projeto Mulheres Mil, Parceria com o Pronatec, Parceria com o Ministério da Educação (MEC), O IFRN e a Secretaria de Educação do Estado.

				problematização, tematização e intervenção social. Nesse sentido, a alfabetização está articulada com o letramento que vai além das letras e números. No entanto, as monitoras ponderam em relação às dificuldades de aplicação.				
D11	<u>Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo</u>	MOVA São Bernardo, parceria Estado e sociedade civil	Pessoas envolvidas: indiretamente, por conta de análise documental.	Práticas pedagógicas: [...] “não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, valorizando suas experiências cotidianas como forma de transformação da realidade, dialogando diretamente com o documento ‘Plano de Trabalho’ do MOVA São Bernardo.”[...] P. 113	Políticas públicas: Vinculação a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município.	Alfabetização emancipatória: Pautadas no pensamento freireano, cuja concepção de educação é libertária, popular, transformadora e ética.	Sociedade civil: Composta por sociedade, amigos de bairro, igrejas, núcleo de mães, entre outros.	Parcerias: Envolvendo movimentos sociais e poder público, entre a SEMSBC a OSCIP MOVA ABC.

D12	<u>O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.</u>	Práticas educativas no MOVA ABC	Pessoas envolvidas: Administradores, coordenadores e educadores do MOVA ABC, sindicalistas, voluntários e integrantes de Pastorais Operárias.	Práticas pedagógicas: Voltadas para o “saber de experiência feito”, o “diálogo”, e a vocação para o “ser mais”. Além disso, incluía domínio da informática por meio do MOVA Digital.	Políticas públicas: Vínculos com a OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) e com Secretaria de Educação. OBS: ao longo dos anos e por mudança de gestão política partidária, acarretou descontinuidade do vínculo.	Alfabetização emancipatória: Com viés nos ideários de Paulo Freire.	Sociedade civil: Composta pela OSCIP, comunidades, igrejas, associações amigas de bairros.	Parcerias: Com a Escola ARPS P. 69, como também com sociedade civil, espaço solidário, Secretaria de Educação e outros parceiros.
D13	<u>Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.</u>	Estudantes egressos do programa MOVA/ALFA 100	Pessoas envolvidas: 23 educandos do MOVA/ALFA 100	Práticas pedagógicas: Há anúncio das práticas pedagógicas na concepção freireana, porém com limitações. “[...] O material pedagógico utilizado foi produzido por profissionais da Secretaria de Educação do Estado, - ‘Caderno da Florestania’ para os alunos e ‘Caderno com orientações pedagógicas’ para os professores – baseados em uma educação popular e fundamentados na pedagogia da	Políticas públicas: O MOVA foi implantado em todo estado do Acre.	Alfabetização emancipatória: Concepção freireana.	Sociedade civil: Igrejas, sindicatos e outros.	Parcerias: Com governo federal, Programa Brasil Alfabetizado, com BANCO DO BRASIL, com entidades não-governamentais como TIM, PIRELLI, e sociedade civil.

				libertação de Paulo Freire, segundo o qual o cidadão constrói a leitura a partir da sua própria realidade.[...]”. P. 140				
D14	<u>Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes</u>	Caracterização dos sujeitos idosos do MOVA Embu das Artes	Pessoas envolvidas: Estudantes idosos do MOVA Embu das Artes.	Práticas pedagógicas: Carente de abordagem. OBS: o enfoque da pesquisa está na caracterização das pessoas idosas que frequentam o MOVA.	Políticas públicas: Carente de abordagem. OBS: o enfoque da pesquisa está na caracterização das pessoas idosas que frequentam o MOVA. Brasil Alfabetizado. “[...] Em suma, o Programa Brasil Alfabetizado obedece a uma regra burocrática e institucionalizada daquilo que o movimento de alfabetização – MOVA – executa.[...]” P. 27	Alfabetização emancipatória: Com concepção de educação, democrática, popular, dialética e libertadora	Sociedade civil: igrejas, associações, amigos de bairro, casas de educadores.	Parcerias: Com sociedade civil e pela prefeitura municipal, com profissionais externos e técnicos da Secretaria Municipal de Educação.
T1	<u>Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal.</u>	Alfabetização e política pública	Pessoas envolvidas: 13 pessoas, sendo 1 coordenador do MOVA Regional, 3 coordenadores municipais, 3 educadores entre (Diadema, Mauá e Santo André),	Práticas pedagógicas: Voltadas ao resgate da identidade do alfabetizando.	Políticas públicas: Ineficientes. O MOVA-Regional tem contribuído para a redução dos investimentos públicos	Alfabetização emancipatória: Não realizada de fato. Os conceitos freireanos de cidadania, participação popular e alfabetização são incorporados à luz das orientações	Sociedade civil: Foi bastante ativa com debates envolvendo empresários, Sindicatos dos Funcionários Públicos Municipais, Sindicato dos	Parcerias: Com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (MOVA Diadema)

			3 entrevistas com grupos de educandos de cada município, uma entrevista com educandos egressos de Diadema e Mauá.			neoliberais, com lógica mercadológica.	Metalúrgicos do ABC, igrejas, imprensa local e regional, movimento estudantil, movimentos populares e outras entidades da sociedade civil.	
T2	<u>Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.</u>	Rede MOVA-Brasil	Pessoas envolvidas: Indiretamente, pois análise foi documental	Práticas pedagógicas: “[...] devem garantir a apropriação pelos educandos dos conhecimentos que envolvem ‘a leitura, a escrita, o cálculo e as ciências humanas, assim como o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e outras linguagens’”. p. 134	Políticas públicas: O “[...] O Estado não conseguiu pensar estrategicamente o tema do analfabetismo no Brasil. Falta uma política pública coerente e um Plano Nacional de Alfabetização como queria Paulo Freire em 1963. O governo Lula ao não assumir o Programa MOVA-BRASIL como política pública perdeu uma oportunidade histórica de mobilizar a sociedade brasileira para tornar o Brasil um território livre do analfabetismo”. p.155	Alfabetização emancipatória: “[...] alfabetizar a partir de uma metodologia dialógica e conscientizadora, inspirada na pedagogia libertadora[...].” p.134	Sociedade civil: com relação ao MOVA-SP, teve participação efetiva dos grupos sociais, na sua elaboração e realização. E no MOVA-Brasil, inicialmente não se teve articulação de grupos sociais, tais como sindicatos, agricultores, familiares e cooperativas.	Parcerias: Envolvendo administração pública, municipal e estadual, e ONG Instituto Paulo Freire, Petrobrás e FUP.

T3	<u>A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.</u>	Políticas Públicas, Currículo e Tecnologia	Pessoas envolvidas: Indiretamente, pois análise foi documental.	Práticas pedagógicas: De alfabetização com o uso de computador.	Políticas públicas: Vínculos com a Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Há carências de políticas públicas para inclusão digital.	Alfabetização emancipatória: Com viés freireano.	Sociedade civil: Não há abordagem com relação a participação da sociedade civil no estudo.	Parcerias: Com Secretaria de Educação, alguns pesquisadores da PUCSP e uma escola de rede particular da Zona Leste de São Paulo, que desde 1997, mantinha o curso de Alfabetização de Jovens e Adultos gratuitamente para os menos desfavorecidos da região.
T4	<u>Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado</u>	Formação de educadores na EJA	Pessoas envolvidas: 52 educadores do MOVA/Brasil Alfabetizado e, Guarulhos	Práticas pedagógicas: Carentes de políticas públicas e a maior parte dos educadores não possuem formação específicas para licenciaturas.	Políticas públicas: Da EJA se referenciam nos pensamentos de Paulo Freire.	Alfabetização emancipatória: Sim, visa a autonomia e a transformação social dos alfabetizandos.	Sociedade civil: Composta por entidades e associações de bairro.	Parcerias: Com instituições privadas, associações de bairros, e convênio com o Programa Brasil Alfabetizado
T5	<u>A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA.</u>	Alfabetização de Jovens e Adultos, MOBRAL e MOVA	Pessoas envolvidas: Arlindo Corrêa Lopes (ex-presidente do MOBRAL), Carlos Rodrigues Brandão (MEB e MOVAS), Pedro Pontual (MOVA São Paulo), Moacir Gadotti (MOVA São	Práticas pedagógicas: Com viés emancipatório.	Políticas públicas: Com viés emancipatório. No entanto, houve ausência de política pública federal para o MOVA Brasil no governo do presidente Lula.	Alfabetização emancipatória: Sim.	Sociedade civil: Foi atuante.	Parcerias: “[...] Os MOVAs traçam parcerias enraizadas no respeito aos direitos conquistados pelo povo, sem minimizar o papel da educação na garantia dos mesmos. Por

			Paulo), Ana Maria Freire e Osmar Fávero (MEB)					isso, o sentido aplicado às parcerias apregoa a efetiva participação na elaboração das políticas públicas. [...]”. P.105
T6	<u>Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública.</u>	Políticas Públicas	Pessoas envolvidas: Gestores públicos, dirigentes sindicais, representantes de entidades parceiras, coordenadores, professores e grupos focais com alfabetizando.	Práticas pedagógicas: MOVA-Diadema – Uso de temas geradores. MOVA-Mauá – letramento, hipóteses da escrita, hipótese silábica, hipótese alfabética, erro construtivo etc.	Políticas públicas: O MOVA está caracterizado nas políticas de segunda geração. “[...] Nas políticas de segunda geração, predominam práticas assistemáticas de participação do público destinatário na execução das políticas e mecanismos diversos: fóruns e conselhos, reuniões locais, encontros, seminários. Vale ressaltar que são exatamente essas políticas que nasceram sob a égide da participação, no contexto da discussão sobre a Região.[...]” P.80	Alfabetização emancipatória: MOVA Diadema – concepção freireana de educação. MOVA-Mauá – influência da teoria construtivista e de ideias contidas nas PCN's. MOVA-Santo André – “estudo da realidade”.	Sociedade civil: Ausente no debate de questões pedagógicas (políticas de segunda geração)	Parcerias: MOVA Diadema – prefeitura, entidades da sociedade civil, igrejas e centros comunitários. MOVA-Mauá – Prefeitura, empresas e entidades, MOVA-Ribeirão Pires – Prefeitura, Federação das SABs, igrejas e escolas, empresas e sindicatos. MOVA-Rio Grande da Serra – prefeitura, Ford, Sincodiv, Unibanco. MOVA-Santo André – prefeitura, entidades da sociedade civil e empresas. MOVA-São Bernardo do

								Campo – prefeitura, UMESP, igrejas, SABs e empresas. OBS: Pro-ALFA- São Caetano do Sul – prefeitura, Instituto Mauá de Tecnologia, escolas estaduais, Fundação Anne Sullivan.
--	--	--	--	--	--	--	--	--

4.2 b) Categorização dos resultados base CAPES

Quadro 5 - Resultados CAPES categorizados

Código	Título	Tema / subtema	peças envolvidas	práticas pedagógicas	Políticas públicas	alfabetização emancipatória	sociedade civil	parcerias
DC1	<u>A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)</u>	A política educacional no governo petista de São Carlos (2001-2004)	Pessoas envolvidas: -	Práticas pedagógicas: -	Políticas públicas: Implementação do MOVA São Carlos (Lei nº 12.968). Brasil Alfabetizado, 2003.	Alfabetização emancipatória: -	Sociedade civil: Entidades, sociedades, associações e instituições regularmente constituída, centros comunitários, igrejas e escolas.	Parcerias: Envolvendo Estado e sociedade civil, UFSCar (pelo projeto Alfabetização de Jovens e Adultos e inclusão Digital, como também na formação de educadores) e SME

DC2	<u>Desafios Pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina – A experiência do MOVA-SP 1989-1992</u>	Parcerias, Experiências do MOVA-SP na gestão da Luiza Erundina.	Pessoas envolvidas: 5 entidades	Práticas pedagógicas: Na época, houve discussões porque alguns grupos bons desenvolviam a alfabetização, mas não tinham articulação com questões políticas, ou seja, ficava mais na leitura da palavra. Contudo, foi necessário chegar ao consenso de trabalhar a pedagogia e a política de forma conjunta. (Depoimento de Silvia Tellez - MOVA) (PONTUAL, 1995. P.211)	Políticas Públicas: Implantação do MOVA-SP e alinhamento com o Estado.	Alfabetização emancipatória: Com base nos princípios de Paulo Freire.	Sociedade civil: Composta por associação de moradores e o envolvimento de outros movimentos com o problema da alfabetização, como foi o caso do Movimento da Terra, da Saúde, das Mulheres, entre outros.	Parceria: “O MOVA foi um grande marco. De certa forma, a Igreja sempre esteve envolvida neste trabalho de alfabetização. A coisa diferente que ocorreu foi a participação da associação de moradores e o envolvimento de outros movimentos com o problema da alfabetização, como foi o caso do Movimento da Terra, da Saúde, das Mulheres etc.” (Terezinha – CEMI). P. 205
DC3	<u>TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP, 1989-1992</u>	Retrospectiva da Implantação e implementação do MOVA em São Paulo	Pessoas envolvidas: Participantes do projeto, secretaria de educação e lideranças de entidades populares.	Práticas pedagógicas: tinha como proposta englobava educação libertadora, do modelo construtivista e interacionista do conhecimento e dos modernos estudos sobre a linguagem.p.45	Política Pública: Implantação do Projeto MOVA em São Paulo Gestão da Erundina7	Alfabetização Emancipatória: Pedagogia libertadora	Sociedade civil: populares	Parceria: Secretaria de educação, movimentos populares, lançamento do MOVA 29 de outubro de 1989 e oficialização em 21 de novembro 1989

DC4	<u>MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS</u>	Práxis do MOVA-RS	Pessoas envolvidas: Governador do Estado, Secretaria de Estado da Educação e da coordenadora do MOVA-RS, Animadores de Alfabetização, apoiadores pedagógicos e educadores populares, alfabetizando e alfabetizadas.	Práticas pedagógicas: Alfabetização inicial (nível alfabético) abrangendo também outros níveis do saber. A educação popular é tomada como referência na construção da leitura de escrita, apoiados na teoria do conhecimento construtivismo sociointeracionista, articulado aos estudos da linguística na construção do código alfabético (temas geradores). P.73 Rede de formação do MOVA-RS contempla uma política de publicações para sistematização e sistematização da experiência e organização de materiais didáticos.	Políticas Públicas: Implementação do MOVA.	Alfabetização emancipatória: Apoiado na concepção freireana, isto é, libertadora e como ação cultural.	Sociedade civil: Educadores, estudantes, pesquisadores, autoridades, sindicalistas, entre outros.	Parcerias: com Universidades, instituições públicas e o Estado (Secretaria da Educação), entidades “guarda-chuvas”.
DC5	<u>A política de alfabetização de jovens e adultos de mato grosso do sul: a experiência do movimento de alfabetização MOVA/MS (1999/2006)</u>	Políticas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Mato Grosso do Sul.	Pessoas envolvidas: 4 mulheres e 3 homens.	Práticas pedagógicas: Com o objetivo de oferecer, através do letramento de jovens e adultos, os conhecimentos, as habilidades e os valores necessários à qualidade de vida, à participação social	Políticas públicas: Implementação do MOVA/MS.	Alfabetização emancipatória: A princípio, com base nos ideários de Paulo Freire e posteriormente, mesclou-se fundamentos de Emília Ferreira,	Sociedade civil: Não foi participativa nas tomadas de decisões.	Parcerias: com movimentos sociais organizados nas sociedades, movimentos dos trabalhadores sem-terra, movimento de mulheres, igrejas e sindicatos,

				e a à autonomia. (MATOGROSSO DO SUL, 2002, P.4) APUD (SANTOS, 2008, P.79)		Vygotsky e Escola Nova de John Dewey. P.86		como também com o Programa Brasil Alfabetizado.
DC6	<u>A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul</u>	Formação dos trabalhadores e possibilidades de emancipação do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul	Pessoas envolvidas: 20 pessoas da comunidade: coordenadora regional, Técnico De Contabilidade da entidade, 1 animadora de turma do MOVA, 2 apoiadores, 6 educadores, 8 educandos.	Práticas pedagógicas: O material de orientação era produzido pelo Estado. “[...] ou seja, o conhecimento da própria realidade é fundamental para encontrar nela a possibilidade de emancipação. Nas práticas pedagógicas do MOVA/RS esse conhecimento se faz necessário, mas na maioria dos casos está ausente. Os grandes responsáveis por evidenciar essas sementes aos educadores.”. p. 131	Políticas Públicas: O MOVA-RS entra como uma política pública estadual “[...] podemos apontar o MOVA como uma política governamental e uma presença estatal nas comunidades.” P. 76	Alfabetização emancipatória: Concepção libertadora de Paulo freire tendo como referência teórica e metodológica a educação Popular.	Sociedade civil: Movimentos populares, sindicatos, igrejas, ONGs e população em geral, como também prefeituras ou associações.	Parceria: Entre sociedade civil e Estado.
DC7	<u>Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares.</u>	FORMAÇÃO CONTINUADA DO MOVA/AVIB	Pessoas envolvidas: 22 educadores e 3 coordenadores.	Práticas pedagógicas: Há anúncios de práticas emancipatórias.	Políticas públicas: -	Alfabetização emancipatória: Fundamentada em Paulo Freire, que seja libertadora.	Sociedade civil: -	Parcerias: MOVA/AVIB: Envolvendo igrejas, centro espíritas, garagens residenciais.

DC8	<u>PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O que dizem os egressos do MOVA Belém?</u>	Práticas de Alfabetização de Jovens e Adultos e Letramento	Pessoas envolvidas: 2 mulheres e 2 homens egressos do MOVA Belém do ano de 2010.	Práticas pedagógicas: Além do letramento, formação crítica e emancipatória.	Políticas públicas: Implementação do MOVA Belém. De 2013 até 2017, o MOVA Belém teve dificuldades no recebimento de verbas do governo federal, ocasionando sua suspensão.	Alfabetização emancipatória: Segue os princípios freireanos.	Sociedade civil: Movimento popular.	Parcerias: Com administração municipal, sociedade civil
-----	--	--	--	---	---	--	-------------------------------------	---

CAPÍTULO V - Análise e discussão dos dados – Metodologia comunicativa

Todos as análises, e consequentes discussões, apresentadas nesse capítulo decorreram dos resultados categorizados no capítulo anterior e que, de posse deles acrescidos das leituras e observações pudemos compor a *tabela base da metodologia comunicativa*²³, por meio da qual foi possível elencar e ponderar todas as análises e discussões que serão apresentadas nesse capítulo.

5. 1 Categorias de análises – Metodologia Comunicativa

No sentido da Metodologia Comunicativa, para o processo de análise dos dados, buscam-se os dois tipos de dimensão que sempre estão presentes na realidade: as dimensões exclusoras e as dimensões transformadoras conforme Gómez et al. (2006):

As dimensões exclusoras são aquelas barreiras que algumas pessoas ou coletivos encontram e que lhes impede de incorporar-se a uma prática ou benefício social como, por exemplo, o mercado de trabalho, o sistema educativo etc. Se não existem tais barreiras, essas práticas ou benefícios sociais estariam à disposição das pessoas ou coletivos excluídos. As dimensões transformadoras são as que contribuem para superar as barreiras que impedem a incorporação das pessoas e/ou coletivos excluídos às práticas ou benefícios sociais. (GÓMEZ et al., 2006, p. 95-96)

Com base, então, na compilação contextual de cada trabalho, mas principalmente com base nas leituras, anotações e interpretações de cada trabalho, organizamos em dados estatísticos a presença (para olhar dimensão transformadora) ou ausência das categorias analisadas (para olhar dimensões excludentes), sendo elas:

- a) Aprendizagem Educandos e Educandas

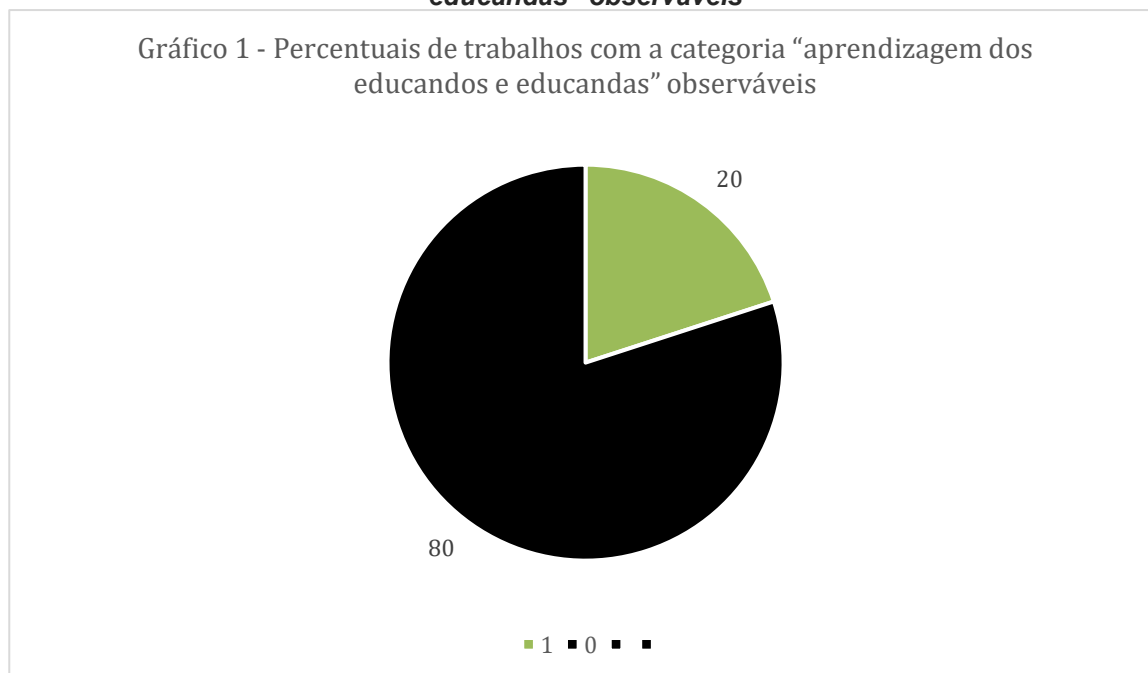
²³ Organizamos essa tabela base em sete (7) categorias, pois foram as que mais apareceram nas leituras integrais dos trabalhos elencados nos resultados das nossas pesquisas: a) Aprendizagem das educandas e educandos; b) Formação de educadores; c) Alfabetização Emancipatória; d) Práticas Pedagógicas, e) Políticas Públicas Educacionais, f) Participação da Sociedade Civil, e) Parcerias. Para compor essa tabela base, usamos expressões estatísticas, indicando o número 1 para as dimensões (exclusoras ou transformadoras) possíveis de serem identificadas em cada categoria de cada texto. E de modo semelhante, para completar os dados estatísticos dos gráficos que serão apresentados também nesse capítulo de análise e discussão, usamos o número 0 para as dimensões (de cada categoria em cada texto) que não eram possíveis serem observáveis, conforme pode ser conferido no apêndice 3.

- b) Formação de educadores
- c) Alfabetização Emancipatória
- d) Práticas Pedagógicas
- e) Políticas Públicas Educacionais
- f) Participação da Sociedade Civil
- g) Parceria

Portanto, para que pudéssemos produzir os gráficos com percentuais que mostrassem quantos por cento de cada trabalho tinha a categoria observada e quantos por cento tinha ausência, usamos dados 0 e 1 usuais de análises gráficas²⁴.

5. 1 a) Aprendizagem Educandos e Educandas

Gráfico 1 - Percentuais de trabalhos com a categoria “aprendizagem dos educandos e educandas” observáveis



Os dados marcados como 1 (em verde no gráfico1), demonstram todos os trabalhos que apresentaram **resultados identificáveis em relação às**

²⁴ Os dados podem ser conferidos no Apêndice 3 deste trabalho e observados numericamente e estatisticamente em planilha, por meio do link permanente <https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vSQtmkIS_MB6qGRps7k9UfsUb60q-r1WmWnNusjEAJhAKm3I3ZwHNmNqnpj7sK4iDSyTpveNkQxf5x/pubhtml>

Obs.: a planilha está publicada online e, portanto, consta com todas as abas usadas em sua elaboração e, portanto, o leitor deve selecionar a aba desejada no painel superior para, assim, acessar os dados desejados, sendo que os dados partem da aba “MC – Categorias” e seguem-se em formas gráficas nas abas seguintes.

aprendizagens dos educandos e educandas, ou seja apenas 20%, sendo que 80% mostraram ausência de observação dessa categoria (em preto no gráfico 1).

Quadro 6 - trabalhos identificados com categoria "aprendizagem educandos e educandas"

Aprendizagem de educandos e educandas			
	Trabalhos com CATEGORIA EXCLUSORA identificados		Trabalhos com CATEGORIA TRANSFORMADORA identificados
1	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	1	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
2	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	2	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
3	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	3	D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.
4	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul	4	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.
	-----	5	D9 - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.
	-----	6	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
	-----	7	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
	-----	8	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
	-----	9	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.
	-----	10	D 14 - Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes. 2018
	-----	11	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
	-----	12	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
	-----	13	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.
	-----	14	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul
	-----	15	DC7 - Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares'

-----	16	DC8 - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?
-------	----	--

Ou seja, 4 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 16 trabalhos com dimensão transformadora, prevalecendo assim a dimensão transformadora dessa categoria, de modo que **80% dos trabalhos cuja categoria *Aprendizagens dos educandos e educandas* foi possível identificar, podemos observar que ela esteve presente como dimensão transformadora.**

Os dados que compuseram essas análises para geração dos resultados percentuais acima elucidados em relação aos trabalhos que tiveram a presença da categoria “Aprendizagem dos educandos e educandas” foram²⁵:

Quadro 7 - Elementos excludores e transformadores – Categoria *Aprendizagem educandos e educandas*

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D4) MORAES (D5) POJO (D6) GONÇALVES (D7) KUNRATH (D9) SANTOS (D10) SILVA (D12) SOLHA (D13) SILVA (D14) CARVALHO (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T5) BORGES (DC2) PONTUAL (DC6) SANTOS (DC8) GOMES	1. Juntar letras 2. Problemas na visão 3. Memória ruim 4. Aprendizado de alfabetização não tida como prioridade 5. Ensino tradicional (cartilhas)	1. Alfabetização 2. Relações do corpo com a aprendizagem da leitura e da escrita. 3. Aprendizagem bem-sucedida 4. Conclusão do Ensino Fundamental 5. Inserção no mundo do trabalho 6. Acesso à graduação 7. Aprendizagem tecnológica 8. Produção escrita 9. Oralidade

Quanto à aprendizagem das educandas e educandos, os elementos transformadores se sobressaíram em relação aos estudantes, haja visto que as pesquisas indicaram pelas próprias falas das/os educandas/os a relevância da aprendizagem da leitura e da escrita na vida deles/as.

Sobre isso, comenta GOMES (2017, p.77): “[...] O MOVA foi importante, porque

²⁵ Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5a desta tese.

aprendi a ler. Depois que eu aprendi a ler, deu tudo mais certo pra mim, porque, agora, se eu for para uma casa de família já sei o que preciso fazer”. Assim como nesse depoimento, podemos verificar nos demais textos analisados, falas potentes e de intensa emoção por terem conquistado a autonomia e a libertação na medida em que foram ganhando domínio sobre a leitura e a escrita, não só no sistema de codificação, mas a leitura reflexiva, crítica, política e articulada com o próprio contexto social. Nesse mesmo sentido temos um depoimento de uma educanda em SOLHA (2012, p.94): “[...] *lhe foi dada a oportunidade pelo MOVA, seu orgulho em ter formado todos os quatro filhos e ter concluído o Ensino Fundamental, incentivada pelos seus educadores.*”

As pesquisas revelam que no contexto do MOVA, há muitos educandos idosos que se autodeclaram como incapazes devido à memória (de forma muito pejorativa). Nesse sentido, é importantíssimo que as/os educadoras/as desmistifiquem essa questão com base na ciência. Uma outra questão apontada nos trabalhos sobre a população mais idosa é de que nem sempre estão nos espaços educativos, afim de aprender a ler e escrever, pois a necessidade é de socialização com demais pessoas, e a leitura e a escrita se compõem como papel secundário.

Os educandos, por ficarem muito tempo e/ou por não terem frequentado salas de aulas, muitas vezes a imagem que associam é do ensino tradicional, envolvendo atividades de cópias e meras repetições mecânicas em cartilhas. Com isso, exige-se do educador uma sensibilidade e disponibilidade para dialogar e explicar a relevância da aprendizagem na perspectiva política, pedagógica, libertadora, no viés freireano.

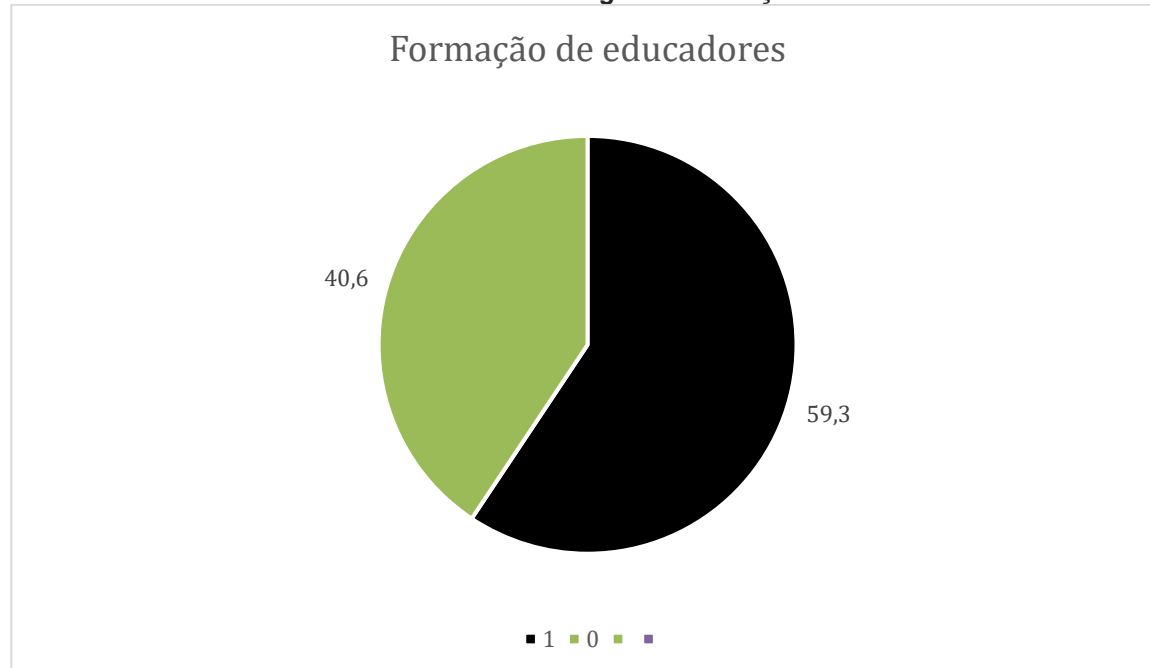
As aprendizagens dos educandos e educandas, de acordo com SILVA (1998); FERRONATO (2005); BARRETO (2005); MORAES (2005), POJO (2006); GONÇALVES (2006), SANTOS(2014), SILVA (2016), SOLHA (2012); SILVA (2015), CARVALHO (2017), PRADO (2007), SANTOS (2007); FRANCO (2009);BORGES (2009), PONTUAL (1996); SANTOS (2008) e GOMES(2017), é o aspecto mais relevante dentro do movimento, já que é fruto das articulações entre as outras categorias vistas, e vai impactar diretamente na vida das mulheres e homens que frequentam as aulas de alfabetização. Ao mesmo tempo, estão envolvidos ali sonhos, desejos e anseios com vistas à superação diária, conforme depoimentos em SANTOS (2010, p.147): “[...] *A educanda relata como em seu trabalho a alfabetização gerou uma melhoria, pois ela podia se comunicar com a patroa e a realizar melhor a sua*

atividade. Ela relata tantas vezes que fez coisas erradas, estragou aparelhos caros e que agora estavam dando tudo certo”. Ainda sobre a aprendizagem, SILVA (2016, p.98-99) expõe relatos das pessoas que participantes de sua pesquisa:

“[...] teve mais de cinquenta por cento da turma foi bem-sucedido, eles quiseram, alguns aprenderam mais do que os outros, mas é normal, é diferente a aprendizagem um do outro e tive o resultado bem satisfatório para a turma, graças a Deus. [...] foi muito gratificante o tempo que fui, [...] eu consegui fazer com que alguns alunos criassem uma criticidade boa, isso foi muito importante, então, o Mova Brasil, ele contribuiu e muito porque hoje eu tenho outra forma de ver, outra forma de pensar, depois que eu passei pelo Mova, então eu achei muito válido pra minha vida pessoal e profissional. [...] a gente teve bons resultados, conseguimos, a maioria dos educandos saíram alfabetizados, fazendo leituras, a escrita do nome e também mostrando soluções para alguns problemas [...], mas o que a gente fazia conseguia ter bons resultados.”

5. 1 b) Formação de educadores

Gráfico 2 - Percentuais de trabalhos com a categoria “formação de educadores” observáveis



Os dados marcados como 1 (em verde no gráfico 2), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação à formação de educadores, ou seja, apenas um pouco mais da metade, 59,3%**, sendo que ainda boa parte, 40,6% mostraram ausência de observação dessa categoria (em preto no gráfico 2).

Quadro 8 - trabalhos identificados com categoria "Formação de educadores"

Formação de educadores			
	Trabalhos com categoria exclusora identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.	2	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
3	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.	3	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
4	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	4	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.
5	D8 - Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP. 2007.	5	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.
6	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.	6	D9 - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.
7	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.	7	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
8	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	8	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
9	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.	9	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
10	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.	10	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
11	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	11	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
12	DC3 - Todo ser humano tem condição de construir conhecimento; uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e governo municipal da cidade de São Paulo: MOVA-SP.	12	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.
13	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul	13	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.

	—	14	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)
	—	15	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.
	—	16	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.
	—	17	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS
	—	18	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL
	—	19	DC7 - Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares'

Ou seja, 13 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 19 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo um pouco acima da metade, 59,37% a dimensão transformadora dessa categoria Formação de Educadores.**

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da categoria “Formação de Educadores e Educadoras”, foram²⁶:

Quadro 9 - Elementos excludores e transformadores - Categoria Formação de educadores e educadoras

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D4) MORAES (D5) POJO (D6) GONÇALVES (D7) KUNRATH (D8) ABBONÍZIO (D9) SANTOS (D10) SILVA	1. Cansaço 2. Linguagem 3. Prestadores de serviços 4. Educador leigo 5. Falta de política pública 6. Tempo limitado 7. Dificuldades de leitura 8. Falta de recursos financeiros 9. Interrupção da formação 10. Formação não avaliada	1. Formação inicial 2. Experiência humanizadora 3. Formação permanente 4. Metodologia dialógica -reflexiva 5. Parceiros na formação 6. Seminários 7. Semanas de alfabetização 8. Fóruns 9. Formação MOVA-RS 7 10. Valorização da formação continuada 11. Formação a partir do contexto das múltiplas linguagens, em especial a Arte.

²⁶ Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5b desta tese.

(D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (DC2) PONTUAL (DC3) TELLES (DC4) BORGES (DC6) SANTOS (DC7) FREDERIK (DC8) GOMES (DC4) BORGES	11. Referencial teórico 12. Formação aligeirada 13. Despreparo de alfabetizadores 14. Educadores leigos 15. Descaso das políticas públicas 16. Falta formação em línguas 17. Falta oficinas temáticas 18. Aprofundar mais nos teóricos da EJA 19. Carga de hora reduzida 20. Alfabetização política nem sempre cumpridas	12. Formação conjunta entre educador e educandos 13. Eixo da sustentação do Movimento 14. Iniciativa dos educadores a prosseguir com sua formação pedagógica. 15. Alfabetização tecnológica
---	---	--

Percebeu-se que na categoria formação de educadoras e educadores, os elementos excludentes se sobressaíram em relação aos elementos transformadores, convergindo com os dados apresentados pelos pesquisadores e pesquisadoras dos MOVAs. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de investimento na formação docente, como cita SEPÚLVEDA (2009, p.153): “[...] *Faz-se necessário enfatizar que a ausência de políticas públicas para a formação dos alfabetizadores de jovens e adultos contribuiu para a informalidade da função docente dessa habilidade de educação*”.

Ressaltando que, para a atuação na perspectiva freireana, é necessário um maior aprofundamento nos conceitos de Freire, levando em consideração que as educadoras e educadores indicaram dificuldades em atuar na perspectiva dialógica, crítica, política e emancipatória. Sobre isso, comenta Freire (1996, p.26): “*O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão*”. Dessa forma, com base nas propostas freireanas, elas precisam ser vivenciadas, de fato, pois o reflexo da formação influenciará nas práticas e a aprendizagem.

Sobre a **formação dos educadores e educadoras** do movimento de alfabetização, as pesquisadoras e pesquisadores tais como SILVA (1998); FERRONATO (2005); BARRETO (2005); MORAES (2005); POJO (2006); GONÇALVES (2006); KUNRATH (2006); ABBONÍZIO (2007); SANTOS (2014); SILVA (2016); SOLHA (2012); SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007); FRANCO (2009); SEPÚLVEDA (2009); BORGES (2009); PONTUAL (1996); TELLES (1998) e BORGES (2001), indicam que é um processo que deve ser contínuo e carecem de investimentos. Os mesmos autores/as nos fornecem dados para que possamos refletir

sobre a importância da criação de estratégias para inserção de investimentos na formação, uma vez que a qualidade e a absorção dos conceitos teóricos e científicos impactam diretamente sobre o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Haja visto que atuar na perspectiva freireana exige-se uma disponibilidade do sujeito para o diálogo e, ao mesmo tempo, o domínio e a rigorosidade científica.

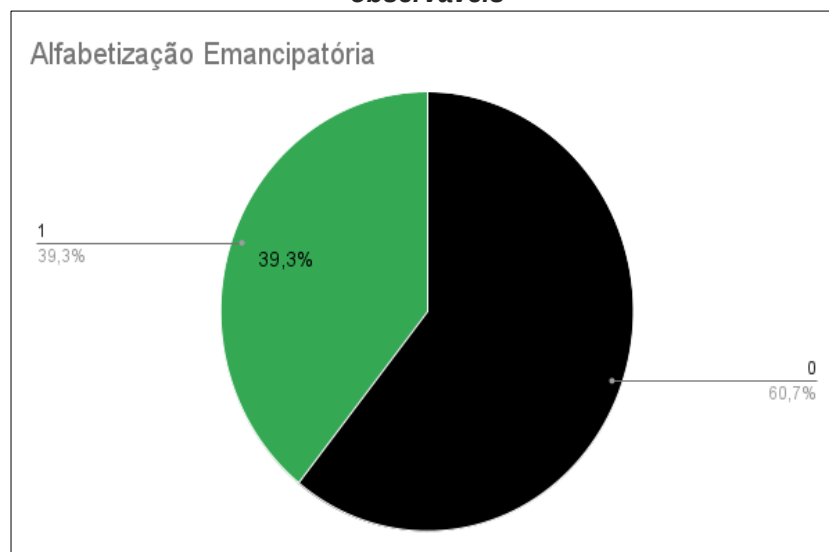
Conforme observado por SANTOS (2010, p.138): *“No entanto, conforme expõe uma educadora: ‘as formações não eram suficientes, eu e a Ana que já éramos quase formadas, já tinha o Magistério, e a Ana estava na Pedagogia mais da metade e gente que já tinha uma caminhada, mas já via como era difícil, então nós imaginávamos como era pra aqueles que nunca tinha vista nada’.*

Então, é imprescindível que as educadoras/es percebam o quanto é necessário a formação ao exercício docente. Uma outra questão pontuada é a valorização dos profissionais que atuam no movimento, pois são caracterizados como bolsistas voluntários/as e o baixo valor da remuneração acaba impactando também em investimentos próprios para a sua formação.

Além disso, o trabalho é tido como uma “terceirização” profissional. No entanto, a atuação dos voluntários/as nas comunidades é de suma relevância na alfabetização de jovens e adultos. Comenta SEPÚLVEDA (2009, p.149): *“[...] Esses trabalhadores voluntários e informais da educação assinam um termo de compromisso, em que abdicam dos seus direitos como trabalhadores profissionais da educação”.* E ainda em SEPÚLVEDA (2009, p. 153): *“Faz-se necessário enfatizar que a ausência de políticas públicas para a formação dos alfabetizadores de jovens e adultos contribuiu para a informalidade da função docente dessa habilidade de educação”.* Dessa forma, entendemos que a formação inicial e continuada no MOVA deve ser implícita e explícita, pois gera fortalecimento individual e conseqüentemente, coletivo.

5. 1 c) Alfabetização emancipatória

Gráfico 3 - Percentuais de trabalhos com a categoria “alfabetização emancipatória” observáveis



Os dados marcados como 1(em verde no gráfico 3), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação à alfabetização emancipatória, que foi um número expressivo, mas ainda não chegou nem à metade do total analisado, ou seja, 39,3%**, sendo que ainda boa parte, 60,7%, mostraram ausência dessa categoria (demonstradas pelo 0 em preto no gráfico 3).

Quadro 10 - trabalhos identificados com categoria "Alfabetização emancipatória"

Alfabetização Emancipatória			
	Trabalhos com categoria excludora identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	2	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
3	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul	3	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
	—	4	D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.
	—	5	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.
	—	6	D9 - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.

	_____	7	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
	_____	8	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
	_____	9	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
	_____	10	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.
	_____	11	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
	_____	12	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
	_____	13	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.
	_____	14	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.
	_____	15	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.
	_____	16	DC3 - Todo ser humano tem condição de construir conhecimento; uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e governo municipal da cidade de São Paulo: MOVA-SP.
	_____	17	DC4 - MOVA-RS no governo democrático e popular: práxis e protagonistas
	_____	18	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul
	_____	19	DC8 - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?

Ou seja, 3 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 19 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo bastante, 86,36%, a dimensão transformadora dessa categoria Alfabetização emancipatória.**

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da

categoria “Alfabetização Emancipatória”, foram²⁷:

Quadro 11 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Alfabetização emancipatória

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D4) MORAES (D6) GONÇALVES (D9) Santos (D10) SILVA (D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (DC2) PONTUAL (DC3) TELLES (DC6) SANTOS (DC8) GOMES	1. Opressão 2. Dificuldade de se trabalhar com metodologia freireana 3. Limitada	1. Melhoria da autoimagem e da autoestima 2. Desenvolvimento da criticidade 3. Ressocialização e autonomia 4. Melhoria da oralidade 5. Inserção de conteúdos articulado com a realidade dos sujeitos 6. Proposta dialógica como recurso didático (arte cênica) 7. Superação 8. Conquista da habilitação

Cabe ressaltar, que a categoria elementos transformadores se mostra consideravelmente positiva, em comparação a de excludentes. Os estudos foram quase unânimes ao apresentar algumas dificuldades encontradas pelos educadores de se trabalhar na perspectiva freireana. Essas dificuldades são apontadas por FRANCO (2009, p. 141): *“Embora os princípios nos quais as ações se fundamentavam fossem freireanos, observaram-se algumas dificuldades relacionadas ao exercício desta ‘metodologia’ pelos educadores. Os alunos, por serem jovens e adultos, traziam internalizados um modelo de educação tradicional, descontextualizado e fragmentado. Para eles, qualquer prática que fugisse desse modelo, não se caracterizava como escolarização, e acabam por exigir o modelo de ‘cartilha’”*.

Agora com relação ao aspecto freireano, com viés emancipatório, que se percebe em SANTOS (p.157): *“O educando não só olha as notícias, mas estabelece relação entre elas e faz questão de frisar que consulta mais de um jornal em mais de um canal, segundo ele, ‘assim tú pega sempre um pouquinho de cada um pra fazer a tua’”*. É interessante também o seguinte exemplo de superação de uma educanda, mostrado por BARRETO (p.83): *“Diz que agora se sente segura ao “sair, conversar...”*

²⁷Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5c desta tese.

Antes saia, ficava num canto, meia... Agora não, já saio com a língua solta, já ando conversando! Ao dizer isso, faz uma autoanálise no seu modo de ser, como se fosse reconstruindo sua história. [...]”.

Assim, é indiscutível a relevância da alfabetização emancipatória, sentida pelas educandas e pelos educandos no seu contexto social. À medida que elas e eles passam a refletir criticamente – e com autonomia - sobre diversas situações da realidade que os cercam, dialogando com VYGOTSKY (1997, p.48): “[...] *São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no ‘filtro’ através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.[...]”*. Portanto, após tomarem consciência perante as suas condições e realidades, os educados passam a agir nas transformações ou superações delas.

Sobre alfabetização emancipatória, as autoras e autores SILVA (1998), FERRONATO (2005), BARRETO (2005), MORAES (2005), GONÇALVES (2006), Santos (2014), SILVA (2016), SOLHA (2012), SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007), FRANCO (2009), SEPÚLVEDA (2009), BORGES (2009), PONTUAL (1996), TELLES (1999), SANTOS (2010) e GOMES (2017), enfatizam que é um elemento de altíssima relevância, uma vez que implica diretamente na evolução pessoal e profissional dos sujeitos, pois viabilizam o posicionamento crítico e transformação no contexto social, cultural e político. Conforme SOLHA (2012):

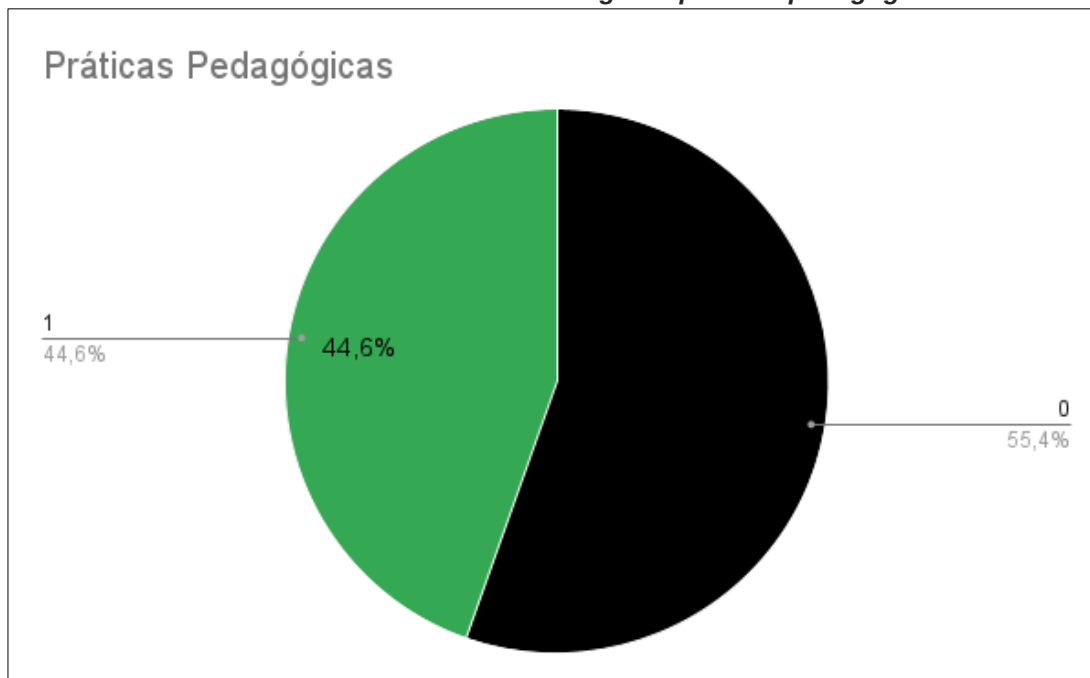
“Um bom exemplo dessa vocação no ser humano pode ser observado no sindicalista ‘Alemão’, que em seu depoimento disse ter chegado do nordeste analfabeto e já foi se apresentar na Volkswagen para trabalhar. *‘Eu montava um carro pela cor e o modelo, não conseguia ler a ficha, foi uma luta e um desafio’*. Mais adiante confessa com orgulho: *‘Estou fazendo agora pós-graduação’*. Essa luta pela superação é um exemplo da nossa vocação para o ‘ser mais’.” SOLHA (2012, p.94).

Sabemos que nem todos os educandos/as compartilham dos mesmos sonhos, por exemplo de ingressar no ensino superior, mas não dar a opção de escolha para o próprio indivíduo chega a ser desumano. A análise de BARRETO (2005, p. 115) demonstra que: “[...] *O fato de dominarem o código escrito, ainda que de maneira limitada, dá a elas o poder de decisão nas coisas mais simples da vida, como escolher o ônibus, decidir o que comprar, saber o que falar, entre outras coisas do cotidiano*”. Pensar a alfabetização na perspectiva da alfabetização emancipatória, contribui para que as pessoas se libertem de situações limitadoras e opressivas, bastante comuns

no contexto da EJA.

5. 1 d) Práticas pedagógicas

Gráfico 4 - Percentuais de trabalhos com a categoria práticas pedagógicas observáveis



Os dados marcados como 1(em verde no gráfico 4), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação às práticas pedagógicas, que quase figurou como metade dos trabalhos analisado, somando-se 44,6%**, sendo que um pouco mais que a outra metade, 55,4% mostraram ausência dessa categoria (demonstradas pelo 0 em preto no gráfico 4).

Quadro 12 - Trabalhos identificados com categoria “Práticas Pedagógicas”

Práticas Pedagógicas			
	Trabalhos com categoria exclusiva identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.	2	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
3	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	3	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
4	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.	4	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.

5	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.	5	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.
6	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.	6	D9 - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.
7	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	7	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
8	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	8	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
9	DC6 - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul	9	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.
	—	10	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
	—	11	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
	—	12	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.
	—	13	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.
	—	14	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS
	—	15	DC6 - a formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul
	—	16	DC8 - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?

Percebemos, então que 9 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 16 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo um pouco a mais da metade, 64%, a dimensão transformadora dessa categoria *Práticas Pedagógicas*.**

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da

categoria “Práticas Pedagógicas”, foram²⁸:

Quadro 13 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Práticas Pedagógicas

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D4) MORAES (D5) POJO (D7) KUNRATH (D8) ABBONIZIO (D9) SANTOS (D10) SILVA (D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (DC2) PUNTUAL (DC3) TELLES (DC4) BORGES (DC6) SANTOS (DC7) FREDERICK (DC8) GOMES	1. Falta de acesso à EJA ou curso profissionalizantes (MOVA Brasil Alfabetizado) 2. Opressão causada pelo marido 3. Divergências nas práticas pedagógicas 4. Excesso de burocracia 5. Conflitos geracionais 6. Exercício mecânico	1. Semana da alfabetização 2. Uso do computador, autonomia e interação 3. Qualificação profissional 4. Leitura da palavra 5. Práticas mais voltadas à realidade do sujeito 6. Sentidos e significados da alfabetização 7. Alfabetização por meio da ARTE 8. Valorização da identidade 9. O método Paulo Freire 10. Produções Textuais 11. Atividades relacionadas ao cotidiano 12. Fóruns

Em relação às práticas pedagógicas, os elementos transformadores se destacaram, tendo em vista os avanços na aprendizagem das educandas e educandos conforme se constataram nos estudos. Porém, apresentaram os elementos excludentes, como cita SEPÚLVEDA (2009, p. 196): “[...] *Apontamos, em primeiro lugar, a desarticulação entre a alfabetização e a educação de jovens e adultos, ou seja, 70% dos recém alfabetizados não tem possibilidade de continuar seus estudos por falta de acesso aos cursos de EJA ou profissionalizantes*”.

Outro exemplo citado por SANTOS(2010, p. 131), tem relação direta com as metodologias tradicionais do ensino: “[...] *As frases sendo repetidas e as palavras escolhidas eram ‘o menino come pipoca’; ‘a mamãe é uma boa cozinheira’, ‘rato é um bicho nojento’, ‘rato come queijo’. Preenchimento de lacunas em palavras, enchendo linhas e linhas (palavras como: pato, mato, massa, picolé, jacaré...).* Além de um exercício apenas mecânico de repetir, escrevendo a mesma coisa muitas vezes, o

²⁸Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5d desta tese.

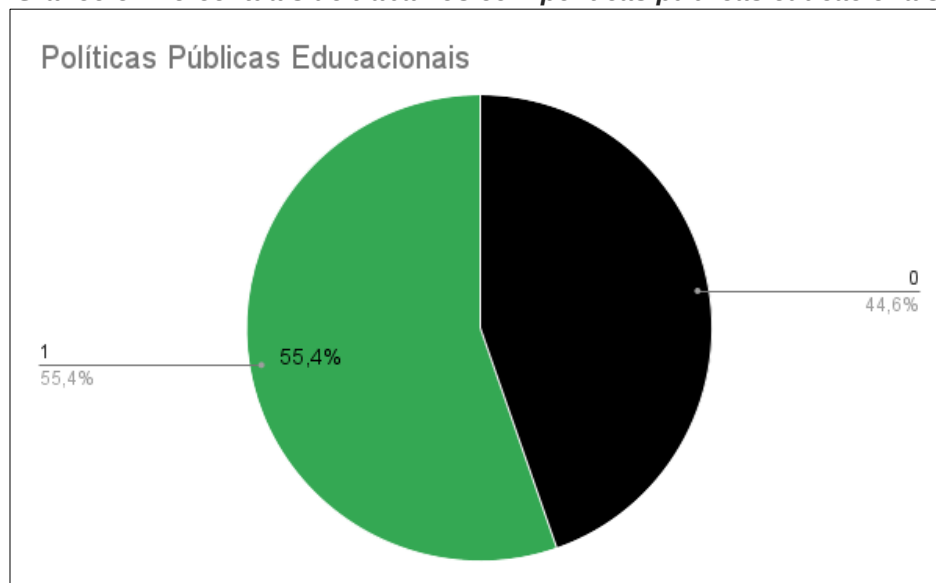
conteúdo das frases e as palavras escolhidas estão fora de contexto”.

Por outro lado, os elementos transformadores se evidenciaram positivamente, como expõe SANTOS(2010, p.131-132) nas falas de uma educadora: “[...] *‘A gente fez velas e fez um caderno de chás. A confecção de velas que associadas a algumas ervas eliminava, os mosquitos [...]’.* Além disso, junto com os educandos fez uma espécie de *‘Dicionário de chás’, com nomes e utilidades de cada um.*”. As práticas pedagógicas precisam estar articuladas com o saber prático dos sujeitos do MOVA, bem como com o conhecimento científico, pois quando a educação faz sentido para as pessoas, elas se sentem dentro do processo de ensino e aprendizagem e desejam continuar.

Em relação às práticas pedagógicas, pesquisadores como SILVA (1998), FERRONATO (2005), BARRETO (2005) entre outros²⁹ destacam que há certas fragilidades, conforme comenta ABBONÍZIO (2007, p.87): “[...] *No momento de formação, muitas divergências quanto à prática pedagógica dos educadores vinham à tona e acabavam sendo negligenciadas. Tanto monitores quanto coordenadores haviam sido selecionados pelas entidades sem ter ainda completado seu próprio processo de alfabetização*”. Como mencionando anteriormente, a falta de formação impacta negativamente no desenvolvimento da prática educativa.

5. 1 e) Políticas Públicas Educacionais

²⁹ Entres outros como: MORAES (2005), POJO (2006), KUNRATH (2006), ABBONIZIO (2007), SANTOS (2014), SILVA (2016), SOLHA (2012), SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007), FRANCO (2007), SEPÚLVEDA (2009), BORGES (2009), PUNTUAL (1996), TELLES (1998), BORGES (2001), SANTOS (2008), FREDERICK (2012) e GOMES (2017).

Gráfico 5 - Percentuais de trabalhos com políticas públicas educacionais

Os dados marcados como 1(em verde no gráfico 5), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação às políticas públicas educacionais, que somaram-se em um pouco mais que a metade 55,4%**, sendo que um pouco menos que a outra metade, 44,6% mostraram ausência dessa categoria (demonstradas pelo 0 em preto no gráfico 5).

Quadro 14 - trabalhos identificados com categoria “Políticas Públicas”

Políticas Públicas Educacionais			
	Trabalhos com categoria exclusiva identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.	2	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
3	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.	3	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
4	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	4	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
5	D8 - Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP. 2007.	5	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
6	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.	6	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.

7	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	7	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
8	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações	8	T6 - Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública.
9	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.	9	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)
10	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.	10	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.
11	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.	11	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.
12	T6 - Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública.	12	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS
13	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.	13	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL
14	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.		-----
15	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS		-----
16	DC5 - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS		-----
17	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL		-----
18	DC8 - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?		-----

Percebemos, então que 18 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 13 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo um pouco a mais da metade, 58,06 a dimensão exclusora dessa categoria *Políticas Públicas*.**

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da categoria “Políticas Públicas”, foram³⁰:

Quadro 15 - Elementos excludores e transformadores – Categoria Política Pública

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D5) POJO (D6) GONÇALVES (D7) KUNRATH (D8) ABBONÍSIO (D11) RODRIGUES (D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (T6) ANCASSUERD (DC2) PONTUAL (DC3) TELLES (DC4) BORGES (DC5) SANTOS (DC6) SANTOS (DC7) FREDERICK	1. Fragilidade em formação de educadores 2. Analfabetismo 3. Público não-estatal 4. Mudança de governo 5. Durabilidade da MOVA/ALFA 100 6. Ações não foram suficientes 7. Dificuldade para ingressar na EJA 8. Falta de recursos específicos 9. Falta de política pública com vistas à inserção de tecnologia na EJA 10. Governo Lula não efetiva o MOVA como política Nacional. 11. Dependência do Estado. 12. Precariedade dos espaços físicos 13. Dificuldades que SME apresentou para uma maior presença pública do MOVA no sentido de fortalecimento	1. Políticas públicas de EJA implementada em Porto Alegre 2. Criação do serviço de Educação de Jovens e Adultos SEJA 3. Inserção do MOVA-RS na política do Estado 4. Educação para todos e todas 5. Reconhecimento pela UNESCO 6. MOVA e Bolsa Escola 7. MOVARS política de Estado 8. Articulação política entre o SME e o MOVA/SP

O debate em torno das políticas públicas efetivas para a EJA não é recente, podemos verificar pelos elementos excludentes o quão essas ações estão fragilizadas nesse contexto. Além disso, as pesquisas evidenciam que há avanços e retrocessos,

³⁰ Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no apêndice, foram levados para apêndice 5e, que podem ser conferidos ao término desse trabalho.

pois se as políticas estivessem realmente sendo aplicadas, não estaríamos com números elevadíssimos de pessoas que ainda não foram alfabetizadas no Brasil.

Contudo, os/as pesquisadores/as argumentam que as políticas, na maioria das vezes, ficam atreladas aos gestores municipais, estaduais e federais, sendo que nas trocas de governo costumam ocorrer as rupturas das ações. Nas palavras de SOLHA (2012, p.83): *“As políticas públicas vindas da direita são paternalistas, isso é faz com que o conflito político e tudo mais se perca”*. Os MOVAs tiveram e/ou ainda tem uma abrangência em vários Estados do Brasil. No entanto, eles foram se configurando conforme as demandas e suas regionalidades, e por não ser respaldado politicamente pode ocorrer a extinção. Sobre isso, SOLHA (2012, p.83) comenta: *“Em Santo André, o MOVA foi embora de ‘mala e’ (sic) e isso aconteceu também em Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra; onde a ‘direita’ comanda não tem movimento”*. Tais questões são realmente preocupantes, pois nos parece que as pessoas não estão preocupadas com a alfabetização de pessoas jovens e adultas. Entretanto, somos motivados enquanto protagonistas, a potencializar nossas ações, de modo a pensarmos propostas para incluir os sujeitos que estão à margem do sistema educacional, social, político e econômico no qual participam.

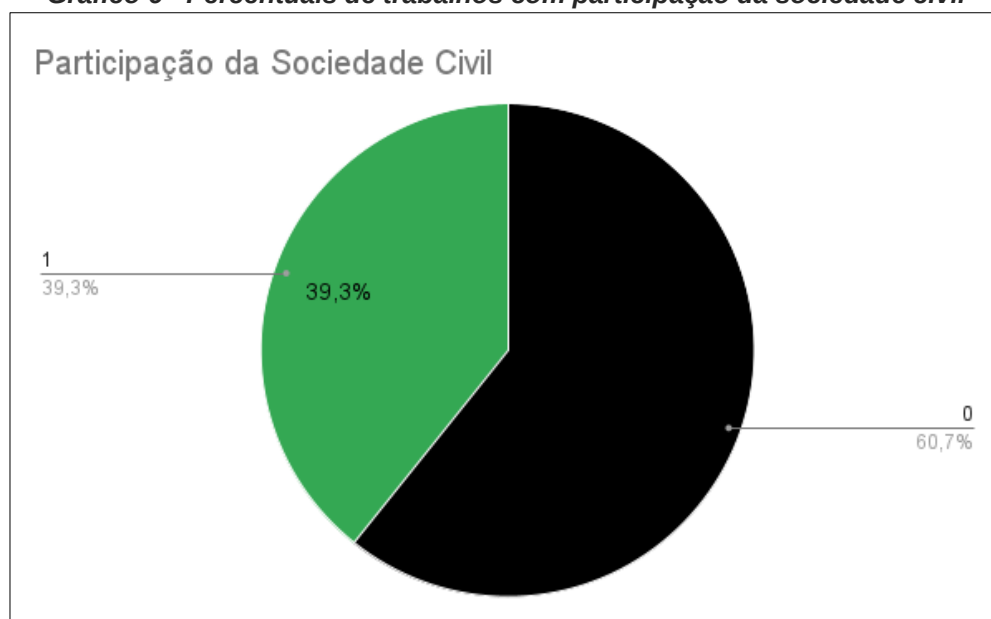
Cabe ressaltar que em termos **de políticas públicas** para a EJA, com base nessas autoras e autores SILVA (1998), FERRONATO (2005), BARRETO (2005), POJO (2006), GONÇALVES (2006), KUNRATH (2006), ABBONÍZIO (2007), RODRIGUES (2016), SOLHA (2012), SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007), FRANCO (2009), SEPÚLVEDA (2009), BORGES (2009), ANCASSUERD (2017), PONTUAL (1996), TELLES (1998), BORGES (2001), SANTOS (2008), SANTOS (2010) e FREDERICK (2012), fica evidente as oscilações que persistem ao longo de décadas e, no caso específico do MOVA, acaba assumindo um aspecto mais marginalizado ainda em relação à educação formal, pois apesar de em algumas regiões brasileiras o movimento ter tomado um corpo mais amplo devido às ações de luta pelos coletivos nos encontros de fóruns, seminários, entre outros, na maioria das vezes acabam ficando reféns da gestão governamental.

Um pouco dessa denúncia também é esboçada por FERRONATO (2005, p. 29): *“No Mova, o analfabetismo deve ser visto como mais uma expressão do processo de exclusão das classes populares; logo, é uma dívida social que deve ser atendida pelo estado, estabelecendo políticas públicas para a educação”*. Logo, vemos que a

política pública não chega de maneira efetiva aos indivíduos que mais necessitam. Por outro lado, as pesquisas evidenciam que tanto nacionalmente, como internacionalmente, as pessoas estão envolvidas com objetivos comuns que é a superação do analfabetismo, por exemplo, a UNESCO.

5. 1 f) Participação da sociedade civil

Gráfico 6 - Percentuais de trabalhos com participação da sociedade civil



Os dados marcados como 1 (em verde no gráfico 6), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação às participações da sociedade civil, que apesar de expressivos, somaram-se em menos da metade, apenas 39,3%**. Deixando um pouco mais da metade, 60,7% como resultados com ausência dessa categoria (demonstradas pelo 0 em preto no gráfico 6).

Quadro 16 - trabalhos identificados com categoria “Participação da sociedade civil”

Participação da Sociedade Civil			
	Trabalhos com categoria exclusiva identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	2	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.

3	T2 - Tecendo a Rede MOVA – BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações	3	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.
4	DC5 - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS	4	D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.
5	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL	5	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
	-----	6	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
	-----	7	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
	-----	8	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.
	-----	9	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal
	-----	10	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
	-----	11	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
	-----	12	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.
	-----	13	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.
	-----	14	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)
	-----	15	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.
	-----	16	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.
	-----	17	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS

Percebemos, então que apenas 5 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 17 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo significativamente a dimensão exclusora dessa categoria *Participação da Sociedade Civil*.**

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da categoria “Participação da Sociedade Civil”, foram³¹:

Quadro 17 - Elementos excludores e transformadores – Categoria *Participação da sociedade civil*

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D5) POJO (DC6) GONÇALVES (D7) KUNRATH (D10) SILVA (D11) RODRIGUES (D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (DC2) PONTUAL (DC3) TELLES (DC4) BORGES (DC5) SANTOS (DC6) SANTOS	1. Ausência da participação popular das tomadas de decisão 2. Burocratização	1. Rede MOVA Brasil 4. Coparticipação da sociedade civil no ciclo de políticas públicas 2. Espaços para salas de MOVA 6. OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público)

Os estudos destacam que a participação da sociedade civil nas ações do movimento de alfabetização de jovens e adultos é muito relevante, pois fortalece o movimento. Por outro lado, nem sempre esteve articulada junto ao MOVA para reivindicar, por exemplo, políticas públicas. E na maioria das vezes, se esbarram na burocracia. Relativo aos benefícios da participação da sociedade civil, está no favorecimento dos espaços físicos.

Não se pode deixar de atentar para que a participação da sociedade civil se

³¹ Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5f desta tese.

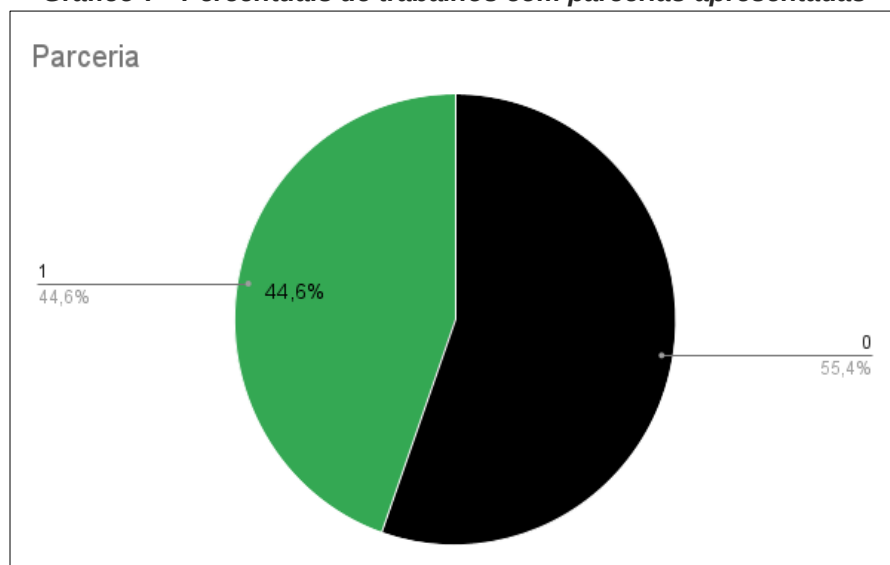
concretize de fato e a solução é o diálogo no sentido de criar redes e unir forças para estabelecimento de propostas de interesses comuns e resolução de problemas que afetam a sociedade. Na alfabetização de pessoas jovens e adultas, RODRIGUES (2016, p.66) destaca : “[...] *A coparticipação da sociedade civil no ciclo de políticas públicas não apenas propicia maior legitimidade às decisões do governo como a realiza ações para além do caráter meramente consultivo, como o monitoramento das políticas públicas, avaliação de rumos exercendo pressão popular.*” Depoimento de Alemão extraído de SOLHA (2012, p. 69): “ [...] *É um trabalho gratificante que se realiza graças ao apoio das Comunidades, Igrejas, Associações Amigos de Bairros, Espaço Solidário, Secretaria de Educação e parceiros que se empenham nesta luta de inclusão das pessoas na educação.* ” Dessa maneira, podemos concluir que a participação da sociedade civil, o envolvimento humano é fundamental como forma de alcançar maiores eficiências nas atividades.

No que diz respeito à participação da sociedade civil, os estudos de SILVA (1998), FERRONATO (2005), BARRETO (2005), POJO (2006) e outros³², esclarece que a participação social é fundamental, cita RODRIGUES (2016, p. 68): “ [...] *A criação do MOVA-SP em parceria com a sociedade civil, foi pautada na ideia da mobilização e engajamento. O nome MOVA remete-nos a um caráter emancipador, apresentando-se como um movimento de resistência e construção de um outro modo de se fazer educação abrindo um diálogo com a participação popular*”. A participação da sociedade civil pode se configurar de diversas maneiras dentro do movimento, tais como proposições de políticas públicas, reivindicações de espaços físicos, convênios, entre outros, fundamentais para gestão, a implementação/implantação dos MOVAs.

³² A saber: GONÇALVES (2006), KUNRATH (2006), SILVA (2016), RODRIGUES (2016), SOLHA (2012), SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007), SEPÚLVEDA (2009), BORGES (2009), PONTUAL (1996), TELLES (1998), BORGES (2001), SANTOS (2008) e SANTOS (2010).

5. 1 g) Parceria

Gráfico 7 - Percentuais de trabalhos com parcerias apresentadas



Os dados marcados como 1 (em verde no gráfico 7), figuram todos os trabalhos que apresentaram **resultados observáveis em relação às parcerias, que se somaram em quase metade dos resultados, sendo eles 44,6%**. Deixando um pouco mais da metade, 55,4% como resultados com ausência dessa categoria (demonstradas pelo 0 em preto no gráfico 7).

Quadro 18 - trabalhos identificados com categoria “Parcerias”

Parceria			
	Trabalhos com categoria exclusiva identificados		Trabalhos com categoria transformadora identificados
1	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	1	D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),
2	T2 - Tecendo a Rede MOVA – BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações	2	D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.
3	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS	3	D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.
4	DC5 - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS	4	D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.
5	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE	5	D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.

	EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL		
	-----	6	D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.
	-----	7	D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo
	-----	8	D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freiriano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.
	-----	9	D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.
	-----	10	T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal
	-----	11	T2 - Tecendo a Rede MOVA –BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações
	-----	12	T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.
	-----	13	T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.
	-----	14	T5 - A Alfabetização de Jovens e adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.
	-----	15	DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)
	-----	16	DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.
	-----	17	DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.
	-----	18	DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS
	-----	19	DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL
	-----	20	DC7 - Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares'

Percebemos, então que apenas 5 desses trabalhos identificáveis tinham essa categoria como dimensão exclusora e 20 trabalhos com dimensão transformadora, **prevalecendo amplamente a dimensão exclusora dessa categoria *Parceria***.

Os dados que compuseram essas análises, para geração dos resultados percentuais acima elucidados, em relação aos trabalhos que tiveram a presença da categoria “Parceria”, foram³³:

Quadro 19 - Elementos excludores e transformadores – Categoria *Parceira*

Dissertações/teses	Elementos Excludores	Elementos Transformadores
(D1) SILVA (D2) FERRONATO (D3) BARRETO (D5) POJO (D6) GONÇALVES (D10) SILVA (D11) RODRIGUES (D12) SOLHA (D13) SILVA (T1) PRADO (T2) SANTOS (T3) FRANCO (T4) SEPÚLVEDA (T5) BORGES (DC1) SILVA (DC2) PONTUAL (DC3) TELLES (DC4) BORGES (DC5) SANTOS (DC6) SANTOS (DC7) FREDERICK	1. Influência no distanciamento da concepção popular 2. Administrativo	1. A Fundação universidade Federal do Rio Grande em parceria com o MOVA-RS na formação dos sujeitos do MOVA 2. Parcerias MOVA-Brasil (RN) 3. Envolvimento de poder público e grupos sociais 4. Encontros nacionais e regionais 5. Parceria entre poder público e sociedade civil 6. MOVA Digital 7. MOVA Digital e pesquisadores da PUCSP 8. Parceria envolvendo UFSCar e a SMEC, e o Brasil Alfabetizado 9. Envolvimento com ONGs 10. Convênio com a PMSP 11. Parceria PBA

No quadro acima observamos que os elementos transformadores tiveram destaque nesse caso a parceria pressupõe o envolvimento e uma articulação entre o MOVA, e demais parceiros para que possa ter a concretude de projetos dentro do movimento, haja vista, a carência de recursos pedagógicos e humanos . Então, o caminho é união como possibilidade de melhor atender, acolher e suprir as necessidades das pessoas jovens e adultas da EJA, ao mesmo tempo tem se a necessidade de que todas e todos estejam motivados e engajados em participar. Um exemplo, de parceria destacado por SILVA (2009, p.121):

“Em novembro [...] foi realizado o I Congresso Regional de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, fruto de uma parceria entre a UFSCar e a SMEC. Essa parceria também deu origem ao projeto ‘Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas e Inclusão Digital’ que, ao longo de 2004,

³³ Além disso, para que pudéssemos corroborar esses levantamentos, trechos dos próprios trabalhos foram analisados e recortados conforme apresentado no Apêndice 5g desta tese.

ofereceu acesso à informática acerca de 600 educandos das salas de alfabetização do município. [...] Em 2004, havia em São Carlos, 41 salas do MOVA e 20 salas do 'Brasil Alfabetizado' E ainda temos o destaque de FRANCO (2009,p.140): “Devido a experiência, em 2002, estabeleceu-se uma parceria entre alguns pesquisadores, da PUCSP e uma escola da rede particular da zona leste de São Paulo, que, desde 1997, mantinha o curso de Alfabetização de Jovens e Adultos, gratuitamente para os menos favorecidos da região. A proposta dessa parceria era dar continuidade ao MOVA DIGITAL.

Passa a ser primordial as parcerias e as pesquisas demonstram o quanto foi relevante para a formação de todos os envolvidos, pois o comprometimento de cada um, mais a força humana, a transparência, as decisões coletivas é o que possibilita um resultado positivo. Entretanto, nem sempre às parcerias ocorrem como o desejável comenta SANTOS (2010, p81): *“A parceria tinha suas dificuldades, pois a entidade não possuía funcionários específicos para realizar o trabalho com o MOVA e assim também CRE não dava conta de assessorar todos os municípios”* Há que se considerar que nem sempre às parcerias serão cem por cento efetivas, as vezes estará fadada ao insucesso. Importante destacar que a relação de parceiro passa pelo público e pelo privado.

No que tange às parcerias, os autores SILVA (1998); FERRONATO (2005); BARRETO (2005); POJO (2006); GONÇALVES (2006), SILVA (2016); RODRIGUES (2016), SOLHA (2012); SILVA (2015), PRADO (2007), SANTOS (2007); FRANCO (2009); SEPÚLVEDA (2009); BORGES (2009); SILVA (2001), PONTUAL (1996); TELLES (1998) e BORGES (2001), SANTOS (2008), SANTOS (2010) e FREDERICK (2012), tem como consenso o estabelecimento delas para a promoção de ações que visam a formação educativas, por exemplo, uma vez, o MOVA sempre é detentor de recursos financeiros para um atendimento abrangente. Nesse sentido, os parceiros e parceiros que tem como foco a transformação social se integram ao coletivo. Um exemplo de parcerias, identificadas por SANTOS (2016, p.69): *“[...] Parceria no Projeto Mulheres Mil, Parceria com a Pronatec (Parceria com o Programa nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) [...]”*, entre outras, que são estabelecidas com Universidades, Fundações, que colabora na sustentabilidade dos MOVAs.

5. 3. Considerações Finais

“O sentido surge, assim, quando a leitura da palavra é sinônimo da realidade”
Freire e Macedo (1989).

O Movimento de alfabetização de jovens e adultos o MOVA, surgiu com proposta para a cidade de São Paulo em 1989, e foi se configurando em outras regiões do Brasil (municípios e estados) a proposta pedagógica do MOVA era com base na educação popular e nos princípios freireanos, mas percebemos que em alguns lugares ocorreram alterações, afim de atender as especificidades locais e perpassaram por oscilações em diversos âmbitos: das políticas públicas, formação de educadoras/educadores, monitores/monitoras, a celebração parcerias, participação da sociedade civil, estruturas físicas, entre outros fatores.

A alfabetização de pessoas jovens e adultas, não pode ser vista ou pensada como sendo o final da linha /ponto final, em relação aos outros níveis de ensino da educação básica. Pensar na alfabetização de jovens e adultos é pensar em cidadania e no direito humano.

Uma outra questão, é necessário sabermos quem são os sujeitos que frequentam os núcleos de alfabetização e levar em conta que a maior parte das educandas/os que frequentam núcleos/salas de alfabetização são pessoas trabalhadoras, tais como: o padeiro, a cozinheira, o trabalhador rural, as pessoas que trabalham na coleta de resíduos, entre tantas outras profissões. Por isso, pensar em políticas públicas que realmente atendam as demandas dessas pessoas é necessário.

Percebemos que precisamos de fato, dialogar coletivamente e chegar a um consenso para efetivar as adequações necessárias, sendo que a educação de jovens e adultos é relevante para o desenvolvimento do país. Para isso, ela deve ser tratada como prioridade, da mesma forma que para com os demais níveis de ensino. Porém, as pesquisas denunciam a falta de respaldo legal na alfabetização de jovens e adultos, e evidenciam as políticas perenes e sazonais, advindas das gestões públicas. Assim, é necessário pensarmos estratégias eficazes, em se tratando de EJA ou de MOVA, afinal as denúncias das pesquisas não deixam dúvidas que é preciso ter uma política pública, seja ela municipal, estadual ou federal, de maneira que venha realmente incluir as pessoas jovens e adultas nos contextos educativos e formativos. Logo, adequar o projeto político-pedagógico é fundamental para que possam realmente

inserir os educandos no contexto educativo, e para isso requer-se pensar na flexibilização de horários de entrada e saída nas aulas, é promover o acesso na escola, por exemplo.

Somado a isso, é importantíssimo investimentos na formação das educadoras e educadores dos movimentos populares para que o trabalho seja articulado realmente com os conteúdos científicos e os saberes práticos da vida das pessoas jovens e adultas, cujos conhecimentos de vida são riquíssimos por sinal. A formação é relevante pois é o momento que vamos ganhando o conhecimento instrumental e apropriação de conceitos que possam colaborar na junção dos saberes (escolares, acadêmicos, científicos, históricos, culturais e os saberes da vida cotidiana) aplicados nas práticas de ensino.

As práticas pedagógicas dos MOVAs são transformadoras em algumas regiões, porém em outras são fragilizadas, por diversos fatores: educadores/educadoras, monitores/monitoras sem formação, baixos salários pagos pelo valor da bolsa auxílio, falta de engajamento, sem formação política, entre outros fatores.

Como apontado nas pesquisas do MOVA São Paulo, nos planos de trabalhos do MOVA devem estar articulados com a Secretaria de Educação, com vista a certificação para o Ensino Fundamental e alinhado à Educação de Jovens e Adultos, pois torna-se mais um instrumento de valorização e incentivo para que as educandas e educandos continuem os estudos.

Com relação à alfabetização emancipadora, percebemos que o projeto político-pedagógico do MOVA aborda o conceito de Paulo Freire, com vista à educação dialógica, libertadora e valorização do sujeito dentro processo de ensino e aprendizagem, porém nem sempre as educadoras e educadores conseguem desenvolver uma prática pedagógica com base na teoria freireana.

Outro ponto importante indicado pelas pesquisadoras e pesquisadores, os profissionais que atuam na EJA e no MOVA precisam estar envolvidos e trabalhar de forma conjunta, com o foco na aprendizagem e na evolução formativa dos estudantes. Uma questão que fica explícita na pesquisa é a que os estudantes criam vínculos com os educadores e esse fato tornar se um elemento preocupante, com os vínculos estabelecidos, em outras palavras, de não desejar ir para outros espaços educativos para dar continuidade a formação.

Nesse sentido, ressaltamos novamente a formação dos profissionais que atuam na alfabetização de jovens e adultos no diz respeito a esses vínculos mencionados. E

diante desse aspecto, Paulo Freire pontua que a educação deve ser com amorosidade, mas precisa ter rigorosidade. De fato, sabemos que os laços afetivos e os vínculos estão presentes nos núcleos de MOVA, principalmente em relação as pessoas mais idosas que frequentam às aulas. Desse modo, faz-se necessário criar caminhos e direcionamentos para que os educandos possam ao mesmo tempo, continuar envolvidos no MOVA como voluntários e continuando seus processos educativos. E para isso, cabe-nos estabelecer parcerias que visem fortalecer o movimento, bem como fomentar recursos a ele, pois há pesquisas indicando como é importante a formalização das parcerias com as secretarias de educação, universidades, entre outras instituições com compromissos sérios e fecundos, bem como a participação da sociedade civil e dos movimentos populares.

Por outro lado, nos trabalhos que trazem a caracterização dos sujeitos, bem como em entrevistas e depoimentos, é possível perceber como o “aprender a ler e a escrever” impactou positivamente a vida das pessoas, haja visto os depoimentos deles que dizem sobre as mudanças atuais e, como foram constrangidos e discriminados por não saberem “ler e escrever”, ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, o movimento de alfabetização com todas as limitações, vem contribuindo para que o Brasil diminua o índice de analfabetismo. No entanto, há um fator que faz com que o MOVA não dê continuidade, está articulado às questões político-partidárias, conforme destaca SOLHA (2012, p.83) : “[...] Em Santo André o MOVA foi embora de ‘mala e cuia’, (sic) e isso aconteceu também em Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, onde a ‘direita’ comanda, não tem movimento.” e é mostrado em GOMES (2017):

“Após a saída do prefeito Edmilson Rodrigues, em 2004, o MOVA perdeu força, seus líderes continuaram lutando para manter vivo o movimento. As turmas ainda resistiram até o ano de 2014, no início da gestão de Zenaldo Coutinho (2013-até o presente momento), quando o programa parou suas atividades, e sem previsão de retorno, devido à falta de repasses de recursos do governo federal.” GOMES (2017, p.47)

Posto isso, é importante notarmos que a vivacidade do movimento de alfabetização de jovens e adultos está fortemente articulada com os princípios freireanos, a educação popular e emancipação/ libertação dos sujeitos neles envolvidos, sendo essas as raízes do movimento. Porém, os MOVAs necessitam de outros elementos como: participação dos educandos e das educandas nas aulas,

participação da sociedade civil, parcerias, formação de educadores e educadores e pessoas que se disponibilizam a lutar por uma sociedade em que os seres humanos possam ter igualdade de acesso ao conhecimento histórico e cultural produzido pela humanidade. Inclusive, nos trinta anos de MOVAs, foi possível perceber as instabilidades advindas das políticas públicas educacionais, que de certa forma, foram sucumbindo o movimento de alfabetização em alguns municípios, não afetando os MOVAs na sua totalidade, justamente pelo motivo de permanecerem pessoas engajadas e comprometidas em prol da educação de todos, apesar dos entraves.

Destacamos também que o movimento de alfabetização de pessoas jovens e adultas é um movimento que se materializa como uma verdadeira biblioteca viva intitulada saberes da vida toda. Assim não oportunizar o diálogo entre saberes é como descartar um universo rico de conhecimentos humanos.

Posfácio

Minhas reflexões durante a elaboração da tese

Lá no preâmbulo, iniciei minha apresentação descrevendo um pouco dos caminhos que me fizeram chegar até esse contexto, pois bem! Não poderia deixar de compartilhar como foi esse processo de escrita, digo que foi muito desafiador e ao mesmo tempo me gerou muitas reflexões em torno da minha própria prática enquanto educadora.

A medida em que fui tendo contato com as teses e dissertações, lendo e relendo-as, um filme ia passando na minha cabeça, e as lembranças me tomavam por inteira, e de repente me via ali, com os olhos lacrimejantes em um estado de melancolia que me envolvia por completa. Por outro lado, tentava buscar forças para dar continuidade a todo esse processo formativo. Compartilho os momentos de angústias vivenciados por mim, no sentido de que não devemos desistir, jamais dos sonhos e dos nossos objetivos. Confesso que não foi nada fácil, escrever em um período de pandemia, (COVID-19) perdi muitas pessoas, mais que especiais que faziam parte da minha trajetória de vida neste corpo carnal, além disso, quebrei a fíbula em uma queda no banheiro, hoje faz parte de mim pinos e parafusos e me rendeu alguns meses imobilizada, ainda sinto os reflexos dessa queda, mas é necessário superar.

Um grande aprendizado!

Puxa! O contato com as produções acadêmicas me fez ter uma dimensão muito maior da educação das pessoas jovens e adultas, me fez chorar, rir, sentir, refletir e compreender sobre alguns conceitos que outrora jamais poderia imaginar conhecer, pude viajar nas leituras do sudeste ao sul do Brasil, conhecendo histórias dos sujeitos da EJA, que eram próximas as minhas, assim percebo que a educação ainda precisa chegar nos locais sim, mas também na vida das pessoas. Nesse sentido, a pesquisa acadêmica me possibilitou rever minhas próprias práticas e posicionamento no mundo, pude sentir uma força tão intensa nesses últimos dias e uma vontade enorme de começar pôr em prática tudo que pude absorver das leituras das produções acadêmicas e outros autores. Nessa perspectiva, sinto que não somos sós no mundo, estamos intimamente entrelaçados, não possível fechar os olhos para as desigualdades sociais na sociedade, o que não dá para fazer é não fazer nada, porque a vida ela está sendo como diz Freire em suas obras que nos ajudam a entender um pouco mais desse contexto que é vivido e sentido por nós e pelos outros. Agradeço

imensamente a cada pessoa que colaborou comigo nesse processo todo, e saibam que o conhecimento adquirido por mim não é só meu. Gratidão!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACORDE SÃO CARLOS. Disponível em: <https://acordesc.org.br/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

Aprendizagem dialógica na sociedade da informação. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia Editorial, 2008.

ARROYO, M. G. **Educação de jovens-adultos:** um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In:* SOARES, L. GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (org.). **Diálogos na**

ARROYO, M. G. Formar educadores de jovens e adultos. *In:* SOARES, L. (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica/MEC/UNESCO, 2006. p. 17- 32.

BDTD - BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES.
Disponível
em:<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=MOVA+Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o+de+Jovens+e+Adultos&type=AllFields&limit=20&sort=relevance>. Acesso em 17 de outubro de 2019.

BORGES, L. S. **A alfabetização de jovens adultos como movimento:** um recorte na genealogia do MOVA. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre: PUCRS, 2009. 154f.

BRAGA, Fabiana Marini and FERNANDES, Jarina Rodrigues. **Educação de Jovens e Adultos:** contribuições de artigos em periódicos brasileiros indexados na base SciELO (2010-2014). Cad. CEDES [online]. 2015, vol.35, n.96, pp.173-196. ISSN 1678-7110.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. **Cultura popular e educação popular:** expressões da proposta freireana para um sistema de educação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016.

CARTA DE PORTO ALEGRE – REDE MOVA BRASIL. 02 DE NOVEMBRO DE 2014.

CARVALHO, R. T. **O diálogo como dispositivo pedagógico na educação intercultural para jovens e adultos.** Trabalho apresentado na reunião anual da ANPEd, n. 32, 2009, Caxambu. Disponível em: www.anped.org.br/gt1.htm. Acesso em: 12 ago. 2018.

Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

CATELLI, R.; HADDAD, S.; RIBEIRO, V. M. (org). **EJA em xeque:** desafios das políticas de educação de jovens no século XXII. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2014, p. 5-6.

COSTA, P. C. O que se aprende além das letras: um estudo sobre alfabetização de pessoas idosas. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, n. 14, v. 4, p. 721-730, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial – Out. – 2005.

DI PIERRO, M. C. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** Cadernos Cedes, ano XXI, n. 55, novembro/2001.

DI PIERRO, M. C.; CATELLI JÚNIOR, R. A construção dos direitos dos jovens e adultos à educação na história brasileira recente. *In*: GRACIANO, M.; LUGLI, R. S. G. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na Educação de Jovens e Adultos.** São Paulo, Alameda, 2017, p. 35-60.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, Orlando; RIBEIRO, V. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, v. XXI, nº 55, Campinas, Nov. 2001. Acesso em: 14 out. 2014.

DI PIERRO, Maria Clara. **O impacto da inclusão da Educação de Jovens e**

Adultos no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) no estado de São Paulo. In.: CATELLI JR. e outros (org.). EJA em xeque – desafios das políticas de Educação de Jovens e Adultos no século XXI. Global Editora e Ação Educativa. 2014. p. 39-76

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, v. XXI, nº 55, Campinas, Nov. 2001. Disponível em: . Acesso em: 14 out. 2014.

FARIA, V. **Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego:** a experiência brasileira dos últimos trinta anos. In SORJ, B., and ALMEIDA, MHT., orgs. Sociedade e política no Brasil pós-64 [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 182-244. ISBN: 978-85-99662-63-2. Available from SciELO Books.

FÁVERO, O. Políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In: SOUZA, José dos Santos; SALES, Sandra Regina (org.). **Educação de Jovens e Adultos:** políticas e práticas educativas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FIORI, E. M. **Prefácio: Aprender a dizer a sua palavra.** In: FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FRANZI, J. **Aprendizagem dialógica na educação de pessoas jovens e adultas:** entrelaçando experiência e educação. Trabalho apresentado na reunião anual da ANPEd.,

FREIRE, P. P.; IRA, S. **Medo e ousadia** [recurso eletrônico]: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE P. **A Educação na Cidade.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____ **A Importância do ato de ler.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____ **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987b.

_____ **À sombra desta Mangueira.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____ **À sombra desta mangueira.** 9. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

_____ **Conscientização:** Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2008.

_____ **Educação como Prática da Liberdade.** 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____ **Pedagogia da Autonomia.** 42. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2010.

_____ **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____ **Pedagogia da Esperança.** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

_____ **Pedagogia da Indignação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987a.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____ **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

_____ **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____ **Conscientização:** teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102 p

_____ **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____ **Pedagogia da esperança** – um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____ **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16ª ed. 2009.

_____ **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São

Paulo: UNESP, 2000.

_____ The politics of education: culture, power, and liberation. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985. 209 p.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

ELZA FREIRE. Setembro de 1977. In: COSTA, Albertina de Oliveira et. Alii. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GADOTTI, M. **MOVA: Herdeiro da Educação Popular. II SEMINÁRIO ESTADUAL DE AVALIAÇÃO DO MOVA-RS. [Anais...]**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2000.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado** – São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em < [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3084/FPF_PTPF_12_081.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3084/FPF_PTPF_12_081.pdf) >

GALVÃO, M.; PADILHA, P. R.; LEITE, R. **Diversidade e Direitos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. Caderno MOVA Brasil, v. 5.

GATTI, B. A; BARRETO, E. S. S; ANDRÉ, M. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: Unesco, 2011.

GOMES, N. L. (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GÓMEZ, J. *et al.* Metodologia **Comunicativa Crítica**. Barcelona: El Roure Editorial S. A., 2006.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. v. 2. Lifeworld and system: a critique of functionalist reason. Boston: Beacon Press, 1989.

HADDAD, S. **Estado da arte da Educação de Jovens e Adultos**. 23ª reunião anual da ANPED. Caxambu/MG, 2000b.

HADDAD, S. Juventude e escolarização: uma análise da produção de

conhecimentos. **Estado do Conhecimento**, n. 8. Brasília, DF: MEC/INEP, 2002.

HADDAD, S. **O estado da arte das pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil**: A produção discente da pós-graduação em educação no período 1986 – 1998. São Paulo: Ação Educativa, 2000a.

HADDAD, S. **Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos**: um balanço de experiências de poder local. In: HADDAD, Sérgio. et al. *Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007. p. 7-49.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, São Paulo: ANPED, 2000.

_____. **Uma visão da história da escolarização de jovens e adultos no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2006

_____. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p.108-130, mai-ago. 2000.

HADDAD, Sérgio. **Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos**: um balanço de experiências de poder local. In: HADDAD, Sérgio. et al. *Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007. p. 7-49.

IBGE 2020 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012-2019. Acesso em set 2021. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=No%20Brasil%2C%20segundo%20a%20Pesquisa,havia%20sido%206%2C8%25>>

INSTITUTO PAULO FREIRE. RELATÓRIO MAIS. **Lições Aprendidas**, São Paulo, 2012.

INSTITUTO PAULO FREIRE. RELATÓRIO MAIS. **Sistema MOVA Brasil**, 2012.

São Paulo – SP.

INSTITUTO PAULO FREIRE. RELATÓRIO MAIS. **Sistema MOVA Brasil**, 2014. São Paulo – SP.

INSTITUTO PAULO FREIRE. RELATÓRIO MAIS. **Sistema MOVA Brasil**, 2011. São Paulo – SP.

IRELAND, Timothy. **Educação de Jovens e Adultos como política pública no Brasil (2004 – 2010)**: os desafios da desigualdade e da diversidade. Rizoma Freireano Rhizome Freireano - n. 13 2012 Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas (...) 33 • Instituto Paulo Freire de España. Disponível em <http://www.rizoma-freireano.org/index.php/educacao-de-jovens>

IRELAND, Timothy. **Educação de Jovens e Adultos como política pública no Brasil (2004 – 2010)**: os desafios da desigualdade e da diversidade. Rizoma Freireano • Rhizome Freirean - n. 13. 2012. In: *Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas*. Instituto Paulo Freire de España. Disponível em <http://www.rizoma-freireano.org/index.php/educacao-de-jovens>.

KUNRATH, J. L. **A formação de educadores do MOVA-SP no contexto de educação popular**. 2006. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. 127f.

LIU, E. P. PINI, F. R. O.; GÓES, W. **Educação Popular**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. Caderno MOVA Brasil, v. 3.

LIVRO MOVA BRASIL. **Alocado no site do instituto Paulo Freire**. Disponível em: <https://paulofreire.org/32,4MB-livro-MOVA-brasil-10-anos.pdf>. Acesso em: 14 jul. de 2019.

MEC. **Parâmetros em Ação**: Alfabetização. Texto 22. Brasília, 1999.

MELLO, R. R. **Metodologia de Investigação Comunicativa**: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todas e todos. Trabalho apresentado na reunião anual da ANPEd, n. 29. Caxambu, 2006. Disponível em: www.anped.org.br/gt1.htm. Acesso em: 12 ago. 2018. MOREIRA, R. **Diversidade**

Cultura e Educação Escolar: perspectiva comunicativa – dialógica para o trabalho Pedagógico. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, SP. 2010.

MOVA SÃO CARLOS. Disponível em: <https://www.facebook.com/MOVAsaocarlos/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

MOVA. **Edição de 10 anos do MOVA-Brasil.** IPF, Petrobrás. FUP, Ministério da Educação, São Paulo, 2013. n. 33, Caxambu, 2010. Disponível em: www.anped.org.br/gt1.htm. Acesso em: 12 ago. 2018.

NASCIMENTO, M. N. M. **Notas sobre a história da população negra no Brasil.** In: MARTINS, M. F.; VARANI, A. (org.). Introdução: Educação das relações étnico-raciais – apontamentos críticos e a realidade da região de Sorocaba. 1. Ed. v. 1. São Carlos: EDUFSCar, 2015. p.43-60.

NASCIMENTO, S. M. **EJA:** Educação de jovens e adultos na visão de Paulo Freire. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). 2013. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paranavaí, 2013. 53f. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4489/1/MD_EDUMTE_2014_2_1_16.pdf. Acesso em: 22 jul. 2018.

OLIVEIRA, R.; SOUZA, F. A. **Educação e relações étnico-raciais.** Ilhéus: Editus, 2012. 123p. (Pedagogia – módulo 4 – volume 7 – EAD).

PAPI, S. O. G.; MARTINS, P. L. O. As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações. **Educação em Revista**, UFMG, v. 26, p. 39-56, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/a03.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

PONTUAL, C. P. (org.). **MOVA-Brasil 10 anos:** Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2013. REALI, A. M. TANCREDI, R. M.; MIZIKAMI, M. G. Programa de mentoria online: espaço para o desenvolvimento profissional de professores iniciantes e experientes. **Educação e Pesquisa**, n. 1, v. 34, p. 77-95, 2008.

PONTUAL, C. P. **Desafios pedagógicos na construção de uma relação de**

parcerias entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA-SP 1989-1992. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação História Política e Sociedade). Curso de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1995. 243f.

Rev. Bras. Educ., v. 12, n. 34, p. 94-103, 2007.

ROLDÃO, M. C. **Função docente:** natureza e construção do conhecimento profissional.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.** Porto Alegre: Sulina, 1978.

SANTOS, S. A. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas.** (org). Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

SÃO CARLOS. **Câmara Municipal de São Carlos. Lei nº 12.968.** São Carlos, SP, 2002.

SHULMAN, L. Conhecimento e Ensino: Fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 196-229, 2014.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, M. B. **Alfabetização no Brasil:** o Estado do Conhecimento. Brasília: INEP/Santiago: Reduc, 1989.

Spigolon, Nima Imaculada. **Pedagogia Da Convivência: Elza Freire – Uma Vida Que Faz Educação.** Campinas, SP: [dissertação] 2009.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, 439 p.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439 p.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos.** Jomtien, Tailândia, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002326/232699por.pdf>. Acesso em:

25 ago. 2018.

VALLS, R.; SOLER, M.; FLECHA, R. Lectura dialógica: interacciones que mejoran y aceleran la lectura. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 46: jan.-abr. 2008. Disponible en:

APÊNDICES:

1. Exemplos das anotações das leituras guiadas dos trabalhos selecionados para a análise qualitativa, com base em nossa codificação.

(DC8) - PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O que dizem os egressos do MOVA Belém?

Jaqueline Teixeira Gomes, pela Universidade do Estado do Pará, no ano de 2017.

Referências: Gomes, Jaqueline Teixeira. Práticas de alfabetização, letramento e educação: O que diz o MOVA Belém? Mestrado em Educação- Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.106f.

Título: Práticas de alfabetização, letramento e educação: O que diz o MOVA Belém.

Temática: Alfabetização de Jovens e Adultos e letramento.

Abordagem: Qualitativa (história oral e história de vida) entrevistas semiestruturadas, na perspectiva da história oral, e aplicação de atividades.

Principais referências bibliográficas: educação (Freire, 1981; 1987; 2006) e Brandão (2001; 2002) da educação de jovens e adultos: Arroyo (2011), Haddad e Di Pierro (2000), Moll (2011) e L. Soares (2007); do letramento: Street (2014), Kleiman (1995; 2005; 2007), Rojo (1998; 2009) e M Soares (1988); dentre outros.

Resumo: De acordo com Gomes (2017) o resultado da evidenciou que os estudantes que participaram da alfabetização no MOVA tiveram sucesso em relação a aquisição da leitura, os avanços foram percebidos devido a ampliação nas práticas de letramento, que possibilitou as educandas e educandos novas expectativas em relação às possibilidades de uma vida melhor, além disso foi possível verificar a elevação da autoestima. Ao término do processo de alfabetização os estudantes relataram que tiveram interesse em dar continuidade aos estudos na escola formal , porém devido às demandas do dia a dia com trabalho, por exemplo, e outros fatores não foi possível. Gomes, (2017) conclui a pesquisa indicando que os 4 egressos do MOVA Belém tiveram o direito de cidadania garantidos pois a alfabetização teve um impacto positivo na vida dessas pessoas.

Participante da pesquisa: 2 mulheres e 2 homens egressos do MOVA Belém do

ano de 2010 , bairro Jurunas . Faixa etária entre 44 a 72 anos de idade.

Pesquisa bibliográfica: Análise de 22 trabalhos, sendo 4 teses e 18 dissertações, que , a partir da leitura dos resumos foram levantadas 9 categorias dentro do campo de letramento na EJA (1) Inclusão digital, (2) Inclusão Social (3) professores; (4) currículo; (5)letramento literário; (6)prática pedagógica; (7) políticas públicas educacionais ;(8) ensino e aprendizagem; (9) MOVA Belém.

Elementos de sucesso no MOVA Belém: Nos relatos das pessoas que participaram da pesquisa elaborada por Gomes (2017) é possível observar que o movimento de alfabetização de jovens e adultos proporcionou resultados que podem ser considerados elementos de sucesso, pois nota-se nas falas das educandas e educandos o impacto positivo que tiveram ao ter inicialmente o contato com as letras. Fica evidente que passaram a olhar o mundo de outra forma, mais sensível e reflexivo agregando a letras bem como seus contornos e tamanhos nesse sentido, redescobrimo o mundo agora com a presença das letras, lhes garantido maior autonomia e independência que possibilita o próprio direito de ir e vir de maneira discreta, ou seja, fazer parte do MOVA possibilitou circular em outros espaços sem ter que revelar para outras pessoas, pois os jovens e adultos quando não sabem ler precisam perguntar para outras pessoas o itinerário do ônibus, por exemplo, e isso causa certo desconforto. Destaca Gomes (2017):

“Hoje, pegar um ônibus é algo que consigo. Ficou muito mais fácil! Consigo reconhecer os ônibus que passam aqui perto de casa. Têm ônibus que já leio o nome, porque memorizei o nome. Por exemplo, o ônibus Pedreira, é o ‘P’, não é? Ele começa com ‘P’, tem um nome grande e termina com ‘A’. O ônibus Ceasa: começa com ‘C’, tem um tamanho pequeno, termina com ‘A’, e tem a cor verde. Antes, eu nem sabia os nomes das letras” (seu João – dados verbais) (GOMES, 2007, p. 73)

Quais foram os critérios de sucesso/êxito do MOVA, demonstrados? A autora destaca que o MOVA Belém segue os princípios freireanos e isso facilita a desenvoltura das educandas e educandos no contexto educativo.

“Contudo, ressaltamos que a concepção de alfabetização do MOVA Belém segue os princípios freireanos e isso faz com que os adultos se enxerguem como atores principais da aprendizagem” (GOMES, 2017 p. 87)

Os sucessos do MOVA apresentados nesse texto tem relação com o quê?

Políticas públicas? Práticas pedagógicas? Pode-se perceber nos relatos dos estudantes que elas e eles conseguiram aprender a ler e a escrever, nesse sentido as práticas pedagógicas do MOVA Belém tiveram o desempenho esperado.

“Novas possibilidades de uma vida melhor “ O MOVA foi importante, porque aprendi a ler. Depois que eu aprendi a ler, deu tudo mais certo pra mim, porque, agora, se eu for para uma casa de família já sei o que preciso fazer. “As patroas já nem querem mais dizer:-” olhe, a senhora vai fazer isso!”. Elas vão só escrevendo e dão pra gente. Eu já aprendi a ler, aí eu já leio tudinho o que vou fazer. Às vezes é um bolo. Ela diz: - “ olha, quero um bolo de tal coisa assim! “Tudo escrito! Aí eu já vou fazer, porque já sei, não é? Se eu não soubesse, como seria? (dona Lurdes- dados verbais) GOMES, 2017 p.77)

Sobre as políticas públicas, infelizmente é o grande dilema do campo da educação de jovens e adultos e no caso do MOVA Belém a autora comenta :

“ voltadas a esse segmento, e particularmente às políticas educacionais, devem considerar a riqueza presente no conjunto de saberes produzidos por seres humanos que não frequentaram a escola quando crianças ou dela foram excluídos, bem como processos próprios da formação humana e cultural.(GOMES,2017 p.88)

Percebe-se que o MOVA é refém das políticas públicas educacionais, pois fica a critério da gestão pública criá-las ou não.

L) Esse texto mostrou práticas pedagógicas? As práticas pedagógicas têm relação com a alfabetização emancipatória? Elas contribuíram para o sucesso do MOVA? É possível observar pelos resultados das atividades que Gomes (2017) aplicou para verificar se os egressos de Jurunas realmente foram alfabetizados, que às práticas pedagógicas foram bem-sucedidas haja vista, os depoimentos das pessoas, e o próprio resultado das atividades, pois foram significativas e as aprendizagens puderam transformar a vida das pessoas envolvidas.

“ler impressos; ler rótulos de produtos em supermercados; identificar tipos de documentos; assinar seus próprios nomes; ler notícias em jornais ou revistas; expressar-se com mais facilidade; atualizar-se quanto às horas; conseguir um emprego, dentre outras (p. 64).

“[...] após as experiências no processo de alfabetização do MOVA Belém , percebemos uma maior participação dos egressos em práticas letradas, destacando, portanto, as contribuições do programa”. (p.83)

“No que se refere aos valores que atribuem à escrita, os discursos caminham no sentido de buscar, por meio da apropriação do código escrito, uma maior mobilidade social, participando de modo efetivo de práticas letradas que anterior ao MOVA Belém não eram possíveis como ler a bíblia, por exemplo,” (p.87)

(D7) - A formação de educadores do MOVA-SP no contexto de educação popular

Janis Leonicia Kunrath, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2006.

Referências: Kunrath, Janis Leonicia. A Formação de Educadores do MOVA-SP no Contexto de Educação Popular' 01/05/2006 110 f. Mestrado em EDUCAÇÃO (CURRÍCULO) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC SP

Título: Formação de Educadores do MOVA-SP no contexto de Educação Popular.

Temática: Formação de Educadores /Formação Popular

Abordagem qualitativa Com a realização de entrevistas semiestruturadas e análise de documentos do MOVA SP.

Principais referências bibliográficas: PONTUAL (1996), SOUZA (1996), CAMARGO, (1996), CARVALHO (1998), BASUALDO (1997), BRANDÃO (1980, 1984,2002 e 2003), COSTA (1998), FREIRE (1996 e 2002), DI GIORGI (1987), HADDAD (2002) , HADAD e DI PIERRO (2000) , JOIA (1999), TARDIF (2002) entre outros.

Resumo: Kuranth (2006) faz uma análise da formação dos educadores do MOVA na cidade de São Paulo do período de 2001 a 2004, na perspectiva da educação Popular, e conclui que há desafios para a prática da educação emancipatória, com vista à transformação do contexto social.

Participante da pesquisa: entrevistas semiestruturadas: Carlos Brandão, Iraci Ferreira Leite, Maria Gabriela Barbosa, Maria Aparecida Horta, Vera Barreto.

Pesquisa bibliográfica: Análise de registros e documentos do MOVA-SP

Elementos de sucesso no MOVA: “ O MOVA chega aonde a escola não está e atinge um público que estava totalmente excluído dela ” (p.116)

[...] a flexibilidade de horários do MOVA, facilita também o acesso dos educandos,[...] (p.116)

Quais foram os critérios de sucesso/êxito do MOVA, demonstrados? “Além do letramento, da possibilidade de pensamento crítico, o MOVA esta permanente tentativa de inserir os educandos na escola para dar continuidade aos estudos.(p.116)

K) Os sucessos do MOVA apresentados nesse texto tem relação com o quê? Políticas públicas? Práticas pedagógicas? Sobre as práticas pedagógicas durante a formação de educadores a questão da leitura e da escrita estavam contextualizadas com o conceito de letramento. “[...] Pelos relatos dos educadores e dos educandos fica claro que a vida dos educandos sofreu mudanças positivas, uma vez que estes passam a fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano. (p.114)

Em relação à política pública uma conquista para o MOVA São Paulo, em outubro de 2005 foi instituído como Lei Municipal Lei 14.058 (p.117)

M) Esse texto mostra critérios de limitações do MOVA? Quais? Não tem um sistema de avaliação que aponte o processo de aprendizagem dos educandos participantes do programa MOVA SP. Com dados sistematizados de toda cidade (p.114) No processo de formação de educadores muitos buscam “receitas” para serem aplicadas em sala de aula (p.114), Constantes trocas de educadores e a faixa etária dos educadores muito novos (p89), Não há um sistema para que o estudante que foram alfabetizados no MOVA sejam encaminhados diretamente para rede de ensino regular ou para o supletivo (p.99)

L) Esse texto mostrou práticas pedagógicas? As práticas pedagógicas têm relação com a alfabetização emancipatória? Elas contribuíram para o sucesso do MOVA?

“ A avaliação além de possibilitar o monitoramento e o acompanhamento do programa na cidade, também auxilia o educador no desenvolvimento da sua ação pedagógica, pois permite que acompanhe e replaneje a sua intervenção junto aos educandos de acordo com as necessidades específicas de cada um. (p. 99)

Kurath (2006) aponta que a falta de vagas no sistema de ensino também é prejudicial aos estudantes jovens e adultos. “[...] Embora todos tenham direito à

educação, não há vaga para todos” (P.100). “Outro ponto argumentado pela autora, falta de vagas próximo a residências dos estudantes “A falta de vagas para que os educandos de EJA possam dar continuidade ao estudo é uma constante na cidade, tanto na rede municipal, quanto estadual de ensino” (p.100)

Importante destacar que a autora apresenta essas informações com base no ano de 2006, época em que elaborou a dissertação. Em 2005, as instituições da sociedade civil fizeram um encaminhamento ao ministério Público Estadual, no sentido de criar um senso educativo em São Paulo, para levantar dados acerca da EJA e pensar políticas públicas efetivas para a modalidade (KUNRATH, 2006 p.100)

Devido à solicitação em 2006 o ministério Público instaurou um “Inquérito Civil determinando aos secretários municipais e estaduais de educação de São Paulo, que informe as ações e programas de atendimento à população de jovens e adultos no município de São Paulo. (p.100)”

“Para exemplificar: na cidade de São Paulo, um adulto que procura uma escola para cursar o ensino fundamental ou médio, encontra poucas escolas que oferecem a modalidade de educação de Jovens e Adultos. Como não há um sistema obrigatório de registro da demanda, em muitas escolas não se registra que esse adulto procurou uma vaga para estudar. (p.101)”

Um ponto a destacar a participação menos efetiva das pessoas envolvidas com o MOVA nos fóruns e debate impacta negativamente, pensando na luta por políticas públicas. “[...] um total de 120 instituições conveniadas ao final de 2004, apenas em torno de 50% participava dos fóruns Regionais e Municipal do MOVA.(p.102)”

Alguns problemas: Falta de recurso financeiro e descontinuidade na formação de educadores, educadores com dificuldade de leitura e escrita, caráter voluntário não é interessante na educação popular (p.106-107 e 109).

DC7: “Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares”.

Luiz Carlos Frederick, pela Universidade Cidade de São Paulo,
em São Paulo, no ano de 2012

Referências: Frederick, Luiz Carlos. Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares' 01/05/2012 138 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO

PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: Prof. Lúcio de Sousa

Título: Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA / AVIB : a Voz dos educadores populares

Temática: Formação Continuada

Abordagem: Entrevista, questionários (questões abertas) e análise documental sobre o tema. Importante destacar que os Frederick (2012) se debruçaram em analisar os documentos oficiais do MOVA BRASIL e MOVA/SP e fez coletas no banco de dados da Secretaria Municipal da Prefeitura de São Paulo, em relação a entrevista os questionários foram aplicados em 22 educadores e aos 3 coordenadores.

Principais referências bibliográficas: Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto e Enrique Dussel

Resumo: Frederick (2012) argumenta que optou por fazer uma análise da literatura e documentos oficiais, mas também ouvir os próprios educadores foi muito pertinente, no sentido de trazer elementos que podem ser relevantes e com maiores detalhes acerca da formação continuada na Associação dos Voluntários Integrados no Brasil(AVIB).

De acordo com Friedrich (2012) ações do MOVA na AVIB iniciou na década de 1990 por meio de ações voluntárias da comunidade em 2001 é que foi estabelecida a parceria com a Secretaria Municipal de Educação.(p.76)

“[...] Atualmente a AVIB atende 22 núcleos educativos, com a média de 300 educandos, 22 educadores e 3 coordenadores.”(FRIEDRICH, 2012 p. 81)

Participante da pesquisa: foram aplicados questionários em 22 educadores e aos 3 coordenadores

Pesquisa bibliográfica: Referências bibliográficas que tratam da alfabetização e documentos.

Elementos de sucesso no MOVA: Destaca-se como elementos de sucesso as Semanas de alfabetização que ocorreram em Guaianases em 2010, tiveram a participação de 4 ONGS conveniadas com o MOVA/SP. A participação das educandas, educandos, educadoras e educadores foram bem expressivas as atividades foram diversas:

“ Contou-se com sarau poético, apresentação de travas línguas, de coral, de danças, de oficinas, culturais, teatro de fantoches, depoimentos de educandos e educadores sobre as práticas pedagógicas e as conquistas na compreensão da leitura das letras e do mundo((PMSP/ SME, 2010)” (Apud Friedrich, 2012 p. 82

Quais foram os critérios de sucesso/êxito do MOVA, demonstrados? Como o tema da pesquisa centra na formação das educadoras e educadores, nas respostas dos questionários elas e eles dizem que a semana da alfabetização é importante para todas os envolvidos. “ pois todas as entidades que atuam com o MOVA/SP na região estavam presentes, o que permitiu aos educadores e alfabetizandos se integrarem para realizar as atividades conjuntamente”(p. 98)

Outra questão apontada pelos educadores é que o compartilhamento das trocas de experiências na Semana de Alfabetização é importante para pensar e repensar as práticas pedagógicas: “[... os relatos de práticas pedagógicas dos colegas que podem ajudar como intercâmbio de experiências. Na ocasião apresentaram relatos de práticas pedagógicas por meio de amostras, fotos, artes plásticas, teatros e depoimentos ...] (p. 99)

K) Os sucessos do MOVA apresentados nesse texto tem relação com o quê? Políticas públicas? Práticas pedagógicas? Nove educadores entrevistados, destacam que as oficinas oferecidas pelas ONGs são muito importantes dentro do movimento de alfabetização. “Conforme PMSP/ SME(2010,p 15): “ pintura de rosto, artesanato com palitos, leitura e contação de histórias, confecção de instrumentos utilizados na capoeira, artesanato casinha de Abelha, artesanato “vagonite”, com fita e sem fita em pano de prato e artesanato com peças de gesso” (FRIEDRICH.p 98)

Sobre a Semana da Alfabetização, os educadores argumentam que os depoimentos dos educandos e educandas são fundamentais, pois puderam relatar o que sentem e o que o MOVA representa na vida delas e deles.

“[...] cada entidade deu voz aos jovens e adultos que brevemente apresentaram com emotividade a trajetória pessoal de superação, leitura das letras e leitura de mundo” (p. 99).

L) Esse texto mostrou práticas pedagógicas? As práticas pedagógicas têm relação com a alfabetização emancipatória? Elas contribuíram para o sucesso do MOVA? Percebe-se que a questão central da dissertação é a formação continuada dos educadores e educadoras, nesse sentido os educadores e educadoras entrevistados citam algumas atividades inclusivas e interativas organizadas pela AVIB, mas não relatam explicitamente como são as práticas educativas dentro dos núcleos de alfabetização, no entanto consideram relevantes as participações dos

estudantes nos eventos coletivos com formação de interação e aprendizado.

“[...] as manifestações culturais e artísticas constituem um dos objetivos primordiais da Semana de Alfabetização, favorecendo a integração e interação dos grupos do MOVA/SP, onde todos se sentem parte de um coletivo maior.”(p.99)

M) Esse texto mostra critérios de limitações do MOVA? Quais?

Remuneração baixa dos educadores, não conseguem permanecer no programa aumenta. Rotatividade educadores. Excesso de cobranças dos educadores, falta de material pedagógico , poucas dinâmicas nos encontros, DRE não respeita o calendário de formação.

(T5) - A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA

Liana da Silva Borges, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2009.

Referências: BORGES, Liana da Silva. A Alfabetização de Jovens e Adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.156f. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,2009.

Título: A alfabetização de jovens adultos como movimento: um recorte na geologia do MOVA.

Temática: Alfabetização de Jovens e Adultos 1950 até 2002 (MOBRAL E MOVA)

Abordagem: Estudo Comparado MOBRAL e MOVA São Paulo e entrevistas

Principais referências bibliográficas: Dúvidas?

Resumo: Borges (2009) buscou construir sua tese pelo viés da alfabetização de pessoas jovens e adultas e como essa vem sendo tratada desde o final da década de 1950 até o ano de 2002. Seu principal enfoque foi a alfabetização inicial – leitura e escrita. O campo de pesquisa foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Movimento de alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) “A autora destaca que o objetivo central da pesquisa é localizar a origem política e epistemológica do MOVA-SP, seja em sua reafirmação ou em sua negação.(MEB, MCPS etc., provavelmente), ou em sua negação (MOBRAL)”. p.22

Participante da pesquisa: Arlindo Corrêa Lopes (ex-presidente do MOBRL), Carlos Rodrigues Brandão (MEB e MOVAs), Pedro Pontual (MOVA-SP), Moacir Gadotti (MOVA-SP), Ana Maria Freire e Osmar Fávero (MEB).

Pesquisa bibliográfica: “[..]análise de documentos, livros, acervos dos entrevistados e públicos – bibliotecas, teses, dissertações, o INEP e Ministério da Educação, entre outros. (p.142).” Para análise a autora formulou as seguintes categorias: concepção de alfabetização, conceito de parceria, formação de educadores e material didático. (BORGES, 2009 p.156)

J) Elementos de sucesso no MOVA: Para Borges (2009) os aspectos relacionados à concepção de alfabetização, conceitos de parceria, material didático, formação de educadores e educadoras, é um potencial nas ações do MOVAs frente ao Movimento de Alfabetização.

“Os MOVAs traçam parcerias enraizadas no respeito aos direitos conquistados pelo povo, sem minimizar o papel da Educação na garantia dos mesmos. Por isso, o sentido aplicado às parcerias apregoa efetiva participação na elaboração das políticas públicas” (BORGES, 2009, p. 105).

“[...] todos os MOVAs se assumiram identificados com o MOVA-SP no que tange a educação popular e o sócio construtivismo como fontes teórica-metodológicas imprescindíveis (BORGES, 2009, p.105)”

“[...] caminhos definidos pelos MOVAs para garantia de formação inicial e continuada dos educadores e demais segmentos dos MOVAs. (p105)

“[...] Assegurar a construção de materiais didáticos coerentes com a realidade dos educandos e compatíveis com os princípios epistemológicos do MOVA-SP. (p105)

Quais foram os critérios de sucesso/êxito do MOVA, demonstrados?

Borges (2009) compartilha as informações extraídas do material que ela investigou, nesse sentido, apresenta de forma geral a perspectiva de atuação e organização de trabalho dos MOVAs, lembrando que os MOVAs nascem a partir do MOVA São Paulo, assim muitos mantêm as propostas pedagógicas e outros fazem algumas alterações.

“No Estado de São Paulo, o MOVA- Diadema alicerça a alfabetização em uma concepção voltada para um processo construtivo, cujo “ponto de partida são os conhecimentos e as vivências adquiridas pelos educandos em sua trajetória de vida em sociedade, tanto em relação aos aspectos socioculturais como referente aos conhecimentos sobre a língua escrita, a oralidade e a leitura”. A metodologia contemplava a “mediação entre o indivíduo e o conhecimento”, através do desenvolvimento de um processo de ensino e de aprendizagem pautados em conteúdos significativos e contextualizados” (BORGES, 2009, p.113)

“Diferentemente da maioria dos MOVAs, em Diadema encontramos um conceito de alfabetização que se estendeu para além do que chamamos de alfabetização inicial, aquela voltada para o equivalente aos dois primeiros anos do ensino fundamental, momento em que é possível garantir a construção da língua materna.” (BORGES, 2009, p.114)

L) Os sucessos do MOVA apresentados nesse texto tem relação com o quê? Políticas públicas? Práticas pedagógicas?

As práticas pedagógicas, políticas públicas e as concepções de alfabetização têm o viés emancipatório, pois visa à transformação social com vistas a analisar criticamente a realidade em que os sujeitos nela vivem. As bases metodológicas do movimento de alfabetização têm como aporte teórico Paulo Freire e educação popular.

“Dando conformidade aos princípios expostos, elaboraram uma proposta metodológica coerente com a concepção de conhecimento escolhida, de forma a garantir o lugar do educando como sujeito pensante. Para orientar as ações da prática educativa, houve a necessidade de explicar seus conceitos, tais como o papel da educação na reordenação da sociedade: (BORGES, 2009, p.103)”

M) Esse texto mostrou práticas pedagógicas? As práticas pedagógicas têm relação com a alfabetização emancipatória? Elas contribuíram para o sucesso do MOVA? De acordo com a autora os Fóruns representam um espaço muito importante, pois envolve o pensar coletivo na busca de soluções, nessa perspectiva a participação nos encontros da educação de jovens e adultos, possibilita o exercício da democracia uma vez que é necessário conviver e dialogar com pessoas de diferentes regionalidades dessa forma é importante se educar para ouvir e compreender as diferentes opiniões que possam surgir e a partir daí elaborar planos e ações coletivas para atender às especificidades da educação de jovens e adultos. Nos encontros nacionais de EJA (ENEJAS) o diálogo é fundamental, pois, é um espaço para pensar

as políticas públicas, formação de educadores/ educadoras, alfabetização com vista a sua ampliação, educação matemática e tantos outros temas relevantes à vida adulta dos sujeitos da EJA. Estar nesse espaço é fundamental para pensar e repensar a EJA.

N) Esse texto mostra critérios de limitações do MOVA? Quais?

A ausência de uma política de educação efetiva que permeou as décadas de 60, 70 e 80 no Brasil, contribuiu para que apenas algumas pessoas pudessem ter acesso à alfabetização.

Em termos de Política Pública Federal para o MOVA BRASIL, no governo Lula a autora argumenta que faltou a elaboração de política efetiva para que os MOVAS pudessem ter esse respaldo. No entanto, ao MOVA Brasil foi concedido à participação nos encontros nacionais de educação de jovens e adultos (ENEJA).

“o governo Lula perdeu a oportunidade de construir uma política pública, pois o ex-ministro Cristóvão Buarque deixou claro que a alfabetização de jovens e adultos tomaria um lugar secundário no plano das políticas educacionais”. (BORGES, 2009, p.95).

(T1) - Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.

Maria Alice de Paula Santos, Universidade de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2007.

Referências: PRADO, Edna Cristina do. Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal. 2007. 202 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

Título: Um olhar avaliativo sobre o MOVA – Regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal.

Temática: Alfabetização, política pública.

Abordagem: quantitativa e qualitativa (p. 82) Análise documental e entrevista. Recorte temporal da pesquisa de 10 anos (1995-2005) (p.81)

Principais referências bibliográficas: Sobre MOVA-SP pesquisa com base em: Camargo (1996), Pontual (1996), Salles (1998), Souza (1996) e Telles (1998). (p.57). Concepção de alfabetização: Pinto (1987), Di Pierro (2000), Haddad (1977), Freire (2000), Soares (2003), Ribeiro(1999), Tfouni (1995), Kalman (2004) entre outros.(p.28)

Resumo:

Participante da pesquisa: Entrevista com 13 pessoas sendo uma com coordenador do MOVA Regional, três com coordenadores municipais, três com educadores de (Diadema, Mauá e Santo André), três entrevistas com grupos de alunos de cada município, uma entrevista com alunos egressos de Diadema e Mauá.

Pesquisa bibliográfica: Análise documental de fontes primárias: relatórios e avaliações da Secretarias Municipais de Educação, dos Departamentos de Educação, da coordenação do MOVA Regional e do Sindicato dos Metalúrgicos da Região do ABC; os cadernos publicados pelo MOVA-SP, os cadernos publicados pelo MOVA-SP, os cadernos do MOVA nas cidades e os do Movimento regional; as atas dos seminários e eventos promovidos, pelas Secretarias Municipais de Educação e pelo movimento, análise censitárias e estudos socioeconômicos e hipertextos presentes em sites oficiais. Bem como a literatura sobre o ideário Freireano e sobre a educação de jovens e adultos. Fontes secundárias: discursos oficiais, as matérias de jornais e revistas e panfletos publicitários sobre o movimento, bem como a literatura sobre o ideário freireano e sobre a educação de jovens e adultos (p.83).

J) Elementos de sucesso no MOVA: “Objetivo central do MOVA-SP, mantido até hoje, serviu e serve de referencial para a criação e manutenção dos vários grupos de MOVA existentes em todo o país, assim como o MOVA ABC.”(p.111)

Quais foram os critérios de sucesso/êxito do MOVA, demonstrados? “A participação da comunidade civil está na matriz ético-filosófico de Freire e logo, na essência do MOVA, que vê o seu educando não como mero expectador da realidade histórica, mas como um sujeito ativo, capaz de transformá-la” (p.113)

Os sucessos do MOVA apresentados nesse texto tem relação com o quê? Políticas públicas? Práticas pedagógicas? “ Um dos grandes eixos do MOVA é a identidade, mais especificamente, o resgate da identidade do analfabeto, que se julga incapaz, diante de uma realidade opressora, de ultrapassar os limites dessa opressão.”(p.113)

“ A perspectiva política- pedagógica apresentada na documentação do MOVA-Regional e no discurso de seus coordenadores, afirma ser preciso que se parta dos conhecimentos sobre a leitura e a escrita que os alunos já têm e, a partir deles, num processo de elaboração coletiva do saber, educadores e educandos , numa ação dialógica, cheguem à conscientização de seus papéis sociais.” (p116).

Esse texto mostrou práticas pedagógicas? As práticas pedagógicas têm relação

com a alfabetização emancipatória? Elas contribuíram para o sucesso do MOVA? De acordo com Prado (2007) “ a formação dos educadores do MOVA- Regional aproxima-se de práticas experimentalistas, pautadas no senso comum, não em teorias e metodologias comprovadamente estudadas, até porque, com um número tão reduzido de horas, como abarcar as especificidades de uma modalidade de ensino tão complexa?”(p.145)

“Os dados aqui apresentados parecem indicar que o MOVA- Regional não tem alcançado plenamente seus objetivos, limitando-se , muitas vezes, à politização de seus educandos no plano do discurso. (p.152)

N) Esse texto mostra critérios de limitações do MOVA? Quais?

“Através das categorias de análise, depreendidas do próprio corpus: desalienação; educação não-formal versus informal; participação social; e transformação social foi possível identificar significativas contradições em relação ao ideário freireano, entre as quais se destacam: a dependência do programa às oscilações dos recursos financeiros e interesses dos parceiros do movimento em detrimento às reivindicações das bases; a fragilidade e aligeiramento da formação docente inadequadas às funções requeridas do educador de jovens e adultos na proposta freireana; a ausência dos dados quantitativos e qualitativos sobre a demanda e desempenho dos educandos, os quais, aliados às diferenças espaciais, históricas e ideológicas observadas no movimento atual, Em relação às dos movimentos populares de alfabetização da década de 50-60, revelam que o MOVA - Regional distorce em alguns momentos a proposta de educação popular de Paulo Freire utilizando-se de seus próprios princípios.” (p.6)

“ O MOVA- Regional também apresenta sinais de alienação como compreensão das diferenças conjunturais que se estabelecem entre ele e seus precursores, a não aceitação das críticas e de suas limitações, o fechamento em suas próprias ações não consegue fazer com que os sujeitos a ele ligados alcancem a emancipação.”(p.126)

“ São comuns os questionamentos sobre a formação e atuação de pessoas não habilitadas na área da alfabetização, não só por parte dos especialistas em educação, mas de pessoas da população em geral, que veem na formação docente um dos grandes entraves do movimento, tanto que o próprio coordenador reconhece ser frequentemente indagado sobre a capacidade de ensino dos educadores do MOVA- Regional.” (p.143)

“ Agora, grande parte dos alfabetizandos é de adolescentes e jovens nascidos nas periferias das grandes cidades, excluídos do sistema regular de ensino, quer pela necessidade de trabalho para o sustento da família, quer por não se adaptarem a ele ou ainda por serem portadores de necessidades físicas especiais. E os educadores, em sua grande maioria mulheres, com escolarização em nível médio, sem muito engajamento político-social” (p.143)

“ quanto à avaliação do movimento enquanto programa social, a ausência de dados sistematizados sobre a evasão e aprovação no MOVA também se mostra como um aspecto importante a ser considerado.(p175)

A dissertação intitulada “*O ABC de Paulo Freire – Presença do Ideário Freireano na Contemporaneidade das Metrôpoles Brasileiras*”, realizada por Nelson José dos Santos Solha, pela Universidade Nove de Julho, em São Paulo (no ano de 2012), objetivou investigar a presença do ideário freireano nas práticas educativas desenvolvidas no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do ABC (MOVA ABC).

A partir de uma abordagem qualitativa e utilizando o método do materialismo dialético, com base em levantamento bibliográfico, análise de documentos e entrevistas, a pesquisa aponta para sucessos/êxitos do MOVA, vinculados com as concepções de Paulo Freire, presentes nas práticas pedagógicas estudadas. Estas últimas foram baseadas em três categorias: a dialogicidade, o saber da experiência feito e a vocação para o saber mais. O texto, portanto, tomou como base práticas pedagógicas que se relacionam com a alfabetização emancipatória. Além disso, o estudo aborda alguns critérios de limitações do MOVA, pautados na descontinuidade das políticas educacionais.

Referência: SOLHA, Nelson José dos Santos. O ABC de Paulo Freire- Presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrôpoles brasileiras. Dissertação de mestrado-Universidade Nove de Julho, São Paulo 2012.

Referencial teórico: Paulo Freire

Referencial bibliográfico: Gadotti (1996- 2010), Gerhardt (1996), Brandão (1984), Beisiegel (2008), Bauer (2008).

Referencial sobre a região metropolitana: J. L.S. (1996), Bogus & Pasternak (2009), L.C.Q. Ribeiro (2009) entre outros.

Participaram das entrevistas semiestruturadas: educadores, sindicalistas, voluntários e integrantes de Pastorais Operárias. (Educadora do MOVA Maria Nilce Moura Ramos) coordenador (Francisco Duarte Lima – conhecido como Alemão), educadoras (Deise, Dulcineia e Terezinha), professor (Manoel), senhores (Domingos e João Pereira) – Alexandra, Gabriela, Juliana e outros Entrevistados da Pastoral Operária da Paróquia Santa Gema

A Sigla ABC representa as três cidades: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. (Também abrange cidades de Mauá, Ribeirão Pires, Rio

Grande da Serra e Diadema) p.14

Sobre a implantação do projeto

“ E as dificuldades foram grandes durante a implantação do programa, pois pouca gente acreditava na viabilidade do projeto, vieram poucos alfabetizando, a ponto de, às vezes, cada educador ficar com apenas um educando, mas eles não desistiram.” p. 80

“ Alguns participantes da Pastoral operária que atuavam como voluntários alfabetizadores tinham só o primário ; ao se envolverem muito com o trabalho, foram estimulados a dar continuidade aos seus estudos. Alguns foram fazer a suplência, chegando a se formar na faculdade como professores. Tiveram até alunos que estão fazendo faculdade”. De acordo com Solha, 2012 nas palavras de Manoel, entrevistado 2011 “

Então, cresceram juntos, foi bom para os educadores, foi bom para os educandos” p. 80

Em 1997 o MOVA estabelece parceria com o poder público destaca Solha, 2012:

“ ao dar início à parceria com a Prefeitura, ações já estabelecidas ganharam mais força e houve a possibilidade de continuar a realizar um trabalho pedagógico com os princípios freireanos de educação popular.” p.81

“ com a implantação do MOVA, os professores passaram a ser contratados e remunerados. p. 81

Segundo Solha, 2012 em “2008 o candidato do PT perdeu as eleições e houve por parte da secretaria Municipal de Educação a decisão de mudar para o sistema Brasil Alfabetizado, interrompendo um trabalho de muitos anos”. P.81

Solha, 2012 destaca nas palavras de Deise educadora nova:

“ Quando era o MOVA, era muito diferente, eles faziam muita coisa, muita eles faziam excursões para museus, para o MASP, depois mudou muito, agora não tem nada, as meninas, (antigas educadoras) ficaram sem receber um ano, e foi o Sr. João que batalhar para que elas recebessem [...] . 81

“ O MOVA ABC está num novo processo de formação de educadores, para que eles voltem a ter a consciência de movimento popular que, com o tempo, vem se perdendo. Querem resgatar os princípios da educação popular que é baseada na sua prática cotidiana, problematizando-a, a ponto de alcançarem uma consciência crítica e transformadora da sua realidade.” p.82

Sobre a formação de educadores de acordo com Solha, 2012: “para Alexandra a medida em que o poder público assumiu o MOVA, Para as voluntárias “virou emprego”, o que é muito justo, pois é importante que se tenha uma remuneração pelo seu trabalho, “mas não podemos deixar que o MOVA passe a ter as características de uma escola comum, e sim de uma escola com uma proposta de educação transformadora”. P.87

“ A formação pedagógica dos educadores é feita mensalmente em dois encontros, num total de 12 horas. Um dos encontros é reservado para tratar de assuntos teóricos e outro para serem trabalhadas atividades práticas .Além desses encontros, há um acompanhamento semanal , que pode ser solicitado pelo educador”.(p. 89).

“O trabalho de formação do educador toma uma importância maior, na medida em que os educadores do MOVA ABC, em sua maioria, possuem apenas o Ensino Médio completo [...] . 89

“ Foi criado pela coordenação do MOVA ABC um espaço especialmente para o trabalho com os educadores na criação de material para às suas aulas, sempre a partir da realidade de seus educandos, “ elaborados em cima de cada realidade vivenciadas por eles” Esse material é único e pode renovar a cada turma, pois a cada turma que inicia, pode ser que surjam outras preocupações[...] p.93

“O depoimento da educanda Antônia, que nos comoveu, fala da sua impossibilidade de estudar quando criança e de sua alegria quando lhe foi dada a oportunidade pelo MOVA , seu orgulho em ter formado todos os quatros filhos e de ter concluído o Ensino Fundamental, incentivada pelos seus educadores. O professor Manoel, que trabalhou na formação dos primeiros educadores da Paróquia Santa Gema, com enorme satisfação disse que estavam vivenciando com seus educandos, viram-se motivados a continuar seus estudos, vindo a se formar como professores” p. 94

“Um bom exemplo dessa vocação no ser humano pode observada no sindicalista “ Alemão”, que em seu depoimento disse ter chegado do nordeste analfabeto e já foi se apresentar na Volkswagen para trabalhar. “eu montava um carro pela cor e o modelo, não conseguia ler a ficha, foi uma luta e um desafio.” Mais adiante confessa com orgulho: “Estou fazendo agora pós-graduação. ”[...] Atualmente, “Alemão” vem se empenhando na implantação do MOVA DIGITAL que é uma forma de inclusão das pessoas nesse novo tipo de tecnologia, para que possam ter novas perspectivas de

vida.(p.94)

“ Outro momento importante que notamos é o fato de a Irmã ter uma grande resistência ao uso de uma cartilha, usada por programas de alfabetização e às vezes sugerida por colegas menos informados sobre as propostas freirianos. Por considerar que o trabalho deve sempre partir do levantamento na própria comunidade e que isso só é possível se for buscado com muito diálogo. (p.96)

“Ainda sobre a formação de educadores\Solha, 2012: “ [...]Consideramos também que apesar de todos os esforços a formação dos educadores permanecerem em uma situação de prestadores de serviço voluntário, com o agravante de, em sua maioria, não possuírem uma formação docente para o exercício do magistério.”(p. 99)

Limitações do MOVA devido às prefeituras terem perdido a gestão de esquerda apresenta Solha, 2012 na fala de Alexandra:

“Em Santo André o MOVA foi embora de ‘mala e’, (sic) e isso aconteceu também em Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra; onde a ‘direita’ comanda não tem movimento” Com a rotina e não havendo um trabalho constante de formação em serviço, os educadores acabam não só perdendo os princípios da educação popular como passam a assimilar outras referências que de certa forma lhes são impostas, e que os fazem deixar de lado a contextualização e a criticidade, comprometendo a busca pela emancipação e transformação dos educandos. “ As políticas vindas da “direita’ são paternalistas, e isso faz com que o conflito político e tudo mais se perca. A Irmã Gabriela veio para nos ajudar neste contexto” (Alexandra, entrevistada em 2011). (SOLHA, 2012 p. 83)

O estudo desenvolvido por Liana da Silva Borges, em sua tese de doutorado intitulada “*A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA*”, em 2009, pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nos traz uma reflexão sobre a alfabetização de jovens e adultos no Brasil, a partir de um recorte temporal (1950-2002), baseados nas ações do MOBRL e do MOVA-SP.

Este estudo comparado, de abordagem qualitativa, analisou materiais publicados em livros, documentos, pesquisas e depoimentos de pessoas chave. Os indícios de sucesso/êxito do MOVA surgem, nesta pesquisa, a partir da comparação com o MOBRL: no MOVA percebemos a concepção de educação e alfabetização, recriando a Educação Popular. A pesquisa não aponta para práticas pedagógicas em si, mas partindo do estudo comparado, afirma a importância das concepções que o MOVA apresenta, partindo de uma perspectiva emancipatória. Já as limitações surgem com base nas Políticas Públicas: segundo a autora, estas ações precisam ser

consolidadas enquanto políticas públicas duradouras.

Na pesquisa de Mestrado intitulada “Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis popular: MOVA São Bernardo”, defendida por Estela Fidelis Rodrigues, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2016, podemos observar um estudo que objetivou compreender e interpretar os significados e percepções do MOVA – São Bernardo, na relação com o Poder Público. Buscou caracterizar e analisar o histórico da luta pelo acesso, permanência e continuidade da EJA, a partir das experiências responsáveis e conscientes realizadas pelos movimentos da sociedade civil.

A partir de uma pesquisa qualitativa, utilizou-se de análise documental para buscar cumprir com seus objetivos. Este estudo nos mostra indícios de sucesso/êxito do MOVA, pautados na relação do Poder Público com a Sociedade Civil, através da análise de ações, Políticas Públicas e currículos oficiais. A pesquisa não aborda práticas pedagógicas em si, mas é possível verificar, a partir das análises, que o MOVA- São Bernardo tem como concepção a Educação Popular, pautada no direito humano à educação continuada ao longo da vida, assim como na alfabetização dialógica. Este estudo não nos mostra limitações do MOVA.

A pesquisa de Mestrado intitulada “Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP”, desenvolvida por Aline Cristina de Oliveira Abbonizio, pela Universidade de São Paulo, no ano de 2007, tinha como objetivo investigar como se estruturou o programa Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo - MOVA-SP nas gestões Luiza Erundina (1989-1992) e Marta Suplicy (2000 - 2004).

Caracterizada como uma pesquisa de abordagem qualitativa, explicativa, bibliográfica e documental, este estudo nos mostra índices de êxito/sucesso do MOVA, no que diz respeito à ação da sociedade civil, no sentido da divulgação do MOVA. A autora realiza uma crítica ao Poder Público Municipal e às Políticas Públicas implementadas neste período, mostrando limitações do programa.

O estudo de Lívia Sonalle do Nascimento Silva, desenvolvido em sua dissertação de Mestrado intitulada “A prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos no MOVA-Brasil: a experiência do Rio Grande do Norte”, no ano de 2016, pela Universidade Federal da Paraíba, objetivou investigar a prática pedagógica realizada no Projeto MOVA- Brasil a partir da formação (inicial e continuada) que é ofertada para os monitores.

Este trabalho de caráter qualitativo foi desenvolvido em duas etapas: uma teórico-bibliográfica e outra empírica, nos revelando elementos de sucesso/êxito do MOVA. Estes elementos estão pautados na formação (inicial e continuada) dos monitores atuantes no MOVA e, conseqüentemente, em suas práticas pedagógicas. Segundo a autora, a formação destes monitores é pautada nas concepções de Paulo Freire e leva a práticas pedagógicas baseada nos conceitos de Educação Popular e alfabetização como prática de letramento. Neste estudo, não identificamos limitações do MOVA.

Já a dissertação intitulada “Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes”, defendida por Veneranda Rocha de Carvalho, pela PUC-SP, em 2017, tinha como objetivo analisar as razões pelas quais os sujeitos a partir de 60 anos ingressaram no Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA), política pública atualmente denominada Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

Através de questionários e entrevistas semiestruturadas, a autora nos mostra um elemento de sucesso/êxito do MOVA diferente dos já abordados até aqui. Está relacionado com o que o MOVA proporciona para os idosos, sujeitos da pesquisa: socialização e as possibilidades de exercer o papel de cidadão. Este estudo não analisou práticas pedagógicas e, tampouco, nos mostra limitações do MOVA, pois o objetivo da autora era identificar as motivações do ingresso. Porém, a mesma concluiu que, a alfabetização em si não é o fato principal para a busca do MOVA, no universo de pesquisa estudado.

A pesquisa intitulada “O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem os educandos/as do MOVA”, realizada por Becky Henriette Gonçalves, pela Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2007, teve como objetivo analisar as contribuições da utilização do computador para a alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos e para a superação da autoproteção, através da fala dos/as educandos/as.

Abordando os temas de Políticas Públicas, práticas pedagógicas e tecnologias, a pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia de investigação comunicativa. Este estudo nos mostra indícios de êxito/sucesso do MOVA, relacionados ao uso de computadores. No universo de pesquisa estudado, a autora concluiu que o uso das tecnologias contribui para uma prática alfabetizadora emancipatória. As limitações do MOVA, neste estudo, surgem a partir de questões relacionadas às políticas de emancipação digital que, segundo a pesquisadora, devem ser ampliadas.

2. Quadro organizacional de conferência e seleção dos artigos encontrados nas bases de pesquisa

Trabalhos encontrados nas bases de dados e selecionados com base na leitura integral

TÍTULOS	BASE	DESCRIPTOR	ANÁLISE PARA A PESQUISA	CÓDIGO DE PESQUISA
EXPLORANDO NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA: OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO PÚBLICA E O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (MOVA-SP), 1989-1992	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D1
LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA : AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D2
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D3
MULHERES DAS CLASSES POPULARES : HISTÓRIAS E SABERES	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D4
ENTRE SABERES E PRÁTICAS :A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D5
O USO DO COMPUTADOR, A ALFABETIZAÇÃO E A PÓS-ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM EDUCANDO/AS DO MOVA	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D6
A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MOVA-SP NO CONTEXTO DE EDUCAÇÃO POPULAR.	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D7
ORIENTAÇÕES DA PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NO MOVA-SP.	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D8
ABREM-SE AS CORTINAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM OSASCO	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D9
A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA-BRASIL: A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D10
PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E SOCIEDADE CIVIL NA PROMOÇÃO DA PRÁXIS POPULAR: MOVA SÃO BERNARDO	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D11
O ABC DE PAULO FREIRE - PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIREANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D12
ESTUDANTES EGRESSOS DO PROGRAMA MOVA/ALFA 100 DE CRUZEIRO DO SUL/ACRE: RELAÇÕES DE APRENDIZAGENS E DE INSERÇÃO SOCIAL.	BDTD	MOVA	SELECIONADO	D13
TRAJETÓRIA SOCIAL, DE VIDA E ESCOLAR DE IDOSOS DO MOVA NO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	D14

UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA-REGIONAL NO ABCD PAULISTA - DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	T1
TECENDO A REDE MOVA-BRASIL: SUA HISTÓRIA, SEUS SUJEITOS E SUAS AÇÕES	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	T2
A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: UM DIREITO HUMANO A SER GARANTIDO - AS DIRETRIZES DA UNESCO.	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	T3
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE DA POLÍTICA E DA PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	T4
A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA.	BDTD	MOVA	SELECIONADO	T5
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ABC PAULISTA: CONQUISTA DE DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA	BDTD	MOVA	SELECIONADO	T6
A POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO GOVERNO PETISTA DE SÃO CARLOS (2001-2004)	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	SELECIONADO	DC1
DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO DE PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E O GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO NA GESTÃO LUIZA ERUNDINA - A EXPERIÊNCIA DO MOVA - SP 1989-1992	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC2
TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP, 1989-1992	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC3
MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTA	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC4
A POLÍTICA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE MATO GROSSO DO SUL: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO MOVA/MS (1999/2006)	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC5
A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES DE NÍVEL MÉDIO NA PERSPECTIVA DA POLITECNIA: A CONTRIBUIÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO INSTITUTO POLITÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC6
ANÁLISE DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO MOVA/AVIB: A VOZ DE EDUCADORES POPULARES	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC7
PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO O QUE DIZEM OS EGRESSOS DO MOVA BELÉM?	CAPES	MOVA	SELECIONADO	DC8
MOVA-PUCRS: ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CRÍTICO-POLÍTICA	CAPES	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----

AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO PERÍODO DE 1997 A 2004	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
A RELAÇÃO SOCIEDADE POLÍTICA E SOCIEDADE CIVIL NO MOVA DE ANGRADOS REIS: FORTALECIMENTO O U COOPTAÇÃO?	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
SEM MEDO DE SER FALANTE: CONQUISTAS DA ORALIDADE POR EDUCANDAS IDOSAS NO MOVA-GUARULHOS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
SIGNIFICADO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO NA GESTÃO DA PREFEITA LUIZA ERUNDINA DE SOUSA (1989 - 1992)	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE, VYGOTSKY E BAKHTIN	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
AFRICANIDADES NO RITUAL DAS LADAINHAS DE CAPOEIRA ANGOLA: PRETAGOGIA E PRODUÇÃO DIDÁTICA NO QUILOMBO	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES: A EXPERIÊNCIA DA CNA-NICARÁGUA (1980) E DO MOVA- SP (1989-1992).	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	DESCARACTERIZADO	-----
BIO-ANTILOGIAS, CORPOS IMPOSSÍVEIS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
CONSCIÊNCIA POLÍTICA E CIDADANIA NA ALFABETIZAÇÃO E NA INCLUSÃO DIGITAL ? A EXPERIÊNCIA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NA CIDADE DE SÃO PAULO	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
CORPO E DESEJO NO CINEMA: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS ESTESIOLOGICAS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
CULTURA POLÍTICA PETISTA E PROGRAMA MOVA-SP (1989- 1992).	BDTD	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA: DAS PROPOSIÇÕES OFICIAIS ÀS PROPOSTAS CURRICULARES	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
É TUDO NO DEDÃO! "CONSTRANGIMENTOS VIVIDOS POR ADULTOS EM" PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	DESCARACTERIZADO	-----
EDUCAÇÃO PARA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO POLITICAMENTE COMPROMETIDO: E O QUE AS TECNOLOGIAS DE INFORAMÇAÃO E COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
ESCOLAS DO CAMPO NO PARANÁ: ENTRE A CONQUISTA E A IMPOSIÇÃO'	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----

HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO.	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
O PT NA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (1989-1992): DA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO À FORMULAÇÃO DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	DESCARACTERIZADO	-----
OS CAMINHOS DO FAZER-ME PROFESSORA EMBASADOS NO AMOR E RESPEITO MÚTUOS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
OS PROFESSORES TEMPORÁRIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO PARANÁ:A FLEXIBILIZAÇÃO DAS CONTRATAÇÕES E OS IMPACTOS SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
PARCERIA É O CAMINHO? ALGUNS SENTIDOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROGRAMAS BRASILEIROS	CAPE	MOVA	DESCARACTERIZADO	-----
A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA.	CAPE	MOVA	REPETIDO	-----
A APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: UM DIREITO HUMANO A SER GARANTIDO – AS DIRETRIZES DA UNESCO.	CAPE	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVARS EM SANTA CRUZ DO SUL	CAPE	MOVA	REPETIDO	-----
A POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO GOVERNO PETISTA DE SÃO CARLOS (2001-2004).	CAPE	MOVA	REPETIDO	-----
A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BRASIL: A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE.	CAPE	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES: A EXPERIÊNCIA DA CNA NICARÁGUA (1980) E DO MOVA- SP (1989-1992).	CAPE	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO PERÍODO DE 1997 A 2004	BDTD	MOVA	REPETIDO	-----
É TUDO NO DEDÃO! CONSTRANGIMENTOS VIVIDOS POR ADULTOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.	CAPE	MOVA	REPETIDO	-----
ENTRE SABERES E PRÁTICAS: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM.	CAPE	MOVA	REPETIDO	-----
ENTRE SABERES E PRÁTICAS: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MOVA BELÉM.	CAPE	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
EXPLORANDO NOVOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA: OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO PÚBLICA E O MOVIMENTO DE	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (MOVA-SP), 1989-1992				
HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A (AUTO) FORMAÇÃO.	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA: AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
LER O MUNDO, COMPREENDER A PALAVRA: AMBIENTE ALFABETIZADOR COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÕES SOCIOCOGNITIVAS	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
MULHERES DAS CLASSES POPULARES: HISTÓRIAS E SABERES	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
O ABC DE PAULO FREIRE – PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIREANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
O ABC DE PAULO FREIRE – PRESENÇA DO IDEÁRIO FREIREANO NA CONTEMPORANEIDADE DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MOVA-RS: NARRATIVAS E SIGNIFICADOS NA VIDA DE MULHERES	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
O USO DO COMPUTADOR, A ALFABETIZAÇÃO E A PÓS-ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM EDUCANDO/AS DO MOVA.	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
PARCERIA ENTRE PODER PÚBLICO E SOCIEDADE CIVIL NA PROMOÇÃO DA PRÁXIS POPULAR: MOVA SÃO BERNARDO	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ABC PAULISTA: CONQUISTA DE DIREITOS E AMPLIAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA	BDTD	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
TECENDO A REDE MOVA BRASIL: SUA HISTÓRIA, SEUS SUJEITOS E SUAS AÇÕES	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
TRAJETÓRIA SOCIAL, DE VIDA E ESCOLAR DE IDOSOS DO MOVA NO MUNICÍPIO DE EMBU DAS ARTES	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA REGIONAL NO ABCD PAULISTA – DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----
UM OLHAR AVALIATIVO SOBRE O MOVA REGIONAL NO ABCD PAULISTA: DOS MOVIMENTOS POPULARES DOS ANOS 60 À PERSPECTIVA NEOLIBERAL.	CAPES	MOVA	REPETIDO	-----
A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO: UM RECORTE NA GENEALOGIA DO MOVA	CAPES	MOVA ALF. JOV E ADULTOS	REPETIDO	-----

3. Tabela de dados – categorias da metodologia comunicativa analisadas para confecção de gráficos percentuais

D1 - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP),	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão Transformadora	0	1	1	1	1	1	1
D2 - Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	0	0	1	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	1	0	1
D3 - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	1	1	1
D4 - Mulheres Das Classes Populares: Histórias E Saberes.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	1	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	0	1	0	0	0	0
D5 - Entre saberes e práticas :a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	1	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	1	0	0	0	1	1

D6 - O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	0	0	1
D7 - A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	1	1	0	1	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	0	0	1	0	1	0
D8 - Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP. 2007.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	0	0	0	0	0	0
D9 - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	0	0	0
D 10 - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no MOVA-BRASIL: a experiência do Rio Grande do Norte.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	1	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	0	1	1
D 11- Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria

Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	0	1	1	1
D12 - O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade e das metrópoles brasileiras.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	1	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	1	1	1
D 13 - Estudantes Egressos Do Programa MOVA/ALFA 100 De Cruzeiro Do Sul/Acre: Relações De Aprendizagens E De Inserção Social.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	1	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	0	1	1	1	1	1
D 14 - Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes. 2017	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão Transformadora	1	0	0	0	0	0	0
T1 - Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	1	1	1	1	1	1	1
Dimensão Transformadora	0	0	0	0	0	1	1
T2 - Tecendo a Rede MOVA – BRASIL: sua história, seus sujeitos e suas ações	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	1	1

Dimensão Transformadora	1	1	1	1	0	1	1
T3 - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	1	1	1
T4 - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	1	1	0	0	1	1
T5 - A Alfabetização de Jovens e Adultos como movimento: Um recorte na genealogia do MOVA, 2009.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	0	1	1
T6 - Políticas Públicas De Educação De Jovens E Adultos No ABC Paulista: Conquista De Direitos E Ampliação Da Esfera Pública.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	0	0	0	1	0	0
DC1 - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004)	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	1	1	1	1	0	0	0

Dimensão Transformadora	0	1	0	0	1	1	1
DC2 - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	1	1	0	1	1	1
DC3 - TODO SER HUMANO TEM CONDIÇÃO DE CONSTRUIR CONHECIMENTO; UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, EM PARCERIA ENTRE MOVIMENTOS POPULARES E GOVERNO MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: MOVA-SP.	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	1	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	0	1	1	1	1	1	1
DC4 - MOVA-RS NO GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR: PRÁXIS E PROTAGONISTAS	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	1
Dimensão Transformadora	0	1	1	1	1	1	1
DC5 - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	1	1

Dimensão Transformadora	0	0	0	0	0	0	0
DC6 - A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DO MOVA/RS EM SANTA CRUZ DO SUL	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	1	1	1	1	1	1	1
Dimensão Transformadora	1	1	1	1	1	0	1
DC7 - Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares'	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	0	0	0
Dimensão transformadora	1	1	0	0	0	0	1
DC8 - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?	Aprendizagem Educandos e Educandas	Formação de educadores	Alfabetização Emancipatória	Práticas Pedagógicas	Políticas Públicas Educacionais	Participação da Sociedade Civil	Parceria
Dimensão Exclusora	0	0	0	0	1	0	0
Dimensão Transformadora	1	0	1	1	0	0	0

4. Trechos descritivos dos trabalhos, que compuseram as observações e dados para as sínteses descritivas dos resultados

(D1) - Explorando novos caminhos para a democracia: os desafios da participação popular na gestão pública e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), 1989-1992.

Carla Cecilia Rodrigues Almeida Silva, pela Universidade Estadual de Campinas, no, em Campinas, no ano de 1998.

Silva desenvolveu a pesquisa com a temática “A política de Alfabetização de Jovens e Adultos na Gestão Municipal de Luiza Erundina (1989-1992)” e o foco da pesquisa foi o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo (MOVA-SP). O interesse se deu na busca por compreender a relação de parceria (prefeitura municipal), sociedade civil na implantação de uma política pública educacional e verificar a participação popular na formulação das políticas públicas.

“[...] O MOVA-SP foi composto por uma heterogeneidade de atores que estava sendo desafiada a construir uma política em comum. Política que, por ser feita em parceria, possibilitava novas relações entre os estados e os movimentos.” (p. 48)

De acordo com a autora, a falta de relações de partilha entre o Estado e a sociedade esbarram na incorporação da estrutura política: “O MOVA-SP não foi apenas um exemplo de falta de relação entre os canais de participação com a Câmara Municipal, como também foi visto, muitas vezes, como um Projeto “ clandestino” no interior da própria Secretaria Municipal de Educação” (p.141)

O foco da pesquisa de Silva é na participação popular na gestão do MOVA- SP, a autora não trata diretamente sobre as questões pedagógicas, porém traz elementos sobre históricos da implantação do movimento de alfabetização na cidade de São Paulo na gestão da prefeita Luiza Erundina em 1989- 1992. E retrata a questão da participação popular na esfera do desenvolvimento de políticas públicas, salienta que a questão burocrática do Estado acaba por dificultar a participação, um espaço conquistado que merece destaque foi a criação dos Fóruns de MOVA na gestão do PT, porém com a mudança de gestão foi perdendo a força. A autora argumenta que a contribuição do MOVA após a gestão do PT foi a movimentação e a capacidade de organização do movimento para não findar com o trabalho que estava sendo realizado na alfabetização de jovens e adultos.

(D2) - Ler o mundo, compreender a palavra : ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.

Carla Cecilia Rodrigues Almeida Silva, pela Universidade Estadual de Campinas, no, em Campinas, no ano de 1998.

Essa pesquisa elaborada por Ferronato, aborda a utilização da tecnologia na educação de pessoas jovens e adultos. Nesse sentido, a autora faz a inserção do uso

do computador no contexto da alfabetização dos sujeitos adultos, na perspectiva do letramento, ou seja, direcionado ao uso social fazendo uma conexão com a realidade vivida. A pesquisa foi elaborada no MOVA - Caxias, no Rio Grande do Sul, o MOVA foi implementado em 1999/2002. Destaca-se que o MOVA-RS foi precursor desempenhar suas atividades a nível Estadual. A fundamentação do MOVA- Caxias foi na concepção pedagógica do Paulo Freire. Por meio de parceria foi possível fazer a junção do MOVA Caxias com o Núcleo de Tecnologia, constituindo o MOVA- Caxias /NTE- Serra.

(D3) - O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.

Sabrina das Neves Barreto, pela Universidade Federal do Rio Grande, no ano de 2005.

Barreto, desenvolveu sua pesquisa com base nas narrativas, significados e sentidos das pessoas que vivenciaram o processo de alfabetização do MOVA-RS. As educandas que contribuíram com seus relatos de vida e detalharam as singularidades de cada uma e ao mesmo tempo as semelhanças da trajetória de vida no contexto de quem não domina o código da leitura e da escrita e situações que fizeram com elas não pudessem estudar. Nesse sentido, apropriação da leitura e da escrita “tem um significado de reconhecimento social” A proposta de alfabetização do MOVA-RS “como algo mais do que a simples aprendizagem da técnica da escrita e, sim, com a aprendizagem dos significados das palavras e dos usos sociais delas, assim como de novas leituras feitas sobre o mundo e sobre seu papel como sujeito no mundo.” P.117 Sobre a perspectiva de alfabetização do MOVA –RS orienta-se na concepção freireana Barreto, sobre o depoimento da educanda “[...] depois que eu comecei a estudar eu comecei [...] a me valorizar mais. [...] Eu tinha muita vergonha! De não saber ler e escrever, é . Eu tinha vergonha que as pessoas me perguntassem as coisas e eu não soubesse responder. [...] p.84

(D4) - Mulheres das classes populares : histórias e saberes

Mariléia Gollo de Moraes, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2005.

Moraes, desenvolveu sua pesquisa no MOVA-RS, buscou desvelar quem são as mulheres que frequentam a alfabetização de jovens e adultos, suas relações com o cotidiano e articulações com a leitura e a escrita.

A autora, relata como é relevante o papel da educadora, no núcleo de alfabetização no sentido de colaborar para a superação dos desafios presentes no contexto educativo das mulheres, ainda afirma a importância do conhecimento científico para desmistificar dizeres das educandas e educandos quando relatam por exemplo que não são capazes de aprender por conta da idade etc.

Se apoiar na base científica é fundamental para evitar “chavões emocionais” no sentido de consolar as educandas e educandos. “[...] sugiro que o educador possa dizer “cientificamente”, ou seja, que ele saiba dar explicações consistentes para que os adultos se sintam, realmente, capazes de continuar aprendendo e não “consolados” por retornarem à escolarização nesse período da vida. ” (p.141). Dos relatos sobre alfabetização emancipatória Moraes destaca -se “[...] Ao orientar-se pelas horas do relógio e conferir o troco das compras, ao contato com assuntos da atualidade e à possibilidade de conhecer o mundo através da leitura”[...] p158

(D5) - Entre saberes e práticas: a alfabetização de jovens e adultos no MOVA Belém.

Oneide Campos Pojo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, 2006.

Os estudos de POJO, ocorreram no contexto do MOVA Belém uma iniciativa para compreender as práticas das alfabetizadoras e alfabetizadores na alfabetização de pessoas jovens e adultas.

Sobre “A prática pedagógica desenvolvida no MOVA Belém exemplifica a complexidade características das experiências de educação popular e alfabetização de jovens e adultos, reconhecendo as tensões inerentes ao processo de ensino-aprendizagem” (p.62)

“ Na trajetória vivenciada no MOVA Belém, defendeu-se a idéia de que, quanto mais os movimentos populares e sociais participassem da gestão pública, mais teriam condições de ensinar e aprender- num movimento dialético- a reivindicar os direitos negados sucessivamente pelo Estado” (p.33)

“ Nas parcerias estabelecidas entre o Estado e a sociedade civil, há que se

possa critérios bem definidos e objetivos claros a perseguir para o estabelecimento de parcerias entre o público e o privado no desenvolvimento de ações de cunho social e político. ” (p.74)

“As ações planejadas e efetivadas na formação continuada no MOVA Belém partem da pedagogia libertadora de Paulo Freire, mas ganham concretude e expansão em outras fontes, como linguística, o letramento, os discursos e dialogismos, a psicogênese da língua escrita.” (p.82)

“ Quanto aos conteúdos disciplinares, metade dos entrevistados na pesquisa declarou 197onsidera-los importantes, mas a outra metade declarou –os irrelevantes para a alfabetização de jovens e adultos. Isso posto, por tratar-se de uma concepção que compreende que a alfabetização é só ensinar a ler e escrever, necessitando uma única área disciplinar. (p86)

“ [...] as práticas pedagógicas dos alfabetizadores e das alfabetizadoras do MOVA Belém caracterizam-se como díspares e contraditórias, longe, às das promessas de criticidade aludidas. (p.131)

“ No MOVA Belém, vivenciamos uma descontextualização do processo ensino – aprendizagem. Em muitos momentos, concebendo-o de forma idealista e reduzindo as práticas a dimensão estritamente cognitiva e fragmentadas, desvinculando-o, na ação pedagógica, da relação com a comunidade, das ações de cidadania, noções de direitos também remetem ao enfraquecimento dessas propostas. As práticas pedagógicas padecem dessa disputa por sentidos e significados.(131)

(D6) – O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educando/as do MOVA.

Becky Henriette Gonçalves, pela Universidade Federal de São Carlos, em São Carlos, no ano de 2006.

A pesquisa de Becky, aborda a inserção do uso do computador no movimento de alfabetização de jovens e adultos e os resultados indicam que a inclusão digital no MOVA São Carlos colaborou no processo de alfabetização e gerou autonomia das pessoas envolvidas educadoras, educadores, educandos e educandas.

O texto trata de práticas pedagógicas emancipatórias bem como alfabetização, haja vista a inserção do uso do computador na alfabetização e pós alfabetização de

jovens e adultos, nesse sentido às práticas são desenvolvidas com vista ao contexto da sociedade da informação e da Aprendizagem Dialógica. De acordo com Becky, “esse processo de alfabetizar conhecendo as letras também através do computador traz impacto direto no cotidiano dos/das educandos/as ainda no que diz respeito à leitura e a escrita” [...] p.120.

(D7) – A formação de educadores do Mova-SP no contexto de educação popular.

Janis Leonicia Kunrath, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2006.

Kunrath (2006) aponta que a falta de vagas no sistema de ensino também é prejudicial aos estudantes jovens e adultos. “[...] Embora todos tenham direito à educação, não há vaga para todos” (P.100). “Outro ponto argumentado pela autora, falta de vagas próximo a residências dos estudantes “A falta de vagas para que os educandos de EJA possam dar continuidade ao estudo é uma constante na cidade, tanto na rede municipal, quanto estadual de ensino” (p.100)

Importante destacar que a autora apresenta essas informações com base no ano de 2006, época em que elaborou a dissertação. Em 2005, as instituições da sociedade civil fizeram um encaminhamento ao ministério Público Estadual, no sentido de criar um senso educativo em São Paulo, para levantar dados acerca da EJA e pensar políticas públicas efetivas para a modalidade (KUNRATH, 2006 p.100)

Devido à solicitação em 2006 o ministério Público instaurou um “Inquérito Civil determinando aos secretários municipais e estaduais de educação de São Paulo, que informe as ações e programas de atendimento à população de jovens e adultos no município de São Paulo. (p.100)”

“Para exemplificar: na cidade de São Paulo, um adulto que procura uma escola para cursar o ensino fundamental ou médio, encontra poucas escolas que oferecem a modalidade de educação de Jovens e Adultos. Como não há um sistema obrigatório de registro da demanda, em muitas escolas não se registra que esse adulto procurou uma vaga para estudar. (p.101)”

Um ponto a destacar a participação menos efetiva das pessoas envolvidas com o MOVA nos fóruns e debate impacta negativamente, pensando na luta por políticas

públicas. “[...] um total de 120 instituições conveniadas ao final de 2004, apenas em torno de 50% participava dos fóruns Regionais e Municipal do MOVA. (p.102)”

Alguns problemas: Falta de recurso financeiro e descontinuidade na formação de educadores, educadores com dificuldade de leitura e escrita, caráter voluntário não é interessante na educação popular (p.106-107 e 109)

A autora destaca que: “ O MOVA chega aonde à escola não está e atinge um público que estava totalmente excluído dela ” (p.116) [...] a flexibilidade de horários do mova, facilita também o acesso dos educandos, [...] (p.116)

(D8) – Orientações da parceria entre poder público e organizações sociais no MOVA-SP.

Aline Cristina de Oliveira Abbonizio, pela Universidade de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2007.

Abbonizio investigou o MOVA-SP na gestão da prefeita Luiza Erundina e na gestão da prefeita Marta Suplicy com vistas a entender: a implantação, políticas públicas e as contribuições da sociedade civil, além de compreender como eram a organização e controle das atividade de alfabetização, controle e avaliação das pessoas inscritas no movimento de alfabetização de jovens e adultos, além de entender como se dava a relação entre a equipe técnica da secretaria de educação e as pessoas representantes das entidades sociais.

O primeiro MOVA- SP nasce do pacto entre Secretaria de Educação e movimentos populares de alfabetização, em um contexto de forte oposição aos trabalhos de alfabetização de adultos realizados exclusivamente pelo poder público. A crítica relacionava-se tanto à necessidade de ampliação do atendimento quanto a qualidade do ensino realizado pelas escolas públicas.p.92

Abbonizio comenta que nos dois momentos governamentais, os alfabetizandos foram considerados como sujeitos históricos, e incluídos no mundo letrado. A autora destaca também que em nenhum desses momentos foi conciliada a alfabetização com a capacitação profissional. Nesse sentido, Abbonizio entende que a articulação da alfabetização com a geração de renda iria contribuir significativamente na inclusão social. Outro ponto que a autora relata é a questão da proximidade dos movimentos com a comunidade, fazendo um levantamento das reais necessidades e demandas dos sujeitos que desejam inserir-se nos cursos de alfabetização, e chama a atenção

pois os governos, por exemplo, não fazem esse trabalho, uma vez que ofertam as vagas, mas não conhecem as necessidades das pessoas.

Na reestruturação do programa em 2000, já não se vê nos documentos referenciais aos movimentos populares. O processo de institucionalização de entidades comunitárias já estava consolidado e a prefeitura decide ter como parceiros qualquer entidade comunitária que apresente documentação e capacidade de atender a um número superior a 15 alunos por turma. A dimensão da alfabetização, como um ato intrínseco à conscientização política do alfabetizando, perde lugar para a alfabetização para a consolidação de um direito educacional. p. 93

[...] Outro ponto está no material produzido pelo MOVA-SP de 1989, em que está presente a valorização do trabalho realizado pelos movimentos sociais, uma vez que estes aglutinariam as condições necessárias para a alfabetização e a conscientização política dos analfabetos. p.92

(D9) - Abrem-se as Cortinas do Teatro do Oprimido no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos em Osasco.

Francisca Maria dos Santos, pela Universidade Nove de Julho, em São Paulo, no ano de 2014.

O texto tem relação com as práticas pedagógicas, por meio da inserção do teatro do oprimido, com atividades de intervenção a partir da temática Educação Popular. “ [...]Para minha primeira intervenção trabalhamos a palavra geradora POPULAR. Elaboramos um plano de aula que, além de garantir a oralidade, escrita e leitura do grupo, permitisse minha apresentação como pesquisadora e a da pesquisa interventiva [...] p.30 Sobre às práticas pedagógicas, Santos revela que assumiu o compromisso de obedecer aos conteúdos junto aos supervisores quando apresentou a proposta da pesquisa: “ Cabia a mim realizar tais conteúdos aplicando as orientações freirianas usando para tal as mediações do TO.” (p.24)

Santos argumenta que, embora recebesse um conteúdo pré-estabelecido, o mesmo era flexível para inserção das opiniões de outras pessoas envolvidas. Sobre a questão de aprendizagem envolvendo a teoria e prática, Santos considera “o TO é, portanto, um meio de educação porque traz consigo grande parte das experiências populares, e desse modo toca na realidade das(os) educandas(os), possibilitando transformar suas condições existenciais opressivas.”. Ainda comenta “esta pesquisa interventiva proporcionou que esse grupo de mulheres experimentasse, próprio de

uma linguagem teatral, o conhecimento e o reconhecimento do corpo como uma dimensão fundamental dentro do processo de aquisição da leitura e da escrita”. A pesquisadora procurou desenvolver as atividades articulando os conhecimentos prévios e da realidade dos sujeitos que puderam ser utilizados na organização das atividades interventivas.

Relatos extraídos da pesquisa:

uma vez não pude votar e depois de alguns meses fui justificar, daí quando cheguei lá, que falei que queria justificar, o atendente falou que o voto de analfabeto não tinha valor e que tanto fazia votar como não votar. Fiquei muito chateada porque eu já sabia assinar meu nome.” (p. 69). “[...] às dinâmicas mexem com a cabeça e parece que ler e escrever fica mais fácil (p.66)

(D10) - A prática pedagógica na educação de jovens e adultos no movimento MOVA-Brasil: a experiência do Rio Grande do Norte.

Lívia Sonalle do Nascimento Silva, pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, no ano de 2016.

Silva focalizou sua pesquisa nas práticas pedagógicas do projeto MOVA-Brasil e analisou a formação inicial e continuada dos monitores, constatou as fragilidades presentes no âmbito da formação e nas práticas pedagógicas relacionadas aos princípios freireanos. A pesquisadora desenvolveu sua pesquisa no polo do Rio Grande do Norte, situado em Natal e Mossoró. “A formação inicial de monitores acontece com a participação dos coordenadores locais, que atuam orientando e dando apoio no direcionamento da formação dos seus monitores, [...] com duração de carga horária de 40 h e ocorre antes do início das aulas. “ (p.78) Já a formação continuada buscava a interação dos monitores e trocas de experiências articuladas com embasamentos teóricos, totalizando 64 horas de formação, e a formação inicial com duração de 4 horas semanais.

A concepção Freireana é a fundamentação teórica utilizada, no projeto MOVA Brasil, porém foi constatado que estudar com maior aprofundamento a teoria freireana, demanda tempo para se apropriar dos conceitos e fazer a articulação com a prática pedagógica , destaca Silva:

“a formação não é suficiente, pois estudar e assimilar conhecimentos e competências relacionados ao ensino dentro da perspectiva da

educação de jovens e adultos, com ênfase na teoria freireana, é um processo que demanda tempo, principalmente se a pessoa selecionada para assumir uma turma de alunos for leiga em nível de formação acadêmica ou da teoria. “p.90

Em relação às práticas pedagógicas, Silva observou nas falas das monitoras entrevistadas, um distanciamento em relação da relevância dos registros das práticas, pois veem como algo negativo, pois consideram que “não servem para o objeto proposto”.

(D11) - Parceria entre Poder Público e Sociedade Civil na promoção da práxis educativa popular: MOVA São Bernardo.

Estela Fidelis Rodrigues, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2016.

De acordo com pesquisadora sobre o MOVA São Bernardo : “ [...] Aproximar a ação educativa onde a educação institucional não chega é reconhecer a importância da garantia do acesso e permanência dos educandos pela proximidade territorial ao implementar salas próximas dos sujeitos de direito da educação” (p.107)

[...] a busca ativa dos sujeitos em situação de analfabetismo, no trabalho de aproximar e fortalecer o Movimento nas comunidades. Mobilizando as lideranças comunitárias, sindicais, políticas, religiosas e demais organizações, para se apropriarem e se envolverem na ação educativa em suas comunidades, promovendo atividades, com mutirões, palestras, ações sociais, para a divulgação e o conhecimento sobre o Movimento de Alfabetização, cuidando assim, do acesso dos educandos Jovens e Idosos ao direito à Educação. (p.109).

Este estudo mostra indícios de sucesso do MOVA pautados na relação do Poder Público com a Sociedade Civil, através da análise de ações Políticas Públicas e currículos oficiais.

Segundo, Rodrigues na análise da documentação do MOVA ABC e São Bernardo e na própria gênese do MOVA indica que: “ A práxis da educação Popular e libertadora, do MOVA SP aponta para o compromisso emancipatório no fazer dialógico, construindo assim uma prática alfabetizadora na concepção humana e na relação dos no mundo e com o mundo” p.71

(D12) – O ABC de Paulo Freire: presença do ideário freireano na contemporaneidade das metrópoles brasileiras.

Nelson José dos Santos Solha, pela Universidade Nove de Julho, em São Paulo, em 2012.

Esta pesquisa teve buscou verificar se na alfabetização de pessoas jovens e adultas estava presente os princípios freireanos e seu ideário , ocorreu no MOVA ABC que envolve as cidades do Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, Além de Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Diadema. Solha, visou compreender como as concepções freireanas eram desenvolvidas nos núcleos de alfabetização do MOVA ABC, em um contexto de alta vulnerabilidade social. Nesse sentido, categorizou sua pesquisa em três conceitos de Freire “Saber de Experiência feito”, “ Diálogo” e “ser mais”. A cidade de Santo André foi a primeira a ser escolhida para desenvolver as atividades do MOVA, na comunidade já havia sido feito um trabalho pela Paróquia Santa Gema que durou de 1991-1997.E trabalhavam com os princípios freireanos. Em 1997, firmaram parceria entre o poder público e a sociedade civil e implantaram/implementaram o MOVA e os professores passaram a ser contratados e remunerados. A região do ABC sofreu uma descontinuidade das atividades educativas do MOVA por conta da mudança de gestão municipal. “O trabalho de formação do educador tem uma importância maior na medida que os educadores do MOVA ABC, em sua maioria possuem apenas o Ensino Médio Completo. “ (SOLHA, 2012, p. 89). Nota-se que as políticas públicas educacionais não são constituídas como prioridade na alfabetização de jovens e adultos. No MOVA ABC há presença do ideário freireano.

(D13) - Estudantes egressos do programa MOVA/ALFA 100 de Cruzeiro do Sul/Acre: relações de aprendizagem e de inserção social.

Pedro Lopes da Silva, pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2015.

Na presente pesquisa, investigaram-se vinte e três pessoas que participaram como alunos do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA/ALFA 100)

na comunidade Miritizal no município de Cruzeiro do Sul – Acre entre 2003 a 2013 que se declararam alfabetizados” (p.29)

Devido à grande representatividade entre os atores do campo da educação popular, o projeto MOVA se estendeu por diversos municípios em todo o Brasil na área da alfabetização de jovens e adultos, inclusive foi implementado em nível estadual, no Rio Grande do Sul, no Acre, no Mato Grosso do Sul e no Rio de Janeiro, compondo, a partir de 2003, o programa de governo do presidente Lula, formando-se então a Rede MOVA-BRASIL. (p.129)

Ao longo do texto é possível perceber nas falas das educandas e educandos que foram entrevistados, por Lopes, que embora a aprendizagem da leitura e da escrita não tenha sido aprofundada, as pessoas relatam que puderam aprender a assinar o nome por exemplo, verificar valores no supermercado, conseguir um emprego melhor. “[...] Parece-me que para esses sujeitos, escrever o nome significa muito, pois é uma forma de dizer quem é, parece ter a ver com sua identidade [...] p.186

O princípio da alfabetização explicitada na documentação do MOVA AFA/100 segue as concepções freireanas, porém na prática nem sempre é efetivado. SILVA, 2015 argumenta que a questão da formação do Monitor/educador é uma questão importante e nas comunidades ribeirinhas as que selecionadas têm o ensino fundamental. O investimento na formação é fundamental e nem sempre isso é algo elaborado, e quando Monitor/ educador é capacitado nem sempre dão continuidade ao trabalho voluntário, por causa do baixo valor pago de R\$400,00.

“A ação do MOVA/ALFA 100, faz parte de uma estratégia para que todos aqueles que ainda não haviam sido alfabetizados pudessem ser, tendo em vista que essa é a proposição do programa, alfabetizar 100% da população acreana. Quanto à concepção de alfabetização, o programa anuncia, em seus documentos ser baseada na concepção de Paulo Freire.p.147

(D14) – Trajetória social, de vida e escolar de idosos do MOVA no município de Embu das Artes.

Veneranda Rocha de Carvalho, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2017.

Carvalho, pesquisou as razões que levam sujeitos idosos a frequentar as salas de alfabetização, a partir dos 60 anos de idade na cidade de Embu das Artes, a

pesquisadora procurou conhecer a trajetória de vida social e escolar dos sujeitos. Carvalho, destaca

No ano de 2016, em Embu das Artes, o MOVA por meio do Programa Brasil Alfabetizado, teve aproximadamente 321 alunos distribuídos em 14 classes (11 noturnas e 13 diurnas). Os educadores possuem, em sua maioria, o nível médio de escolaridade, visto que não há exigência do nível superior, porém, como vários deles estão há anos no movimento de alfabetização, sentiram a necessidade de aprofundamento acadêmico e fizeram curso superior. P.56

Carvalho chama a atenção para o fato de que a presença das pessoas idosas nos espaços de alfabetização tem a ver com a própria trajetória das políticas não efetivas no âmbito educacional ao longo dos anos, e destaca que:

“ Provas vivas desse produto são a Sra. A e o Sr. S., idosos de classe popular e que buscaram o curso de alfabetização como forma de reparar a perda do passado e, para além disso, tem firmemente a concepção de que o “tempo deles” já passou, que não há possibilidade de compensar tais perdas.” P.91

A autora enfatiza a relevância da compreensão por parte das educadoras/es de que “[...] não podemos desconsiderar que a frequência ao Núcleo de MOVA resgata as possibilidades enquanto cidadãos que são, pois, a velhice não extingue cidadania de ninguém. ” p.91

Carvalho concluiu que a presença das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos ou mais, nas aulas em Embu das Artes, em 2016, eram secundárias à aprendizagem da leitura e da escrita, pois as frequências estavam relacionadas a socialização e questões ligadas à saúde, entre outros.

(T1) – Um olhar avaliativo sobre o MOVA-regional no ABCD paulista: dos movimentos populares dos anos 60 à perspectiva neoliberal.

Edna Cristina do Prado, pela Universidade Estadual Paulista,
no ano de 2007.

Prado, em sua tese, faz uma avaliação sobre o MOVA-Regional (engloba as cidades do grande ABCD paulista). “As primeiras turmas do MOVA, na região do ABCD foram organizadas no município de Diadema, em 1995, expandindo-se aos poucos, para as demais cidades. ” P.19

Prado sobre a dialogicidade dialética no MOVA-Regional: “parece se limitar ao

nível discurso, distanciando-se de práticas mais efetivas que permita ao aluno o acesso a níveis cada vez mais elaborados do saber, discursar, ler, escrever, teorizar, contar, resolver situações matemáticas vivenciais, pesquisar as informações técnico-científicas indispensáveis à compreensão do ser humano e da realidade social. ” P.127

“O MOVA-Regional também apresenta sinais de alienação, como a não compreensão das diferenças conjunturais que se estabelecem entre ele e seus precursores, a não aceitação das críticas e de duas limitações. O fechamento em suas próprias ações não consegue fazer com que os sujeitos a ele ligados alcancem a emancipação a partir do conhecimento”. P. 126

De acordo com Prado (2007) “ a formação dos educadores do MOVA-Regional aproxima-se de práticas experimentalistas, pautadas no senso comum, não em teorias e metodologias comprovadamente estudadas, até porque, com um número tão reduzido de horas, como abarcar as especificidades de uma modalidade de ensino tão complexa? ” (p.145)

“O espontaneísmo mostra-se uma característica marcante do movimento, de tal maneira que a relação da prática com a teoria, por mínima que seja, tem gerado o imobilismo. “ p. 132

“Os dados aqui apresentados parecem indicar que o MOVA-Regional não tem alcançado plenamente seus objetivos, limitando-se, muitas vezes, à politização de seus educandos no plano do discurso. (p.152)

“O MOVA-Regional também apresenta sinais de alienação como compreensão das diferenças conjunturais que se estabelecem entre ele e seus precursores, a não aceitação das críticas e de suas limitações, o fechamento em suas próprias ações não consegue fazer com que os sujeitos a ele ligados alcancem a emancipação. ”(p.126)

“ São comuns os questionamentos sobre a formação e atuação de pessoas não habilitadas na área da alfabetização, não só por parte dos especialistas em educação, mas de pessoas da população em geral, que veem na formação docente um dos grandes entraves do movimento, tanto que o próprio coordenador reconhece ser frequentemente indagado sobre a capacidade de ensino dos educadores do MOVA- Regional. (p.143)

“Quanto à avaliação do movimento enquanto programa social, a ausência de dados sistematizados sobre a evasão e aprovação no MOVA também se mostra como um aspecto importante a ser considerado, o não controle por parte da prefeituras e nas entidade envolvidas na parceria com o MOVA impossibilita uma análise mais precisa sobre a questão, mas não afasta a possibilidade de que suas taxas de evasão e não alfabetização (“repetência”) sejam tão elevadas quanto as encontradas nos serviços institucionalizados, como é o caso do SEJA e das EJAs na região[...].” (p.175 - p. 176)

(T2) - Tecendo a Rede MOVA-Brasil: sua história, seus sujeitos, suas ações.

Maria Alice de Paula Santos, Universidade de São Paulo, em
São Paulo, no ano de 2007.

A pesquisa de Santos, objetivou analisar três MOVAs: MOVA momentos que se articulavam: investigação social, trabalho educacional e ações desenvolvidas no MOVA/Mato Grosso do Sul-Brasil Alfabetizado, MOVA-Brasil/Petrobras-pólo Ceará e MOVA São Paulo (2000-2004). Para Santos, “A alfabetização deve ser compreendida com um processo mais amplo do que dominar a técnica da leitura e da escrita” (p 156)

(T3) - A apropriação das tecnologias da informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido - as diretrizes da UNESCO.

Mônica Gardelli Franco, pela Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2009

Diante de um cenário no qual até “os próprios educadores não dominavam as tecnologias necessárias, portanto eram excluídos digitais, tampouco sabiam como utilizá-las junto aos seus alunos “. p. 140, foi preciso “uma metodologia de formação, pautada na construção conjunta, entre educadores e alunos, de princípios e caminhos para emancipação de ambos“(idem). Além disso, esse desafio impactou benéficamente a realidade dos educandos, já que

esses momentos, que eram inicialmente cercados de muita expectativa, propiciaram uma nova maneira de compreender o processo de aprendizagem dos alunos que, primeiramente, manifestaram-se receosos com relação à máquina, mas logo foram vencendo as barreiras da insegurança. Os registros diários de observação in loco, complementado pelas reuniões semanais entre os educadores, possibilitaram avaliar de maneira consistente e sistematizada os avanços e desafios colocados pela experiência. O aspecto mais evidente foi a melhoria da autoestima dos alunos, o que acabou resultando em melhora no desempenho, mais segurança e autoconfiança. p. 142

O texto mostrou que a formação era tida em dois momentos: encontros semanais com os educadores quando se eram trocadas experiências pedagógicas vivenciadas com relação ao uso do computador nas aulas; e no segundo momento na atividade nos laboratórios de informática com os alunos, envolvidos na elaboração de trabalhos constituídas de pequenos textos. A prática tem relação com alfabetização emancipatória, no entanto, o próprio autor expõe:

“Embora os princípios nos quais as ações se fundamentavam fossem freireanos, observaram-se algumas dificuldades relacionadas ao exercício desta ‘metodologia’ pelos educadores. Os alunos, por serem jovens e adultos, traziam internalizado um modelo de educação tradicional, descontextualizado e fragmentado. Para eles, qualquer prática que fugisse desse modelo, não se caracterizava como escolarização, e acabavam por exigir o modelo da ‘cartilha’. Caso o professor insistisse em alguma outra didática, abandonavam a escola por entenderem que aquela metodologia não se tratava de ensino. A sua necessidade com relação ao domínio da escrita e da leitura era bastante pragmática: ler a placa de ônibus, ler as embalagens dos produtos de limpeza, ler os anúncios de emprego, preencher formulários” (p. 141).

(T4) - Educação de jovens e adultos: análise da política e da prática de formação de educadores no Programa Brasil Alfabetizado.

Francisca Gorete Bezerra Sepúlveda, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo, no ano de 2009.

O texto trata de uma pesquisa que envolve 52 professores/educadores da Cidade de Guarulhos SP. Abrangendo o Programa Brasil Alfabetizado e o MOVA de Guarulhos com vista a verificar às políticas públicas nesse contexto.

“Quanto à formação dos educadores, é urgente que o Poder Público proporcione aos educadores populares uma habilitação pedagógica, formando –os para o exercício da docência em Educação de Jovens e Adultos, visto que a maioria desses alfabetizadores concluíram apenas o Ensino Médio e revelaram expectativas em ter acesso ao Ensino Superior.” P. 223

(T5) – A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA.

Liana da Silva Borges, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2009.

Borges (2009) buscou construir sua tese pelo viés da alfabetização de pessoas jovens e adultas e como essa vem sendo tratada desde o final da década de 1950 até o ano de 2002. Seu principal enfoque foi à alfabetização inicial-leitura e escrita. O campo de pesquisa foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Movimento de alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) “A autora destaca que o objetivo central da pesquisa é localizar a origem política e epistemológica do MOVA-

SP, seja em sua reafirmação ou em sua negação.(MEB, MCPS etc., provavelmente), ou em sua negação (MOBRAL)". P.22

Para Borges (2009) os aspectos relacionados à concepção de alfabetização, conceitos de parceria, material didático, formação de educadores e educadoras, é um potencial nas ações do MOVAs frente ao Movimento de Alfabetização.

"Os MOVAs traçam parcerias enraizadas no respeito aos direitos conquistados pelo povo, sem minimizar o papel da Educação na garantia dos mesmos. Por isso, o sentido aplicado às parcerias apregoa efetiva participação na elaboração das políticas públicas" (BORGES, 2009, p. 105).

"[...] todos os MOVAs se assumiram identificados com o MOVA- SP no que tange a educação popular e o sócio construtivismo como fontes teórica-metodológicas imprescindíveis (BORGES, 2009, p.105)"

"[...] caminhos definidos pelos MOVAs para garantia de formação inicial e continuada dos educadores e demais segmentos dos MOVAs. (p.105)

"[...] Assegurar a construção de materiais didáticos coerentes com a realidade dos educandos e compatíveis com os princípios epistemológicos do MOVA-SP. (p.105)"

A autora, compartilha as informações extraídas do material que ela investigou, nesse sentido, apresenta de forma geral a perspectiva de atuação e organização de trabalho dos MOVAs, lembrando que os MOVAs nascem a partir do MOVA São Paulo, assim muitos mantêm as propostas pedagógicas e outros fazem algumas alterações.

"No Estado de São Paulo, o MOVA- Diadema alicerça a alfabetização em uma concepção voltada para um processo construtivo, cujo " ponto de partida são os conhecimentos e as vivências adquiridas pelos educandos em sua trajetória de vida em sociedade, tanto em relação aos aspectos socioculturais como referente aos conhecimentos sobre a língua escrita, a oralidade e a leitura". A metodologia contemplava a "mediação entre o indivíduo e o conhecimento", através do desenvolvimento de um processo de ensino e de aprendizagem pautados em conteúdos significativos e contextualizados" (BORGES, 2009, p.113)

(T6) – Políticas públicas de educação de jovens e adultos no ABC Paulista: conquista de direitos e ampliação da esfera pública.

Marli Pinto Ancassuerd, pela Universidade de São Paulo, no ano de 2017.

A pesquisa de Ancassured, teve como foco as políticas públicas no contexto do Movimento de alfabetização de jovens e adultas dos municípios de Diadema. Santo

André e Mauá.

“ O MOVA Diadema, que nasceu como outros tantos movimentos de produção da cidade, carregou com ele a marca da participação. De forma clara e coerente, a concepção freireana de educação, que já marcava o Serviço de Educação de Jovens e Adultos- SEJA criado em 1987, também marcou este movimento “. p112

“ Ficou difícil diferenciar o MOVA do SEJA. Por isso, as tensões apareceram fortemente e as disputas são todas no campo institucional. Os Alunos querem certificado. Os educadores querem receber tanto quanto os professores do SEJA, As entidade, por sua vez, querem que o governo execute determinados serviços nos respectivos espaços físicos para continuarem cedendo-os para o MOVA.”p.127

Ancassuerd, percebeu que a relação entre educadores do MOVA em Mauá e professores da EJA são tensas :

[...] os pontos de tensão/resistência na relação professores do EJA e educadores do MOVA. A manifestação das pessoas, durante o grupo focal realizado, permitiu identificar atitudes de discriminação por parte de alguns professores de EJA, em relação aos educadores e o fato de que alguns diretores de escolas não convidam os educadores do MOVA para às atividades de cunho pedagógico (HTPCs). Ainda, a demarcar essa tensão, as diferenças salariais, de contrato e admissão, o fato de que o educador do MOVA tem que ir em busca do seu aluno. [...] p.132

(DC1) - A política educacional do primeiro governo petista de São Carlos (2001-2004).

Ana Paula Rodrigues da Silva, pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, em São Carlos, no ano de 2009.

Silva, focalizou sua pesquisa na política educacional implementada no governo do Partido dos Trabalhadores no município de São Carlos SP. Entre os períodos de 2001- 2004.

Em seu trabalho ela retrata a implementação do MOVA São Carlos SP. Destacando os objetivos e desafios. Comenta Silva: “ O carro chefe da política para a alfabetização de pessoas jovens e adultas no governo Newton Lima Neto foi o “ Movimento de Alfabetização de Jovens de São Carlos”(MOVA- São Carlos)”(p.118).

De acordo com Silva, na apresentação do programa MOVA o Vereador Paraná fez uma crítica ao programa, em relação a terceirização da educação (p.119). Mas

mesmo com críticas o MOVA foi aprovado pela Lei nº 12.968 e o Decreto 057, de maio de 2002 regulamentou a lei.

O MOVA São Carlos seria desenvolvido com educadores voluntariados, com uma bolsa auxílio no valor de 200 reais mensais, porém com formação magistério ou curso em licenciatura plena na modalidade superior e ou em andamento a partir do segundo ano da pedagogia. Em 2004, a Secretaria da Educação fez uma parceria com a UFSCar e foi dado andamento ao projeto “ Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Digital” e 600 pessoas inseridas nas salas de alfabetização tiveram o acesso à internet.(p.121)

(DC2) - Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/ SP 1989-1992.

Pedro de Carvalho Pontual, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

Pontual, focalizou na caracterização das entidades, antes, durante e depois do programa MOVA SP , na gestão da prefeita Luiza Erundina. O MOVA foi implantado em 1989, período em que Paulo Freire, esteve à frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo. O programa foi instituído, por meio das parcerias entre os movimentos populares ,Secretaria da Educação e convênios efetuados com às ONGs.

Os movimentos de educação popular da cidade de São Paulo, não estavam em seus melhores momentos, de acordo com Pontual, estavam passando por dificuldades, por conta do repasse financeiros advindo da Fundação de Educar, tendo que paralisar vários projetos. Além disso o Brasil nos anos 80 estava em crise econômica.

Pontual, comenta que alfabetização de pessoas jovens e adultas, a relação da parceria e Secretaria Municipal e participação dos grupos populares foi muito relevante para alfabetização de pessoas jovens e adultas . Destaca também, a importância da autonomia da sociedade civil na relação bem como garantir a responsabilidade de cada parte foi primordial. O pesquisador traz todo um contexto histórico de como eram as relações do Estado junto aos movimentos populares que iniciaram nos anos 70 reivindicando direitos e nos anos 80 mudam a postura e

apresentaram proposta de políticas públicas.

Para Pontual, a concepção de parceria “processo de construção conjunta de vontades(objetivos) do Estado e da Sociedade na produção de serviços públicos, onde ambos compartilham responsabilidades específicas, mantendo sua identidade enquanto atores distintos e autônomos”. (p. 10) [...]Assim sendo , nesta concepção, a participação do Estado não se resume ao repasse de recursos para organizações da sociedade civil, a ele cabendo assumir também, outras responsabilidades indispensáveis à construção de uma boa qualidade de serviço prestado à população.” (p31).

Pontual, compartilha historicamente como foi a implantação/implementação do MOVA na cidade de São Paulo. “ A proposta de “parceria” construída ao de 1989 formalizou-se através de 3 instrumentos básicos” termo de convênio-celebrado entre a SME e a entidade popular ;apresentação do projeto e relatórios de prestação de contas “. (p.80-81).

O pesquisador destaca que uma questão importante sobre a parceria diz respeito aos Fóruns como segue:

“Fórum dos Movimentos de Alfabetização da cidade de São Paulo (ou fórum geral dos movimentos) enquanto organizações autônoma e independente dos movimentos e suas entidades e o Fórum MOVA enquanto espaço de discussão e deliberação conjunta entre as entidades populares e a SME.” (p. 81)

Pontual, traz vários elementos muito relevante em seu trabalho de pesquisa, e finaliza com algumas considerações sobre a pedagogia democrática:

Uma pedagogia voltada para a construção de novos significados e práticas do exercício do poder apontadas para uma radical democratização do conjunto das relações entre Estado e Sociedade. Uma pedagogia voltada para a construção de cidadania ativa onde os atores envolvidos assumem a luta por direitos como um processo permanente de criação e recriação.

(c)Uma pedagogia voltada para possibilitar o exercício da mais absoluta transparência nas relações entre Estado e Sociedade.

(d) Uma pedagogia voltada para a mediação de interesses e lógicas que se tornam de conflitos entre os atores envolvidos nas práticas de parceria.

(e) Uma pedagogia voltada para a consolidação da autonomia dos atores envolvidos no processo.

(f) Uma pedagogia capaz de promover entre os atores da sociedade civil uma apropriação dos mecanismos de funcionamento do Estado e do instrumental necessário a uma melhor capacitação para que tais atores possam interferir na formulação, execução e gestão das políticas públicas.

(g) Uma pedagogia capaz de contribuir na construção de valores ancorados na ética do bem público e nas práticas substantivamente democráticas.

(h) Uma pedagogia capaz de possibilitar a interlocução entre o Estado e distintos atores da sociedade civil na direção da construção de uma sociedade economicamente justa, socialmente igualitária, politicamente democrática plural (p.241)

(DC3) - Todo ser humano tem condição de construir conhecimento: uma experiência de formação de educadores, em parceria entre movimentos populares e Governo Municipal da Cidade de São Paulo: MOVA-SP, 1989-1992.

Silvia Andrade da Silva Telles, pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, no ano de 1998.

Telles, focalizou sua pesquisa na formação de educadores e educadoras ,em parceria entre movimentos e governo municipal em São Paulo.

A pesquisadora destaca que: “ A formação política era uma preocupação de muitos supervisores, que nas reuniões pedagógicas constataavam a falta de conhecimento dos minitorres nessa área, reivindicando a secretária de Educação cursos de formação política e seminários. (p. 84.)”. Comenta também: “ [...] Uma proposta de formação não pode se resumir a uma ação pontual, numa simples relação de transferência do conhecimento; ela implica num processo de partir da própria prática, para pensar sobre ela e assim poder teorizá-la. (p.91)

(DC4) – MOVA-RS no governo democrático e popular: práxis e protagonistas.

Liana da Silva Borges, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2001.

Borges, se debruçou em refletir sobre a práxis do MOVA-RS. A pesquisadora comenta que:

“Penso que o MOVA-RS deveria ter muito mais condições de ampliar e de multiplicar-se. Tivemos e temos limites de toda ordem, e o que mais me preocupa é por não termos, em alguma medida, agentes políticos do Governo e das estruturas do Estado, compreensão suficiente do que o MOVA-RS representa. Poderíamos ter mais entidades envolvidas, um processo mais aberto para que as pessoas pudessem se aproximar do MOVA-RS com mais liberdade;

deveríamos, ainda, ter mais recursos para investir.” (p.105)

Borges, considera que “O MOVA-RS nasceu, portanto, comprometido com os mesmos propósitos, e, passados três anos de práxis, avalio que o Movimento vem construindo uma identidade própria, ora com marcas que traduzem sua dimensão estadual, ora com particularidades que expressam as mais diversas características regionais” (p.223).

(DC5) - Política de Alfabetização de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul: A Experiência do Movimento de Alfabetização – MOVA/MS (1999/2006)

Fabíola Silva dos Santos, pela Universidade Católica Dom Bosco, no ano de 2008.

Santos, teve como objetivos da pesquisa caracterizar o Movimento de alfabetização de jovens e adultos do Mato Grosso do Sul, sua concepção política pedagógica, identificar suas formas de financiamento e as parcerias.

O MOVA / MS foi implantado em 2000, a concepção pedagógica abordada era Freireana, tinha como objetivo a ampliação de atendimento as pessoas não alfabetizadas. O projeto foi implantado , mas não tinha o nome de MOVA , após conhecerem os trabalhos de outras cidades , passou a ter a dominação MOVA/MS. Inicialmente foi instalado na Cidade do Município de Campo Grande foi constituído por decisão política, mas com dificuldades financeiras.Com a mudança de gestão no governo o MOVA/MS foi ampliado para 33 municípios. Ainda segundo Santos, o MOVA/ MS foi sendo reformulado e deixando de ser um projeto “ e passou a ser um Programa Educacional do Governo Popular de Mato Grosso do Sul”(p. 82) posteriormente com a eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil, foi criado em 2003 o Programa Brasil Alfabetizado com a abrangência nacional, e a assim por meio de parceria o MOVA/MS passou a ser dominado no Estado de Mato Grosso do Sul como MOVA/ MS BRASIL ALFABETIZADO .

Com as mudanças de governo em Mato Grosso do Sul, a proposta política e pedagógica do movimento foi ganhando outra conotação comenta Santos (p. 86)

“As alterações ao longo da execução do Programa, inicialmente fundamentada nas orientações de Paulo Freire, seguida da concepção construtivista e interacionista e posteriormente, utilizado a perspectiva

histórico-social (Vygotsky), a perspectiva construtivista- piagetiana e a escola Nova de John Dewey denotaram a ausência de uma orientação política- pedagógica do Programa, bem como a falta de compromisso com a proposta inicial de Educação do Governo Popular de Mato Grosso do Sul- 1999-2002.”

Sobre os alfabetizadores comenta Santos “ em princípio eram voluntários, ligados aos movimentos sociais e populares e, não precisavam ter necessariamente uma formação em licenciatura. Para atuar no MOVA, era exigido apenas o segundo grau completo e/ ou curso de magistério.” (p.92) . “ Em 2002 a SED contratou professores leigos para realizar a alfabetização, em consequência da dificuldade de conseguir voluntários para desenvolver o Programa [...]” (p.92).

A pesquisadora argumenta [...] a contenção de gastos com os profissionais envolvidos no processo de alfabetização denota a contradição com à proposta inicial, apresentada como alternativa ao modelo neoliberal dos anos de 1990”. (p.92) Outro ponto destacado por Santos foi que:

“as parcerias realizadas, com restrição financeira, de início fragilizaram as ações do Movimento de Alfabetização, dificultando sua ampliação, pois foi repassada aos parceiros a responsabilidade pela alfabetização, com algumas ações pré- definidos, porém com restrição orçamentarias .” (p.92)

(DC6) - A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida: as possibilidades de emancipação nas experiências do MOVA/RS em santa cruz do sul.

Anderson Roberto dos Santos, pela Universidade de Santa Cruz do Sul, em Santa Cruz do Sul, no ano de 2010.

Santos, dedicou sua pesquisa em analisar o movimento de alfabetização de jovens e adultos do Rio Grande do Sul em Santa Cruz do Sul.

De acordo com Santos, O MOVA /RS, foi um programa do governo da Frente Popular realizado no período de 1999-2002 sua implantação/implementação foi estabelecida por meio de parcerias entre a Sociedade Civil e o Estado.(p12)

Santos, dá destaque para a diferença entre a implantação/implementação do MOVAs como segue “ Na experiência de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul , o prefeito e o governador, respectivamente, por decreto, criam o MOVA.” (p.65) Em São Paulo o MOVA é criado por iniciativa dos movimentos populares que já trabalhavam

com a alfabetização. Outra questão:

[...] em São Paulo o MOVA se constituiu a partir de um Fórum de movimentos Populares e é efetivado no convenio desse Fórum com a Secretaria de Educação- só podiam estabelecer convênio quem fazia parte do Fórum e isso era decidido pelos Movimentos, - só podiam estabelecer convênio quem fazia parte do Fórum e isso era decidido pelos Movimentos,-em Porto Alegre e depois no Rio Grande do Sul, o convenio é feito de maneira isolada: entre cada entidade e o MOVA/POA ou, no caso o MOVA/ RS .Nas duas experiências o MOVA já existe, antes do convênio , e entidade estabelece com ele a parceria, fica nítida institucionalização ,ou seja, o programa existe independente da participação popular. (p.67)

Nesse sentido, Santos declara que o MOVA São Paulo:

está muito mais perto de uma experiência de educação popular. Por sua vez, tanto o MOVA /SP quanto o MOVA/POA quanto o MOVA/RS se constituem como políticas de educação de jovens e adultos, com orientação popular, porém mais próximas de uma educação de adultos estatal[...]. (p.72).

Sobre a emancipação destaca santos, “Nas práticas pedagógicas do MOVA/RS esse conhecimento se faz necessário, mas muitas vezes e, na maioria dos casos, está ausente. (p.134)

(DC7) Análise do Programa de Formação Continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares’.

Luiz Carlos Frederick, pela Universidade Cidade de São Paulo,
em São Paulo, no ano de 2012.

Frederick (2012) argumenta que optou por fazer uma análise da literatura e documentos oficiais, mas também ouvir os próprios educadores foi muito pertinente, no sentido de trazer elementos que podem ser relevantes e com maiores detalhes acerca da formação continuada na Associação dos Voluntários Integrados no Brasil(AVIB).

De acordo com Frederich (2012) ações do MOVA na AVIB iniciou na década de 1990 por meio de ações voluntariadas da comunidade em 2001 é que foi estabelecida a parceria com a Secretaria Municipal de Educação.(p.76)

“[...] Atualmente a AVIB atende 22 núcleos educativos, com a média de 300 educandos, 22 educadores e 3 coordenadores.”(FREDERICH,

2012 p. 81).

(DC8) - Práticas de alfabetização, letramento e educação: o que dizem os egressos do MOVA Belém?

Jaqueline Teixeira Gomes, pela Universidade do Estado do Pará, no ano de 2017.

De acordo com Gomes (2017) o resultado da evidenciou que os estudantes que participaram da alfabetização no MOVA tiveram sucesso em relação a aquisição da leitura, os avanços foram percebidos devido a ampliação nas práticas de letramento, que possibilitou as educandas e educandos novas expectativas em relação as possibilidades de uma vida melhor, além disso foi possível verificar a elevação da autoestima. Ao término do processo de alfabetização os estudantes relataram que tiveram interesse em dar continuidade aos estudos na escola formal, porém devido as demandas do dia a dia com trabalho, por exemplo, e outros fatores não foi possível. Gomes, (2017) conclui a pesquisa indicando que os 4 egressos do MOVA Belém tiveram o direito de cidadania garantidos pois a alfabetização teve um impacto positivo na vida dessas pessoas.

5. Anotações e recortes das leituras aprofundadas para composição das Análises de resultados

a. Categoria Aprendizagem dos educandos e educandas

► *Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos excludores e transformadores.*

(D3) “Cristina fala com entusiasmo das primeiras leituras que conseguir fazer, lembrando das conversas com a professora: ‘Bah! Que Legal! Professora! Eu consegui lê! Eu consegui lê o ônibus que ia pegar!’.” (p. 80). “[...] Aprendi mais agora, que eu assinava só o primeiro nome, depois o resto não sabia nem o sobrenome nada sabia. Aí aprendi no MOVA foi que eu aprendi. A juntar as letras todinhas, fazer corrida, letra de imprensa, tudinho eu aprendi.”(p.109).

(D9) “As dinâmicas mexem com a cabeça e parece que ler e escrever fica mais

fácil.[...] Podemos inferir por meio dessa declaração, que a educanda percebe que as relações do corpo com a aprendizagem da leitura e escrita estão intrinsecamente ligadas.” (p. 66).

(D10) *“[...] teve mais de cinquenta por cento da turma foi bem-sucedido, eles quiseram, alguns aprenderam mais do que os outros, mas é normal, é diferente a aprendizagem um do outro e tive o resultado bem satisfatório para a turma, graças a Deus.” (p.98) “[...] foi muito gratificante o tempo que fui, [...] eu consegui fazer com que alguns alunos criassem uma criticidade boa, isso foi muito importante, então, o Mova Brasil, ele contribuiu e muito porque hoje eu tenho outra forma de ver, outra forma de pensar, depois que eu passei pelo Mova, então eu achei muito válido pra minha vida pessoal e profissional.”(p.98). “[...] a gente teve bons resultados, conseguimos, a maioria dos educandos saíram alfabetizados, fazendo leituras, a escrita do nome e mostrando soluções para alguns problemas [...], mas o que a gente fazia conseguia ter bons resultados.”. (p.99).*

(D12) *“O depoimento da educanda Antônia, que nos comoveu, fala da sua impossibilidade de estudar quando criança e de sua alegria quando lhe foi dada a oportunidade pelo MOVA, seu orgulho em ter formado todos os quatro filhos e ter concluído o Ensino Fundamental, incentivada pelos seus educadores.” (p.94).*

(D13) Sobre a aprendizagem MOVA/ALFA100 “ Outro ponto a ser destacado nessa relação é que três dos entrevistados mencionam o conhecimento das letras, mas ainda tem muita dificuldade em *“juntar as letras”* [...] depoimentos de educandas e educandos participantes da pesquisa de Lopes *“ leio muito pouco ainda, pois a minha memória é ruim”[...]* *“ Eu consigo ler melhor um pouco , a letra escrita, ela vai mais devagar, porque ela tem uma diferença da letra de impressa. Mais essa letra cursiva aqui eu leio”* (p.185); *“ Ainda a inserção no mundo do trabalho foi apontada por uma das entrevistadas, pois ela declarou em sua fala que, era corretora do banco BMG, e que após estudar, estudar no MOVA/ ALFA 100, foi fundamental, pois, sem o programa seria impossível ela ter esse trabalho. [...] relatou “ Como eu sou corretora do Banco BMG, levo uma pessoa para o banco e sou responsável por aquela pessoa, chego lá, eu a passo para o gerente. O gerente passa aquelas folhas de papel pra mim, Aquelas cinco a seis folhas. Eu vou assinar em todas aquelas folhas. Aquela*

peessoa coloca o primeiro nome dele e eu vou assinando o meu embaixo, tudo direitinho". (p.195).

(D14) "Por fim, concluímos esta pesquisa comprovando sua hipótese: os sujeitos que têm 60 anos ou mais, procuraram e se interessaram pelo mundo das letras e frequentaram as aulas do MOVA Embu em 2016, por disposições muito mais dirigidas à saúde e motivações pessoais voltadas para a socialização, que pelo desejo de aprender a ler e a escrever, sendo a leitura e a escrita secundárias." (p.92).

(T3) "[...] o processo de aprendizagem dos alunos que primeiramente manifestaram-se receosos com relação à máquina, mas logo foram vencendo as barreiras da insegurança. Os registros diários de observação in loco, complementado pelas reuniões semanais entre os educadores, possibilitaram avaliar de maneira consistente e sistematizada os avanços e desafios colocados pela experiência. O aspecto mais evidente foi a melhoria da autoestima dos alunos, o que acabou resultando em melhora no desempenho, mais segurança e autoconfiança." (p.142).

(DC8) Depoimento verbais extraído de GOMES, 2017 p.73: "Não lia nada, aprendi a ler depois que entrei no MOVA. Hoje já leio um pouco. Consigo fazer as minhas coisas com mais facilidade. "

(DC6) "[...] 'A patroa deixava bilhetes pra mim, da comida e dos negócios que eu tinha que fazer, um recado ou outro, e eu mal apenas conseguia ler o que estava escrito e se deixava um pra ela quando saía antes, ela não compreendia.' A educanda relata como em seu trabalho a alfabetização gerou uma melhoria, pois ela podia se comunicar com a patroa e a realizar melhor a sua atividade. Ela relata tantas vezes que fez coisas erradas, estragou aparelhos caros e que agora estavam dando tudo certo." (p.147)

b. Categoria Formação de educadores e educadoras

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos excluídos e transformadores.

(D3) "O MOVA-RS caracterizou-se por investir na formação político-pedagógica de todos os envolvidos: Educadores Populares, Apoiadores Pedagógicos,

Animadores Populares, Entidades, Educandos. Isso torna-se na verdade, o pilar fundamental do movimento. A organização de diferenciados momentos de formação, em rede, contemplando trocas de experiência, avaliação e reflexão.” (p.56).

(DC3) [...] era o cansaço pelo curso ser aos finais de semana [...] (p.67); **(DC3)** [...] “gostaria que os professores explicassem e falassem de forma mais simples”³⁴ [...] (p.68); “[...] A formação Inicial dá subsídios para o início das atividades em sala de aula? ao que grande parte respondeu que sim [...] (p.70).

(T⁴) [...] ainda sofrem o estigma educador leigo, em cujos contratos de trabalho ainda figura a condição de voluntários.” (p.147); [...] Esses trabalhadores voluntários e informais da educação assinam um termo de compromisso, em que abdicam dos seus direitos como trabalhadores profissionais da educação.”(p.149); “ Faz –se necessário enfatizar que a ausência de políticas públicas para a formação dos alfabetizadores de jovens e adultos contribuiu para a informalidade da função docente dessa habilidade de educação (p.153); [...] “ se convive com uma experiência humanizadora, e, ao mesmo tempo, se consegue aprender a ser mais humano[...] (p.176); [...] mas relatam que apesar das experiências anteriores, sentem a necessidade de uma formação pedagógica que os qualifique para o exercício do magistério[...] (p.176); “ Ao se considerar as afirmações de que a formação permanente amplia os conhecimentos e que a distribuição do material é importante para o trabalho com os alunos, é fundamental ter-se o cuidado para que esse material de apoio, como cartilhas e apostilhas, seja utilizado com um acompanhamento de eficientes orientações, a fim de evitar que se transforme em meros instrumentos de cópias. [...] parece que um dos fatores dificultadores que vem impedindo , de forma mais explícita , os avanços na formação inicial.(p.194).

(D⁷) “Os materiais didáticos utilizados durante a formação dos educadores são diversos e estão intimamente ligados a metodologia dialógica – reflexiva” (p.84).

(DC2) “[...] A motivação criada entre vários educadores que participaram do MOVA em prosseguirem e aperfeiçoarem seus estudos e o engajamento daqueles

³⁴ “ a fala é da educadora que participou da entrevista de TELLES.

que acumularam maior experiência e capacitação no assessoramento a outras experiências e projetos de jovens e adultos.” (p.199).

(DC⁷) Frederick (ano, p. 81): “A formação continuada destes educadores ocorre de diferentes formas: participação em seminários e oficinas, promovidos pela Secretaria Municipal de Educação através da supervisão da diretoria regional de ensino, atividades formativas feitas pelos fóruns do MOVA/SP e pelo Fórum da Leste. Outro momento importante de formação tem sido as Semanas de Alfabetização.” (p.81). Sobre a semana da Alfabetização “Uma das principais tarefas era a integração dos educadores e das diversas organizações por meio de oficinas pedagógicas, palestras, debates sobre temáticas ligadas à educação, exposições de trabalhos desenvolvidos nos núcleos de alfabetização, relato de prática apresentações culturais. (p98) [...] Outro ponto citado por 5 educadores trata da integração com educadores de ONGS, pois a Semana da Alfabetização proporciona a interação e troca de experiências entre os educadores; 04 educadores valorizam os relatos de práticas pedagógicas dos colegas que podem ajudar como intercâmbio”[...] (99) ;[...] “ Estudar a alfabetização de jovens e adultos é outra proposta suscitada por um educador. Ler estudar e discutir em grupo ou coletivamente os escritos de Paulo Freire, Álvaro Pinto e de outros educadores, pode ser um encaminhamento oportuno para um cronograma de formação. (p. 110)”. “[...] A partir das entrevistas, observou-se que existem muitas lacunas neste processo formativo, porque muitas vezes esta formação, mesmo sendo planejada e sistematizada pelo conjunto dos educadores pode trazer um esgotamento apresentado como repetitivo na opinião de vários educadores, o que exige uma avaliação do próprio planejamento de ações e metodologia empreendida.” (p.113).

(D⁸) “Que nos chama a atenção é que o processo de avaliação do programa, que inclui desde os impactos da formação realizada pelas ONGs até mecanismos que indicassem se os alunos matriculados estavam -se alfabetizando, não foi pensado no início do programa, no processo de elaboração, e não chegou a ser realizado em sua execução. Segundo informações colhidas com três ONGs responsáveis pela formação dos educadores do MOVA -SP Ação Educativa, Instituto Paulo Freire e Vereda- não foram criados instrumentos para avaliar o aprendizado dos alunos e tampouco foi previsto esse acompanhamento. (p.73); Educadores das ONGs avaliação no final de cada formação Abbonizio comenta : “Se de um lado essas três

ONGs conseguiram avaliar os impactos da formação dos educadores, pois aplicavam instrumentos avaliativos ao final de cada encontro de formação, de outro, a SME não conseguiu criar indicadores que mostrassem a evolução do aprendizado dos alunos matriculados e os encaminhamento para níveis subsequentes na rede pública municipal durante os anos 2002 e 2003.(74); [...] em 2004, quando foi criado o sistema Escola On-Line – EOL- que quantifica todos os alunos matriculados na rede municipal de educação. Os dados do EOL, no entanto, permitirão apenas mapear o trânsito dos alunos egressos do MOVA SP e que ingressaram nas salas da EJA na rede municipal. (p. 75).

(D9) “A educadora Neli Nunes também achou importante destacar alguns pontos em relação à oficina desenvolvida, simultaneamente, sobre as obras de Picasso, por todas as educadoras do MOVA. Em seu relato, enfatizou três aspectos que considere importante, pois neles são explicitadas as aprendizagens que a educadora relacionou ao longo da intervenção, foram eles: a) segundo a educadora, foi possível relacionar a oficina como que estava sendo desenvolvido na pesquisa interventiva; b) a importância da Arte como parte das aprendizagens em especial em relação aos movimentos corporais; c) foi possível relacionar as obras de Picasso no que se refere à valorização dos movimentos corporais e singulares do cotidiano, com os jogos e exercícios do Teatro do Oprimido, quando este parte das situações reais e do cotidiano das participantes”. (p.67).

(D10) “Mediante as afirmações das monitoras, fica aparente que a teoria freireana permeia o projeto em foco, principalmente nas formações iniciais, considerando a lista de objetivos que se pretende com essa primeira formação (aligeirada). Reconhecemos que a proposta metodológica do projeto MOVA-Brasil está fundamentada no arcabouço freireano, partindo da dinâmica de funcionamento até a compreensão dos instrumentos de registro e sistematização (ficha de acompanhamento do processo de aprendizagem e relatórios). Contudo, se esses princípios não influenciarem diretamente a prática em sala de aula, não terá sido validada a formação seja inicial, seja continuada. “ (p. 89-90).

(D12) SOLHA- [...] Consideramos também que apesar de todos os esforços a formação de educadores ainda pode ser considerado como um processo frágil

enquanto esses educadores permanecerem em situação de prestadores de serviço voluntário, com o agravante de, em sua maioria, não possuírem a formação docente para o exercício (p.99).

(T3) “[...] os próprios educadores não dominavam as tecnologias necessárias, portanto também eram excluídos digitais, tampouco sabiam como utilizá-las junto a seus alunos. A formação desse educador significava sua própria inclusão no mundo digital e sua própria reflexão sobre o mundo tecnológico. Dessa forma, a experiência constituiu-se de encontros, debates, reflexões e prática sobre o uso das tecnologias do cotidiano, [...] nasceu uma metodologia de formação, pautada na construção conjunta, entre educadores e alunos, de princípios e caminhos para a emancipação de ambos.” (p. 140).

(T1) PRADO “a formação dos educadores do MOVA- Regional aproxima-se de práticas experimentalistas, pautadas no senso comum, não em teorias e metodologias comprovadamente estudadas, até porque, com um número tão reduzido de horas, como abarcar as especificidades de uma modalidade de ensino tão complexa?” (p.145); “São comuns os questionamentos sobre a formação e atuação de pessoas não habilitadas na área da alfabetização, não só por parte dos especialistas em educação, mas de pessoas da população em geral, que vêm na formação docente um dos grandes entraves do movimento, tanto que o próprio coordenador reconhece ser frequentemente indagado sobre a capacidade de ensino dos educadores do MOVA- Regional.” (p.143).

(DC6) “O MOVA-RS no campo pedagógico, também é uma experiência pioneira no RS, portanto, a formação político-pedagógica dos Educadores/as Populares, dos Animadores/as de alfabetização e dos Apoiadores/as Pedagógicos, é o eixo de sustentação do Movimento, isto é, no desenrolar das práticas são organizados momentos diferenciados de formação (2000, p.16). “ (p.91) ; “[...] a existência dentro do MOVA de uma cultura de alfabetização que o MOVA se propunha superar, mas esses educadores passam por um processo de formação permanente, isso evidencia que nem sempre as etapas eram todas cumpridas pelos participantes. [...] A nova cultura proposta pelo MOVA era de uma alfabetização que também era política.” (p.133). No entanto, conforme expõe uma educadora: “as formações não eram

suficientes, eu e a Ana que já éramos quase formadas, já tinha o Magistério, e a Ana estava na Pedagogia mais da metade e gente que já tinha uma caminhada, mas já via como era difícil, então nós imaginávamos como era pra aqueles que nunca tinha vista nada.” (p.138)

C. Categoria Alfabetização Emancipatória

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos exclusores e transformadores

(D3) “Diz que agora se sente segura ao “sair, conversar... Antes saia, ficava num canto, meia... Agora não, já saio com a língua solta, já ando conversando! Ao dizer isso, faz uma autoanálise no seu modo de ser, como se fosse reconstruindo sua história. [...]” (p. 83). Concluindo a reflexão que faz de si própria, diz: “*Eu quero mais, eu quero aprender mais*”, demonstrando uma consciência crítica da própria capacidade enquanto aprendente, uma forma de reconhecimento das potencialidades e do próprio direito de acesso aos conhecimentos universais, socializados pela escola. “ (p.84). “[...] O fato de dominarem o código escrito, ainda que de maneira limitada, dá a elas o poder de decisão nas coisas mais simples da vida, com escolher o ônibus, decidir o que comprar, saber o que falar, entre outras coisas do cotidiano.”.(p.115)

(D9) “ o grupo destacou o analfabetismo, as desigualdades sociais, as mídias, os meios de comunicação, o desenvolvimento tecnológico, o desrespeito ao ser humano em geral. Este último item, de acordo com as educandas, é o mais assustador: “parece que a vida não vale mais nada”, fazendo menção à violência e a falta de segurança, em especial nos bairros mais periféricos”. (p. 44) ; “ Compreendemos também que desenvolver conteúdos que tenham como ponto de partida a realidade e , portanto, a leitura do mundo das educandas, foi fundamental para termos a participação intensa e ativa do grupo. Nesse contexto, o corpo assumiu uma dimensão de sua importância para o reconhecimento do grupo nas suas dimensões sociais, políticas e culturais. [...] (p 51). “[...] Mesmo seguindo as orientações curriculares, tanto o TO quanto a pedagogia freireana requeria essa flexibilidade. Assim, cada atividade grupal era seguida de uma proposta dialógica em que as pessoas envolvidas trocassem suas impressões sobre aquilo que acabavam de experimentar, fosse pelos jogos e exercícios da proposta de Boal, fosse pela nova pedagogia que naquele momento praticávamos seguindo o método freireano.[...] desde o início a riqueza da metodologia desenvolvida pela proposta de Boal com

o TO, plenamente desenvolvida no encontro com a concepção da educação libertadora de Freire, ponto de partida para as expressões da oralidade peculiar de cada uma quando narravam suas histórias de vida, sem esquecer o respeito as singularidades e limitações das participantes, de modo a garantir a compreensão de que o ser humano não pode ser entendido de forma fragmentada. “ (p.95).

(D10) Depoimentos extraídos de SILVA (ano): “[...] esse processo de trabalhar a consciência do aluno é um desafio, é um desafio para o monitor desenvolver esses aspectos de cidadania, de trabalhar as temáticas a partir dele, mas é um processo né? Tirar a consciência ingênua para a crítica, né? É um desafio que monitores tem, de certa forma passa a ser até uma dificuldade [...]” (p.95) “[...] A dificuldade de trabalhar a metodologia freireana que eu encontrei foi mais na questão em sala de aula, pois os educandos não tinha costume dessa prática.” (p.96).

(D12) “Um bom exemplo dessa vocação no ser humano pode ser observado no sindicalista ‘Alemão’, que em seu depoimento disse ter chegado do nordeste analfabeto e já foi se apresentar na Volkswagem para trabalhar. *‘Eu montava um carro pela cor e o modelo, não conseguia ler a ficha, foi uma luta e um desafio’*. Mais adiante confessa com orgulho: *‘Estou fazendo agora pós-graduação’*. Essa luta pela superação é um exemplo da nossa vocação para o ‘ser mais’.” (p.94). “[...]”

(D13) Sobre o MOVA ALFA 100 “ Vinte egressos declaram saber ler, no entanto quase todos afirmaram que essa leitura é muito limitada à leitura de pequenas palavras. Nesse sentido, conforme as afirmações dos sujeitos egressos do programa MOVA/ALFA 100 investigados nesta pesquisa, os mesmos, fazem uso embora bem restrito, da leitura e escrita, e alguns mesmo com dificuldades, conseguem ler os nomes dos estabelecimentos comerciais, produtos nos supermercados, escolas, ou seja, fazem uso da leitura no contexto do seu cotidiano, de suas realidades, do seu mundo. Muito me chamou a atenção que, além do uso, embora pouco, da leitura, demonstraram, demonstraram por meio das suas falas, a satisfação de saber ler alguma coisa, pois passa a pertencer a outra classe. (p.176); “ O que para muitos parece tão pouco, para o jovem adulto e idoso que não está inserido no contexto da cultura da escrita, do conhecimento sistematizado e que é tido como “marginalizado” tem um significado muito grande, fazendo com que eles possam se sentir úteis, como possível perceber pelas falas dos sujeitos dessa investigação.(p.179)

(T3) “Embora os princípios nos quais as ações se fundamentavam fossem freireanos, observaram-se algumas dificuldades relacionadas ao exercício desta ‘metodologia’ pelos educadores. Os alunos, por serem jovens e adultos, traziam internalizados um modelo de educação tradicional, descontextualizado e fragmentado. Para eles, qualquer prática que fugisse desse modelo, não se caracterizava como escolarização, e acabam por exigir o modelo de ‘cartilha’.” (p. 141)

(DC6) Sobre a alfabetização emancipatória, segue depoimento de educando: “[...] passou a acompanhar as notícias e tentar olhar mais de um lugar. Na televisão de manhã e de noite. *‘Estou sempre a par, as vezes eu to vendo aquelas aulas eu dão. E a Yeda tá enredada, e eu vi isso, e depois veio aquele troço lá tudo antigo. E tú vê que eles são grande, eles mexem grande e levam pro estrangeiro.’* O educando não só olha as notícias, mas estabelece relação entre elas e faz questão de frisar que consulta mais de um jornal em mais de um canal, segundo ele, *‘assim tú pega sempre um pouquinho de cada um pra fazer a tua’.*” (p. 157). Contudo, dentro MOVA em Santa Cruz, havia por parte de educadoras concepções diferentes da alfabetização, como segue depoimento: *“Deveria ser algo sentimental eu acho, que nem eles, acho que não era tanto haver com emprego. Mas na vida deles se sentir pouco melhor e de poder conversar outras coisas’.* A educadora pensa que os educandos deveriam ter apenas estímulos para sua autoestima, pois sua situação na sociedade não se modificaria pela alfabetização.”(p.155)

(DC8) Depoimento verbais extraído de GOMES, 2017 p.77: “Novas possibilidades de uma vida melhor “ O MOVA foi importante, porque aprendi a ler. Depois que eu aprendi a ler, deu tudo mais certo pra mim, porque, agora, se eu for para uma casa de família já sei o que preciso fazer. *“As patroas já nem querem mais dizer:-” olhe, a senhora vai fazer isso!”.* Elas vão só escrevendo e dão pra gente. Eu já aprendi a ler, aí eu já leio tudinho o que vou fazer. Às vezes é um bolo. Ela diz: - *“ olha, quero um bolo de tal coisa assim!”* Tudo escrito! Aí eu já vou fazer, porque já sei, não é? Se eu não soubesse, como seria? Além disso, “[...] e por fim, desenvolvemos à Dona Margarida três atividades. A primeira propunha a escrita de um trecho de uma música, pois nos disse que gostava muito de escrever letras de músicas que gosto muito. Percebemos a facilidade da escrita e o gosto pela mesma. Imediatamente escreveu, sem precisar pensar muito. Disse-nos, também, que com frequência vai ao supermercado para a sua patroa, e isso só é possível graças ao MOVA Belém.” (p.65).

d. Categoria Práticas Pedagógicas

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos excludores e transformadores.

(D3) “ [...]’Às vezes a professora começava com uma... contando uma história, fazendo a gente inventar uma historinha, uma coisa da vida da gente, né, a gente tinha que escrever, passar lá no quadro...’. Essa lembrança demonstra a valorização das histórias de vida, do lugar de primazia dado a palavra, enquanto carregada de sentidos e significados. “ . (p.80)

(D²) “ No trato com a tecnologia, apesar do distanciamento inicial classificamos o sujeito no Nível II, porque foi apropriando-se gradativamente dos recursos e mostrando autonomia na interação, passando inclusive a auxiliar colegas.” (p. 97). [...] “A conquista de espaço, dentro do mercado de trabalho, se deu em virtude de o sujeito atender a uma das exigências das empresas: conclusão do Ensino Fundamental. Esta nada mais é do que uma consequência do trânsito do sujeito iniciado no MOVA, onde ele passa a descobrir possibilidades a medida que investe em si mesmo.” (p. 99). [...] “A opressão velada da figura do marido e a função da mulher no casamento impedem-na de realizar sua própria vontade. Mesmo que o meio da educanda se apresente favorável à prática da leitura e escrita (escolas próximas, marido e filhos com Ensino Médio concluído), é insuficiente para garantir que ela aconteça.” (p. 100). Leitura da palavra, depoimento extraído da dissertação de FERRONATO (ano ,p. 103): “Quem diria que eu, um dia, ia ler para uma professora? Se eu pudesse dizer o que tô sentindo...me falta palavras, eu fico emocionada porque, algum tempo atrás, eu olhava aquele monte de letras, queria descobrir o que estava ali, mas não conseguia. Era como se eu fosse cega, sabe?”. Outro depoimento extraído da dissertação, sobre diferença entre propostas pedagógicas: “[...] *Lá na outra escola (Neeja) é mais conteúdo mesmo. História, português, geografia... que também é importante, mas o MOVA me ajudou a entender as matérias de lá. Por exemplo no português, que a gente fala muito errado. A TAS nunca deixa passar, pega o que uma tinha falado ou escrito antes ela perguntava se pode, depois junto nós corrigia. Então me ajudou muito a fazê as prova lá. Eu ficava mais atenta senão eu leio e escrevo meio por cima.*” (p.114).

(DC⁷) “ Um dos objetivos da Semana da Alfabetização foi trazer a possibilidade da expressão cultural e artística dos educandos do MOVA- SP, assim como discutir temas em debate na cidade e no país. (p.60); Sobre a Semana da alfabetização “Na ocasião apresentaram-se relatos de práticas pedagógicas por meio de amostras, fotos artes plásticas, teatros e depoimentos. (p.99).

(T⁴) [...] Apontamos, em primeiro lugar, a desarticulação entre a alfabetização e a educação de jovens e adultos, ou seja, 70% dos recém alfabetizados não tem possibilidade de continuar seus estudos por falta de acesso aos cursos de EJA ou profissionalizantes; em contrapartida, a esses recém-alfabetizados lhes resta retornarem às salas de aula da alfabetização ou ficar sem estudar e correrem o risco de retornar à condição de serem mais uma vez identificados como analfabetos. ” (p. 196).

(D⁸)[...] A não continuidade dos estudos acaba por produzir um tipo de alfabetização insuficiente para que seja possível o domínio da leitura e da escrita de forma competente e que permita aos educandos a sua utilização no cotidiano da sua vida. (p.78) “ No momento de formação, muitas divergências quanto à prática pedagógica dos educadores vinham à tona e acabavam sendo negligenciadas. Tanto monitores quanto coordenadores haviam sido selecionados pelas entidades sem ter ainda completado seu próprio processo de alfabetização”.(p.87).

(D⁹) “Na sala de aula, além de exercícios cênicos, utilizava recursos pedagógicos de diferentes linguagens: literatura de cordel, poemas e letras de músicas pesquisadas de acordo com o contexto do grupo. Para realizações destas intervenções, foi primordial conhecer as particularidades do grupo em relação ao lugar onde nasceram, em que trabalhavam e se frequentaram a escola em algum período de suas vidas.” (p.11).

(D¹⁰) Depoimento extraído de SILVA (ano, p.93): ” [...] A gente não ensinava o aluno, a gente trocava conhecimento com ele, então, por exemplo: quando a gente iria trabalhar a saúde, a gente não trabalhava o que é saúde, mas, dentro do contexto deles, eles iam criando as possibilidades mesmo odo que era aquele tema saúde. Aí a gente iria trabalhar dentro de cada tópico que eles mesmo criavam, [...] uma única

coisa assim que atrapalhava era a burocracia que era às vezes muito extensa né, e às vezes acabava assim tendo aquele paralelo entre o que a gente fazia e o que de fato acontecia.” Há também o seguinte depoimento extraído de SILVA (ano, p.93-94): “Uma coisa que eu me lembro que gente usava é que foi bastante proveitoso foi usar o dia a dia, quando foi pra fazer, o nosso tema foi a comunidade, quando a gente foi pra falar o que a gente iria trabalhar durante o ano, qual seria o nosso tema, eu escolhi comunidade, porque a comunidade envolve diversos tipos de coisas [...] , então eu sempre separava por tema, geralmente de 15 em 15 dias eu trabalhava com temas diferentes. “ Sobre conflitos geracionais, tem-se o seguinte depoimento extraído de SILVA (ano, p. 95): “[...] tinha adultos pessoas mais idosas e isso dificultava mais a aprendizagem porque são pessoas que tinham pouco entusiasmo [...] que era bem mais difícil do que ensinar a criança que tem dificuldade de aprender, o idoso ele tem mais dificuldade até na escrita, tem vergonha também da sociedade [...], aí isso gera uma dificuldade muito grande porque pra gente tinha que arrumar outras coisas pra que chamasse a atenção dos idosos pra vir, dos jovens e adultos pra vim assistir aula aí...aí...esse trabalho dificultava, isso quando eles não queriam, aí eu tinha que forçar, assim, num é nem força, eu tinha estimular, porque é mais estimular eles a querer aprender.”

(D12) Sobre o método Paulo Freire: “A educadora Terezinha nos exibiu uma carta de uma aluna premiada por ter sido a melhor redação entre milhares de outras de educandos do MOVA de toda a nossa região” (p.73).

(T3) Sobre as aulas de tecnologia: “estavam sempre associadas aos temas ou projetos que eram desenvolvidos na sala de aula, de acordo com o nível de cada grupo. As atividades se concentraram na construção de pequenos textos.” (p. 141).

(DC8) “[...] após as experiências no processo de alfabetização do MOVA Belém, percebemos uma maior participação dos egressos em práticas letradas, destacando, portanto, as contribuições do programa”. (p.83).

(DC6) Sobre exercícios mecânicos: “[...] As frases sendo repetidas e as palavras escolhidas eram ‘o menino come pipoca’, ‘a mamãe é uma boa cozinheira’, ‘rato é um bicho nojento’, ‘rato come queijo’. Preenchimento de lacunas em palavras, enchendo

linhas e linhas (palavras como: pato, mato, massa, picolé, jacaré...). Além de um exercício apenas mecânico de repetir, escrevendo a mesma coisa muitas vezes, o conteúdo das frases e as palavras escolhidas estão fora de contexto. Não condizem com a realidade e não apontam possibilidades de uma transformação – não tem conteúdo crítico.” Por outro lado, algumas educadoras desenvolviam atividades geradoras de novas discussões. Nas falas da educadora: ‘A gente fez velas e fez um caderno de chás. A confecção de velas que a associadas a algumas ervas eliminava, os mosquitos [...]’. Além disso, junto com os educandos fez uma espécie de ‘Dicionário de chás’, com nomes e utilidades de cada um.” (p.131-132).

(DC8) “Desse modo, elaboramos uma atividade que pedi que reconhece os nomes dos ônibus que circulavam próximo à sua residência, a partir de imagens reais e ampliadas[...]. Constatamos a veracidade de sua fala.” (p.64)

E. Categoria Políticas Públicas Educacionais

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos excludores e transformadores

(D3) “O MOVA-RS é um Movimento de Alfabetização de pessoas Jovens e Adultas, pioneiro enquanto uma ação de caráter estadual, com princípios políticos voltados à construção de uma prática popular que rompe com a idéia de Campanha, especialmente sob os seus ideais: assistencialista, mercantis, compensatórios e preocupações pedagógicas alheias aos interesses dos alfabetizandos.” (p.55).

(D2) “No Mova, o analfabetismo deve ser visto como mais uma expressão do processo de exclusão das classes populares; logo, é uma dívida social que deve ser atendida pelo estado, estabelecendo políticas públicas para a educação “ (p.29).

(T4) “Quanto à política de formação dos educadores, alguns avanços se localizam nas temáticas e orientações metodológicas propostas. No entanto, ainda permanecem certas fragilidades: a maioria deles não dispõe de formação docente para o exercício do magistério, a sua contratação se dá como prestadores de serviço voluntário [...]” (p. 203).

(T4) “Verifica-se, portanto, que na política pública de educação de jovens e adultos, não há exigências mínimas a respeito da qualificação e habilitação para o exercício da docência. A única exigência, em alguns casos, é ter concluído o Ensino Fundamental. Assim, esses educadores continuam tendo como principal meio de formação os cursos iniciais e permanentes de formação, que se restringem a uma carga horária de 30h iniciais e 2h de reuniões quinzenais.” (p. 204).

(D⁸) “Quando não há aparelhos públicos destinados a alfabetização de adultos, uma sala do MOVA-SP acaba sendo à única possibilidade para um adulto se alfabetizar. Nesse caso, não há alternativa, mas uma transferência de responsabilidade para um adulto se alfabetizar. Nesse caso, o Estado não se tornou mais democrático por compartilhar responsabilidades com organizações comunitárias, mas cedeu a essas organizações a execução de um trabalho sem que prestassem contas de todos os resultados” (p.88).

(D11) Conforme Rodrigues (ano, p.17): “A política pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em São Bernardo do Campo/SP tem como diretriz o conceito de EDUCAÇÃO PARA TODOS E TODAS. Conceito esse tratado na Conferência Municipal de Educação para Todos, realizada em Jomtien, no ano de 1990 e reafirmado em Dakar uma década após. A Declaração Mundial de Educação para Todos ressalta a Educação COMO UM DIREITO HUMANO (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2012, p.17).

(D12) “[...] O MOVA Santo André. Ainda no ano de 1997, a parceria entre o poder público e a sociedade civil se intensificou e convênios se firmaram com 29 entidades da sociedade civil. Ao dar início à parceria com a Prefeitura, ações já estabelecidas ganharam mais força e houve a possibilidade de continuar a realizar um trabalho pedagógico com os princípios freirianos de educação popular.” (p. 80-81). “[...] Na região do ABC paulista, em função de algumas prefeituras de ‘esquerda’ [...] terem perdido nas últimas eleições, o movimento acabou ficando fragilizado. ‘Em Santo André o MOVA foi embora de ‘mala e cuia’, (sic) e isso aconteceu também em Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, onde a ‘direita’ comanda, não tem movimento.”(p. 83).

(D13) “Percebe-se que, apesar do discurso e da iniciativa implementada pelo governo por meio do programa, ainda existem jovens, adultos e idosos que durante esses mais de dez anos

de funcionamento do MOVA/ALFA 100, ainda não tiveram acesso ao ensino nessa modalidade e, que continuam excluídos, ou seja, ainda não frequentaram ou que mesmo tendo frequentado, continua com sentimento que não tiveram uma aprendizagem significativa. Ao serem perguntados sobre o que aprenderam no programa. (p. 203); [...] “da continuidade dos estudos na EJA, para os alunos egressos do MOVA/ALFA 100, tem sido um grande desafio, pois de acordo com os dados coletados durante a pesquisa, dos 23 sujeitos pesquisados, apenas sete declararam que estão dando continuidade aos estudos na EJA no 1º segmento. Outros até disseram que já estavam, no entanto estão estudando no programa Alfa 100 sem serem matriculados, pois já foram declarados alfabetizados”. (p.207).

(T3) “A falta de experiências registradas e os resultados apresentados em pesquisas realizadas reforçam a importância de se elaborar políticas públicas que prevejam condições para que os jovens e adultos tenham acesso aos recursos tecnológicos necessários à sua inserção no mundo tecnológico” (p.143) “[...] Fernando José de Almeida desenvolveu junto à SME-SP uma experiência inovadora do uso de tecnologias nos Movimentos de Alfabetização, chamado MOVA DIGITAL. O reconhecimento dessa experiência ganhou dimensões internacionais, sendo convidado pela UNESCO a apresentá-lo em Genebra, em 2005.” (p.50).

(DC2) “[...] a SME não se limitou a um simples repasse de recursos, mas atuou no sentido de articular política e pedagogicamente à realização do referido projeto [...] A disponibilização de recursos públicos de significativo montante e de quadros de pessoal especificamente destinados à viabilização política e pedagógica do projeto MOVA.” (p.199-200). “[...] A respeito das dificuldades que a SME teve ao longo do processo no sentido de criar condições para uma maior presença pública do MOVA e no sentido de criar bases mais sólidas que pudessem assegurar sua continuidade ao final da gestão.” (p. 200).

(DC5) “A parceria realizada do MOVA com o Programa Bolsa Escola, apesar de restrita a um grupo específico, foi positiva na medida em que atendeu às expectativas da proposta político-pedagógica inicial. Com os recursos disponibilizados pelo FIS, foi possível ter uma estrutura de pessoal e assim acompanhar e avaliar o processo de alfabetização. [...] Os investimentos financeiros do FIS não custeavam diretamente o MOVA, e sim o Programa Bolsa Escola, considerado um Programa Social do Governo e que tinha como um dos seus objetivos: ‘promover a alfabetização dos pais dos alunos que recebiam esse benefício’. Portanto, o MOVA emergiu como um programa social, de atendimento focalizado, fragilizado pela falta de recursos

específicos, para a alfabetização de Jovens e Adultos, dificultando o atendimento das demandas educacionais de alfabetização existente no Estado.” (p.114).

(T⁵) “o governo Lula perdeu a oportunidade de construir uma política pública, pois o ex-Ministro Cristóvão Buarque deixou claro que a alfabetização de jovens e adultos tomaria um lugar secundário no plano das políticas educacionais”. (p.95).

(DC6) “O MOVA RS sendo parte da política pública está na Secretaria de Educação e a sua Coordenação participa junto das discussões da escola pública. [...] No MOVA/RS todo projeto era bancado pelo Governo.” (p.97) Em relação ao vínculo com o Estado: [...] permanece muito dependente do Estado e isso se evidencia no fato de que ao final do governo nenhuma turma prosseguiu.”.

(DC7) “[...] Os núcleos encontram-se próximo dos educandos que é um grande facilitador, por outro lado, tais espaços muitas vezes carecem de condições mais favoráveis: melhor iluminação, carteiras mais confortáveis, espaço físico mais bem organizado, entre outras coisas” (p.115).

f. Categoria Participação da sociedade civil

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos exclusores e transformadores

(D10) Depoimento extraído de SILVA (ano, p.38-39): “[...] A criação dessa rede deve ser compreendida como parte de um movimento de grupos e pessoas que buscam [...] articular as diferentes experiências de educação popular e de EJA; que se identificam com os princípios freireanos, para conhecer, sistematizar as diferentes práticas pedagógicas e, ainda, formular e propor políticas públicas para EJA, compreendendo aqui a alfabetização e a continuidade dos estudos dos educandos.”

(D11) “[...] A coparticipação da sociedade civil no ciclo de políticas públicas não apenas propicia maior legitimidade às decisões do governo como a realiza ações para além do caráter meramente consultivo, como o monitoramento das políticas públicas, avaliação de rumos exercendo pressão popular.” (p.66) “[...] A criação do MOVA-SP em parceria com a sociedade civil, foi pautada na ideia da mobilização e engajamento.

O nome MOVA remete-nos a um caráter emancipador, apresentando-se como um movimento de resistência e construção de um outro modo de se fazer educação abrindo um diálogo com a participação popular.” (p.68).

(D12) “[...] Alemão teve uma maior aproximação com o MOVA, até que, em 2009, assumiu a coordenação do MOVA ABC, juntamente com toda a direção da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público)” (p. 68). Depoimento de Alemão extraído de SOLHA (ano, p. 69): “ [...] *É um trabalho gratificante que se realiza graças ao apoio das Comunidades, Igrejas, Associações Amigos de Bairros, Espaço Solidário, Secretaria de Educação e parceiros que se empenham nesta luta de inclusão das pessoas na educação.* ”

(DC5) O MOVA/MS “[...] foi implantado fora do sistema educacional, que inicialmente estabeleceu parcerias com os movimentos populares e sociais, na perspectiva de se ter uma prática popular, porém sem a participação popular nas tomadas de decisões [...]” (p.116) .

(DC6) “As entidades conveniadas não trabalham com alfabetização, e são na maioria dos casos, entidades ou grupos que por si só já estão institucionalizados. Dessa forma, apenas irão entrar na dinâmica burocrática do Estado, [...] aceitavam tudo o que o Estado propunha e simplesmente executavam as tarefas dadas a elas pelo Estado” (p.82)

e. Categoria Parceria

Trechos de citações dos trabalhos analisados que corroboram para a explicação das escolhas e análises dos elementos excludores e transformadores.

(D3) “[...] através de um Projeto de Pesquisa intitulado ‘Educador de Jovens e Adultos do MOVA-RS: os desafios encontrados no cotidiano da alfabetização’ (p. 59).

(D10) A partir do Quadro 4 (p. 69), podem ser mencionadas as seguintes parcerias: “Parceria no Projeto Mulheres Mil, Parceria com a Pronatec (Parceria com o Programa nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), Resgate Cultural da Infância à Idade Adulta e Encontro de Educandas e Educandos I, II e III. ”

(D11) “A parceria entre o poder público e os grupos sociais acontecem de duas maneiras: pela pressão dos grupos sociais e/ou pela iniciativa das administrações populares; existência de diferentes formas de convênio; o poder público assume o MOVA como política pública, o que possibilita melhor qualidade do trabalho educacional e, em alguns programas, o fortalecimento dos grupos sociais. “ (p. 81). Agora com relação aos encontros: “A pesquisa revela ainda uma multiplicidade de ações do movimento socializadas em encontros nacionais e regionais. O MOVA se fortalece pela participação nos fóruns e por meio da articulação com outros movimentos sociais.” (p.140).

(D12) “[...] Sem perder de vista a preocupação com a inclusão social, Alemão criou, em 2010, o MOVA Digital, uma parceria entre o Movimento de Alfabetização e a Escola ARPS, com o objetivo de atingir o público do MOVA além da alfabetização”. (p.68-69).

(T3) “Devido a experiência, em 2002, estabeleceu-se uma parceria entre alguns pesquisadores, da PUCSP e uma escola da rede particular da zona leste de São Paulo, que, desde 1997, mantinha o curso de Alfabetização de Jovens e Adultos, gratuitamente para os menos favorecidos da região. A proposta dessa parceria era dar continuidade ao MOVA DIGITAL. “ (p.140).

(DC1) “Em novembro [...] foi realizado o I Congresso Regional de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, fruto de uma parceria entre a UFSCar e a SMEC. Essa parceria também deu origem ao projeto ‘Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas e Inclusão Digital’ que, ao longo de 2004, ofereceu acesso à informática acerca de 600 educandos das salas de alfabetização do município. [...] Em 2004, havia em São Carlos, 41 salas do MOVA e 20 salas do ‘Brasil Alfabetizado’.” (p. 121).

(DC2) “A efetividade desta parceria estabelecida no período da gestão municipal de 1989-1992 pode ser constada já no tocante a ampliação que ela possibilitou da oferta de atendimento, através de cursos de alfabetização e pós-alfabetização para jovens e adultos. É expressivo o fato de que cerca 20.000 jovens e adultos tiveram a oportunidade de iniciar sua escolarização a partir das classes criadas pelas entidades que estabeleceram convênios com a PMSP naquele período.” (p.223).

(DC5) “[...] apesar de estabelecer uma político-pedagógica com as marcas da concepção

popular freireana e estabelecer parcerias com os Movimentos Sociais, essa concepção teve um fraco alicerce, sendo pouco visível na prática.” (p.115).

(DC6) “A parceria tinha suas dificuldades, pois a entidade não possuía funcionários específicos para realizar o trabalho com o MOVA e assim também CRE não dava conta de assessorar todos os municípios” (p.81).

(DC7) Espaços cedidos pelas ONGs, parceiras no trabalho de alfabetização, como a “Entidade Paulo Freire, Espaço Cultural Carlos Marighela, Projeto Criança Feliz, Associação Moradores da Vila 1º de Outubro e, na sede da própria AVIB.” (p.83).